

Kathleen Connell, RSCM

UMA CAMINHADA NA FÉ E NO TEMPO

A História das Religiosas do Sagrado Coração de Maria

Volume III



Kathleen Connell, RSCM, nasceu em New York em 1940. Depois de completar o ensino secundário em *Marymount Secondary School em Tarrytown, New York*, entrou no noviciado das RSCM em setembro de 1957 e fez a primeira profissão dois anos mais tarde.

Terminado o Bacharelado em inglês, em *Marymount College, Tarrytown*, continuou os estudos em História, fazendo o mestrado e doutoramento em História da Europa. Como professora de História, tem lecionado em *Marymount College* desde 1964. O seu atual centro de interesse inclui a História intelectual da Europa, História das mulheres, História da Irlanda, História da Inglaterra, Humanidades Antigas e Medievais e Escrita.

Além do ensino, investigação e mandatos em comissões no *College*, serviu a Província Americana de Leste das RSCM em vários ministérios: membro do *Provincial Executive Board*, conselheira provincial, coordenadora da missão apostólica e membro de numerosas comissões provinciais e conselhos de administração de escolas e universidades ligadas ao Instituto.

Durante a década de noventa, foi coordenadora da pastoral vocacional e posteriormente responsável da formação na província. Em 2001, licenciou-se em espiritualidade e direção espiritual pela *Fordham University*. Na sua tese, apresentou um estudo sobre a influência da Escola Francesa de Espiritualidade em Jean Gailhac.

Dedicando os últimos vinte e cinco anos ao estudo das Fontes do Instituto, a autora deu muitas conferências e retiros sobre a História e a Espiritualidade das RSCM a noviças e religiosas de todo o Instituto.

Kathleen Connell, RSHM

UMA CAMINHADA NA FÉ E NO TEMPO

A História das Religiosas do Sagrado Coração de Maria

3

**Fundações durante o primeiro mandato da Madre
St. Félix Maymard como Superiora Geral**

1878- 1890

FONTES DE VIDA

Estudo e Reflexões sobre a Herança das RSCM

Título Original:

A Journey in Faith and Time: History of the Religious of the Sacred Heart of Mary, Vol. 3
The Foundations during Mother St. Félix Maynard's First Term as General Superior: 1878 - 1890

Tradução Portuguesa:

Maria Filomena Gouveia. RSCM

Revisão de Texto:

Maria Celina Reis, RSCM

Volumes nesta série:

Vol. 1: Rosa do Carmo Sampaio. RSCM

Uma caminhada na Fé e no Tempo: A História das Religiosas do Sagrado Coração de Maria
Gênese do Instituto - seu desenvolvimento com a Madre Saint-Jean: 1802 -1869

Tradução inglesa: Mary Milligan. RSHM

Vol. 2: Kathleen Connell. RSHM

A Journey in Faith and Time: History of the Religious of the Sacred Heart of Mary. vol. 2
The Growth of the Institui - The Foundations during Mother Saint-Croix Vidal's leadership: 1869 - 1878

Tradução portuguesa: Margarida Maria Gonçalves. RSCM

Capa:

Bianca Haylich. RSHM

Fotocomposição, montagem e arranjo gráfico:

Clio - Artes Gráficas. Lda.

Impressão e acabamento:

Clio - Artes Gráficas. Lda.

Tiragem:

700 exemplares

Depósito Legal N" 340687/ 12

ISRN 978-989-20-2898-9

Edição

INSTITUTO DAS RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA

PREFÁCIO

Este é o terceiro volume da série intitulada Uma Caminhada na Fé e no Tempo, que narra a história das Religiosas do Sagrado Coração de Maria durante os mandatos das três primeiras superiores gerais, todas elas membros da comunidade fundadora.

No primeiro volume. Rosa do Carmo Sampaio, RSCM, analisou a evolução da visão de fé de Gailhac, desde a sua juventude até à fundação do Instituto (1802-1849). A seguir, focalizou o seu estudo na vida do Instituto sob a liderança da Mère St. Jean Cure Pélissier, sua fundadora e primeira superiora geral (1849-1869).

No segundo volume, estudei a influência da Mère Ste. Croix Vidal no crescimento do Instituto (1869-1878). Durante o seu mandato como segunda superiora geral, fizeram-se cinco fundações fora de França: em Lisburn, Irlanda (1870), no Porto, Portugal (1871), em Bootle, Inglaterra (1872), em Braga, Portugal (1877) e em Sag Harbor, EUA (1877). Como o Instituto era ainda pequeno, a sua expansão gradual pôde ser narrada de forma integrada e cronológica e os capítulos organizados ano a ano.

Quando comecei a investigação para este terceiro volume, que descreve o primeiro mandato da M. St. Félix Maynard como superiora geral, rapidamente se tomou claro que o Instituto tinha ultrapassado a abordagem cronológica integrada que usei no volume anterior. Poderíamos fazer um cálculo mais fiel do contínuo crescimento do Instituto, organizando os capítulos fundação por fundação em vez de ano a ano. Nos anos 80, cada fundação tinha uma história específica que parecia brotar das cartas, jornais e documentos que chegaram até nós. Estas histórias precisavam de ser contadas do princípio ao fim. Em capítulos separados; e embora eu tentasse ficar dentro dos limites de tempo previsto para este volume (1878-1890), algumas histórias exigiam mais tempo para serem desenvolvidas. Porém, tal como a vida, extravasaram para lá dos limites impostos.

Embora Gailhac e a M. St. Félix sejam as figuras centrais deste volume, as superiores locais aparecem como peças basilares das fundações. Gailhac tinha razão quando lembrava às Irmãs: “Deus não nos envia anjos como superiores, mas sim frágeis seres humanos como nós...para que nos ajudemos

umas às outras na fidelidade à Sua graça”. Olhando para trás, temos de reconhecer, nestas superiores, companheiras muito humanas na nossa caminhada.

Resisti à tentação de me ocupar da hagiografia, mas fiquei mais tranquila ao descobrir que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria eram, então, o que somos hoje - “um misto de forças e de contínuas fraquezas”- como Patrícia Connor, RSHM, uma vez nos descreveu. Estas histórias contêm elementos de umas e outras. Pesquisei cada pormenor e citei-o cuidadosamente como um pontilhistas que aplica pinceladas numa tela; organizei estes fatos para contar as histórias que estavam à espera de ser conhecidas.

Em certos aspectos, este trabalho apresenta-se como um livro de referência, dado que a finalidade do projeto era apresentar um relato cientificamente histórico que pudesse servir de base a versões mais correntes da nossa história. A leitora é encorajada a não se deter nas “pinceladas” e a olhar para o quadro no seu conjunto. Poderá começar por ler o capítulo que mais lhe interessar. O índice e as reflexões no fim de cada capítulo poderão servir-lhe de guia.

Houve muitas pessoas que contribuíram para este volume. Estou profundamente grata a cada uma: às comunidades RSCM que me ofereceram hospitalidade durante as minhas fases de pesquisa e de escrita; às Irmãs RCD, em Marydell Faith e Life Center, e Janet Ruffing RSM, que me proporcionaram o isolamento de que eu precisava para terminar este volume; às arquivistas RSCM em Roma. Béziers, Upminster e Tarrytown, conhecedoras do material das Fontes, que possibilitaram o meu trabalho. Um agradecimento especial também aos membros do Grupo Fontes, às Irmãs que ajudaram a procurar e a reproduzir as gravuras deste livro, à Teresita Fay, RSHM, pela cuidadosa revisão e crítica ao texto, e à Celine Allen que tratou da edição, apresentação gráfica e publicação do livro.

Dedico este volume a três grandes historiadoras que me inspiraram e encorajaram, pelo seu amor ao Instituto e desejo de preservar a sua história. Todas faleceram enquanto eu escrevia este livro e sentimos muito a sua falta: Raphael McKenny, RSHM, Marguerite Green, RSHM, e Rosa do Carmo Sampaio. RSCM.

Kathleen Connell, RSHM
Festa do Sagrado Coração de Maria. 2006

BÉZIERS - BERÇO E FONTE DE VIDA

Finais sombrios e novos começos

A muito querida M. St. Croix Vidal, segunda superiora geral das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, esteve doente durante o verão de 1878. Tinha passado os últimos meses a concluir alguns dos projetos anteriormente iniciados: a verificação da planta do edifício em Ferrybank, Irlanda, onde o Instituto desejava fazer uma fundação num futuro próximo, e ainda a preparação do material necessário para a segunda aprovação do Instituto pelo Papa Leão XIII, sucessor de Pio IX, que o tinha reconhecido mediante o Decretum Laudis (Decreto de Louvor) em 1873. A M. St. Croix descreveu com todo o rigor o crescimento contínuo do Instituto desde 24 de fevereiro de 1849 quando ela, Appollonie Cure e a jovem Rosalie Gibbal se juntaram a Rose Jeantet e Cécile Cambon e, mais tarde, a Marie Roque, para procederem à fundação das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, dando forma ao sonho de Jean Gailhac de fundar uma congregação religiosa que colaborasse com ele nas suas obras. Poucos meses depois, outras duas - Jeanne Froment e Marie Maynard - viriam juntar-se ao grupo.

A Casa Mãe em Béziers prosperava. Tinha um internato, dirigido nos seus primeiros anos pela M. Ste. Croix, e três orfanatos. Com amor de mãe, ela contava todos os membros da sua família religiosa: trinta e seis Irmãs de coro e trinta Irmãs coadjutoras na Casa Mãe, em Béziers; quarenta e nove Irmãs de coro e dezassete Irmãs coadjutoras, distribuídas pelas outras casas: Lisbum (Irlanda), Bootle (Inglaterra), Porto e Braga (Portugal) e Sag Harbor, New York (Estados Unidos da América). As jovens continuavam a entrar no Instituto. Havia vinte e três noviças e dezoito postulantes no noviciado.¹ A Tomada de Hábito e a Profissão em 26 de julho de 1878. A última cerimônia a que assistiu, devem ter dado à M. Ste. Croix uma grande esperança relativamente ao futuro.²

Em agosto, a saúde da Madre Ste. Croix piorou; com grande preocupação, Gailhac foi a Bootle para orientar o retiro anual às Irmãs de Inglaterra e Irlanda. Ao escrever a uma das Irmãs, o Fundador confessava:

*Minha querida filha: eu, que na minha idade avançada tenho chorado tantas filhas que me foram roubadas, estou preparado para chorar uma segunda Madre Geral. A perda da primeira [M. St. Jean] deixou no meu coração uma ferida que nunca sarou. A perda da segunda reabrirá a primeira ferida e aumentará a minha amargura.*³

No mesmo dia, escrevia a outra religiosa: “Prevê-se em todo o Instituto uma nova provação. A Reverenda Madre está muito doente e os médicos têm poucas esperanças. Deus é onipotente. Rezemos para que Ele tenha piedade de nós... A minha vida é um martírio contínuo, mas eu abandonei-me [à vontade de Deus]”.⁴

A M. Ste. Croix faleceu a 4 de setembro de 1878. Começaram a chegar cartas de condolências de amigos, bispos, padres e religiosos, especialmente das nossas comunidades. A superiora da mais recente fundação na América, M. St. Basil Davis, escrevia assim a uma das Irmãs da Casa Mãe: “Sinto que ela está agora muito, muito perto de mim. Depois de ter recebido a sua carta, falei com ela várias vezes como se a tivesse ao meu lado...”⁵ Gailhac manifestava também a sua grande confiança na comunhão dos santos, especialmente no grande número de testemunhos RSCM em cujas orações a comunidade se devia apoiar. Escrevia assim a uma Irmã:

*E assim as nossas queridas Irmãs, mortas para a terra mas agora a viver a verdadeira vida, devem ser motivo de grande consolação para nós. No céu, servem-nos de intercessoras e advogadas diante de Deus; aqui na terra, a lembrança dos grandes exemplos de virtude que nos deram nunca se apagará da nossa memória e será para nós um grande estímulo a caminhar nas suas pegadas até que, um dia, estejamos reunidos com elas.*⁶

Gailhac continuava a corresponder-se com as Irmãs que lhe escreviam a pedir conselho, consolando umas, a outras encorajando e lançando desafios. Escrevia com especial cuidado às superiores das comunidades distantes. A uma dessas superiores prometia enviar mais Irmãs para a comunidade.⁷ A outra lembrava que, sendo dever das Irmãs estarem prontas para servir onde quer que fossem enviadas, as superiores, por seu lado, deveriam acolher bem as Irmãs que chegavam.⁸ À M. St. Eugène Granier, sua sobrinha e superiora da comunidade de Bootle, escrevia encorajando-a a fazer um esforço maior para realizar com perfeição aquilo que não gostava de fazer, especialmente decidir-se a falar inglês corretamente.⁹

Em outubro de 1878, faziam-se os preparativos para um Capítulo Geral de eleição, no qual seria escolhida a substituta da M. St. Croix. Gailhac começou a contatar as superiores das comunidades fora de França, pedindo-lhes que se preparassem para serem chamadas a Béziers para a eleição. Fez-se uma exceção à M. Basil Davis, superiora em Sag Harbor. Esta Irmã deparava-se com dificuldades no exercício da sua missão de superiora da comunidade¹⁰, e, mesmo na melhor das hipóteses, a perspectiva de uma viagem transatlântica seria para ela um fardo pesado. Compreendendo a situação, Gailhac escreveu-lhe a explicar, ponto por ponto, a maneira como ela deveria pedir para ser dispensada. Sugeriu-lhe, inclusive, as razões que ela poderia invocar para não ir ao Capítulo: o tempo e a despesa que uma viagem da América implicava, as más condições climáticas e as exigências do seu ministério.¹¹

Eleição da M. St. Félix Maymard como terceira Superiora Geral

Não há qualquer registro que descreva as férias de Natal em Béziers em 1878, mas deve ler havido grande entusiasmo à medida que as superiores das várias comunidades iam chegando para o Capítulo. A 29 de dezembro de 1878, os membros do Capítulo Geral reuniram-se numa pequena capela, chamada Petit Choeur, para eleger a terceira superiora geral. Presidiram o Bispo de Montpellier, François-Marie de Cabrière, e o fundador do Instituto, P. Jean Gailhac; foram seus assistentes os Padres Charles Bourgette, Jean B. Flottes e Jean Rédier. Feita a contagem dos votos, a M. St. Félix Maymard foi eleita por unanimidade. A cerimônia terminou com o Te Deum e a Bênção do Santíssimo Sacramento.¹²

A eleição da M. St. Félix não terá sido surpresa para ninguém. Era o único membro, ainda existente da primeira comunidade, com qualidades para o cargo. Nascida em Millau a 12 de outubro de 1831, tinha sido contactada por Eulalie Vidal, ainda antes da existência oficial do Instituto, e entrou para a Comunidade aos dezessete anos. Foi diretora do Orfanato, mestra de noviças, cuidou da M. St. Jean durante a sua última doença, foi assistente da M. St. Croix e ecônoma geral.¹³ Ainda antes da morte da M. St. Croix, a M. St. Félix a tinha começado a assumir algumas das tarefas da superiora geral, concretamente, acompanhar Gailhac na sua visita às comunidades portuguesas, em fevereiro de 1878, e na sua visita a Bootle, em agosto do mesmo ano.

Por muitas razões, tanto o Instituto como Gailhac devem ter ficado satisfeitos com a eleição da M. St. Félix. Alguns anos mais tarde, ela recordava

uma conversa em que o Fundador lhe falara com afeto, referindo-se-lhe como aquela que tinha sido sempre “a filhinha querida que Deus lhe confiou ainda bastante jovem, e relativamente à qual ele não tinha omitido nada, quando a preparou para a vida religiosa”.¹⁴ Gailhac lembrava-lhe que, embora viesse a ter sofrimentos, provações e adversidades, nunca deveria perder a coragem; devia colocar toda a sua confiança em Deus, que nunca a abandonaria. Acrescentava ainda que, no futuro, ao encontrar-se perante as dificuldades, deveria recordar o “seu velho pai” que, lá do céu, a protegeria e olharia por ela; e quando chegasse a hora de ser chamada para Deus, ele viria para a conduzir ao céu.¹⁵

Pouco depois da sua eleição, a M. St. Félix convocou o Conselho Administrativo, órgão que existia desde o início do Instituto. Ao apresentar o objetivo deste Conselho, a M. St. Félix explicou que, de acordo com os Estatutos do Instituto, competia ao Conselho Administrativo: fazer os pedidos oficiais aos organismos governamentais, como aconteceu, por exemplo, para obter o reconhecimento legal do Instituto em 1856 ou para adquirir propriedades; fazer pedidos à Santa Sé, tal como se fez para obter a aprovação do Instituto em 1873; e, sob a presidência de Gailhac, pedir autorização para admitir postulantes ao noviciado e aos votos, para alterar nomeações e enviar religiosas para as fundações.¹⁶

Na sua primeira reunião em 1879, os membros do Conselho Administrativo - M. St. Félix Maynard. M. St. Paul Mestre. M. St. Grégoire Saint Gaudens e M. St. Cyrille Dowling - decidiram por unanimidade aumentar o número de elementos, designando a M. St. Charles MacMullen para secretária e a M. St. Elisabeth Bousquet como nova conselheira.¹⁷ Na semana seguinte, o mesmo Conselho pediu à ecônoma local, M. St. Jérôme Robert, para apresentar as contas do ano prestes a terminar em 31 de dezembro de 1878. O saldo, 10.400 francos franceses, destinava-se a suportar as primeiras despesas do ano seguinte.¹⁸

Na reunião de 4 de maio, o Conselho Administrativo decidiu continuar esforços para obter da Santa Sé, em Roma, uma segunda aprovação do Instituto.¹⁹ Pio IX tinha morrido no ano anterior e os superiores maiores estavam ansiosos por apresentar o Instituto ao seu sucessor, Leão XIII. Gailhac, na sua condição de “fundador e superior”, redigiu o pedido formal, solicitando a Leão XIII a aprovação.²⁰ De acordo com o já referido, a M. St. Croix, nos últimos meses da sua vida, tinha trabalhado na preparação do dossiê relativo ao material necessário, que incluía cartas de recomendação de todos os bispos das dioceses onde as Religiosas do Sagrado Coração de Maria trabalhavam.²¹ Embora esse material já tivesse sido enviado para Roma, não é certo que o assunto tenha

sido devidamente tratado antes do falecimento da superiora geral.²² Em consequência, a M. St. Félix retomou o processo de petição e reuniu novamente os documentos necessários. Reportando-se ao estado do Instituto em 4 de setembro de 1879, a M. St. Félix fez o elenco das propriedades em França, avaliadas em 1.250.000 francos franceses (£50,000) e das propriedades no estrangeiro, avaliadas em 482.000 francos franceses (aproximadamente £19,280).²³

A carta de Gailhac, datada de 1 de novembro de 1879, era praticamente idêntica à que tinha escrito no ano anterior. Identificando-se como fundador e superior dos Padres do Bom Pastor e das Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Virgem Imaculada, pedia a Leão XIII a aprovação do Instituto, que o seu predecessor, Pio IX, tinha reconhecido com o Decreto Laudis em 1873.²⁴ O pedido em nome do Instituto, semelhante no seu conteúdo, era apresentado pela M. St. Félix, superiora geral, e pelas suas assistentes em união com o Reverendo Padre Gailhac, “nosso venerando Padre fundador”.²⁵

Viagem a Roma para visitar o Papa e o Cardeal

O Decreto definitivo, datado de 10 de julho de 1880, chegou de Roma mas não fazia referência a Gailhac como fundador do Instituto.²⁶ Isto causou grande desgosto tanto a Gailhac como às Irmãs. Então, enviaram cartas às competentes entidades do Vaticano, pedindo que verificassem se o formulário do Decreto poderia ser alterado de modo a reconhecer Gailhac como fundador;²⁷ porém, esses esforços foram infrutíferos.²⁸ Em consequência, Gailhac e a M. St. Félix decidiram ir pessoalmente a Roma para verem se era possível fazer alguma coisa. A M. St. Eugène, sobrinha de Gailhac e superiora da comunidade de Bootle, Inglaterra, acompanhou-os.

A M. St. Félix registrou nas suas Notas que a viagem a Roma tinha dois objetivos: cumprimentar o Papa Leão XIII e apresentarem-se ao seu novo Cardeal Protetor.²⁹ Era habitual todas as congregações religiosas de direito pontifício terem em Roma um cardeal nomeado, que fosse conhecedor da missão da congregação e zelasse pelos seus interesses. Mons. Giocchino Auge, representante do Instituto em Roma, tinha sugerido a Gailhac que escrevesse ao Cardeal Gustav Hohenlohe pedindo-lhe para ser o protetor das RSCM. O Cardeal aceitou. Então, Mons. Auge aconselhou Gailhac e a M. St. Félix a enviarem ao Cardeal Hohenlohe um relatório estatístico sobre o Instituto e sua Regra e, depois, irem a Roma encontrar-se pessoalmente com ele.³⁰

Marjorie Keenan, RSHM, no seu breve estudo intitulado *It Would Be Impossible To tell You... Early RSHMs in Rome*, refere que “o Cardeal-Príncipe

Hohenlohe-Schillingsfurst da Baviera era, de fato, um protetor poderoso embora controverso”. Tinha sido bem conhecido e protegido por Pio IX e dispunha de aposentos no Vaticano e em Castel Gandolfo. Ascendeu rapidamente à posição de cardeal mas, no Concílio Vaticano de 1870, opôs-se à decisão da infalibilidade do Papa e abandonou o Concílio no dia da votação. Este fato levou inevitavelmente a uma cisão entre o Cardeal e o Papa, que ficou particularmente aborrecido com o Chanceler Bismark por este ter nomeado o Cardeal Hohenlohe como primeiro embaixador alemão na Santa Sé, sugestão que o Papa Pio IX imediatamente ignorou.

Apesar da controvérsia que muitas vezes o envolvia, o Cardeal Hohenlohe continuava a ser uma pessoa influente nos círculos papais. Na altura em que foi nomeado protetor das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, era bispo-cardeal em Albano, uma das seis dioceses distantes de Roma, tradicionalmente reservadas a cardeais. Conservava ainda os seus aposentos em Castel Gandolfo mas, algum tempo depois, o duque de Modena ofereceu-lhe a Villa d’Este em Tivoli para ele utilizar enquanto vivesse.³¹

Gailhac, a M. St. Félix e a M. St. Eugène tinham planejado, inicialmente, viajar para Roma em junho de 1882; mais tarde, porém, decidiram esperar até ao fim do período de férias de verão, tendo partido efetivamente a 12 de novembro, dia anterior ao octogésimo aniversário do Fundador. Embora não haja memórias da viagem, presume-se que tenham ido de trem para Marselha e daí, de barco, até Civitavecchia, o mesmo itinerário seguido em 1874.

Uma vez que Mons. Auge tinha tratado de todos os assuntos relativos à viagem, é provável que o Fundador tenha ficado no seminário francês, dirigido pelos Padres do Espírito Santo e do Sagrado Coração de Maria, e as religiosas, com Mons. Auge e suas sobrinhas, na Piazza Rondanini.³² Gostaríamos de saber se a M. St. Félix e a M. St. Eugène teriam seguido o conselho do Monsenhor relativamente ao vestuário, uma vez que ele lhes tinha sugerido que, além dos hábitos para os atos oficiais da visita, pensassem em levar algo mais confortável para vestir: “Se, porventura, quiserem sentir-se mais à vontade para visitar Roma e participar em excursões, talvez seja preferível usar outro tipo de vestuário. Façam o que acharem melhor, como fizeram da última vez. Numa palavra, bem sabem que, seguindo o meu conselho, não se arrependerão”.³³

Presume-se que a M. St. Félix, que tinha gostado tanto da sua visita a Roma em 1874, tenha passado parte do tempo a mostrar a cidade à M. St. Eugène. A reação de Gailhac em relação a Roma foi semelhante à da sua visita anterior. Fez-lhe recordar a Roma da era das perseguições e o poder da graça de Deus atuante nos mártires:

*Sim, só Deus podia colocar no coração das crianças, das virgens, dos jovens, das pessoas de todas as idades e condições, a força, a energia, a constância que os tornou vitoriosos sobre a raiva, a fúria dos tiranos, sobre toda a espécie de torturas inventadas pelas forças do mal, e Ihes permitiu suportar as mortes mais cruéis. Sim, só a graça que vem do céu por Jesus Cristo pode operar tais maravilhas.*³⁴

O Cardeal Hohenlohe conseguiu uma audiência privada com Leão XIII para os três viajantes. A M. St. Félix refere que a audiência durou cerca de quinze minutos e que Sua Santidade conversou “muito paternalmente” com o Padre Gailhac sobre as obras das fundações, recomendando insistentemente que o espírito do Instituto nelas fosse preservado, caso o bem já iniciado tivesse condições para florescer. Esta conversa privada tocou tão profundamente o Fundador que, até ao fim da sua vida e em diferentes ocasiões, lembraria às religiosas as palavras de encorajamento que Leão XIII então lhe dirigiu.

Henri Victor Maynard, que viveu com o P. Gailhac nos seus últimos anos e foi seu biógrafo, resumiu assim parte dessa conversa com Leão XIII:

*Com a sua aparência saudável e boas cores, o Padre Gailhac parecia demasiado novo para já ter fundado tantas instituições e Leão XIII observou delicadamente: “É ainda muito jovem!” “Santidade”, disse o Padre Gailhac, celebrei o meu octogésimo aniversário durante esta viagem a Roma”. Ao que o Santo Padre acrescentou: “Tem muita sorte por Deus o ter escolhido para fundar uma nova família na Igreja”. O Padre Gailhac respondeu: “Santidade, trabalhei para isto toda a minha vida”. “Que bom!”- exclamou o Papa.*³⁵

Ao escrever às comunidades de Portugal. Gailhac abordou o tema dessa conversa, pois sentia que ela era muito importante para as religiosas:

Vós desejais ardentemente que Deus vos dê o espírito de Jesus Cristo, seu Filho, e vos permita partilhar da Sua vida divina. Sim, foi isto o que o Santo Padre me recomendou por duas vezes, depois de me ter felicitado pela graça que Deus me concedeu ao chamar-me para formar uma comunidade totalmente centrada na busca da Sua glória, trabalhando para conquistar as pessoas e ensiná-las a conhecer a Deus, amá-Lo e servi-Lo. Foram estas precisamente as suas palavras: “Deve estar tão feliz por Deus o ter escolhido para esta obra! Então, trabalhe” - e o Papa usou a palavra trabalhe duas vezes - “para despertar em todas as suas filhas o espírito de Nosso Senhor Jesus Cristo”.

Sabeis muito bem, queridas filhas, que este foi sempre o meu único pen-

*samento e que, desde o início, é tudo o que tenho feito. Compreendereis a razão porque, desde que ouvi estas palavras do Vigário de Cristo, o meu coração arde no desejo de vos ajudar, de todas as formas possíveis, a viver e a agir em tudo o que fizerem, de acordo com o espírito de Jesus Cristo. Queridas filhas, leiam, releiam e ponham em prática cada uma destas palavras. Sereis fiéis ao pensamento do Vigário de Cristo. Tornareis mais fácil para mim cumprir as suas ordens. Jesus Cristo será glorificado; sereis santas e, conseqüentemente, capazes de levar a cabo a obra do Seu amor, que é fazer os outros santos.*³⁶

Maynard afirmava convictamente: “A memória desta audiência ficou gravada no coração de Gailhac e foi para ele uma consolação durante o resto da sua vida”.³⁷ Apesar de um encontro tão breve, parece que Leão XIII terá conseguido perceber os desejos mais profundos de Gailhac. A afirmação do Papa - “Deve estar tão feliz por Deus o ter escolhido para esta tarefa [fundar uma nova família na Igreja]” - foi uma graça tão forte para Gailhac que a sua decepção por não ter sido reconhecido como fundador, no segundo Decretum, parece ter-se dissipado por completo.

Antes de regressarem a Bézier, o Cardeal Hohenlohe convidou-os a passar um dia com ele, em Albano. Mons. Auge acompanhou-os. A M. St. Félix refere nas suas Notas que o Cardeal lhes mostrou o palácio e os jardins, presidiu ao jantar, serviu pessoalmente os seus hóspedes e, mais tarde, levou-os de carruagem a visitar Castel Gandolfo, onde o papa e os cardeais passam as suas férias. Antes de partir, Gailhac ofereceu um donativo ao Cardeal, destinado à compra de um paramento dourado para a sua paróquia. Por seu lado, o Cardeal ofereceu a cada pessoa do grupo uma pequena lembrança - um terço à M. St. Eugène, um livro de meditação à M. St. Félix e uma pintura a Gailhac. A M. St. Félix terminava o seu relato com as seguintes palavras: “Deixamos Albano cheios de alegria e de esperança relativamente ao futuro. Dois dias depois, partimos para a Casa Mãe onde a nossa querida comunidade nos esperava ansiosamente”.³⁸

Com o apoio expresso pelo Cardeal Hohenlohe, as RSCM começaram diligentemente a procurar um lugar para uma fundação em Roma, sendo uma das suas motivações o desejo de despertar vocações em Itália. Mons. Auge sugeriu várias propriedades: uma, junto à Basílica de Santa Maria Maior, outra nas traseiras da Igreja de S. Martinho do Monte, provavelmente uma das propriedades Torlonia, ou mesmo o Palácio Altemps que acabava de ser colocado à venda. Entusiasmado, enviou à M. St. Félix um mapa de Roma com a indicação dos locais onde se poderiam encontrar boas propriedades e, com esperança,

boas vocações italianas. Contudo, durante os anos 1883-1884, quando Mons. Auge se empenhava em procurar uma propriedade romana para uma fundação RSCM, o Instituto comprou uma propriedade muito grande em Seaforth, perto de Liverpool, por £30.000. O capital e os juros decorrentes dessa compra viriam a tornar-se um grande fardo não só para a comunidade de Seaforth e a Casa Mãe, mas também para todo o Instituto, até que o pagamento ficasse concluído. Os planos para uma fundação em Roma, apesar de muito atraentes, tiveram de ser adiados.³⁹

Crise em Béziers - a filoxera nas vinhas

Inicialmente, muitas das despesas das fundações eram assumidas pela Casa Mãe. Contudo, a partir de 1880, a Casa Mãe deparou-se com uma crise financeira. O rendimento das vinhas, até então a maior fonte de receita das RSCM, deixou de estar assegurado devido a uma praga de filoxera, uma espécie de inseto que destrói as videiras atacando as suas raízes.⁴⁰

Béziers foi totalmente afetada por uma praga de filoxera. A cidade tinha partilhado da prosperidade geral de Biterrois, especialmente no período entre 1857, quando a via férrea que ligava Bordeaux a Sète terminava em Béziers, e o início dos anos 80, altura em que as videiras foram destruídas pela filoxera. Durante esse período, a população de Béziers tinha aumentado mais de 100 por cento, apesar da diminuição da taxa de natalidade e das mortes causadas pelas epidemias. Esse crescimento populacional foi uma consequência da migração interna, especialmente de trabalhadores de outros distritos ou departamentos, que vieram para a cidade a fim de se beneficiar da prosperidade resultante da revolução dos transportes e do desenvolvimento e crescimento da viticultura. Em 1891, 58.72% dos habitantes de Béziers vinham dos arredores de Herault.⁴¹

Do ponto de vista geográfico, a cidade de Béziers também tinha crescido à medida que os seus muros iam sendo demolidos e as lindas avenidas, como Allées Paul Riquet, começavam a refletir a prosperidade. O historiador local Michel Fournier afirma que, por volta de 1885, embora ainda existissem outras pequenas indústrias, as vinhas ocupavam dois terços do espaço. Esta “monocultura da vinha” tinha os seus riscos, e qualquer sociedade que tenha estado dependente das colheitas sabe isso muito bem. Anteriormente, vários parasitas já tinham afetado a saúde das vinhas, mas foram encontradas soluções. Fournier explica que a última crise que devastou as vinhas no Midi, desde 1865, foi causada pela filoxera. Enquanto outras áreas de crescimento vinícola em Fran-

ça sofriam, Biterrois e Narbonnais tinham prosperado, sendo as suas vinhas as últimas a ser atacadas; por isso, nessa altura, o remédio já era conhecido. “Assim, conseguiram rapidamente e com bastante facilidade reconstituir as vinhas”. O período a seguir à crise em Béziers (1880-1886) assistiu ao regresso da prosperidade; de fato, os vinte anos seguintes foram considerados “a idade de ouro da viticultura” em Béziers.⁴²

A Casa Mãe, porém, não tendo previsto que a crise só iria terminar daí a alguns anos, foi fortemente afetada pela praga. A M. St. Félix incluiu nas suas Notas um comentário sobre a experiência da comunidade por causa dos parasitas. Ela referia que, já em 1880, a filoxera tinha aparecido nas vinhas em Bayssan e La Galiberte, começando a destruir as videiras em várias zonas das propriedades. No ano seguinte, espalhou-se tão rapidamente que foi necessário arrancar as videiras e deixar a terra sem cultivo durante dois anos, até à sua reconstituição. O mesmo ciclo continuou até as videiras serem todas substituídas. A M. St. Félix conta que, durante toda a década de 80, a Casa Mãe teve de fazer enormes despesas sem quase nenhuns rendimentos. Foram necessários outros dez anos para que a maior parte das vinhas fosse reconstituída e começasse a produzir uma colheita razoável. Só então a comunidade conseguiu fazer face às despesas prioritárias. Com grande simplicidade, a M. St. Félix confessava como estas dívidas foram penosas para o Instituto e para ela em particular:

*Estas dívidas trouxeram à pobre madre superiora. M. St. Félix, e à sua querida assistente, M. St. Charles, uma enorme inquietação e tremendas dores de cabeça: e o nosso venerando pai, que tínhamos a felicidade de ter ainda conosco, partilhou tudo isto. Ele encorajava-nos muito e costumava repetir-nos muitas vezes: “Coloquem em Deus toda a vossa confiança, minhas queridas filhas; estão a fazer a obra de Deus. Ele não vos abandonará. Ele fará tudo para vos ajudar e amparar”.*⁴³

O *Registre des Délibérations du Conseil* indica claramente que a filoxera afetou imenso a venda do vinho. As receitas passaram de 166.506,00 francos franceses, em 1881, para 34.445,00 em 1885 e para 21.175,50 em 1887, começando a aumentar apenas nos anos seguintes. Não houve aumento significativo noutros itens de receita (educação das internas, obra dos órfãos, dotes recebidos das postulantes e noviças, venda dos pés de videira, de cereais e palha, etc.), para compensar esta perda. Consequentemente, as despesas da Casa Mãe tiveram de ser drasticamente cortadas em determinados itens, tais como luz e aquecimento, equipamentos, livros e papel, legumes e gêneros alimentícios, manutenção do edifício, roupa de casa, vestuário, calçado e despesas de

manutenção. Os encargos relativos ao cultivo das propriedades continuavam elevados, pois as videiras que tinham sido arrancadas precisavam de ser substituídas.⁴⁴

Os problemas financeiros, suportados nesta altura pela Casa Mãe, podem ser analisados de perto consultando os relatórios financeiros anuais, apresentados pela ecônoma local, M. St. Jérôme Robert. A 18 de fevereiro de 1882, ela comunicou aos membros do Conselho que as despesas eram maiores que no ano anterior, devido ao aumento significativo de crianças pobres: o encargo por pessoa, na Casa Mãe (ao todo 380 pessoas), era ainda de 400 francos franceses. No ano seguinte, a 25 de fevereiro de 1883, a M. St. Jérôme comunicou que, apesar da diminuição de pessoal, as despesas eram ainda maiores do que as receitas pois a colheita das videiras tinha sido menor, devido à filoxera. Nessa altura, havia 320-330 pessoas na Casa Mãe, correspondendo a um encargo de 320 francos franceses por pessoa. Nas reuniões do Conselho Administrativo, foi colocada às religiosas esta questão: “Será possível a comunidade receber mais órfãos”? A resposta foi sempre afirmativa. Em 1884, apesar dos esforços heróicos para economizar, as despesas continuaram a ser maiores do que as receitas. A ecônoma apresentou uma situação ainda pior na reunião do Conselho de 26 de fevereiro de 1885, porque as terras tinham exigido despesas elevadas devido à filoxera e ainda não produziam muito: além disso, tinha sido necessário cobrir o déficit do ano anterior, bem como prover ao sustento das 325-340 pessoas da Casa Mãe.⁴⁵

Nesse contexto, e sabendo que nos quatro anos anteriores as despesas tinham sido maiores do que as receitas, as Irmãs do Conselho Administrativo - M. St. Félix Maynard, M. St. Grégoire Saint Gaudens, M. St. Paul Mestre, M. St. Elizabeth Bousquet e M. St. Charles MacMullen⁴⁶ - reuniram-se com o Fundador para refletirem sobre a forma de solucionar a falta de fundos. Das atas do Conselho, de 2 de agosto de 1885, constava a seguinte resolução: “Tendo sido esgotados todos os meios humanos, ficou decidido por unanimidade que, para atrair o auxílio da Divina Providência, receberíamos mais alguns órfãos nas nossas instituições de caridade”. Há uma nota acrescentada às atas, explicando que aquela decisão deve ter sido agradável a Deus pois que, no espaço de dois dias, foram admitidas oito alunas internas, a pagar. É de assinalar também que as contas apresentadas em 1885, 1886, 1887 e 1888, foram aprovadas sem comentários.⁴⁷ Gailhac tinha razão: as religiosas realizavam a obra de Deus e Deus não as abandonava.

As relações entre a Igreja e o Estado, na França

A destruição das videiras pela filoxera não foi a única crise enfrentada pelas Religiosas do Sagrado Coração de Maria, em Béziers. Nos primeiros anos da Terceira República Francesa, sob a presidência de Adolphe Thiers (fevereiro de 1871 - maio de 1873) e de Maurice MacMahon (maio de 1873 - janeiro de 1879), o governo tinha-se mostrado tolerante em relação à Igreja Católica. Porém, após a resignação de MacMahon, a Terceira República Francesa começou a olhar a Igreja e os clérigos como inimigos. Foram impostas novas taxas sobre edifícios e mobiliário a todas as congregações religiosas. As instituições de caridade e os asilos foram laicizados (1879), as capelanias militares abolidas (1880), os cemitérios e hospitais laicizados (1880-1881) e legalizado o divórcio (1884). Em Béziers como em outras cidades, as ruas com nomes de santos ou de figuras religiosas mudaram de designação. Assim, a rua que passava em frente da Casa Mãe, chamada em 1868 Rua do Sagrado Coração de Maria, passou a chamar-se Rue Ermengaud, em 1884.⁴⁸ Além disso, em 1888 uma lei introduziu novas restrições contra estrangeiros a viver na França sem autorização. Todos os estrangeiros, e isto incluía as muitas Irmãs não francesas da Casa Mãe, tiveram de se declarar ao município no prazo de um mês.

Os republicanos anticlericais começaram a bater-se por uma separação entre a Igreja e o Estado, especialmente na educação, e favoreciam um sistema de educação primária gratuita e obrigatória, patrocinada pelo Estado e sem ligações à Igreja. Sarah A. Curtis, no seu recente estudo *Educating the Faithful: Religion, Schooling and Society in Nineteenth Century France*, realça a mudança radical que isto representou na França. Durante décadas, tinha havido consenso entre legisladores e educadores relativamente à extrema importância da Igreja Católica para promover a educação primária na França. A lei Guizot de 1833 ordenava que se abrisse uma escola para rapazes em cada município de França e a lei Falloux de 1850 alargou essa lei para exigir escolas femininas. Curtis argumenta dizendo que essas leis, que reclamavam escolas adicionais mas pouco faziam para as manter, abriam a porta às congregações religiosas “com capacidade de organização e pessoal” para as dirigir.⁴⁹

Considerando o período de 1850-1870 como “um renascimento católico na educação”. Curtis defende que, ao reagir contra a agitação social e política ocasionada pela Revolução de 1848, a lei Falloux, decretada dois anos mais tarde, favorecia o controlo da Igreja sobre as escolas primárias locais.

[A lei] ...apoiava a expansão da educação feminina sob orientação religiosa e revogava a necessidade de diploma para as Irmãs professoras. O governo também alargou a situação jurídica legal a muitas congregações anteriormente não autorizadas, reconhecendo-lhes estatuto legal, que lhes dava possibilidade de possuir e herdar propriedades, o que por sua vez tornava mais fácil a sua expansão.⁵⁰

Além disso, nas escolas criadas pelas leis Guizot e Falloux, era obrigatória a instrução religiosa, especialmente catecismo e orações; havia crucifixos em todas as salas e Missa semanal. Curtis afirma que, mesmo nos finais da década de 70, apesar das pressões para incluir mais educação secular, “as congregações ainda consideravam a instrução religiosa fundamental para a educação”.⁵¹

Contudo, durante a década seguinte, as políticas educativas mudaram drasticamente. Por volta de 1880, os membros de congregações não autorizadas foram proibidos de ensinar nas escolas do estado e nas privadas, tendo o governo começado a dispersar algumas congregações masculinas que não tinham autorização oficial. O arquiteto deste plano foi Jules Ferry, ministro da educação da França no início dos anos 80: as suas bem conhecidas *Leis Ferry* deram força a uma série de leis que vigoraram para além da década. Curtis analisa particularmente três *Leis Ferry* e avalia o seu impacto nas congregações religiosas femininas e masculinas em França.

A Lei Ferry de 16 de junho de 1881 libertava de encargos as escolas primárias públicas e exigia que todos os professores e professoras desse nível de ensino - leigos e religiosos - fizessem um exame para receberem o diploma de ensino, chamado “brevet de capacité” (*brevet élémentaire ou brevet supérieur*). Até àquela altura, era exigido um brevet apenas a professores com funções de direção. A lei Falloux de 1850, alegando que uma superiora religiosa conhecia melhor os membros da sua comunidade do que o Estado, tinha permitido que as religiosas pudessem ensinar desde que possuíssem uma “carta de obediência” da respectiva congregação religiosa com autorização para o ensino. Os membros de congregações masculinas eram autorizados a ensinar com um *certificat de stage*, que podiam receber após três anos de ensino. Ferry chamava à carta de obediência “um instrumento que enfraquecia a instrução primária em França”, e estava determinado a acabar com esta prática, se não imediatamente pelo menos logo que possível.⁵²

De acordo com a Lei de 1881, os religiosos com mais de trinta e cinco anos de idade e cinco anos de experiência de ensino estavam isentos de formalidades. Assim, as congregações religiosas dedicadas ao ensino puseram todo o empenho na formação dos seus membros mais novos para que estes

pudessem obter o certificado. Ainda antes de 1881, muitas destas congregações tiveram o pressentimento de que lhes iriam ser impostas restrições, pelo que tinham começado a formar os seus membros destinados a ensinar nas escolas em França. Algumas congregações masculinas francesas começaram a rever os horários a fim de possibilitar aos seus membros mais tempo para se prepararem para o exame. Em 1881, embora alguns religiosos passassem nesse exame, os números foram baixos comparativamente aos que se tinham preparado; os Maristas e os Irmãos das Escolas Cristãs acusaram os examinadores de “flagrante parcialidade” contra os religiosos que faziam exames. “As congregações dedicadas ao ensino, conscientes de que a sua sobrevivência como educadoras dependia da sua adaptação aos requisitos da nova lei, adaptaram os seus programas de formação para o efeito. No final do século, tinham sido bem-sucedidas”.⁵³

Em algumas das maiores congregações dedicadas ao ensino, a legislação Ferry teve impacto nas tentativas de recrutamento, pois no caso de se prever que um candidato não conseguiria passar no exame e receber o *brevet*, ele/ela era designado/a para outro trabalho ou excluído/a à partida. Além disso, as vocações masculinas foram profundamente afetadas pela legislação de 1889, que impunha o serviço militar a noviços e seminaristas. As congregações masculinas e femininas tentaram recrutar e preparar potenciais candidatos numa idade mais jovem, abrindo juniorados ou pré-noviciados para jovens entre os treze e os dezesseis anos. Estes jovens recebiam três anos de formação religiosa e secular à medida que se iam separando da família e do “mundo”, na expectativa da entrada na congregação.⁵⁴

Curtis diz que a importância dada aos estudos seculares para jovens religiosos criou alguma tensão nas congregações, que tinham de estabelecer um limite apertado entre preparação profissional secular e formação religiosa. Em sua opinião, o receio de que a educação secular conduzisse ao materialismo, e o desenvolvimento intelectual a uma falta de humildade, tenderia a produzir o resultado oposto: “Embora a necessidade do “brevet” levasse a intensificar a preparação formal de irmãos e irmãs professores, as congregações não queriam que os noviciados se convertessem em escolas normais Assim, reafirmaram o compromisso de se manterem como um corpo religioso, balizado por regras comuns e prática espiritual que, na primeira metade do século anterior, tinham respondido perfeitamente aos seus objetivos”.⁵⁵

A segunda Lei Ferry, de 28 de março de 1882, determinava a escolaridade obrigatória para todas as crianças entre os seis e os treze anos de idade. Exigia-se às escolas públicas, às escolas privadas e mesmo aos professores pri-

vados, que apresentassem os nomes das crianças por eles ensinadas, para que os faltosos pudessem ser identificados. Nas novas escolas primárias públicas, foi introduzido um currículo secular; as tardes de quinta-feira eram livres para o ensino opcional de catequese.

A 12 de junho de 1883, Leão XIII escreveu uma carta de protesto a Jules Ferry, condenando as tentativas de retirar a religião das escolas, num país com trinta e dois milhões de católicos.⁵⁶

O Papa compreendia que o Estado francês tivesse censurado a Igreja católica por ser pró-monarquia e anti-republicana, desde os dias da Revolução de 1789. Num golpe de mestre, Leão XIII escreveu duas encíclicas em que procurava alargar o conceito católico da autoridade do Estado. Na *Immortale Dei*, o Papa defendia que a autoridade não está necessariamente ligada a qualquer forma particular de governo. Noutra carta, *Nobilissime Gallorum Gens*, publicada em 1884, Leão XIII pedia aos bispos franceses para inverterem a resistência dos fiéis à república como tal.⁵⁷ As palavras do Papa devem ter acalmado ligeiramente o anticlericalismo republicano, pelo menos até começar a segunda perseguição às congregações, em 1900-1904. Como observou um historiador francês: “Leão XIII, Papa de espírito generoso e entusiasta, foi bem-sucedido na tentativa de acalmar a divergência. Seguindo o seu conselho, alguns católicos relacionados com a república e com o ministro republicano Spuller, puderam saudar o surgir de ‘um novo espírito’. Infelizmente, esta reconciliação não foi consistente nem duradoura”.⁵⁸

A Lei Goblet de 30 de outubro de 1886, assim chamada por influência de René Goblet, um dos sucessores de Ferry, substituiu os religiosos que tinham estado a ensinar nas escolas públicas, por professores leigos. A esperança era que esta medida melhorasse o nível de instrução, estabelecesse critérios e que, distanciando as escolas do envolvimento da Igreja, as tornasse mais conformes com um plano nacional secular. Porém, a implementação da lei foi difícil por várias razões: havia um número insuficiente de leigos preparados para ocupar o lugar dos professores religiosos; os católicos tinham tendência a deixar as escolas públicas, embora o ensino fosse gratuito, para continuarem com os professores religiosos nas escolas privadas; algumas vezes, era simplesmente um espírito de lealdade para com a congregação religiosa, especialmente com os religiosos que tinham educado várias gerações de familiares.⁵⁹

Consequências do anticlericalismo francês para as Religiosas do Sagrado Coração de Maria em Béziers

Como a correspondência dos superiores maiores era muitas vezes relacionada com os desafios e sucessos das fundações na Irlanda, em Portugal, Inglaterra e Estados Unidos, as dificuldades das religiosas da Casa Mãe, embora frequentemente referidas, nem sempre são muito claras; além disso, parece que os nomes das religiosas que viveram sempre na Casa Mãe não são tão conhecidos como os das Irmãs das fundações. Esta seção irá incidir sobre as RSCM nas obras fundadas na Casa Mãe, durante os primeiros anos do Instituto, e as consequências que as Leis Ferry tiveram sobre elas.

Rosa do Carmo Sampaio, RSCM, no seu estudo sobre as primeiras obras do Instituto, descreveu assim as diferentes instituições existentes na Casa Mãe:

O Orfanato, o Refúgio e o Internato eram três instituições distintas, sendo as duas primeiras consideradas trabalho social. Embora funcionassem no mesmo edifício [Casa Mãe], ocupavam partes distintas da casa. Cada uma tinha os seus dormitórios, salas de aula, salas de jantar, capela e recreio próprios. Apesar de situadas dentro da mesma área, com o mesmo nome e administração comum, cada secção tinha normas e regulamentos próprios e não havia comunicação entre os três grupos. Animava-os o mesmo espírito mas cada um tinha finalidades educativas específicas, de acordo com o lugar que iria ocupar na sociedade.⁶⁰

As Leis Ferry, em geral, introduziram um maior sentido de prestação de contas ao Ministério da Educação e aumentaram a quantidade de documentos (listas de frequência de alunos e relatórios dos administradores escolares) a serem apresentados pelas escolas, o que deve ter sido um fardo para os administradores; contudo, isto permitiu aos historiadores registrar a presença e movimentos de estudantes como os respectivos professores e dar uma ideia da resposta das RSCM à nova legislação para o ensino.

O Orfanato

Num longo relatório escrito por volta de 1882, a M. St. Félix apresentava, em forma de pergunta e resposta, as suas *Notes sur les Orphelinats du S.C.M.* Descrevia as origens e a situação atual do Orfanato em Béziers, bem como da

Colonie Agricole, um orfanato para rapazes em Bayssan. Este Orfanato - explicava a M. St. Félix - é uma instituição separada, embora na realidade “as nossas obras sejam uma só”. Num certo sentido, a M. St. Félix estava certa quando dizia: “estes órfãos estão sob a orientação e dependência das RSCM”, visto que nessa época o Padre Maymard era o responsável pela colônia agrícola e havia poucos Irmãos do Bom Pastor, se é que havia alguns, a trabalhar com os rapazes. Esses rapazes, educados em Bayssan e preparados para trabalhar na quinta, especialmente na viticultura, eram recebidos no Orfanato com idades entre os seis e os catorze anos e, sempre que possível, ficavam até aos vinte e um.⁶¹

A M. St. Félix referia, então, que o Orfanato para meninas em Béziers foi fundado por Gailhac em 1834 e legalmente reconhecido sob o Império de Napoleão III. Inicialmente designado Bon Pasteur, após a fundação do Instituto passou a chamar-se Sagrado Coração de Maria e ficou sob a supervisão dos superiores. De acordo com o relatório, é óbvio que a M. St. Félix juntava o Refúgio ao Orfanato quando fazia uma descrição geral e se referia ao número de meninas inscritas. Talvez fosse assim porque a M. St. Paul Mestre, que dirigia o Refúgio, recebeu o seu brevet élémentaire em 1851 e era a única credenciada para exercer as funções de diretora das “obras de caridade”. Mais adiante na sua descrição, a M. St. Félix explicava que as meninas eram educadas em três estabelecimentos distintos [o Orfanato, o Refúgio e a Providência, sendo esta para meninas mais novas), onde todas aprendem bordados e costura e recebem uma educação de acordo com a sua condição social. “Há duzentas jovens no Orfanato - dizia ela - metade com mais de treze anos e a outra metade com menos”. As despesas eram cobertas pelas receitas da propriedade de Bayssan, pelos bordados feitos pelas crianças e pelas mensalidades das alunas internas. A M. St. Félix lamentava que a receita não fosse maior, por causa da filoxera, e referia que muitas vezes as despesas ultrapassavam a receita, provocando um déficit.⁶²

Ao referir-se às crianças, a M. St. Félix afirmava que, para serem admitidas, deviam ser sãs de corpo e alma. A admissão era totalmente grátis, sendo exigido apenas um pequeno enxoval. A maior parte dos “órfãos” eram filhos legítimos ou privados apenas de pai ou de mãe, embora alguns tenham sido abandonados ou maltratados pelos seus padrastos ou madrastas. “Muitos não têm outra proteção a não ser a de uma pessoa compreensiva”, dizia ela. As crianças eram divididas por idades: um grupo dos seis aos dez anos, outro dos dez aos treze e um terceiro dos treze aos quinze. As normas e regulamentos eram muito suaves e adequados à idade e capacidade das crianças. Uma vez por mês,

podiam ser visitadas pelos pais ou tutores, sendo esta a única oportunidade que a diretora tinha de se encontrar com eles. Às vezes, os pais não visitavam os filhos antes dos dezesseis ou dezessete anos e, nessa altura, pressionavam-nos a sair. Algumas crianças pediam para regressar ao Orfanato porque os seus pais tinham muito maus princípios.⁶³

A M. St. Félix terminava o seu relatório com uma nota muito positiva: *Os nossos órfãos, depois de saírem, tornam-se excelentes empregadas domésticas e excelentes soldados [e provavelmente agricultores]. As jovens que ficam até à maioridade são colocadas como empregadas domésticas em casas respeitáveis e recebem um enxoval. As Religiosas do Sagrado Coração de Maria aconselham as órfãs sobre a maneira de se apresentarem na sua nova situação.*⁶⁴

Muitas das religiosas que trabalharam nos orfanatos dedicaram as suas vidas àquela obra. A M. St. Paul Mestre, por exemplo, ensinou no Refúgio e dirigiu-o durante toda a sua vida religiosa. É provável que tenha sido ela quem substituiu a M. St. Cyprien Froment, quando esta faleceu em 1856. As competências da M. St. Paul foram muito importantes pois, como já foi referido, era ela a única que possuía o brevet de capacité durante os primeiros trinta anos dos orfanatos.⁶⁵ A M. St. Elisabeth Bousquet, que trabalhou no Orfanato inicial desde 1855, provavelmente terá substituído a muito jovem M. St. Félix. A M. St. Elisabeth nunca recebeu um brevet de capacité mas, como tinha mais de trinta e cinco anos de idade, foi autorizada por uma “carta de obediência” do Instituto, tendo sido dispensada de outro certificado, de acordo com o Artigo 4 da lei de 16 de junho de 1881.⁶⁶

As outras religiosas dos orfanatos pediram a mesma isenção das exigências da Lei Ferry de 16 de junho de 1881. Eram elas: M. Ste. Marguerite Cottés, M. Ste. Clotilde Bousquet, M. Ste. Félicité Sahuquet. M. St. Michael Delhoustal e M. St. Anselme Ribo; todas tinham “cartas de obediência” e ensinavam nos orfanatos há vinte e nove, vinte e quatro, dezessete, quinze e dez anos respetivamente.⁶⁷ Estas Irmãs tiveram de ser, mais uma vez, oficialmente autorizadas pela diretora, M. St. Paul, em conformidade com a nova lei de 30 de outubro de 1886, que exigia uma declaração comprovativa de que eram membros de um Instituto legalmente reconhecido pelo decreto imperial de 19 de agosto de 1856.⁶⁸

Surgiram algumas orientações significativas. Houve pouca alteração no pessoal docente do Orfanato. Em 1887, a média etária das seis religiosas era cinquenta e três anos, sendo a média de anos de serviço nos orfanatos de trin-

ta. É impossível descobrir quais as religiosas que ensinaram no Orfanato, no Refúgio ou na Providência, visto que não se fazia distinção nos documentos oficiais. Finalmente, embora a M. St. Paul deixasse claro que a sua instituição, oficialmente designada por “escola com orfanato anexo”, era classificada como sendo uma das escolas primárias, as religiosas dos orfanatos nunca obtiveram um brevet, nem qualquer jovem religiosa com brevet tinha sido enviada a trabalhar nessas instituições.⁶⁹

O Internato

Relativamente às escolas oficialmente classificadas como “escolas primárias privadas, anexas a um internato”, a situação era muito diferente.⁷⁰ Nessas escolas, havia entre as Irmãs uma maior consciência de duas gerações: as Irmãs mais velhas (M. St. Charles MacMullen, M. St. Grégoire Saint Gaudens, M. St. Jérôme Robert, M. St. Clément Vaissiere e M. St. Xavier Fraty) e as Irmãs mais novas, devidamente credenciadas, que gradualmente foram sendo admitidas no corpo docente.

Inicialmente, o Internato fundado em 1851 foi dirigido pela M. St. Croix Vidal até à altura em que assumiu as funções de superiora geral. Sucedeu-lhe a M. St. Charles MacMullen, autorizada a dirigir a escola por uma “carta de obediência”. Era também responsável pela Casa Mãe, na ausência de Gailhac e da superiora geral, e ainda visitadora das Ilhas Britânicas e membro do Conselho.

Alguns anos mais tarde. Mlle Claire Vialles, antiga aluna do Internato, recordava a bondade e dedicação da M. St. Charles para com as alunas. É uma *mémoire* comovente acerca de uma educadora muito querida. “Ela amava todas as alunas a ponto de me dizer muitas vezes: ‘Quando falo com uma aluna individualmente, tenho a sensação de que ela é a *minha preferida*’. Quando necessário, sabia falar com firmeza, mas era sempre maternal”. A sua particularidade era ajudar os outros; todas o sabiam e procuravam a sua ajuda. Discreta a seu respeito, era eloquente em defesa do próximo. Havia muitas antigas alunas que vinham visitá-la para desabafar com ela. Se as alunas ou os seus pais insistiam em oferecer-lhe um presente, a única coisa que aceitava era alguma peça de vestuário para os órfãos. De acordo com esta *mémoire*, a M. St. Charles quase nunca abandonava o Internato, mesmo durante as refeições com as alunas, para poder acompanhar a caminhada de cada uma. O seu quarto era interior e ficava junto da parte envidraçada do claustro; ali perto, havia quatro

ou cinco pianos onde as alunas, entre os sete e os doze anos, praticavam diariamente. Devia ter uma paciência ilimitada!⁷¹

A M. St. Grégoire Saint Gaudens também trabalhava no Internato e pertencia ao Conselho. Enviada para o Internato em 1856, exercia as suas funções com uma “carta de obediência”. Mlle. Vialles recordava-a como “muito boa, muito maternal, ao ponto de cada uma se sentir a preferida. A sua falta foi muito sentida quando Deus a chamou a Si inesperadamente [a 13 de maio de 1888]”.⁷²

A M. St. Jérôme Robert, ecônoma local, tinha chegado ao Internato em 1861. Não possuía brevet mas, tal como as outras, uma “carta de obediência”, pelo que foi dispensada dos requisitos da lei no seu artigo 4. A M. St. Clément Vaissière ensinou no Internato com uma “carta de obediência” desde 1866. Contrariamente às outras religiosas mais velhas do Internato, a M. St. Xavier Fraty, algum tempo depois, obteve do Estado as credenciais de ensino. Nascida em 1837, entrou no Instituto em 1858 e foi enviada para o Internato como professora, ainda antes da sua profissão em 1861. Muito mais tarde, preparouse para o brevet supérieur, tendo feito o exame com sucesso, em Montpellier, em março de 1878. Este brevet conferiu-lhe habilitações para suceder à M. St. Charles como diretora do Internato, em abril de 1887.⁷³

Talvez seja de grande interesse saber que, durante a década de 80, seis das religiosas francesas mais novas - M. St. François Berthe, M. Emmanuel Valgalier, M. Augustin Ferrand, M. St. Fulgence Berthomieu. M. de Jésus Hostie Donnadieu e M. Gabriel Blattes Cost - todas com o *brevet élémentaire*, foram enviadas para o Internato como professoras. Comparando as datas de entrada e da primeira profissão com as datas em que o brevet foi concedido, podemos concluir que a preparação secular fazia parte do programa de formação destas irmãs. Se tivessem menos de vinte e um anos, idade legal para fazer votos em França, as religiosas destinadas a trabalhar no Internato tinham muitas vezes de estudar para o brevet enquanto se preparavam para fazer a primeira profissão.⁷⁴ Essa orientação iria continuar na década seguinte, durante a qual as jovens religiosas francesas, com credenciais para ensinar, eram enviadas para o Internato, sendo eventualmente complementadas, talvez não de modo oficial, por religiosas irlandesas, alemãs e portuguesas, que ensinavam música e pintura ou línguas estrangeiras.⁷⁵

Embora Gailhac, a M. St. Félix e as religiosas da Casa Mãe sofressem, certamente, por causa da tentativa de secularizar a educação em França e de controlar a presença e atividade das religiosas que ensinavam nas escolas elementares, conseguiram que os orfanatos fossem dirigidos por religiosas

experientes, legalmente isentas de algumas das rígidas *Leis Ferry*. No que diz respeito ao Internato, o Instituto parece ter antecipado a necessidade do brevet *élémentaire* para as religiosas mais novas, destinadas a ensinar nas escolas; desde 1878, as Religiosas do Sagrado Coração de Maria submetiam-se a exame em Montpellier e eram bem-sucedidas. A preparação para o brevet parece ter sido integrada na formação, particularmente das Irmãs destinadas a ensinar no Internato. As diretoras das instituições na Casa Mãe - M. St. Paul Mestre e M. Xavier Fraty - eram credenciadas, o que deve ter agradado aos inspetores de educação da época. No período seguinte, de perseguição à Igreja na França (1901-1906), apenas o Orfanato viria a sobreviver.

Os Orfanatos e o Internato não teriam funcionado com tanto sucesso sem a ajuda preciosa de outras Irmãs da Casa Mãe que, pelo fato de não serem mencionadas nos relatórios oficiais enviados ao Ministério da Educação, podiam facilmente passar despercebidas. Será bom lembrar que, de acordo com a lista do Grande Registro, de todas as Irmãs de votos perpétuos que entraram no Instituto durante a vida de Gailhac, cerca de quarenta Irmãs coadjuvas francesas teriam vivido na Casa Mãe, nos anos 80. Muito poucas terão sido enviadas para as fundações.⁷⁶ Com cerca de 330 pessoas a viver na Casa Mãe, a maior parte estudantes e órfãs, podemos fazer ideia do número de Irmãs necessárias para cuidar delas. Durante as vindimas, as Irmãs tinham também de acompanhar as órfãs a Bayssan e trabalhavam com elas nas vinhas. Desde que se começou a ensinar bordados no Internato, e de modo especial nos Orfanatos onde havia pelo menos três horas de trabalho manual diário,⁷⁷ muitas das Irmãs teriam estado envolvidas nesse trabalho. Havia também a esperança de que as Irmãs atraíssem algumas das órfãs para a vida religiosa, e sem dúvida que o seu bom exemplo e caridade atraíram algumas.

A Preservação era orientada especialmente pelas Oblatas de Maria, fundadas por Gailhac como Ordem Terceira das Irmãs da Virgem. Na altura em que o Refúgio fechou, as Oblatas possibilitaram às mulheres que o tinham frequentado e queriam permanecer e dedicar a sua vida a Deus, a oportunidade de viverem uma vida consagrada de serviço. Maymard afirma que o bispo de Montpellier, Monseigneur Le Courtier, algum tempo depois de ter tomado posse, em 1861, mudou o nome da Congregação para Irmãs Oblatas de Maria.⁷⁸

Uma das funções das Oblatas de Maria era ajudar as mestras de classe na orientação das órfãs da Preservação e no ensino de costura e bordados. Eram também responsáveis pela lavanderia das internas e das religiosas. Uma das Oblatas comentava que os seus tempos de oração e trabalho eram semelhantes aos da comunidade mas, contrariamente aos membros da comunidade, elas

nunca saíam exceto para irem a Bayssan num caminho aberto. Viviam com as órfãs. Também atraíram vocações para as suas comunidades, entre as jovens da Preservação. Uma dessas Irmãs, chamada a testemunhar durante o interrogatório para a causa da beatificação de Gailhac, declarou: “Depois do tempo que passei no Orfanato [Preservação], e como gostava tanto das Irmãs Oblatas, que foram para mim como mães, decidi juntar-me a elas, tal como a minha irmã”.⁷⁹

Reação de Gailhac aos descatos em França

Os problemas políticos na França e as tentativas da administração Ferry no sentido de secularizar a educação, foram para Gailhac uma enorme preocupação. A Casa Mãe e suas obras eram centrais para o ministério do Fundador. As primeiras cartas referem-se muitas vezes a Gailhac a orientar um retiro às órfãs, às alunas internas, às irmãs Oblatas e também à comunidade.

A medida que avançava a década de 80, Gailhac e a M. St. Félix sentiam-se cada vez mais preocupados com a falta de boas vocações francesas, para se dedicarem às obras da Casa Mãe. Por outro lado, floresciam as vocações irlandesas. O Rev. Dr. Butler, padre em Dublin, que tinha sido muito simpático com Gailhac na sua passagem pela cidade, quando se dirigia para Ferrybank, sugeriu inclusivamente que as RSCM abrissem um noviciado em Dublin. A M. St. Félix foi peremptória na sua recusa: “Lamentamos muito, Rev. Padre, que a situação do Instituto não nos permita, de modo algum, corresponder às suas intenções a nosso favor”.⁸⁰ Em Portugal, havia também um grande potencial de vocações e foi sugerido que se abrisse aí um noviciado, mas essa ideia parece ter sido também rejeitada.⁸¹ Se as noviças irlandesas e portuguesas tivessem começado a sua formação nos respectivos países, o noviciado em Béziers teria ficado praticamente vazio, pois havia poucas vocações francesas. Então, a M. St. Félix escreveu duas cartas ao Provincial dos Jesuítas em Toulouse. Na primeira, pedia-lhe que enviasse para as RSCM postulantes francesas com boas capacidades, caso surgisse essa oportunidade. Na segunda, lembrava-lhe de novo a necessidade de vocações francesas, pois havia irlandesas e portuguesas no noviciado e nenhuma postulante ou noviça francesa. “Pense em nós, quando Deus lhe enviar uma jovem que lhe pareça vocacionada; precisamos muito dela”.⁸²

Finalmente, o Padre Montaubéry, jesuíta, que tinha estado a pregar em Béziers durante a quaresma, comunicou às religiosas que havia uma congregação feminina, no norte de França, com tantas vocações entre as suas alunas

que estavam a encaminhar parte dessa abundância para outras comunidades do norte. A M. St. Félix enviou, então, uma longa carta à superiora dessa congregação, comunicando que o Padre Montaubéry a tinha aconselhado a escrever-lhe. Dizia que as RSCM, tal como todas as comunidades religiosas femininas no Midi, sofriam com a falta de vocações francesas. Dizia ainda que o Instituto rezava pelas vocações e, nesse momento, pedia a sua colaboração: “Em nome de Maria Imaculada, nossa Mãe, e por intercessão de S. José, nosso protetor” - implorava a M. St. Félix - “espero, Reverenda Madre, que não recuse o nosso pedido. Oh! sim, confio que irá enviar-nos um pequeno grupo de postulantes [francesas], se possível habilitadas com o brevet”. Enviou à referida superiora fotografias dos dois hábitos usados pelas religiosas e prontificava-se a viajar com Gailhac, então com oitenta e seis anos de idade, até ao norte de França, para se encontrar com ela, se o desejasse.⁸³ Tendo presente todo o bem realizado pelas religiosas que trabalhavam no Orfanato e no Internato, tanto Gailhac como a M. St. Félix estavam convencidos de que iriam surgir trabalhadoras qualificadas para a “messe”, na França, apesar das tentativas do governo para contrariar os seus esforços.

As vocações não eram os únicos recursos de que o Instituto precisava para continuar as suas obras na Casa Mãe: eram igualmente necessários recursos econômicos. A M. St. Félix escreveu ao P. Superior da Grande Chartreuse (Isère), pedindo-lhe um contributo para os Orfanatos. Explicava-lhe que, por um lado, e devido à filoxera, a propriedade não estava a produzir o suficiente e, por outro lado, os bordados feitos pelas órfãs também não bastavam para manter o seu número em crescimento. Começando a carta em nome do Divino Coração de Jesus, escrevia: “Estou certa, Reverendo Padre, que não ireis recusar um pequeno contributo, agora que sabeis em Nome de quem venho”.⁸⁴ Como era de esperar, o mosteiro enviou um contributo. A M. St. Félix escreveu de novo ao superior a agradecer e fazia um veemente apelo relativamente a uma nova ajuda: “As pobres órfãs chegam-nos duas ou três de cada vez e, muitas vezes, se não as admitimos, estas infelizes são encontradas na rua sem abrigo nem pão, ficando expostas a uma educação vazia de Deus... Venho bater de novo à vossa porta e pedir, ‘em nome de Deus, alguma coisa para as nossas pobres’”⁸⁵.

É compreensível que a M. St. Félix tenha pedido apoio financeiro, especialmente para o Orfanato de Béziers, pois conhecia melhor que ninguém a especial predileção de Gailhac pelas obras em favor dos pobres. Recordando uma conversa cuidadosamente registrada, em que Gailhac lhe fazia “recomendações importantes”, em maio de 1884, a M. St. Félix escrevia:

Sabe, minha querida filha, como sou dedicado às obras de caridade; foi para estas pobres crianças que abri a Casa e foi por elas que esta obra começou. Os Orfanatos são os alicerces do edifício e sabe, minha filha, quanto me custou criá-los e mantê-los, durante estes [primeiros] dezessete anos [1834-1851].

...O Internato só apareceu mais tarde. Foi criado para ajudar a manter as obras de caridade e, sem dúvida, para fazer bem a esta classe da sociedade. Pode ver com que dedicação, cheia de amor, cuido das queridas internas. Penso que as crianças aproveitam da boa educação que receberam na casa e que as levará a fazer bem a seus pais e à sociedade.

Com todo o meu coração, recomendo-lhe estes queridos Orfanatos. Seria muito mau se uma superiora os negligenciasse. Se o fizesse, estaria a afastar do Instituto a bênção de Deus e a agir contra as minhas explícitas intenções.

Desejo mesmo que, em todas as fundações, haja uma classe para estas pobres crianças enquanto aguardam que seja possível abrir um Orfanato. Deve dar-se-lhes qualquer coisa, ou para o almoço ou para a merenda. É através destas obras de caridade, minha querida filha, que as bênçãos de Deus chegam ao Instituto. A beleza de uma comunidade são os pobres, que são ensinados a amar e a servir a Deus, formando-os na prática da virtude e do amor ao trabalho.⁸⁶

Reflexões

É importante refletir sobre o papel da Casa Mãe na história das RSCM, porque ela foi o centro e o modelo, mesmo nos anos de expansão. Esta é a época (1878) em que precisamente metade das religiosas do Instituto (66) vivia na Casa Mãe e metade (66) nas cinco fundações: Lisburn (1870), Porto (1871), Bootle (1872), Braga (1877) e Sag Harbor (1877). As fundações em Ferrybank, Irlanda (1879) e em Chaves, Portugal (1886), seguir-se-iam em breve.

Contudo, seria um erro imaginar a Casa Mãe habitada apenas por sessenta e seis pessoas, pois os seus pátios estavam cheios de vida, com centenas de órfãs, internas e noviças. Embora a maior parte das pessoas da Casa Mãe tivessem sido francesas, eram já evidentes os sinais de uma dimensão internacional, especialmente entre os membros da comunidade e as noviças.

Como já foi referido, a Casa Mãe estava muito vulnerável durante a década de 80. As fundações já não podiam contar com os contributos da Casa Mãe, que dependiam da herança da fundadora, ou seja, as vinhas e a sua produção. Uma vez que a filoxera tinha atacado as raízes das videiras em Béziers e Bayssan, o orçamento da Casa Mãe refletiu uma descida abrupta dos rendimentos,

implicando cortes no aquecimento, na luz, na alimentação, em tudo. Deu-se uma alteração significativa: a Casa Mãe ficou dependente dos contributos financeiros das fundações e estas, por sua vez, ficaram mutuamente responsáveis pelas emergências econômicas umas das outras. Todavia, no meio desta crise financeira, a generosidade de coração e o zelo para continuar a servir as crianças pobres da região, permaneceram. Com uma profunda confiança na Providência, a comunidade da Casa Mãe continuou mesmo assim a receber mais órfãs.

A segunda crise que afetou a Casa Mãe, durante os anos 80, foi a mudança de atitude do governo francês relativamente à educação. Estas alterações na política francesa devem ser entendidas num contexto mais amplo. A educação elementar, obrigatória e gratuita para todas as crianças francesas de ambos os sexos (6-13) marcou um avanço. Fora decretada em Inglaterra pelo *Act of Education* de 1870 [Decreto-Lei sobre a educação] e tinha servido como catalisador para a fundação RSCM em Bootle, quando Thomas Kelly, pároco de St. James, previu a necessidade de mais pessoal auxiliar nas escolas. Na Inglaterra e na Irlanda, as RSCM beneficiaram-se da interferência do governo na educação obrigatória; no caso de serem exigidos certificados aos professores das escolas inglesas que recebiam ajuda do governo, as Irmãs destinadas ao ensino nessas escolas precisariam de tempo e apoio para se prepararem de acordo com esses requisitos.

A mudança operada em França pelas Leis Ferry causou apreensão devido ao seu caráter anticlerical e clara intenção de substituir as religiosas nas escolas por professores leigos, que podiam incutir nos seus alunos uma estrutura mental secular, republicana. Embora talvez reconhecendo o perigo dessas mudanças no campo da educação (1904-1906), as Religiosas do Sagrado Coração de Maria responderam à nova situação o melhor que puderam. No seu programa de formação, inseriram um tempo adicional para a educação secular das jovens religiosas francesas, a fim de se prepararem para adquirir o brevet. Reconhecendo que as Irmãs mais velhas, dotadas de sabedoria e anos de experiência, podiam continuar a trabalhar nos Orfanatos com a “carta de obediência”, os superiores destacaram jovens religiosas francesas, com capacidade para adquirirem as credenciais necessárias à continuidade do trabalho no Internato de Béziers.

Em conclusão, a comunidade da Casa Mãe, perante os dois grandes desafios que teve de enfrentar - o arranque das videiras e sua substituição em tempo oportuno e ainda a necessidade de repensar a formação religiosa e secular das jovens religiosas francesas - respondeu com criatividade.

NOTAS

- 1 Para cópias de todos os documentos da segunda aprovação, ver Roma: Arquivos Históricos das RSCM (a seguir referidos como Arq. Hist./ RSCM.), Caixa 18. Pasta 16. Esta lista de números no Instituto não está datada com precisão mas foi provavelmente compilada na Primavera de 1878.
- 2 Nesta cerimónia foram recebidas quatro, incluindo as duas primeiras americanas: M. Madeleine Dallon (#142) e M. François Cunelian (#157). Pelo menos duas noviças fizeram a primeira profissão, sendo uma delas a M. St. Jean Madden (#111), primeira vocação de Lisburn. Ver o Grande Registo de Membros Admitidos. Arq. Hist./ RSCM. Caixa 17. aqui referido como Grande Registo.
- 3 Gailhac a uma religiosa [provavelmente à M. St. Thomas], GS/22/VIII/78/A. 4 Gailhac a uma religiosa [provavelmente à M. St. Liguori], GS/22/VIII/78/B.
- 5 M. St. Basil à M. St. Charles. 19 de Setembro de 1878. Processus apostolicis, súper virtutibus et miraculis in specie servi Dei Joannis Gailhac. 24 vols. (Montisspessulan Beatificationis et Canonizationis. Montpellier: 1955) 3822-3823 (Aqui referido como Proc. ap.)
- 6 Gailhac a um a religiosa, GS/7/X/78/B. 7. Gailhac a uma superiora, GS/7/X/78/C.
- 8 Gailhac à M. St. Raphael Cahill, GS/9/XI/78/A.
- 9 Gailhac à M. St. Eugène Granier, GS/30/XI/78/A.
10. Gailhac à M. St. Basil Davis, GS/22/X/78/A.
11. Gailhac à M. St. Basil Davis,, GS/29/XI/78/A.
12. Procès Verbal de L' Election au Generalat, de la Mère St. Félix, Rome: Arquivos históricos da Congregação das Religiosas do Sagrado Coração de Maria (aqui referido como Arq.Hist7Cong.). Vol. 1I-A. 46. O bispo, três padres e sete irmãs da Casa Mãe (M. Ste. Félicité Sahuquet, M. Ste. Elisabeth Bousquet, M. St. Léon. M. St. Cyrille Dowling, M. St. Grégoire Saint Gaudens, M. St. Paul Mestre e M. St. Félix Maynard) assinaram como testemunhas. Nenhuma das superiores das fundações esteve presente.
13. Ver Rosa do Carmo Sampaio. RSCM. Uma Caminhada na Fé e no Tempo. Vol. 1. Trad. Mary Milligan. RSCM (RSCM. 1992) 72-73.
14. Diverses Notes à Conserver Précieusement (uma transcrição das notas ditadas por Gailhac à M. St. Félix. em várias ocasiões, de Novembro de 1883 a Agosto de 1886; aqui referido como Diverses Notes). Arq.Hist.Cong. Vol. II-D.95. Ver também Proc. ap.. 3098-3100.
15. Ibid.
- 16 Registre des Délibérations du Conseil de la Congrégation des Religieuses du Sacré Coeur de Marie à Béziers. 1879 -1891, Arq .Hist ./RSCM. Caixa 18, Pasta 3. (aqui referido como Délibérations du Conseil.)
- 17 Délibération du Conseil, 6 de Janeiro de 1879.
- 18 Délibération du Conseil, 15 de Janeiro de 1879.
- 19 Délibération du Conseil, 4 de Maio de 1879.
- 20 Ver Copie de la Lettre de demande de l'Approbation de l'Institut à Sa Sainteté Léon XIII, datada de 20 de abril de 1878 e assinada por Gailhac. Arq. Hist./RSCM, Caixa 3. Pasta 8.
- 21 Para cópias destes documentos para a segunda aprovação, ver Arq. Hist./RSCM.. Caixa 18. Pasta 16.
- 22 Ver Kathleen Connell, RSCM. Uma Caminhada na Fé e no Tempo. Vol. 2 (RSCM, 1993), 243-244.
- 23 État de la Congrégation.4 de setembro de 1879. Proc. ap.. 4010-4012
- 24 Carta de Gailhac a Leão XIII, 1 de novembro de 1879, Arq. Hist./Cong., Vol II-A, 44, Ver também Proc. ap., 3446-3448.
- 25 Carta da M. St. Félix e Conselho a Leão XIII. I de novembro de 1879. Arq. HistJCong.. Vo! II-A.43.
- 26 Décretimi de 10 de julho de 1880, Arq. HistJCong.. Vol. II-B2.32.
- 27 Ver M. St. Félix ao Rev. Daume. 20 de agosto de 1880. e Gailhac ao Cardeal Agnozzi. 29 de setembro de 1880. A M. St. Félix copiou à mão cartas oficiais recebidas e enviou em separado Cahier durante o segundo período do seu mandato: Lettres diverses à Conserver dans les Archives de la Communauté. de 1878 a 1889 (a seguir referido como Lettres Diverses). Arq. HistJCong.. Vol. II-D. p. 95.1 Ver também Proc. ap.. 3408-3411.
- 28 Ver Marjorie Keenan. RSCM. // Would Be Impossible To Tell You... Early RSHMs in Rome. Série Especial n.º 2 (Fontes de Vida 1992) 24-25. (a seguir referido como Impossible to Tell.)

29. M. St. Félix. Notas, Arq. Hist/Cong., Vol. VII. 11-12. Estas páginas manuscritas estão contidas es três Cahiers, cada um referente a um período durante o seu segundo mandato como superiora geral. Nas suas Notas. a M. St. Félix apresenta um resumo da recolha que fez dos principais acontecimentos ou crises. Visto que algumas vezes ela escreve muito tempo depois do acontecimento, a sua cronologia e fatos nem sempre são corretos. Estas notas aparecem também datilografadas no Proc. Ap. Ver 1338- 1339.
30. Auge à M. St. Félix. 14 de janeiro de 1882. Proc. ap.. 2104-2107. Numa carta posterior à M. St. Félix, Auge descreveu a sua visita ao bispo de Montpellier que confessou estar desagradoado porque ele, ao nomear um Cardeal Protector para Gailhac, o tinha colocado fora da jurisdição do bispo. Auge alegou que Gailhac nunca teria sequer considerado tal possibilidade e isto acalmou o bispo. Ver Auge a M. St. fSst. I O de Outubro de 1883. Proc. ap., 2114-2116.
31. O melhor resumo desta viagem a Roma pode encontrar-se cm Impossible To Tell. 25-26.
32. Ibid. .27.
33. Auge à M. St. Félix. 4 de junho de 1882. Proc. ap.. 2113.
34. Gailhac às Comunidades, GS/16/XI/82/A.
35. Henri Victor Maynard. John Gailhac: Priest and Founder of the Institute ofthe Sacred Hcart . trad. M. Joseph Rogan. RSCM e Françoise Thérèse Rogan. RSCM (Westminster. Maryland: s&an Classics. Inc.. 1977) 233. (A seguir referido como Maynard.)
36. Gailhac às Comunidades de Portugal. GS/17/V/83/A.
37. Maynard. 233.
38. M. St. Félix. Notas, Proc. ap.. 1340-1341. Para cartas de agradecimento e Natal/Ano Novo, ao Cardeal Hohenlohe. ver carta da M. St. Eugène de 27 de dezembro. Proc. ap., 3433-3434. e carta de Lk. de 24 de dezembro. Proc. ap.. 3438-3439,
39. Impossible to Tell. 36-40.
40. Portugal,. que tinha mais vinhas do que terras de sementeira ou pastagem, também foi atacado pela filoxera desde o início de 1872. na província do Alto Douro. Em 1880, a praga tinha chegado à região de Coimbra. Nos anos 80. Os portugueses tal como os alemães começaram a reconstituir as vinhas, introduzindo em Portugal videiras americanas. Ver Dwight Morrow. "Filoxera em Portugal." Agricultural História 47 (1973) 235-247. Esta praga de filoxera em Portugal não é referida nas fontes RSCM. visto que parece ter tido efeito direto nas comunidades ou escolas RSCM. nas cidades de Porto e Braga..
41. Ver Michel Fournier. "l'Explosion démographique." em Histoire de Béziers. Ed. Jean Sagnes Editions Privai. 1986) 237-239.
42. Michel Fournier, "Béziers no Século dezanove," um documento entregue no simpósio A Dinâmica da Espiritualidade, realizado na Casa Mãe das RSCM em Béziers, 7 de janeiro de 2000.
43. M St. Félix. Notas. Arq. Hist/Cong. .Vol. VII. II.
44. Estes números são calculados a partir dos relatórios financeiros anuais, apresentados todos os anos pela ecônoma, M. St. Jérôme. ao Conselho. Os números tinham então de ser enviados pela Administração para o "Registry Office". de acordo com o Artigo 3 de uma nova Lei promulgada em 28 de dezembro de 1880. sendo calculado um imposto sobre contas; por fim era enviada anualmente, em conformidade com a Lei de 29 dezembro de 1884, uma Declaração ou Inventário de todos os bens sujeitos a imposto. Em França, todas as congregações eram obrigadas a pagar 5% de imposto sobre os seus móveis e imóveis. Para responder a dúvidas das congregações, foi criado um Comité de Jurisconsultes des Congrégations. Ver Dcliberatiuns da Conseil.
45. Ibid.
46. A M St. Cyrille Dowling não participava nas reuniões do Conselho desde julho de 1884: morreu a 12 de junho de 1885. Outro membro do Conselho. M. St. Grégoire Saint Gaudens. morreu a 13 de maio de 1888. Ver Grande Registo # 77 e » 22.
47. Ver Délibérations du Conseil.
48. Claude La Peyre e Alain Roque. Béziers Pas à Pas (Le Coteau: Éditions Horvath. 1984) 47.
49. Sarah A. Curtis. Educatmg the Faithfull: Religion, Schooling and Society in Nineteenth Century France (DeKalb. Illinois: Northern Illinois Uni. Press. 2000) 24.
50. Ibid..
51. Ibid. 89-90.
52. Ibid, 107-109. (Ver também R. C. Sampaio. 91.)
53. Ibid, 109-110.
54. Ibid, 111-113.
55. Ibid, 114-115.

- 56 Marcei Launay, L'Église et L'École en France XIXe-XX e siècles (Paris: Desclée. 1988) 71-91.
- 57 Ver Don Charles Poulet. A History of the Catholic Church, Vol. 2 (St. Louis. Missouri: Herder Book Co., 1935) 466-467.
- 58 Albert Guérard. France: A Short History (London: George Allen and Unwin Ltd.. 1947) 207.
59. Curtis. 115-121.
- 60 R. C. Sampaio. 106. Para uma descrição dos objetivos e programas destas instituições, ver 106-113.
- 61 Gailhac amava estes órfãos e esperava ampliar o orfanato para receber 100 em vez de 30 mas. como muitos dos irmãos saíram, morreram ou foram mobilizados para o serviço militar, não havia funcionários suficientes para continuar a obra. Maynard diz que fechou em 1886. Para mais informação, ver Maynard 55-57,90-92 e Apêndice VI. 273-277,
- 62 M. St. Félix, Notes sur les Orphelinats du SCM11882], Arq. Hist./Cong.. Vol. IV-A. 25. 63 Ibid.
- 64 Ibid.
- 65 Ver M. St. Paul Mestre. Grande Registo # 17.
- 66 Ver M. St. Elisabeth Bousquet. Grande Registo #16.
- 67 Ver Grande Registo #10. #26. #51. #60. #82.
- 68 Ver Cartas da M. St. Paul ao Inspetor das Universidades. 16 de abril de 1887, Arq. Hist./Cong..
- Vol. 1V-A. 84-98. Nesta altura, a M. Ste. Clotilde Bousquet já tinha morrido (1886) e a M. St. Anselm Ribo não estava incluída.
- 69 Talvez haja uma exceção no caso da M. St. Anselme Ribo, pois uma antiga órfã. Soeur Adelaide Bousquet. recorda que em setembro de 1897, todos os Orfanatos foram colocados sob a direcção da M. St. Anselme. Se isto for verdade, ela deve ter precisado das respectivas credenciais. Ver Arq. Hist./Cong.. Vol.4-A.26.
- 70 Quando Rosa do Carmo Sampaio afirma que "já nessa altura, as religiosas que ensinavam no Internato tinham os diplomas necessários e apenas três delas possuíam 'a carta de obediência,' não se refere aos anos 60 mas a um período posterior. Ver Rosa C. Sampaio. 111-112. Para mais informação sobre a origem geográfica e social das internas, sua educação e instrução, e sobre as mestras do Internato, ver Louis Secondy. "The Pensionnai of the Religious of the Sacred Heart of Mary. Béziers. from 1851 a 1973." documento não publicado, entregue no simpósio 4 Dinâmica de uma Espiritualidade, realizado na Casa Mãe em Béziers. a 7 de janeiro de 2000.
- 71 [Mlle. Claire Viales] . "Mère Saint Charles MacMullen ." Arq. Hist./Cong.. Vol. II-D, 9. Ver também "Souvenirs sur le Pensionnai," Arq.Hist./Cong., Vol. IV-A. 65.
- 72 "Souvenirs sur le PensionnatF Arq.Hist JCong... Vol. IV-A. 65.
- 73 Ver a sua correspondência com o Presidente da Câmara de Béziers. abril de 1887. Arq.Hist. Cong..Vol. IV-A. 108-109.
- 74 Ver Registre du personnel enseignant au Pensionnai du SCM Béziers, Arq. HisUCong., Vol. IV- A.65
- 75 Ver Secondy. Ao estudar o pessoal docente do Internato em 1903-1904,o autor refere que as professoras de línguas, música e arte eram estrangeiras. Uma análise dos nomes legais, que ele apresenta, e do Grande Registo das RSCM. indica que essas mulheres eram todas religiosas: Professora de Inglês (M. Ste. Philomene Banim). Professora de Alemão (M. Esperance Dieiz). Professora de Pintura (M Ferdinand de Pavia).e Professoras de Música (M. Ephren Power. M. Assomption de Brito,e M. Aloysii Hoey).
- 76 Há referência a oito: três em Bootle (Sr. Ste. Melanie Condoyer, Sr. Ste. Rosalie Alvemhe Sr. Ste. Epiphane Sales), uma em Ferrybank (Sr. Ste. Anne Combes). uma em Portugal (Sr. Ste. Jui Romieu). uma em Lisbur (Sr. Ste. Sophie Alvemhe) e duas em Sag Harbor (Sr. Ste. Honorinc Julien Sr. Ste. Emily Rony). Relativamente à maior parte, religiosas francesas, tanto de coro como coadjuvora permaneceram em França, pois o seu número não aumentava como o das irlandesas e portuguesas.
- 77 O número de horas que as órfãs podiam trabalhar estava rigorosamente regulamentado pela L de 2 de novembro de 1892. Ver Arq. Hist./Cong.. Vol. IV-A, 25
- 78 Ver Maynard. Apêndice 7.277-278. Ver também R.C. Sampaio. 114-115. Como os números desciam gradualmente, e elas estavam cada vez mais conscientes de que as suas regras, e de modo especial a prática de fazer votos anuais, as tomava diferentes das irmãs coadjuvadoras do Instituto, falaram com bispo e com a M. Ste. Constance, superiora geral. Após um breve período de formação, dezenove, muitas das quais tinham sido Irmãs Oblatas durante mais de trinta anos, foram admitidas à primeira profissão como Religiosas do Sagrado Coração de Maria, a 24 de outubro de 1908. A maior parte delas fez a profissão perétua no ano seguinte.

79. Depoimento de uma testemunha #22 [provavelmente Sr. Adelaide Bousquet], Proc. ap.. 2597-2598 e 2611-2612.
80. M. St. Félix ao Dr. Butler. 21 de dezembro de 1887. Proc. ap.. 3385-3386.
81. Ver Eigenmann à M. St. Félix, 23 de junho de 1889, Arq. Hist./Cong., II-F, 179.
82. M. St. Félix ao Père Michel. 12 de maio de 1887 e 12 de outubro de 1888. Proc. ap.. 3393-3397.
83. M. St. Félix à Reverenda Madre (anónima), 28 de abril de 1888. Proc. ap., 3389-3391. Não há certeza de que tenha havido resposta a este pedido.
84. M. St. Félix ao Padre Superior da Grande Chartreuse. 23 de junho de 1886. Proc. ap.. 3401-3403.
85. M. St. Félix ao Padre Superior da Grande Chartreuse. 5 de fevereiro de 1887. Proc. ap.. 3403- 3404. Ela escreve a agradecer-lhe o seu contributo a 13 de fevereiro de 1887. Proc. ap., 3405-3406.
86. Diverses Notes, maio de 1884. Proc. ap.. 3101-3102.

FUNDAÇÃO E PRIMEIROS ANOS EM FERRYBANK

Para a M. St. Féli, era uma prioridade urgente terminar o novo convento em Ferrybank, perto de Waterford na Irlanda, projeto que a sua antecessora deixou inacabado. Em 1875, o Padre Joseph Dunphy, na altura novo administrador da vizinha paróquia de Slieverue, tinha convidado a M. St. Croix e a M. St. Charles MacMullen a visitar Ferrybank, a fim de aí darem início a uma fundação RSCM. Embora muito interessada no projeto, a superiora geral teve de recusar a oferta formal do bispo em maio de 1876, devido às dificuldades financeiras que o Instituto experimentava na altura. Quando o convite foi renovado em setembro de 1877, ela hesitou mais uma vez. Não se percebe muito bem a razão pela qual os superiores maiores esperaram de setembro a dezembro de 1877 para deixarem entrever uma resposta, sobretudo porque o Instituto acalentava a esperança de fazer uma fundação na diocese de Ossory, desde 1869, altura em que a pequena comunidade destinada a Callan tinha sido recusada.

Logo que a M. St. Croix teve possibilidade de responder afirmativamente, os seus contatos com o Padre Dunphy expressavam grande entusiasmo e sentido de urgência, como se pode verificar na carta que lhe dirigiu: “Todas as decepções que temos tido nesta área [primeiras tentativas de nos fixarmos na diocese de Ossory] aumentaram a nossa ansiedade mas esperamos que o nosso êxito seja proporcional ao tempo em que as nossas esperanças foram retardadas”. Infelizmente, a M. St. Croix já não vivia quando a fundação foi inaugurada.¹

Apesar da morte da M. St. Croix, as negociações para a construção do convento em Ferrybank continuaram e o Padre Joseph Dunphy retomou a sua correspondência com a M. St. Charles MacMullen e a M. St. Félix Maynard, descrevendo todas as fases da construção.² Ele esperava que John Walker, arquiteto e construtor, conseguisse terminar o edifício na altura da Páscoa de 1879. Deslumbrado quando chegou ao novo convento em Ferrybank, o padre Dunphy disse à M. St. Charles que devia ser “o convento mais bonito da Europa” e esperava que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria “fizessem dele uma das suas casas principais e abrissem aí um noviciado”.³

Embora o Padre Dunphy contatasse muitas vezes com a M. St. Charles, visto que podia ser facilmente entendido em inglês, foi com muita prontidão e exuberância que escreveu à M. St. Félix, felicitando-a pela sua eleição como superiora geral: "Recordo perfeitamente a sua ascética atitude e espero ter de novo a honra de beijar a sua mão, na ilha da esmeralda". Depois, pedindo a Deus que o "reinado" da M. St. Félix fosse longo e fecundo, o Padre Dunphy acrescentava: "Penso que o seu primeiro exercício de autoridade será tornar Ferrybank a mãe de todas as casas e transferir a sede do seu governo para este local encantador, nesta ilha abençoada... Quando se vê Ferrybank, dificilmente se volta a [Béziers!]"⁴

A Igreja irlandesa estava, nessa altura, preocupada com a mudança de autoridade, pois o Cardeal Arcebispo de Dublin, Paul Cardinal Cullen, tinha morrido em novembro de 1878. O clero da província eclesiástica de Dublin (que incluía as dioceses de Dublin, Kildare e Leighlin, Ferns e Ossory) reuniu-se, como era habitual, para sugerir a Roma três possíveis sucessores. Embora Edward McCabe, nomeado bispo auxiliar do falecido cardeal em 1877, fosse a primeira escolha, o segundo da lista era o bispo de Ossory, Patrick Francis Moran. Primo e protegido do falecido cardeal, o bispo Moran era o favorito nos círculos romanos. Tinha sido preparado no Colégio Irlandês em Roma, onde foi vice-reitor durante dez anos, e era amigo do atual e influente reitor, Tobias Kirby. Mais importante ainda, era conhecido e apreciado pelo novo Papa, Leão XIII, preferido pela Congregação para a Propagação da Fé;⁵ e fortemente ultramontano. Havia muito a seu favor, sem dúvida, mas Roma demorou a fazer a escolha. Só perto do final de março de 1879 Leão XIII decidiu aceitar o irresistível voto do clero de Dublin e o relatório unânime de outros bispos irlandeses que indicavam o Bispo McCabe para a Sé de Dublin.⁶

Importa dizer que, desde novembro de 1878 até finais de março de 1879, tanto o bispo de Ossory como o administrador da paróquia de Slieverue estavam preocupados com a sua "política" interna, mas o padre Dunphy nunca se referiu a isso nas suas cartas para Béziers, nem vacilou a sua dedicação ao progresso do convento de Ferrybank. Cem anos após a abertura do colégio, era ainda recordado pelo seu contributo:

O Padre Dunphy exercia uma vigilância apertada sobre os trabalhadores: estabelecia os horários de entrada e saída, fazia os pagamentos, encorajava e reprendia-os sucessiva e constantemente e recomendava-lhes que não perdessem tempo. Era também o intermediário nas negociações financeiras entre os superiores maiores e o Sr. Walker. A regularidade dos seus relatórios escritos, a atenção ao pormenor e a todas as necessidades reais

*bem como a sua persistente energia, são extraordinárias especialmente tendo em conta o fato de o seu presbitério ficar a mais de três milhas do local.*⁷

A educação dos pobres - uma prioridade

Tanto o Bispo Moran como o Padre Dunphy estavam conscientes da extrema necessidade de uma educação gratuita na área de Ferrybank onde, mesmo nos tempos mais favoráveis, o desemprego era elevado. Além disso, devido à portagem na ponte para Waterford City, as crianças da área de Ferrybank não tinham possibilidade de se beneficiar das igrejas e escolas daquela cidade. A igreja paroquial de Slieverue, que o Padre Dunphy administrava em nome do velho pároco, Padre John Walsh, ficava a duas milhas de Ferrybank. Então alguns homens daquela zona pediram e receberam autorização do bispo de Ossory para terem a celebração da Missa na sala de uma casa particular. Mais tarde, foi comprado um terreno em Ferrybank e construída a Capela de Ease. A única escola em Slieverue, um minúsculo e miserável edifício construído no cemitério, era frequentada apenas pelas crianças que moravam perto. Um grupo protestante chamado Kildare-Street Society tinha construído uma escola no centro da povoação mas os padres e as pessoas interpretaram essa mudança uma tentativa de enfraquecer a fé católica das crianças, e afastaram os “souters”.⁸ A partir dessa altura, o Padre Dunphy e o Bispo Moran ficaram vencidos de que devia ser construída uma escola para crianças pobres na área de Ferrybank.⁹

Desde o início, tinha ficado claro que o padre Dunphy e o bispo encaravam a possibilidade de as RSCM dirigirem estas escolas para crianças pobres. Ao aceitar o pedido para esta missão em Ferrybank, a M. Ste. Croix escreveu:

*O nosso bom pai ficará feliz por lhe enviar uma comunidade de Irmãs nossas, que se encarregará da educação e instrução dos pobres da localidade; as Irmãs irão dar catequese ao domingo a crianças e adultos e aulas à noite, se for necessário. Nessas escolas, especialmente destinadas a jovens, também poderão ensinar costura.*¹⁰

No início de dezembro de 1878, o Padre Dunphy informava a M. St. js: “Temos a mais linda escola construída para os pobres, que estão agora ansiosos pelas Irmãs”.¹¹ Inicialmente, as escolas não deveriam abrir antes da primavera de 1879; mais tarde, porém, foi decidido abri-las em janeiro sob a

orientação temporária de duas professoras leigas. A mais velha era Elizabeth O'Connell, uma senhora de cinquenta e muitos anos de idade e quase quarenta de experiência docente; ensinava as crianças mais velhas nas Classes I-VI. A mais nova era Kate M. O'Connell. Apesar do apelido, não havia qualquer parentesco entre ela e a Elizabeth mas, segundo a tradição RSCM, tinha um certo parentesco com o Padre Dunphy. Estava oficialmente reconhecida pelo Conselho de Educação desde 1865 e assumia agora a responsabilidade pela Escola Infantil. No primeiro período, inscreveram-se vinte e seis meninas e vinte e dois rapazes.¹²

Estas escolas para os pobres - uma escola infantil e uma escola para as classes de I-VI - faziam parte do sistema da National School, estabelecido na Irlanda em 1831. Uma National School podia pedir ao governo apoio financeiro para suportar os salários, encargos, gratificações, livros e outras necessidades, se a escola preenchesse os requisitos estabelecidos pelo sistema de Educação Nacional, que consistia em:

*... dar moral e literatura associadas e libertar a instrução religiosa das crianças de toda e qualquer influência, de acordo com o princípio fundamental de que não deve ser feita qualquer tentativa de interferência nas convicções religiosas particulares dos alunos cristãos.*¹³

Em consequência, a sala de aula não podia ser usada para conferências ou reuniões políticas de qualquer espécie e não eram permitidos símbolos políticos nem emblemas identificativos. Devia haver pelo menos quatro horas por dia de disciplinas seculares e meia hora de recreio cinco dias por semana; a instrução religiosa, de acordo com o estabelecido com pais ou tutores, devia ser ministrada depois da instrução moral e literária associadas. Um gestor local, pessoa encarregada da administração da escola, era nomeado pelos Comissários.¹⁴ No caso das escolas de Ferrybank, o Padre Dunphy foi nomeado gestor.

Alguns meses depois da abertura da escola, Elizabeth O'Connell e Kate O'Connell participaram num encontro em Waterford, para professores National School. A cobertura deste encontro, feita pela comunicação social, mostrava claramente como eram difíceis as condições para professores leigos na Irlanda, no século dezenove. Com o apoio do bispo de Waterford e o Presidente da Câmara da cidade, que presidia ao encontro, os professores reuniram-se para pedir ao governo mudanças no sistema. O repórter do jornal Waterford Daily Mail resumia assim as "queixas" dos professores: "Os salários dos professores são miseravelmente pequenos. Em muitos casos, não têm residências e não se tomam medidas para lhes assegurar o futuro".¹⁵ Os professores desco-

briram que, de acordo com um relatório, o salário médio anual de um professor em Inglaterra e País de Gales era de £115.7s.2d, na Escócia £135.6s.3d, e na Irlanda £66 para os professores e £55 para as professoras. Mais tarde, foi estabelecido que o pagamento anual dos professores mais qualificados na Irlanda fosse £58 e o das professoras em iguais condições fosse £48 (ou seja, menos do que £1 por semana). O professor com menor remuneração recebia £32 anuais e a professora menos remunerada recebia £25. De acordo com o repórter, um dos participantes fez então um discurso apaixonado:

Como pode uma classe de funcionários públicos cujos vencimentos semanais variam entre 10s a 22s. aos quais, em muitos casos, não é facultada residência e que têm de percorrer milhas, sejam quais forem as condições atmosféricas, até às suas escolas, e cujos parcos salários não lhes permitem poupar para o futuro, vendo-se forçados a esperar com ansiedade pelo trabalho doméstico como refúgio para quando começarem a envelhecer, pergunto: como podem eles, nestas condições, privados de conforto no presente e falta de esperança no futuro, cumprir com eficiência os árduos deveres da sua profissão? E o resultado é que as próximas gerações e o país sairão derrotados devido aos salários insuficientes, pagos a uma classe de trabalhadores públicos muito digna e meritória.¹⁶

Quase no fim do encontro, os professores da National School redigiram moções que foram enviadas para Westminster, pedindo remunerações adequadas pelos seus serviços, através de um aumento de salários, pensões que “satisfizessem generosamente os professores cansados e de idade avançada”, e residências para os mais de 80 por cento dos professores que as não tinham.¹⁷ Apesar disso, nessa altura, muitos professores leigos continuavam a educar as crianças, apesar das condições desafiadoras. A pouca força das suas petições deve ter agravado a situação para Elizabeth O'Connell e Kate O'Connell.

O resto do mês de janeiro de 1879 apresentava-se relativamente pobre de acontecimentos na cidade de Waterford. O jornal Waterford Daily Mail anunciou que as Irmãs da Caridade tinham organizado um bazar em Town Hall para ajudar os pobres.¹⁸ e a Escola dos Irmãos Cristãos organizara também um bazar, duas semanas depois.¹⁹ Tinha havido uma representação da “Cabana do Pai Tomás” por “um numeroso grupo de escravos negros libertos”.²⁰ O jornal noticiava também que um médico americano de Chicago anunciara ter encontrado a cura para o alcoolismo - uma mistura de Red Peruvian Bark que, quando administrado em doses progressivas, produzia uma permanente aversão ao álcool.²¹

Incêndio suspeito destrói o edifício de Ferrybank

A edição do jornal de 29 de janeiro abria com este título chocante: “Incêndio destrói o Convento de Monte Sião, Ferrybank”²². Segundo o jornal Waterford Daily Mail, às 2h30 da manhã de terça-feira, 28 de janeiro, deflagrou um incêndio no convento, deixando-o “completamente em ruínas”. O incêndio, que seguramente tinha sido posto visto que lavrava em várias salas contíguas, foi descoberto por dois trabalhadores e pelo segurança, George Walker, irmão do arquiteto, que dormia no edifício. A polícia e os soldados do 38º Regimento chegaram com o seu equipamento para combater o fogo. A ala ocidental, separada do resto da obra em madeira, não foi atingida mas os telhados do edifício central e a ala norte ruíram estrondosamente.²³

O Padre Dunphy escreveu imediatamente à M. St. Félix, tentando minimizar a desastrosa notícia: “Há um ligeiro atraso no acabamento das obras do edifício do nosso novo convento; a noite passada, parte dele foi maldosamente incendiada, tendo ficado a ala oriental e a frente totalmente destruídas”. Segundo o Padre Dunphy, o fogo foi um ato de vingança de um estucador, John Harrington of Tramore, despedido alguns dias antes, mas que tinha continuado a circundar o edifício. O Padre Dunphy já o tinha despedido em duas ocasiões; como ele continuava a provocar distúrbios, o segurança George Walker chamou a polícia para o levar. Mais tarde, Harrington voltou à cidade e entrou num bar onde fez ameaças contra o segurança e o convento. O Padre Dunphy, que tinha enviado esta notícia às comunidades de Lisburn e Bootle, confidenciou à M. St. Félix: “Estou num terrível estado de inquietação e nervosismo por causa deste incêndio; a vida quase me fugiu quando ouvi e vi o estado da obra pela qual eu me tinha regozijado umas horas antes”.²⁴

Na semana seguinte, o Padre Dunphy escreveu para Béziers transmitindo a opinião do Bispo Moran sobre a calamidade: “... Deus tinha destinado a boa comunidade para grandes obras naquela missão, quando o diabólico inimigo levantou contra ela tão grande fúria”²⁵. As comunidade de Lisburn e Bootle, nas suas cartas de apoio ao Padre Dunphy, expressavam sentimentos idênticos. Mas tarde, o bispo escreveu ao Padre Dunphy a animá-lo com a esperança de que “o atraso iria permitir que os superiores preparassem uma boa equipe destinada ao novo convento, para que as escolas pudesser ser dirigidas da forma mais eficiente”²⁶. O Padre Dunphy manifestava uma visão diferente: “Chego à conclusão de que nos orgulhávamos dela demasiado, encarando-a como obra nossa, mas Deus interpos-se e provou-nos que era Sua. Estamos certos de que, agora, iremos olhar para as obras de restauro como obra Sua e não nossa”²⁷.

O arquiteto estava otimista relativamente à conclusão das obras a tempo de estarem prontas para a abertura do convento, em setembro de 1879. Baseava-se no seguinte: na Audiência de Waterford City, em 2 de fevereiro, a decisão dos jurados foi no sentido de que a acusação contra John Harrington era consistente, pelo que o suspeito tinha voltado para a prisão a aguardar julgamento. Isto parecia indicar que o tribunal acreditava que o incêndio tinha sido provocado por maldade. Nesse caso, não só John Walker iria receber £1,000 da companhia de seguros, mas esperava-se também que os contribuintes participassem com uma compensação para o prejuízo, inicialmente avaliado em £2,500. Contudo, o assunto não iria ser resolvido facilmente. O convento e as suas futuras ocupantes tornaram-se, involuntariamente, o alvo da controvérsia ainda antes de se fixarem em Ferrybank.

O jornal Waterford Daily Mail rapidamente lembrou aos seus leitores de Waterford que, em virtude de as instalações do convento ficarem a cem jardas do Condado de Waterford e a uma milha de parte do Condado de Kilkenny, o juiz podia, de acordo com a Lei do Grande Júri, dividir parte dos custos de compensação entre os dois condados e a cidade de Waterford. Efetivamente, o jornal, consciente dos interesses financeiros dos seus leitores, começou a insinuar que o fogo poderia não ter sido posto intencionalmente. Aplaudiu a decisão do Grande Júri do Condado quando este, na sua reunião de maio, anulou a acusação contra Harrington. Segundo o mesmo jornal, “foi virtualmente provado que este coletivo tão inteligente considerou-o [o incêndio] acidental”. A indenização, agora reduzida das £2,500 iniciais para £1,200, seria suportada pelos contribuintes unicamente no caso de se provar que o incêndio tinha sido criminoso. O jornal dava a sua inequívoca opinião: “A única pessoa implicada é Harrington, mas todos os testemunhos contra ele não passam de umas tantas palavras irrefletidas, pronunciadas num momento de emoção”²⁸.

O caso foi então apresentado ao Grande Júri da Cidade [de Waterford] em julho de 1879. Contrariamente à decisão do Grande Júri do Condado, treze membros do Grande Júri da Cidade consideravam que o incêndio tinha sido criminoso, quatro consideravam-no acidental e seis não votaram. O advogado do Condado respondeu prontamente, argumentando do seguinte modo: uma vez que a cidade o tinha considerado criminoso, os seus contribuintes deviam assumir a responsabilidade total pela indenização pedida de £1,200. O caso provocou uma divergência de opinião entre os dois jornais da cidade – Waterford News e General Advertiser – e insinuava um preconceito religioso contra o convento. Estes jornais atacaram os “conhecidos antecedentes Tory” de um colunista, Mr. Joe Fisher, que causava surpresa em “qualquer pessoa respei-

tável" de Waterford, escrevendo artigos [presumivelmente no Waterford Daily Mail] em oposição aos justos pedidos do convento. Foi mesmo tão longe que até acusava os quatro Jurados Protestantes do Grande Júri da Cidade de desrespeito ao dever, ao votarem pela indenização. E argumentava: "Se dois dos protestantes que votaram a favor tivessem votado de forma diferente, o caso teria caído porque não tinha sido um júri completo de doze a favor". Os jornais Waterford News e General Advertiser, pelo contrário, eram a favor da indenização às pobres freiras francesas, cuja casa fora maldosamente incendiada ainda antes de lhe porem a vista em cima".²⁹ Por fim, o arquiteto John Walker cobrou os £1.000 do seguro e £1.200 de indenização mas, segundo o Padre Dunphy, perdeu aproximadamente £500 no incêndio e em custas legais.³⁰

Os preparativos continuam

Em finais de fevereiro, o entusiasmo do Padre Dunphy estava completamente revigorado. Ao escrever à M. St. Félix sobre a localização do convento, descrevia o Rio Suir como "o rio mais bonito dos três reinos... conhecido como 'Reno Irlandês'" e, indiretamente, citava uma frase do bispo: "O senhor bem merece um grupo de professores muito eficientes, pois há mais pessoas a olhar para este convento e a falar dele do que para qualquer outro na Irlanda".³¹

Em março de 1879, com o avanço da construção antes da data prevista, o Padre Dunphy pediu à M. St. Félix que enviasse três ou quatro Irmãs, mais cedo, a meio do verão, a fim de prepararem a escola para setembro.³² Entretanto, ia prevendo todas as necessidades de ordem prática que o convento poderia ter. Informou-se acerca dos preços das camas de ferro, secretárias e pianos; autorizou reparações no muro exterior, pois havia "cabras, galináceos, burros e pessoas que costumavam atravessar aquela pequena cancela": propôs a compra ou arrendamento de um terreno situado ao longo do convento, que recentemente tinha ficado disponível, e fez todas as diligências para que as Irmãs e as crianças tivessem novos bancos para se sentarem na igreja de Ferrybank. "Bem, deveremos fazer uma abertura solene, condizente com o significado do momento" - dizia ele numa carta para a superiora geral.³³ Numa carta para a M. St. Eugène, dizia: "Ele [Mr. Walker] espera ter esta obra totalmente concluída no fim de julho; portanto, preparem-se para estarem aqui nessa altura".³⁴ Interrogamo-nos como é que o seu convite à superiora de Bootle terá sido traduzido para francês!

Em meados de junho, a M. St. Félix recebeu uma carta de Charles Lynch, pai de M. Annunciation Lynch, uma jovem RSCM irlandesa. Mr. Lynch queria saber quais os arranjos exteriores necessários para completar o convento de Ferrybank. Salientava o entusiasmo do Padre Dunphy relativamente ao edifício e descrevia a impressão com que tinha ficado:

*A Irlanda pode estar cheia de grandes conventos, mas, pela pureza de estilo, originalidade do desenho, harmonia de proporções, beleza de materiais e acabamentos, o convento de Ferrybank ultrapassa-os. É uma preciosidade para a cidade de Waterfor, um convento de que a comunidade de Béziers se pode muito bem orgulhar. E, neste século XIX, animado pelo mesmo espírito de fé que edificou as estruturas, suscitará a admiração de espíritos cultos e incultos.*³⁵

No mês de julho, o Padre Dunphy começou a incentivar as Irmãs de Béziers no sentido de prepararem um prospecto e estabelecerem a anuidade, para que a informação sobre a escola começasse a circular. Aconselhava assim a M. St. Félix: “Tentem não ser excessivas na anuidade para não afastarem as pessoas; as Ursulinas têm tido bastantes problemas devido aos preços demasiado elevados e as pessoas de Waterford estão desagradadas com elas”³⁶. A notícia de abertura da escola apareceu nos jornais Waterford News e General Advertiser, desde o fim de julho até 19 de setembro de 1879. O Padre Dunphy tinha colocado anúncios em dois jornais de Waterford, em três de Dublin, um de Cork, um de Kilkenny e em dois da Inglaterra. Nos prospectos, a escola era designada por “St. Joseph’s Convent – Ferrybank, Waterford”. O Padre Dunphy tentou explicar aos superiores maiores, desapontados, que ao mudar o nome de “Mount Sion Convent” pensou dar à escola o nome do seu patrono, visto que St. Mary’s era o nome do Convento Ursulino em Waterford³⁷. A resposta dos superiores foi imediata e, no início de agosto, o Padre Dunphy escrevia-lhes, dizendo: “Mudarei o nome como sugerem, ou seja, Convent of the Sacred Heart of Mary – Ferrybank”³⁸.

As anuidades estabelecidas eram 20 guinéus [antiga moeda britânica] anuais para as alunas internas (extras não incluídos), ou 25 guinéus anuais (todos os extras incluídos). Os preços para as alunas externas eram ligeiramente mais baixos do que na “Ursuline St. Anne’s Day School: £1 por trimestre (extras não incluídos) ou £1,10 por trimestre (todos os extras incluídos). Os pedidos de admissão deviam ser dirigidos ao Reverend Joseph Dunphy, administrador de Slieverue, Waterford, e posteriormente à superiora da escola³⁹. A acompanhar os prospectos, ia uma grande carta escrita pelo Padre Dunphy que,

em termos elogiosos, descrevia a localização do convento, a respectiva planta e a área ocupada pelo edifício. Sobre o pessoal, dizia:

As Irmãs do Sagrado Coração de Maria vão tomar posse desta nova e encantadora casa, dentro de um mês, e vão dedicar-se à educação de jovens, missão em que têm sido bem-sucedidas nos continentes europeu e americano. Parte da comunidade é constituída por irmãs naturais da Irlanda, de esmerada educação e em todos os aspetos que se possa desejar, dedicadas à instrução e educação das nossas queridas crianças.⁴⁰

Nessa altura, o Padre Dunphy começou a pedir aos superiores maiores que autorizassem a M. St. Charles a dar início à fundação e a fazer todos os preparativos necessários, e justificava: “Eu não sou muito bom nestas coisas mas darei todo o apoio que puder”.⁴¹ Fez este pedido pelo menos quatro vezes. Em 19 de agosto, escrevia à M. St. Félix:

Espero que, não só pelo convento mas por todas as razões, nos vai enviar o melhor grupo [de Irmãs] que tiver, acompanhadas pela M. St. Charles para as orientar, se não para sempre pelo menos por algum tempo. Precisamos mesmo dela para preparar o local e ser a pessoa de contacto com os estrangeiros e as visitas que vierem para as Irmãs, pois será através da representante da comunidade que vão formar a sua opinião acerca desta.⁴²

Só pouco antes da chegada das Irmãs é que o Padre Dunphy ficou a saber a identidade da superiora do convento de Ferrybank: M. St. Alphonsus Keane, de County Mayo.

Não há dúvida que os superiores maiores apreciaram o trabalho que o Padre Dunphy tinha feito no sentido de preparar o caminho para a chegada das RSCM a Ferrybank. Pouco depois da sua chegada, e na qualidade de administrador da paróquia de Slieverue em 1875, ele encorajou o Instituto a dar início a uma fundação e ficou eufórico quando, a 1 de dezembro de 1877, a M. St. Croix lhe escreveu aceitando a sua proposta. A partir dessa altura, foi um amigo precioso do Instituto, cumprindo fielmente a promessa feita anteriormente à M. St. Félix: “Seguirei as suas instruções, e cem vezes mais se assim o desejar”.⁴³ Assim, foi com sincera gratidão que Gailhac lhe escreveu uma grande carta, a menos de um mês da chegada da comunidade fundadora. Com grande delicadeza, Gailhac lembrava ao padre Dunphy a necessidade de prudência e limites:

Béziers. 18 de agosto de 1879.

Meu venerando e muito querido padre!

Dentro de poucos dias irá receber um grupo das nossas queridas filhas. Seja para elas um pai, como eu o sou. Estou feliz por lhas confiar. Sei que elas não ficarão órfãs. Sei o que o coração de Deus colocou no seu. Conheço a sua dedicação. Elas irão encontrar em si tudo o que têm no seu velho pai e estou certo de que me ultrapassará.

Permita-me que lhe diga, querido Padre, o que um bondoso sacerdote me disse quando iniciei as obras do Deus Todo-Poderoso: “Honre e venere todos os padres mas tenha cuidado e não permita que se familiarizem demasiado com as suas religiosas”. O Bispo de Liverpool tinha entendido tão bem a importância deste princípio que proibira todos os padres de visitarem o convento sem serem acompanhados pelo próprio pároco.

As religiosas são como flores que não aguentam uma luz demasiado forte: os raios do sol matam-nas. Meu venerando e amado irmão, permita-me que lhe dê este nome e lhe fale como se falasse comigo próprio. Quero que as minhas queridas filhas tenham uma vida recatada [...] mas que as suas obras e atividades sejam visíveis. Uma vida escondida faz maravilhas. Quanto mais escondida for a vida de cada uma, mais capazes serão para desempenhar toda a espécie de trabalhos.

Mas que faço eu? Sabe mais sobre este assunto do que eu próprio. Estou certo de que, ao pedir as minhas filhas para Ferrybank, deve ter dito diante de Deus: elas serão a minha família, as minhas filhas. Enquanto Deus quiser que eu viva, cuidarei delas. Tudo farei para que sejam santas e trabalhem com energia e constância pela salvação das almas. Após a minha morte, continuarei a protegê-las e, no céu, serei seu protetor.

Permita-me que lhe diga, querido Padre e amigo, sou com grande estima e do fundo do meu coração.

Seu dedicado servo, Gailhac Sup.⁴⁴

O significado da carta de Gailhac não passou despercebido ao Padre Dunphy. Todavia, o seu entusiasmo não esmoreceu e, quando voltou a escrever ao Fundador, assegurava-lhe que a sua confiança nele não seria defraudada. Escrevendo indiretamente a Gailhac, em virtude da diferença de línguas, o Padre Dunphy pedia à M. St. Félix:

Diga ao Rev. Padre que estou muito grato pelo seu paternal, sábio e divinamente inspirado conselho, que irei ter em conta todas as suas palavras e que as irei ler frequentemente em sua memória e para minha aprendizagem. Enquanto Deus me conservar aqui entre as suas filhas, irei cuidar

*delas como suas e de Deus e aproximar-me-ei delas com reverência e sentimentos paternais de respeito e estima, pois os seus interesses e os meus serão idênticos - a honra e glória de Deus, a nossa mútua edificação e santificação...*⁴⁵

Chegada da comunidade fundadora a Ferrybank

As Religiosas do Sagrado Coração de Maria, escolhidas para serem as fundadoras do convento em Ferrybank, deixaram Bootle na manhã de 15 de setembro de 1879. Eram três religiosas professoras de coro (a superiora, M. St. Alphonsus Keane, M. Gabriel Drumgoole e M. Stanislaus Myam), duas religiosas professoras coadjuvadoras (Sr. Ste. Anne Combes e Sr. Margaret Mary Kavanagh) e quatro noviças (M. Gertrude Corrigan, M. Presentation Maguire, Marie Ange O'Sullivan e M. Nativity Healy). As nove entraram no barco a vapor, o Reginald, da Companhia de Navegação a Vapor de Waterford, às 9h00 da manhã. A autora anônima de *Les Annales du Couvent du Sacré Coeur de Marie, Ferrybank*, descreve a travessia de vinte horas, a partir de Liverpool, e a amabilidade do capitão do barco, Mr. Coffey, que jantou com elas e prometeu matricular a sua filha na escola.⁴⁶

O Padre Dunphy tinha feito os preparativos para elas ficarem a bordo, das 5h00 da manhã, hora prevista para o barco entrar em Suir, até às 7h00, para poderem ver todo o edifício na melhor perspectiva, ao nascer do dia. O Padre Dunphy escreveu à M. St. Félix no dia a seguir à chegada das Irmãs:

*O barco atracou frente ao convento e, do convés, puderam vê-lo desde a base até à chaminé. Como Moisés no Nebo, tiveram aqui a sua primeira visão da "terra prometida". Fui a bordo dar-lhes as boas-vindas à 'urbs intacta' e à terra onde corre leite e mel.*⁴⁷

O Padre Dunphy, cheio de entusiasmo por ter as RSCM em Ferrybank, nem falou aos superiores maiores sobre as dificuldades por que toda a Irlanda estava a passar. Tinha havido duas más colheitas sucessivas, após um inverno e primavera [1878-1879] particularmente frios e úmidos. A correspondência dos bispos irlandeses com Tobias Kirby, reitor do Colégio Irlandês em Roma, em resposta a um pedido de apoio financeiro especial dirigido ao papa, descrevia uma "terra prometida" muito diferente. Alguns exemplos de diversas regiões da Irlanda são suficientes para o confirmar:

“Na Irlanda, o tempo tem estado e está ainda muito frio; a colheita vai ser mais tarde devido ao frio e à chuva contínua”. (Bispo de Derry)

“O nosso clima é muito desfavorável, a chuva é quase contínua. Se tivermos outra má colheita, as nossas esperanças cairão por terra e o nosso povo será obrigado a deixar o país”. (Bispo de Kerry)

“Desde os anos da fome, as perspectivas deste país nunca foram tão desanimadoras. De um extremo ao outro do país, há um apelo a uma redução da renda, ao que se seguirá - penso eu - o grito de angústia e de fome quando o inverno chegar”. (Bispo de Limerick)

“Não me lembro de alguma vez ter visto na diocese tamanha baixa no comércio e uma situação de pobreza tão generalizada nas classes da agricultura e da pastorícia”. (Bispo de Meath)

“Temo que estejamos na iminência de uma fome na Irlanda, no próximo ano. Que seja feita a vontade de Deus”. (Bispo de Down e Connor)

A avaliação do Bispo de Waterford era semelhante: “Este é um ano de uma crise sem precedentes em toda a Irlanda, na cidade e na província. Desde o tempo da fome, nunca tinha havido tanto desânimo entre todas as classes como atualmente.”⁴⁸

Apesar de todas as terríveis previsões, havia sinais de esperança. Em primeiro lugar, a crise agrária deu origem à emergência de uma nova liderança, na pessoa de Michael Davitt que, ao fundar a Land League, mobilizou os pobres para protestarem “contra” e boicotarem os proprietários das terras que ameaçavam os rendeiros com a expulsão. Os irlandeses estavam decididos a não repetir a emigração massiva de 1847. As dificuldades sofridas pelos pobres na Irlanda também convenceram Davitt a trabalhar no sentido de unir o poder político do Partido do Parlamento Irlandês, a organização agrária da Land League e o potencial Feniano [organização republicana na Irlanda] pela violência, sob a bandeira de uma “Nova Tendência” conduzida pelo líder emergente da Irlanda, Charles Stewart Parnell.⁴⁹

Um acontecimento ocorrido a menos de um mês da chegada das religiosas a Ferrybank foi a aparição, presenciada pela primeira vez na quinta-feira, 21 de agosto, às 19h30, na aldeia de Knock. Contra a empena da sacristia banhada pela extraordinária luz, apareceram três figuras - identificadas como a Bem-aventurada Virgem Maria. S. José e S. João Evangelista - e um altar sobre o qual estava um cordeiro. A aparição tinha sido vista inicialmente por cerca de

vinte testemunhas. Devia repetir-se no dia de Ano Novo de 1880 e novamente cinco dias mais tarde. O arcebispo de Tuam deu início à recolha de testemunhos para uma comissão e começaram a surgir notícias sobre curas. A nova comunidade de Ferrybank certamente deve ter ouvido falar das aparições.

O jornal Waterford Daily Mail fazia a seguinte reportagem: “Surgiu em Knock uma segunda Lourdes, uma pequena aldeia rodeada de pequenas montanhas que, como expressão do caráter natural da localidade, é conhecida pelos nativos como ‘a aldeia das montanhas’... uma modesta Nazaré”⁵⁰. Todavia, na correspondência entre a Casa Mãe e a nova comunidade de Ferrybank, parece não ter havido qualquer referência às aparições em Knock.

As religiosas receberam um caloroso acolhimento da parte do Padre Dunphy, que as esperou numa carruagem e as conduziu orgulhosamente à sua nova casa. No dia seguinte escreveu à M. St. Félix:

*Do fundo do coração, e em nome das pessoas desta paróquia e seus padres, muito obrigado. E acrescento ainda, em nome das pessoas deste e dos outros arcebispados, muito obrigado, pois estou certo de que a inteligente, santa e edificante comunidade de Irmãs que agora vive no convento do Sagrado Coração de Maria em Ferrybank, vai irradiar luz, sabedoria, graça e virtude, não só aos ricos e pobres de Ferrybank mas também aos jovens dos arcebispados distantes que, estou certo, irão estar dentro em breve em estreito contato com as boas e santas Irmãs.*⁵¹

Parece que o Padre Dunphy, embora tendo pedido que fosse a M. St. Charles a superiora da nova fundação, estava muito contente com a M. St. Alphonsus, pelo que escreveu à superiora geral dizendo: “Enviou-nos uma Reverenda Madre muito competente e dotada de grande inteligência, perfeitamente apta para as pesadas responsabilidades que lhe são confiadas...”⁵²

A autora anónima dos Annales descreveu detalhadamente o primeiro dia da comunidade. O Padre Dunphy mostrou-lhes todo o novo edifício. Em seguida, foram à Missa à paróquia onde encontraram os dois curas, Padres O’Carroll e Walsh. Depois da Missa, tiveram o prazer de se encontrar com o arquiteto John Walker que, mais tarde, se juntou ao Padre Dunphy na cozinha do convento para o pequeno-almoço. A autora conta que ficou atrapalhada pelo fato de os dois homens terem de usar os seus lenços por não encontrarem guardanapos. Depois do almoço, as Irmãs visitaram as National Schools do local e encontraram-se com as duas professoras leigas. A autora lembra que a mestra da Escola Infantil as recebeu bem e as crianças cantaram para elas. A mestra do grau mais elevado não foi tão simpática e a autora acrescenta: “A pobre M.

Nativity [Healy] teve de ficar durante algumas semanas na Grande École mas não ficou preocupada pelo fato de a mestra não ter sido muito simpática”.⁵³ As duas O'Connells ficaram até ao final da primavera de 1880, mas encontraram nova colocação quando as RSCM as substituíram.

A comunidade passou o primeiro dia a familiarizar-se com a sua nova casa. Eram 19h00 quando pensaram no jantar. A autora recorda que tomaram a refeição numa sala não iluminada por velas ou candeeiro a gás, pois este ainda não tinha sido ligado, mas pela luz da fogueira; e fizeram as suas orações olhando para as luzes do cais de Waterford sobre o Suir.

A manhã seguinte colocou-lhes um desafio. Como havia apenas uma bacia, as nove religiosas tiveram de se lavar por turnos antes de irem à Missa na paróquia! O resto do dia foi passado a arrumar a casa, a fazer cortinas e a receber visitas de pais das futuras alunas internas e de pessoas vizinhas, felizes por felicitarem as Irmãs. O Padre Dunphy estava atento e disponível, mas prudente, para não ser inoportuno.⁵⁴

O bispo Moran felicitou a comunidade pela sua chegada à diocese de Ossory. Já tinham passado dez anos, durante os quais haviam sido frustrados os seus planos para começar uma fundação em Callan.⁵⁵ O bispo escrevia assim ao Padre Dunphy: “Por favor, diga às boas Irmãs que lhes dou mil boas-vindas à sua nova casa em Ferrybank”. Tendo o cuidado de nomear o Padre Brennan, pároco de Kilmacow, confessor das Irmãs porque “fala bem francês”, o bispo dizia que, no fim do mês, viria benzer a casa e as escolas.⁵⁶

De acordo com o prometido, o Bispo Moran chegou de manhã cedo, no dia 2 de outubro de 1879, e acompanhou uma procissão saída da Capela de Ease, contígua aos terrenos do convento. O jornal local descrevia a procissão detalhadamente. Duzentas meninas da paróquia, com vestidos brancos e faixas azuis, homens e mulheres da Confraria da Sagrada Família, o bispo e o clero cantando o Veni Creator, seguidos pelos fiéis, dirigiram-se em procissão para a entrada do convento. Aí, o bispo, assistido pelo Padre Dunphy e pelos dois curas, benzeu solenemente o exterior e o interior do convento. Após a bênção, todos voltaram em procissão para a capela, enquanto as crianças cantavam hinos. O bispo fez um eloquente sermão, felicitando todos os presentes: “Na festa dos Santos Anjos, ficamos conscientes dos valiosos serviços das santas Irmãs do Sagrado Coração de Maria, de cujas mãos as meninas irão receber as inestimáveis bênçãos de uma saudável educação católica e secular”. A cerimónia terminou com “um simpático e magnífico pequeno-almoço” no convento, para o bispo, o clero e alguns amigos leigos. O artigo do jornal que descrevia a bênção do convento e da escola foi cuidadoso ao lembrar aos seus

leitores: “Ligadas ao Convento, como os nossos leitores sabem, estão escolas para as crianças mais pobres da paróquia, como alunas externas, em cuja orientação as Irmãs serão ajudadas por Mrs. e Miss O’Connell, e estão a ser preparados amplos espaços para recreio dos alunos”.⁵⁷

O Padre Dunphy enviou à M. St. Félix uma carta, garantindo-lhe que o bispo parecia encantado com as Irmãs e até se tinha oferecido para vir à comunidade, ou apenas para uma Irmã, caso lhe pedissem. Disponibilizava-se também para escrever para Roma em nome das RSCM, se necessário.⁵⁸

As aulas começaram no dia seguinte, com as primeiras alunas internas - Misses Flanagan e Hanrahan - e com as primeiras externas - Misses Murphy e Ryan. Todos os dias chegavam novas alunas que pagavam os seus custeios. Em abril, o Padre Dunphy escrevia:

*Certamente que, em Béziers, todos vão ficar admirados e encantados, pois tenho notícias alegres para dar. A comunidade de santas heroínas está a arrebatá-lo o céu com violência e também a conquistar a Irlanda muito rapidamente. Enquanto todos os outros conventos estão a decair, vós tendes de montar tendas para encontrar espaço para os vossos projetos. As crianças e as Irmãs estão encantadas umas com as outras e com o local, e as pessoas muito satisfeitas com tudo. Também o nosso bispo falou com prazer sem limites de tudo o que viu e ouviu por ocasião da sua recente visita, assim como em outras ocasiões. Ele tem os interesses da comunidade no coração... A nossa boa e Rev. Madre tem uma grande facilidade em agradecer a todos os que visitam o convento, tanto leigos como clero.*⁵⁹

Enquanto o internato e o externato da localidade prosperavam, as necessidades dos pobres não estavam a ser contempladas. Há testemunhos a sugerir que a pobreza tinha aumentado durante o outono e inverno de 1879-1880. O preço de um quarto de pão tinha aumentado de 5d para 716 em seis meses. O jornal Waterford Daily Mail informava: “O preço do pão tem de descer. Os padeiros tenham cuidado”.⁶⁰ Nos fins de novembro de 1879, o número de pessoas na “Waterford Workhouse” [asilho] era de uma centena, mais do que no mês homólogo do ano anterior. Grupos de mulheres, acompanhadas de crianças seminuas, pediam esmola por toda a cidade depois do escurecer. O jornal local escrevia assim: “Os apelos comoventes das criancinhas que se arrastam pelas ruas, geladas e cobertas de neve, são de partir o coração”.⁶¹ Apesar desta situação desesperada, a mendicidade e os roubos insignificantes eram severamente punidos na cidade de Waterford. Uma mulher, acusada de pedir no cais, ficou detida durante um mês apesar de ter alegado que andava a vender fósforos e

não a pedir.⁶² O vigilante do Convento do Bom Pastor pediu à polícia para investigar um roubo de nabos no quintal. Isso levou à detenção de dois homens e três mulheres, que foram presos por períodos de um a três meses.⁶³ Para minimizar algum sofrimento, foi aberta em Waterford uma cozinha onde eram fornecidos pão e sopa. O bispo de Waterford manifestava o seu apoio:

*De acordo com uma descrição credível, não há dúvida de que a pobreza e a miséria existem em elevado grau na cidade. Nesta estação do ano, há sempre muita miséria: mas, devido à falta de emprego e à depressão geral, a miséria atual vai muito além da que já experimentámos.*⁶⁴

O cardeal McCloskey, da arquidiocese de Nova Iorque, ordenou que se fizessem peditórios na sua diocese e que os bispos católicos da Irlanda usassem os fundos recolhidos em favor dos pobres indigentes.⁶⁵

Embora não exista qualquer prova de que as RSCM tenham estado diretamente envolvidas em trabalho social com os pobres ou colaborado no trabalho do Magdalen Asylum, dirigido pelas Irmãs do Bom Pastor em Waterford,⁶⁶ elas respondiam como fizeram nas primeiras fundações, oferecendo-se para se encarregarem da educação e instrução dos pobres da localidade... e para dar aulas noturnas [a jovens adultas], se isso correspondesse às necessidades locais.⁶⁷

Consequentemente, a 7 de janeiro de 1880, a M. Nativity Healy e outra Irmã assumiram a responsabilidade das escolas para crianças pobres, as National Schools, quando estas reabriram após as férias do Natal. Como a necessidade era grande e aumentava a sua área de influência, o número de rapazes e meninas na Escola Infantil cresceu até noventa e seis: na escola primária havia setenta e um inscritos.⁶⁸ Assim, as RSCM serviram os pobres das redondezas através da educação.

Transferência do Padre Dunphy

No fim da primavera de 1880, corria o boato de que o Padre Dunphy ia ser transferido de Ferrybank. A M. St. Alphonsus escreveu ao bispo, que lhe respondeu em 21 de maio de 1880, nos seguintes termos:

Não me admira absolutamente nada que a sua boa comunidade se sinta ansiosa face à hipotética mudança do Padre Dunphy. Contudo, podem ficar certas de que, no caso de a mudança se verificar, enviar-vos-ei um padre

zeloso e dedicado, tão atento a todos os vossos interesses como o Padre Dunphy. Certamente compreenderão que o Padre Dunphy, pelo trabalho realizado, tenha direito a ser promovido. Compreenderão também que poderia vir a ser desagradável para o vosso convento se viessem a dizer que, pelo fato de ele ser um padre muito zeloso pelo vosso bem-estar, não tivesse sido promovido. O velho pároco de Slieverue pode viver ainda muitos anos e o administrador provisório, que tem o encargo espiritual da paróquia, não está designado para lhe suceder. Querida Irmã, peço-lhe que, com a sua comunidade, se una a mim em oração a fim de que a solução que eu vier a adotar contribua para promover a glória de Deus e o bem da sua comunidade, assim como o de toda esta diocese.

Desejando-lhe a si, e a cada uma das Irmãs, a abundância dos dons do Espírito Santo, sou vosso em Cristo. Patrick Moran, Bispo de Ossory.⁶⁹

Em junho, foi anunciada a transferência. O Padre Dunphy, grande amigo da comunidade RSCM, foi nomeado pároco de Castletown, Queen's County, tendo sido designado o Padre Cody como administrador da paróquia de Slieverue. A autora dos Annales comentava resumidamente: "Foi para nós uma grande perda".⁷⁰

Os anos seguintes

Gailhac fez a sua primeira visita a Ferrybank em julho de 1881. Foi acompanhado pela superiora geral, M. St. Félix, pela sua sobrinha, M. St. Eugène Granier, superiora de Bootle, pela Sr. Ste. Melanie Condoyer, também de Bootle, e pela M. St. Basil Davis, superiora de Sag Harbor, primeira fundação na América. O Padre John J. Heffernan, pároco de St. Andrew, Sag Harbor, em férias na sua Irlanda natal, juntou-se ao grupo. A autora dos Annales, ao descrever o que pode ter sido um momento favorável para a jovem comunidade, diz que os visitantes estavam encantados com a localização do convento e estiveram presentes na primeira entrega de prêmios, cerimónia que marcava o final das atividades letivas.⁷¹ Como se tratava de um evento importante no calendário RSCM do internato e do externato, será útil descrever em termos gerais esta tradição do Convento do Sagrado Coração de Maria, em Ferrybank.⁷²

A “Entrega de Prêmios”

A melhor e mais espaçosa sala da escola era geralmente preparada para a cerimônia e as exposições de bordados das alunas, pinturas delicadas em cetim, rendas, croché, pintura com cores metálicas e desenhos. Quando os convidados já estavam sentados e o bispo instalado numa cadeira de veludo, dava-se início à cerimônia, com os cumprimentos formais ao bispo e aos convidados. Os cumprimentos eram geralmente apresentados em várias línguas e havia muito cuidado com a pronúncia correta. Depois das boas-vindas, seguia-se um tempo de entretenimento - atuações instrumentais que incluíam sempre piano, solos e duetos. Em Ferrybank, começou a dar-se especial realce ao violino porque o sucessor do Bispo Moran, Abraham Brownrigg,⁷³ tinha sugerido que o violino fosse introduzido no programa por ser “um instrumento muito querido ao coração irlandês”. Seguiam-se apresentações vocais com atuações individuais e coros alternando com outras apresentações. Muitas vezes declamavam-se poemas. O formato favorito era o “diálogo”, em que duas alunas simulavam debater ou conversar em inglês ou francês sobre um tema de interesse. Um duettino comique em francês abrilhantava o programa. Seguia-se uma peça histórica ou musical em vários atos.

Só então se procedia à entrega dos prêmios às alunas que se tinham distinguido durante o ano anterior. Algumas recebiam bons livros, cuidadosamente selecionados pelo seu conteúdo e apresentação. Outras recebiam coroas como recompensa pelo seu excelente comportamento, ordem e delicadeza. Não era invulgar oferecer-se um prêmio a uma aluna “pelo fato de ser boa menina”. Nessa altura, a entrega de prêmios em Ferrybank refletia a tradição francesa na educação, com ênfase na língua e cultura francesas, delicadeza, estímulo recíproco e comportamento, de preferência à competição em exames sobre a filosofia da educação inglesa.⁷⁴

A concluir a cerimônia, o bispo fazia invariavelmente um pequeno discurso de felicitações. Presente todos os anos até 1884, altura em que foi chamado para Sydney, Austrália, o Bispo Moran falou muitas vezes sobre a localização casual do convento, a uma milha do Condado Kilkenny mas dentro da fronteira municipal de Waterford. Salientava que o convento era “como um grande e velho carvalho de pé entre dois rios, espalhando por ambos as suas raízes, tirando deles a sua vitalidade e cobrindo-os com a sua sombra protetora. Efetivamente o convento começava a lançar as suas raízes pelas dioceses de Ossory e Waterford”.⁷⁵

O sucessor do bispo Moran era, por vezes, mais político nos seus comentários. Por exemplo, em 1887, o Bispo Brownrigg dizia:

Embora na escola se dê a devida atenção a todas as matérias, estou contente por se dar especial relevo a tudo o que diga respeito à nacionalidade irlandesa; a última peça que nos foi apresentada tocava precisamente a nota-chave das nossas aspirações: "A Irlanda - uma Nação". A hora é negra e esta aspiração parece mais distante do que nunca, pois estamos sob um dos piores e mais tirânicos governos ingleses que já tivemos. Mas "a hora mais escura é a que precede o amanhecer". Espero, pois, que essa hora tenha chegado, que o amanhecer desponte rapidamente sobre nós e que o sol de justiça e liberdade irrompa no seu esplendor meridiano sobre a Irlanda, (aplauso) É grato reconhecer que esta é a esperança e a fé em que crescem as jovens do Convento do Sacré Coeur, as futuras mulheres da Irlanda.⁷⁶

As Irmãs receberam agradecimentos e foram elogiadas pelo bispo. Por vezes, o repórter que fazia a cobertura do evento acrescentava o seu comentário. Lembrando aos seus leitores que as Irmãs também trabalhavam com os pobres, um desses repórteres escrevia:

Estamos felizes por termos ouvido toda a gente falar da influência positiva que as boas Irmãs têm exercido na localidade. Através de escolas para pobres - que não têm comunicação com os internatos - trouxeram à casa do humilde trabalhador, dignidade, inteligência, delicadeza, verdade, honestidade e boas maneiras. Tudo isto deve ser atribuído diretamente ao ensino religioso.⁷⁷

Depois da longa cerimônia, todos os presentes foram convidados para um almoço especial preparado pelas Irmãs. As religiosas, é claro, não participaram no almoço a não ser para o servir. Estas cerimônias, e especialmente o almoço que se seguia, eram muito bem frequentadas. Além do bispo, vinham geralmente cerca de vinte padres. Um olhar pelas listas dos convidados, através dos anos, mostra que alguns dos padres estavam habitualmente presentes. O velho pároco de Slieverue, John Walsh, vinha sempre com os seus curas. O Padre Dunphy, leal até ao fim, vinha também, algumas vezes com o seu único irmão padre ou com os curas de Mooncoin. As superiores das religiosas Franciscanas e Dominicanas de Waterford compareciam sempre, bem como os Padres do St. John's College, Waterford, de St. Kierarfs College, Kilkenny, e da Work-house de Kilkenny. A hospitalidade do Convento do Sagrado Coração de Maria tornou-se bem conhecida entre os padres de Mullinavat, Dungarvan, Enniscorthy,

Ballyhale, Kilmacow, Tullaherin, Templeorum, Castletown, Dunamaggin, Glenmore e de outras cidades próximas. Esses padres tinham experiência na orientação de jovens em idade escolar e mesmo de futuras postulantes, para as religiosas de Ferrybank.⁷⁸

O retiro anual

Geralmente as alunas partiam para suas casas no dia a seguir à entrega dos prêmios e as religiosas partiam para o seu retiro em Bootle. A comunidade de Lisburn participava também neste retiro, pelo que organizava a sua cerimônia de entrega de prêmios tendo isso em conta. Para a comunidade de Ferrybank, “ir para o retiro” implicava uma noite de barco de Waterford para Liverpool, mas os retiros em comum com as Irmãs de Bootle, Lisburn, e algumas vezes com uma ou duas religiosas da comunidade de Sag Harbor, eram uma vigorosa fonte de unidade nos primeiros tempos.

A Irmã que escreveu os *Annales* salientava o entusiasmo da comunidade, quando partia para o retiro anual em Bootle, perto de Liverpool. Referia que, antes de o retiro de oito dias começar, as religiosas tinham algumas horas para conversar umas com as outras, algumas das quais não se viam há muito tempo. Havia, portanto, algum tempo para a partilha de notícias entre as Irmãs que pertenciam ao mesmo grupo de noviciado, ou que talvez tivessem vivido juntas, ou que se conhecessem desde a infância, na Irlanda. Sente-se que, então como agora, as religiosas gostavam de se encontrar, especialmente quando não se viam há algum tempo. No final do retiro orientado por Gailhac, havia geralmente uma bonita cerimônia de profissão e de entrada. A autora dos *Annales* recordava minuciosamente as cerimônias que envolviam as Irmãs da comunidade de Ferrybank. Fazia a lista de quem fez a profissão perpétua nesse ano ou de quantas Irmãs da comunidade fizeram a profissão temporária. Referia-se de modo especial às jovens de Ferrybank que, tendo estado na comunidade de Bootle à espera de iniciar o seu noviciado formal, eram então recebidas e encaminhadas para Béziers.⁷⁹

Tal como era característico do modelo de envio no Instituto, nessa época, dois dos membros da primeira comunidade, M. Nativity Healy e Sr. Margaret Mary Kavanagh, não voltaram a Ferrybank depois do primeiro retiro em 1880, por serem necessárias noutra local. Foram substituídas por M. St. Philippe Banim e Sr. St. Julianne Moore. Outro elemento da comunidade, a M. St. Sebastien Davis, foi juntamente com a M. St. Philippe para as National Schools. Duas Irmãs da comunidade de Bootle, M. St. Etienne Larkin e outra “que ne-

cessitava de mudar de ares”, também acompanharam as religiosas de Ferrybank de regresso à Irlanda.⁸⁰

Mais tarde, a autora dos Annales descrevia o regresso da comunidade no ano seguinte, 1881:

Depois das cerimônias, despediram-se dos queridos superiores e das Irmãs, regressando a Ferrybank com todos os vasos, pinturas, etc., que conseguiram encontrar (com a autorização da superiora, entenda-se). Foi divertido vê-las regressar a Ferrybank com as coisas embrulhadas em papel. A M. St. Eugène e as outras Irmãs riam! Ao chegar a Ferrybank, as boas religiosas que olhavam pela casa [M. St. Philippe e Sr. Stc. Thècle] estavam muito felizes com o regresso das outras. Tinham o jantar pronto e não paravam de perguntar por Gailhac, pela M. St. Félix e por todas as Irmãs das outras comunidades. Invejavam a nossa sorte, embora estivéssemos um pouco enjoadas pela travessia do mar.⁸¹

É muito interessante perceber a forma como se construía comunidade nos primeiros tempos. A noção de retiro comum era muito importante para Gailhac. As Irmãs não só recebiam do Fundador a mesma orientação para que tivessem uma experiência espiritual comum, mas tinham também a oportunidade de se encontrar, de partilhar notícias, de rir, de celebrar profissões e entradas no noviciado. Podemos imaginar como ansiavam pela oportunidade de passar oito ou dez dias com amigas que não viam há muito tempo.

O que resultava dos retiros em comum é o que se poderia chamar um “círculo”, o círculo anglo-irlandês, que se alargou para incluir a comunidade americana, visto que a maioria das Irmãs de Sag Harbor tinham sido enviadas das comunidades de Lisburn ou Bootle. Nessa altura, como atrás referido, as Irmãs iam de Sag Harbor para o retiro, principalmente se fosse altura de renovarem os votos ou fazerem a profissão perpétua. Em geral, as Irmãs dessas quatro comunidades - Lisburn, Bootle, Ferrybank e Sag Harbor - estavam permanentemente ligadas a um determinado “círculo”. As Irmãs enviadas de Béziers para as comunidades de Porto ou Braga pertenciam ao “círculo português”. Habitualmente, essas Irmãs permaneciam nas fundações portuguesas, pelo menos até à revolução portuguesa de 1910, a não ser que outras fundações precisassem delas ou fossem substituídas por religiosas portuguesas recém-professas.

Podemos imaginar como, de início, o retiro era fundamental para a comunidade de Ferrybank. Em 1880, 1881, 1882 e 1883, a comunidade ia fazer retiro a Bootle. Em 1884 houve uma alteração. Parece que, nesse ano, a

comunidade não fez o retiro em Bootle. Em vez disso, Gailhac e a M. St. Félix foram a Ferrybank nesse verão. Assim, podemos concluir que Gailhac terá orientado a essa comunidade o seu próprio retiro, mas não é certo.

Em 1885, a comunidade voltou a Inglaterra para o retiro e, pela primeira vez, foi para Seaforth, uma localidade descrita com grande detalhe, mais adiante neste volume. A Casa de Seafield, em Seaforth, deve ter sido um convento fantástico, com as suas 365 janelas, torneiras de água doce e salgada e terrenos sobre o Mersey. Quando a comunidade de Ferrybank foi lá fazer o retiro, as Irmãs devem ter tido a sensação de irem também para férias. Deve ter sido uma mudança agradável, comparativamente à casa de Bootle. Mas a seguir, em 1886 e 1887, a comunidade de Ferrybank fez o seu retiro anual no Natal e não foi para Seaforth. Em 1888, 1889 e 1890 foi instituído um novo modelo: a comunidade ficaria em Ferrybank e teria o seu retiro em agosto, orientado por um jesuíta.⁸²

Como Gailhac estava a ficar demasiado envelhecido para pregar retiros prolongados, as comunidades começaram a programar os seus retiros separadamente, em alturas que lhes fossem convenientes. Além disso, nessa altura havia dezoito ou mais Irmãs em cada comunidade, pelo que podiam perfeitamente ter retiro próprio, ainda que alguma coisa se tenha perdido com isso.

Visitas

Gailhac e a M. St. Félix visitaram juntos Ferrybank por três vezes. Deviam ter ido de Béziers para Liverpool, viajando depois de barco de Liverpool para Waterford ou de Liverpool para Dublin e só depois para o seu destino, de trem. A M. St. Eugène acompanhou-os algumas vezes. Tal como foi referido anteriormente, chegaram a Ferrybank pela primeira vez em 1881. Vieram pela segunda vez em 1884 e, pela última vez, em 1887. A descrição da última visita de Gailhac é particularmente tocante e vem referida nos Annales de Ferrybank:

Ficaram quase uma semana com a comunidade. Antes de partirem, houve uma cerimônia porque três das nossas religiosas faziam votos perpétuos e uma noviça fazia a profissão. Durante a semana, embora Gailhac estivesse muito cansado, fez várias conferências sobre os deveres das religiosas. [Ele contava na altura 85 anos e tinha feito uma longa viagem.] Durante o recreio, gostava de se ver rodeado pelas suas filhas, dava-nos a cheirar o seu rapé, e contava-nos histórias, algumas vezes engraçadas, outras nem

*tanto mas sempre interessantes. Os santos mostram pelo exemplo que rir faz bem. A Madre Geral também fez algumas conferências.*⁸³

Assim, podemos concluir que a última experiência da comunidade de Ferrybank com a presença de Gailhac foi o testemunho da sua alegria por se ver rodeado das Irmãs mais novas da comunidade, ensinando-as, contando-lhes histórias engraçadas e deixando-as experimentar o seu rapé!

Doenças

Nos primeiros tempos da comunidade de Ferrybank, tal como nas outras fundações, houve experiências dramáticas de doença e morte. É de referir que, em todas as primeiras fundações, havia quase sempre algumas Irmãs muito doentes. Por exemplo, a M. St. Etienne Larkin morreu em novembro de 1880, precisamente alguns meses depois da sua chegada a Ferrybank. Foi sepultada num dos cantos da propriedade do convento, onde o Padre Cody benzeu um pedaço de terra.⁸⁴ Segundo a autora dos Annales: “O ano 1881 foi de doenças em Ferrybank. Em períodos diferentes, algumas alunas contraíram sarampo; ainda mais grave, uma das Irmãs mais novas, Sr. Vincent Dempsy, adoeceu com febre tifóide. Como a enfermaria ficava muito perto da sala da comunidade, a religiosa teve de ser retirada para outro local. A M. St. Philippe e Sr. St. Julienne permaneceram junto da doente, cuidando dela durante os três meses da doença. A autora dos Annales conta que estas duas religiosas cuidavam de Sr. Vincent dia e noite, dormindo de dia na sala da comunidade quando ficavam de noite a cuidar dela. Ocasionalmente, iam dar um passeio mas nunca juntamente com a comunidade, visto estarem de quarentena. No dia 13 de março de 1881, Sr. Vincent morreu serenamente. Por ela foram celebrados um Requiem Solene e o Ofício de Defuntos; para evitar o contágio, o corpo não foi levado para a capela, onde colocaram apenas um caixão vazio que muitas supuseram conter os restos mortais.”⁸⁵

Podemos presumir que tanto a Sr. Vincent Dempsy como a M. St. Etienne ainda eram jovens, uma vez que os seus nomes não aparecem no Grande Registo; isto indica que não eram professoras de votos perpétuos e, portanto, ainda não eram oficialmente membros do Instituto. O mesmo se verifica também com a Irmã que morreu em Ferrybank, em novembro de 1888, M. de Lourdes Danagher. A Sr. Julienne Moore foi a próxima a morrer em Ferrybank, em 1890, precisamente uns meses depois de Gailhac. As Irmãs teriam sido afetadas também pela morte de um membro fundador da comunidade de Ferrybank,

a M. St. Gabriel Dromgoole, que tinha adoecido em 1885, sendo enviada para a Casa Mãe e finalmente para Seaforth, em Inglaterra, onde morreu em 1888. A própria superiora, M. St. Alphonsus Keane, ficou muito doente em 1884. Outro acontecimento preocupante - a doença em jovens superiores que, em muitos casos, eram responsáveis pelo bem-estar da comunidade local e das escolas. A M. St. Alphonsus era a líder espiritual da comunidade mas era também a responsável pelo internato e externato de Ferrybank. Trabalhava diligentemente para aumentar as inscrições e compreendeu que, para comportar o crescente número de alunas, o convento precisava de uma nova ala para dispor de um dormitório, uma capela, uma sala para as alunas externas e uma sala de música. Isto passou a ser um modelo para as novas fundações. À medida que o tempo passava, as superiores precisavam de acrescentar alas e mais andares aos edifícios. A própria M. St. Croix, ao projetar o edifício de Ferrybank, tinha previsto a necessidade de acrescentar novas alas.⁸⁶

Cinco anos após a fundação em Ferrybank, o Conselho, em Béziers, analisou um pedido da superiora local que previa não poder receber todas as alunas que procurassem Ferrybank. A M. St. Alphonsus apresentou a planta para a nova ala e respectivos orçamentos, com esperança de que, com algumas economias da sua parte, a comunidade conseguiria suportar a despesa dessas obras. Depois de refletir sobre o pedido, o Conselho deu o seu aval e em maio de 1884, a construção tinha começado.⁸⁷

A preocupação com o melhoramento da escola teve os seus custos humanos. Os Annales referem que, no verão de 1884, a M. St. Alphonsus estava muito doente, usava muletas e já tinha recebido a santa unção. É difícil saber que mal a teria afetado, deixando-a nesse estado durante quase dois anos. Essa doença pode ter sido uma das razões que levaram Gailhac a visitar Ferrybank no verão de 1884. Deve ter ido lá para orientar o retiro e também para visitar a superiora da comunidade que, no verão seguinte, continuava doente, tendo sido aconselhada a ir para Seaforth por um período de tempo prolongado. Acompanhou-a Sr. Ste. Anne Combes, uma irmã francesa mais velha, da comunidade de Ferrybank, e passaram algum tempo em Seaforth em convalescença, desde o fim de julho até agosto de 1885. Como ainda não tivesse melhorado, Gailhac convidou-a a ir fazer a convalescença na Casa Mãe, de novembro de 1885 até à primavera de 1886. Esta situação não era invulgar. Por vezes, Irmãs que estivessem muito doentes eram convidadas a ir para a Casa Mãe a fim de descansar e recuperar energias. Neste caso, a superiora da comunidade de Ferrybank esteve doente desde o verão de 1884 até à primavera de 1886.

O caráter da superiora de Ferrybank

É difícil conseguir um bom retrato da M. St. Alphonsus para conhecer o seu caráter, pois não sabemos se a autora dos *Annales*, a melhor fonte de informação, terá selecionado determinadas histórias acerca da superiora e rejeitado outras. Talvez as histórias relatadas transmitam traços que, para um leitor atual, parecerão tanto negativos, embora a autora os tenha considerado positivos. Por exemplo, apresenta-nos a delicadeza da M. St. Alphonsus quando descreve o modo como ela, em duas ocasiões, confrontou uns impostores e conseguiu detectar o fingimento deles quase de imediato. As histórias são relatadas pela autora dos *Annales*:

28 de março de 1889: Chegou ao convento um impostor, apresentando-se como padre oblato, missionário. Embora a Sr. Anne tivesse as suas dúvidas, conduziu-o à sala de visitas e foi chamar a superiora que estava a jantar com a comunidade. Ao vê-lo, a M. St. Alphonsus disse-lhe que as Oblatas não usavam um crucifixo tão grande como o que ele trazia. O impostor deu como desculpa que tinha uma autorização especial visto os seus pecados serem muito grandes. Desconfiada, perguntou-lhe quem era o seu fundador: como ele também não deu uma resposta exata a esta pergunta, a M. St. Alphonsus fingiu sair da sala para chamar o capelão, mas foi pedir ao jardineiro que pusesse o "pobre missionário" fora de casa.⁸⁸

O impostor passou a noite num bom hotel, onde se apresentou como "arcebispo". Na manhã seguinte, levantou-se às 5h00, supostamente para rezar o seu ofício, mas, em vez disso, saiu sem pagar a conta. Segundo consta, terá feito a ronda pela vizinhança com a mesma "história". Os superiores dos Irmãos da Caridade de Belmont Park, bem como as Irmãs do Bom Pastor reconheceram-no como impostor, mas outras na vizinhança terão sido completamente enganadas por ele, como foi o caso das Irmãs da Apresentação de Waterford, as Irmãszinhas dos Pobres e as Ursulinas. O College de Waterford até o convidou para um jantar especial, onde foi tratado como uma pessoa importante. Veio a descobrir-se que o homem era um impostor e foi detido. A autora dos *Annales* fazia o seguinte comentário: "Ele bem o mereceu".⁸⁹ Ao narrar esta história, ela sente um certo prazer quando se refere a todas as comunidades burladas por este homem que a superiora de Ferrybank imediatamente reconheceu como impostor, depois de lhe fazer duas perguntas-chave: uma sobre o hábito, a outra sobre o seu fundador.

A autora continua este longo relato com uma história mais pequena,

recordando que, cerca de dez anos antes, tinha havido uma impostora que se identificara como recém-convertida. Pedia esmola por esse motivo mas não tinha sido recebida no convento de Ferrybank. “A Reverenda Madre estava contente por ter lidado tão bem com o impostor”.⁹⁰ Aqui encontramos de novo uma superiora perspicaz, conseguindo perceber as artimanhas das pessoas que pretendiam enganá-la.

Contudo, começamos a interrogar-nos se a superiora seria de fato uma pessoa frontal ou antes um tanto severa na forma de interagir. Uma vez mais, as histórias escolhidas pela autora dos *Annales* poderão influenciar a interpretação: “De vez em quando, os rapazitos da vizinhança roubavam umas pequenas coisas do nosso quintal - ruibarbo, groselhas, etc. Uma vez, o jardineiro apanhou-os e obrigou-os a ir ao convento, ameaçando metê-los na prisão. Os pequenos ladrões choraram e prometeram nunca mais voltar. Foram perdoados e nunca mais nos incomodaram”.⁹¹ Talvez isto tenha sido apenas uma forma de assustar os rapazes em ordem a um bom comportamento. Mas há ainda outro caso: “Um dia, às 5h00 da manhã, veio uma mulher roubar as nossas flores. A Sr. Thècle e outra religiosa surpreenderam-na. Como era conhecida na vizinhança, a superiora procurou-a e avisou-a severamente de que, se ela voltasse a entrar na propriedade do convento, seria levada para a prisão”.⁹²

Há também a percepção de que a M. St. Alphonsus seria muito exigente com os membros da comunidade. Há quatro exemplos que o sugerem: os *Annales* recordam que, em janeiro de 1882, a M. St. Eugène e a Sr. Ste. Melanie foram a Ferrybank, tendo ali ficado uma semana. Regressaram a Béziers com uma das Irmãs fundadoras, M. St. Stanislaus Myam que, estando a revelar dificuldades de relacionamento com a superiora, fora chamada de novo à Casa Mãe. Enviada depois para o Porto, acabou por regressar à família. Talvez esta pessoa não fosse feita para a vida religiosa, podendo vir a ter dificuldades em qualquer outro lado. Mas não é habitual que se apresente como razão - “ela não se dava com a superiora”.⁹³ Aconteceu o mesmo com uma jovem religiosa, M. Gertrude Corrigan, que tinha revelado dificuldades com a superiora e, em consequência, foi transferida para a comunidade de Bootle. Neste caso, parece que a opinião da M. St. Alphonsus estava correta pois a jovem religiosa, a partir daí, tornou-se um problema para a M. St. Eugène, acabando por se desligar do Instituto.⁹⁴ Em 1884, a M. St. Leon Maher veio da Casa Mãe para ser mestra das alunas internas. Na primavera seguinte, sentia-se tão infeliz que quis ser dispensada dos votos perpétuos. Em abril e novamente em julho, a M. St. Félix pediu ao Bispo Brownrigg que ajudasse a apressar a dispensa. O bispo não ficou contente ao descobrir que a Irmã já tinha sido enviada para casa.⁹⁵

Podemos apresentar ainda um quarto exemplo. Alguns anos depois de as religiosas terem chegado a Ferrybank, uma jovem que pensava ter vocação para Irmã coadjutora veio viver com a comunidade. A autora dos Annales escrevia:

Ela parecia não ter vocação religiosa. Um dia, levantou-se muito cedo e fugiu pela janela. As religiosas ficaram muito preocupadas sem saber o que pensar. Por volta das 11h00 da manhã, o Pe. O'Carroll [um dos curas] veio dizer que ela estava em sua casa, não queria continuar na comunidade e tinha receio de falar com a Reverenda Madre, temendo que ela a forçasse a ficar.⁹⁶

Temos aqui, assim, o perfil de uma mulher, que foi feita superiora ainda muito nova e assumiu as suas responsabilidades com determinação e seriedade. Punha nos seus deveres inteligência, energia, sabedoria prática e parecia exercer a autoridade sem hesitações nem receios. Foi ela a enviada para Seaforth em 1891, a fim de substituir a M. St. Eugène quando esta foi enviada de novo para Béziers após a morte de Gailhac. A M. St. Félix deve ter confiado muito na capacidade de liderança da M. St. Alphonsus para lhe confiar uma missão tão desafiadora. Não obstante, os superiores maiores aceitaram o fato de ela não ser perfeita. Dá a sensação de que lhe faltavam algumas das qualidades pessoais tão necessárias às superiores: paciência, bondade, compaixão e bom senso. A M. St. Alphonsus não tolerava patetas!

Parece que o Fundador deve ter tido isto em consideração quando a nomeou para Ferrybank, em 1879. Na véspera da sua partida para esta fundação, Gailhac escreveu-lhe uma segunda carta pois tinha mais alguma coisa a dizer-lhe. Lembrava-lhe que Jesus a enviava para Ferrybank para ser outro Ele próprio, de modo que todos os que a vissem deveriam estar a ver Jesus Cristo. Ela devia ser como Jesus, que conquistou as multidões não só pela Sua graça, mas também pela Sua bondade, doçura e afabilidade para com todos. O zelo não devia ser impetuoso nem irrefletido, mas exercido com peso e medida; sem isto, as coisas bem começadas poderiam desmoronar-se.⁹⁷

Alguns anos mais tarde, Gailhac repetiu este conselho à M. St. Alphonsus, lembrando-lhe que uma superiora tem de ter firmeza para atingir o fim em vista, mas que um tom exaltado afasta a pessoa em vez de lhe facilitar a aproximação. Ela tinha de se autodominar, vencer as suas fraquezas de carácter, impetuosidades e impaciências, se queria assemelhar-se a Jesus Cristo. Ao encorajá-la a recordar o ensinamento de Jesus - “Bem-aventurados os pacíficos porque possuirão a terra” - Gailhac falava da sua bondade como meio de

conquistar os corações dos outros: “Posso falar por experiência: o pouco bem que fiz durante os meus sessenta anos de ministério, se é que consegui fazer algum bem, se conquistei corações para Deus, foi através da bondade, delicadeza, paciência e contínua perseverança... Não há nada tão poderoso como a bondade quando esta tem a sua fonte no amor de Deus”.⁹⁸

Vida nova na comunidade

A comunidade de Ferrybank, apesar dos desafios que teve de enfrentar com a doença da superiora e a morte de algumas Irmãs, revelou ser uma comunidade cheia de vida nova. Foi isto que a caracterizou durante a sua primeira década. Os Annales falam das alunas de Ferrybank enviadas para Liverpool, para a primeira fase do seu noviciado. Algumas foram por iniciativa própria, como foi o caso da primeira postulante de Ferrybank, Suzanne McCurtin. A seguir, entrou a sua irmã Helen e, mais tarde, um grupo de cinco alunas, certamente amigas desde o tempo de Ferrybank. Eram jovens que viriam a ser importantes na história da província anglo-irlandesa - M. Irenée Fogarty, M. Vincent Foley, M. Marcelle McGrath, por exemplo. Havia muita alegria com a entrada das alunas de Ferrybank, pelo fato de serem recebidas e, pelo menos algumas, por voltarem a Ferrybank após os votos temporários, a fim de ensinarem nas escolas. Percebendo como a M. St. Alphonsus estava tão ocupada, Gailhac desafiou-a, e à comunidade, a continuarem a atrair vocações para que os “operários” as ajudassem a cuidar da grande messe que é a Obra de Deus.¹⁰⁹

No início de 1882, foi tomada a decisão de, anualmente, proporcionar às alunas um retiro. A procissão anual do Corpo de Deus era também um grande acontecimento no ano escolar e aumentava a devoção à Eucaristia. Em 1888, os jornais Waterford News e General Advertiser descreveram o acontecimento. A seguir ao portador da cruz, seguiam as religiosas e uma centena de alunas do convento, transportando bandeiras e arcos florais: seguiam depois cem alunas e noventa alunos das National Schools, trezentos homens e trezentas mulheres, membros da confraria da Sagrada Família, os portadores dos archotes e do incenso e finalmente o púlpito sob o qual seguia o Santíssimo Sacramento. O Padre Dunphy e outros sacerdotes acompanhavam a procissão. O jornal comentava que a cerimônia tinha sido “magnífica”.¹⁰⁰ No ano seguinte, durante a procissão, o celeiro do convento, o abrigo dos animais, as ferramentas, etc. foram incendiados, numa tentativa de acabar com a procissão do Corpo de Deus. O responsável foi um “protestante mal-intencionado” que também que-

ria manifestar-se contra o fato de alguns protestantes se terem convertido recentemente. A procissão nunca deixou de se realizar e, graças à generosidade de alguns amigos, foi construído um novo celeiro em outubro de 1889.¹⁰¹ No mesmo mês, a M. St. Alphonsus acompanhou seis alunas de Ferrybank a França [Béziers] para iniciarem o noviciado.¹⁰²

A comunidade de Ferrybank continuou a ser uma fonte de vida nova para as Religiosas do Sagrado Coração de Maria e viria a ser o local de noviciado onde jovens vocações irlandesas foram formadas. O Padre Joseph Dunphy tinha-o profetizado quando, desde o início de 1875, partilhava o sonho da comunidade de se abrir em Ferrybank um convento do Sagrado Coração de Maria. Embora tivesse deixado Ferrybank pouco depois da chegada das religiosas, continuou fiel à comunidade, o que não significava não ter mais nada para fazer com o seu tempo e energia. A sua vida era extremamente ativa. Depois de deixar Slieverue, foi como pároco para Castletown onde iniciou imediatamente um projeto para renovar e embelezar a igreja paroquial. Convidou para a paróquia a Ordem docente dos Irmãos do Bem-Aventurado De La Salle, introduzidos pela primeira vez na Irlanda. Construiu quatro escolas e cinco residências para professores em Mooncoin, durante os seis anos que aí serviu como pároco. Todavia, mostrou sempre ter tempo para a comunidade de Ferrybank. Pouco depois da morte de Gailhac, escreveu à M. St. Félix com uma hipérbole que resistiu à prova do tempo:

*Permita-me que lhe diga, para sua grande consolação, que penso não haver na Europa nenhum convento onde se verifique maior atividade, mais zelo prudente, mais fé desabrochando em caridade, do que no convento de Ferrybank. Isto será uma linda pérola na Coroa do Padre Gailhac.*¹⁰³

O Padre Dunphy morreu a 5 de fevereiro de 1891, com sessenta e dois anos. O bispo de Ossory, Dr. Brownrigg, presidiu ao funeral em Mooncoin, estando também presentes o bispo de Waterford e setenta padres com outros amigos e paroquianos. Os jornais diziam: “Ele [Padre Dunphy] tinha inúmeros amigos, por toda a Irlanda, especialmente entre os padres ... A sua morte foi verdadeiramente edificante, serena e feliz, um fim condizente com uma vida sacerdotal dedicada e santa”.¹⁰⁴ Ao recordar a sua morte, os Annales de Ferrybank afirmavam: “Até ao seu último suspiro, mostrou sempre solicitude por nós e pelo bem da comunidade”.¹⁰⁵

Reflexões

Este capítulo começa e termina com o Padre Joseph Dunphy. A intencionalidade desta referência é lembrar que a fundação em Ferrybank não poderia ter acontecido sem ele. Esteve sempre muito ligado às Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Encorajou várias jovens a entrar no Instituto e visitou a Casa Mãe mesmo antes de as RSCM se fixarem no sul da Irlanda. Convenceu o bispo Ossory a convidar o Instituto a abrir um convento em Ferrybank e, apesar das recusas iniciais, foi insistindo durante dois anos até que o seu sonho fosse realizado. O Padre Dunphy orientou a construção do convento idealizado pela M. St. Croix, preocupou-se com as dificuldades da construção, comprou o mobiliário e deu a conhecer os seus projetos educativos. A intuição de que o convento viria a ter o nome do seu patrono S. José, o seu desígnio de deixar a comunidade fundadora a passear para cima e para baixo ao longo do Suir, durante duas horas, à espera de verem o nascer do sol a partir da sua nova casa, não podem diminuir o seu generoso e perseverante compromisso com as RSCM e a sua missão em Ferrybank

Muito do que se conhece acerca dos primeiros dias nesta comunidade depende das notas da autora dos Annales. Aquilo que, para a autora, pode ter parecido um registro de pormenores insignificantes, veio a revelar-se um extraordinário relato de fatos locais e internacionais - retiros na Inglaterra, visitantes de todas as idades vindos de Béziers, Inglaterra e América, orações e rituais comunitários, entrelaçando-se com os triunfos e sacrifícios da vida diária - nove Irmãs a fazer escala para usar a banheira, meses a cuidar de uma jovem Irmã com tifo, a procissão do Corpo de Deus com as participantes ignorando o incêndio no convento, e nem um queixume acerca do agreste inverno irlandês de 1879.

É através de pequenas histórias engraçadas relatadas nos Annales que aparece a superiora. M. St Alphonsus: imperfeita mas ousada, prática, segura das suas ideias e determinada. Gailhac reconhecia que ela tinha muitas das qualidades necessárias para ser uma boa superiora e, pacientemente, encorajou-a a conquistar o que lhe faltava. "Nada é tão poderoso como a afabilidade quando esta tem a sua fonte no amor de Deus", ter-lhe-á ele lembrado.¹⁰⁶

Acima de tudo, é em Ferrybank que se encontra nas alunas um sentido de resposta ao chamamento de Deus à vida religiosa. O entusiasmo de grupos de amigas e colegas, que saíam para Liverpool e depois para Béziers, deu ao local um sentido de vida nova, de fervor e aventura. Desde o princípio, foi este o dom de Ferrybank ao Instituto.

NOTAS:

- 1 Para mais informação sobre os planos da M. St. Croix sobre a fundação em Ferrybank, ver Kathleen Connell. RSHM. Uma Caminhada na Fé e no Tempo, Vol. II (RSCM. 1993) 120,166-167. 229- 235.
- 2 Esta correspondência pode ser encontrada no Cahier des Négociations pour une fonda tion à Fer-rybank. Slieverue, Diocese de Ossory, Co. Waterford. Irlanda, [aqui referido como Cahier des Négociations - Ferrybank |. Arq.Hist./Cong.. Vol. II - C, 28. A correspondência aparece na tradução francesa Proc. Ap., 5418-5449. 5460-5528.
- 3 Dunphy a M. St. Charles. 19 de setembro de 1879. Cahier des Négociations-Fewybank.
- 4 Dunphy à M. St. Félix. 4 de janeiro de 1879. Waterford Daily Mail. 4 de janeiro de 1879.
- 5 A Congregação Para a Propagação da Fé será aqui referida como Propaganda Fide.
- 6 Para mais informação, ver Emmet Larkin. The Roman Catholic Church and the Creation of the Modern Irish State 1878-1886 (Dublin: Gill and MacMillan. 1975) 3-7.
- 7 [Marguerite Green. RSHM]. Fundação SCM: Convento do Sagrado Coração de Maria. Ferrybank. Waterford." Centenário 1979 em Arquivos SCM Província anglo/irlandesa.
- 8 Durante os "anos de fome" (1845-1849), alguns protestantes, ansiosos por converter católicos, ofereciam uma sopa suculenta aos famintos, se estes aceitassem converter-se ao protestantismo. Por esta razão, os protestantes suspeitos de fazer proselitismo na Irlanda eram conhecidos por "souters" (sopeiros).
- 9 Para mais informação, ver Waterford News, 5 de outubro de 1879.
- 10 M. Ste. Croix a Dunphy. 1 de dezembro de 1877. Cahier des Négociations-Ferrybank.
- 11 Dunphy à M. St. Charles. 9 de dezembro 1877, Cahier des Négociations-Ferrybank.
- 12 Para mais informações, ver "National School- Ferrybank." Notas manuscritas de Marguerite Green. RSHM Arquivos província anglo/irlandesa. Caixa H3 gi. [aqui referido como "National School- Ferrybank"].
- 13 Ver candidatura para Commissioners of National Eduction for Aid towards Payment of Teachers Salary and for Supply of Requisites. Por exemplo, ver Belfast: Public Record Office for Nordthern Ireland. EDI/10/101-116.
- 14 Ibid.
- 15 Waterford Daily Mail. 23 de maio de 1879.
- 16 Ibid.
- 17 Ibid. Parece que o Parlamento linha aprovò uma lei em 1875 concedendo fundos para a construção de residências. No entanto, foi sugerido que 1 milhão de Libras da soma reservada para esta dotação fosse libertado com este objetivo. Metade desta importância seria oferta e o restante pago durante 35 anos. Ver Waterford Daily Mail. 17 de novembro de 1879.
- 18 Waterford Daily Mail. 2 de janeiro de 1879.
- 19 Waterford Daily Mail. 15 de janeiro de 1879.
- 20 Waterford Daily Mail. 4 de janeiro de 1879.
- 21 Waterford Daily Mail. 10 de janeiro de 1879.
- 22 Antes de a escola ser oficialmente chamada Convento do Sagrado Coração de Maria, Ferrybank. era conhecida como Mount Sion Convem e. mais tarde. St. Joseplfs Convent.
- 23 Waterford Daily Mail. 29 de janeiro de 1879.
- 24 Dunphy à M. St. Félix. 28 de janeiro de 1879, Cahier des Négociations - Ferrybank. 25 Dunphy à M. St. Félix, 3 de fevereiro de 1879, Cahier des Négociations - Ferrybank.
- 26 Bispo Moran a Dunphy, 21 de fevereiro de 1879. encontrado na carta de Dunphy para a M. St. Félix. 9 de março de 1879. Cahier des Négociations - Ferrybank.
- 27 Dunphy à M. St. Félix, 3 de fevereiro de 1879. Cahier des Négociations - Ferrybank. 28 Ver Waterford Daily Mail. 8 de fevereiro. 12 de maio. 13 de maio de 1879.
- 29 O Waterford News e General Advertiser. 25 de julho de 1879.
- 30 Dunphy à M. St. Félix. 15 de agosto de 1879. Cahier des Négociations - Ferrybank. 31 Dunphy à M. St. Félix. 27 de fevereiro de 1879, Cahier des Négociations - Ferrybank. 32 Dunphy à M. St. Félix. 19 de março de 1879, Cahier des Négociations -Ferrybank.
- 33 Ver correspondência de Dunphy com M. St. Félix, 26 de maio-27 de julho, de 1879, Cahier des Négociations - Ferrybank.
- 34 Dunphy à M. St. Eugène, 11 de maio de 1879. Cahier des Négociations - Ferrybank.
- 35 Charles Lynch à | M. St. Félix |. 15 de junho de 1879, Cahier des Négociations - Ferrybank.

- 36 Dunphy à M. St. Félix, 2 de junho de 1879. Cahier des Négociations - Ferrybank.
- 37 Dunphy à M. St. Félix, 29 de julho de 1879, Cahier des Négociations - Ferrybank.
- 38 Dunphy à M. St. Félix. 6 de agosto de 1879. Cahier des Négociations - Ferrybank.
- 39 Waterford News e General Advertiser. 25 de julho de 1879.
- 40 Ibid.
- 41 Dunphy à M. St. Félix. 2 de junho de 1879, Cahier des Négociations - Ferrybank.
- 42 Dunphy à M. St. Félix, 19 de agosto de 1879. Cahier des Négociations - Ferrybank.
- 43 Dunphy à M. St. Félix. 27 de junho de 1879. Cahier des Négociations - Ferrybank.
- 44 Gailhac para Dunphy. 18 de agosto de 1879. Cahier des Négociations - Ferrybank.
- 45 Dunphy à M. St. Félix. 9 de setembro de 1879, Cahier des Négociations - Ferrybank.
- 46 Les Annales du Couvent du Sacré Coeur de Marie, Ferrybank. 1-2. Arquivos SCM. Província A/I, Caixa H3hii (aqui referido como Annales de Ferrybank). É um relato manuscrito, anônimo, sobre as atividades da comunidade de Ferrybank durante o período setembro de 1879 a abril de 1891.
- 47 Dunphy para a M. St. Félix e Gailhac, 17 de setembro de 1879. Cahier des Négociations - Ferrybank.
- 48 Para uma análise mais completa da correspondência dos bispos para Kirby, ver Larkin. 16-18. 49 Larkin. 18-23.
- 50 Waterford Daily Mail. 5 de fevereiro de 1880.
- 51 Dunphy para a M. St. Félix. 17 de setembro de 1879. Cahier des Négociations - Ferrybank. 52 Ibid.
- 53 Annales de Ferrybank. 3-7.
- 54 Ibid.. 8-9.
- 55 Para consultar o relato desta tentativa de fundação em Callan. ver Connell, 10-23.
- 56 Bispo Moran para Dunphy. 18 de setembro de 1879. Cahier des Négociations - Ferrybank. 57 Ver Waterford News e General Advertiser. 3 de outubro de 1879.
- 58 Dunphy para a M. St. Félix. 14 de outubro de 1879. Cahier des Négociations - Ferrybank.
- 59 Dunphy à M. St. Charles. 10 de abril de 1880, Cahier des Négociations - Ferrybank.
- 60 Waterford Daily Mail, 3 de outubro de 1879.
- 61 Waterford Daily Mail. 8 de dezembro de 1879.
- 62 Waterford Daily Mail. 3 de outubro de 1879.
- 63 Waterford Daily Mail. 21 de novembro de 1879.
- 64 Waterford Daily Mail. 9 de janeiro de 1880.
- 65 Waterford Daily Mail. 26 de janeiro de 1880.
- 66 Há um apelo no jornal no sentido de os leitores enviarem a sua roupa para lavar, para o Magdalen Asylum. de modo a proporcionar trabalho às mulheres. Lê-se a dada altura: "A comunidade do Bom Pastor pede para se lembrar às pessoas de Waterford que há entre elas um Asylum onde as "ovelhas perdidas" são recebidas, mantidas e ensinadas com carinho e palavras de conforto, porque ainda há corações a bater de simpatia por elas." Waterford News e General Advertiser. 19 de setembro de 1879.
- 67 Ver M. Sle. Croix para Dunphy, 1 de dezembro de 1877. Cahier des Négociations - Ferrybank.
- 68 "Escola Nacional - Ferrybank."
- 69 Bispo Moran para M. St. Alphonsus. 21 de maio de 1880. Arquivos SCM Província anglo/irland- esa. Caixa Ferrybank H3hii.
- 70 Annales de Ferrybank. 14-15.
71. Ibid.. 22-23.
- 72 Esta descrição geral é baseada em extratos de reportagens dos jornais Waterford News, General Advertiser e Waterford Citizen, durante os anos de 1881-1889.
- 73 Abraham Brownrigg foi nomeado bispo de Ossory em 1884. sucedendo a Patrick Moran que foi designado bispo de Sydney. Austrália. Brownrigg permaneceu como bispo de Ossory até 1928.
- 74 Ver. Apêndice: Reformas Educacionais na Irlanda. 261-275.
- 75 Waterford News e General Advertiser, 19 de julho de 1883.
- 76 Freentan 's Journal, 19 de julho de 1887.
- 77 Waterford News e General Advertiser, 21 de julho de 1882.
- 78 Os nomes de todos os que assistiram à entrega de prêmios podem ser encontrados nas reportagens do acontecimento nos jornais Waterford News. General Advertiser e Waterford Citizen. nos anos dc 1881-1889.
- 79 Annales de Ferrybank, 23-24.
- 80 Ibid.

81. Ibid.
82. Ibid., 44.
83. Ibid., 48.
84. Ibid., 16.
85. Ibid., 19-21.
86. Ver Connell.233.
87. Délivérations du Conseil, 25 de março de 1884.
88. Annales de Ferrybank. 34-36.
89. Ibid., 36-38.
90. Ibid.. 38.
91. Ibid., 66.
92. Ibid., 40.
93. Ibid., 24-25. Ver também Gailhac à M. St. Stanislaus Myam, GS/17/III/8 I/A.
94. M. Gertrude Corrigan ao seu pároco. 4 de janeiro de 1885, Arquivos SCM Província anglo/irlandesa. H2biC.
95. Ver Grande Registo #97.
96. Annales de Ferrybank. 17-18.
97. Gailhac à M. St. Alphonsus, GS/23/IV111/79/A.
98. Gailhac à [M. St. Alphonsus],GS/9/IX/86/A.
99. Gailhac à M. St. Alphonsus. GS/13/IV/82/A.
100. Waterford News e General Advertiser, 8 de junho de 1888
101. Annales de Ferrybank. 45-47.
102. Ibid.. 45. Sabemos os nomes de quatro pessoas deste grupo que perseveraram: M. Monique Julian #238. M. Evangeliste McGowan #239. M. Claire Mulcahy #242 e Sr. St. Alexis Power #240.
103. Dunphy à M. St. Félix, 23 de fevereiro de 1890.
104. Pelo menos cinco dos jornais locais publicaram uma longa nota neurológica, no dia 5 de fevereiro de 1891 ou nos dias seguintes.
105. Annales de Ferrybank. 71.
106. Gailhac à M. St. Alphonsus. GS/9/IX/86/A.

LISBURN - UM TERRÍVEL PREÇO A PAGAR

Não é fácil contar a história de Lisburn nos anos 80. Os Annales de la Première Fondation, que relatam os fatos e vivências da primeira comunidade de Lisburn, terminaram em março de 1874. Já não existem os registros de correio da diocese, que em alguns casos poderiam dar-nos a imagem mais perfeita do contexto da igreja e das políticas eclesiais. A correspondência da diocese, de 1886 a 1929, foi destruída pelo bispo MacRory, de Down e Connor. Os arquivistas da diocese, embora lamentando, constataram o fato, quer por escrito, quer em encontros pessoais. Gailhac escrevia menos cartas às comunidades; tinha começado a poupar as suas energias para cartas circulares, tratados e encontros pessoais com as suas religiosas durante os retiros anuais. Por conseguinte, grande parte da história da comunidade de Lisburn teve de ser pesquisada em fontes exteriores, tais como reportagens nos jornais locais ou informação recolhida de certidões de óbito, requerimentos e depoimentos locais de pessoal médico ou inspetores escolares.

A principal história que chega até nós é contada pela M. St. Félix nas suas memórias, nas suas cartas para a M. Seraphim Doheny, superiora em Lisburn, e nas cartas confidenciais para a superiora de Bootle, M. St. Eugène Granier. É uma história triste em que a personagem central, a M. Seraphim Doheny, é de vários modos uma heroína infeliz. A comunidade de Lisburn nunca deu provas de caminhar bem. As Irmãs que a integravam praticamente não são referidas nas fontes deste período. Percebe-se nas entrelinhas que a M. St. Colomban Darcy era enérgica e justa mas raramente é citada.¹ A história desenrola-se à volta da superiora e diretora, M. Seraphim Doheny² (1882-1896) que, por vezes, era apoiada pelo cura da paróquia, Rev. Bernard McCartan.

Encerramento temporário da comunidade de Lisburn

Em setembro de 1880, a M. St. Félix escreveu ao bispo de Down e Connor, Dr. Patrick Dorrian, pedindo desculpa pelo fato de, tanto ela como Gailhac,

não poderem visitá-lo em Belfast. A saúde do Fundador não o permitia, pelo que decidiram reunir as Irmãs das comunidades irlandesas e inglesas em Bootle, uma cidade a norte de Liverpool. A M. St. Félix assegurava ao bispo que o Padre Gailhac faria o possível por despertar uma vez mais nas religiosas o espírito da sua vocação. O que mais a preocupava era a situação das Irmãs da comunidade de Lisburn. Garantia ao bispo que estava perfeitamente consciente do estado lamentável da comunidade e que ela e Gailhac tinham decidido transferir algumas das religiosas. Se tivessem tido conhecimento da verdadeira situação da comunidade, essas mudanças já deveriam ter ocorrido no ano anterior. Comunicava-lhe ainda que as Irmãs a enviar para Lisburn eram religiosas boas e cheias de zelo.³

Terminado o retiro, Gailhac escreveu à superiora de Lisburn, M. Raphael Cahill, encorajando-a a promover uma maior harmonia com a sua assistente e a trabalhar no sentido de levar a comunidade a uma observância mais fervorosa da Regra.⁴ Contudo, um mês depois, o Fundador escrevia à nova superiora de Ferrybank, M. St. Alphonsus, autorizando-a a visitar a comunidade de Lisburn cuja superiora se encontrava doente e parecia não estar em condições de exercer as suas responsabilidades. Pedia à M. St. Alphonsus que, após essa visita, enviasse à M. St. Félix um relatório completo.⁵

Obviamente Gailhac sabia que a superiora de Lisburn estava muito doente; contudo, na carta seguinte que lhe enviou, continuava a encorajá-la a ser para a comunidade um modelo de cumprimento da Regra, “tanto quanto a [sua] saúde o permitisse”. Fazia referência a algumas comunidades que conhecia, cujas superiores estavam sempre doentes e, apesar disso, reinava nelas uma admirável observância da Regra. Insistia com a M. Raphael para que, no seu relacionamento com as Irmãs, fosse “uma mãe, uma avó, no tom de [sua] voz, nas [suas] expressões e mesmo nas [suas] atitudes”. E acrescentava com muita sinceridade: “Sofro há muito tempo; pelo menos antes de morrer, quero que a minha filha mais velha [Lisburn], que me tem causado tanto sofrimento, se volte inteiramente para Deus, difundindo o bom odor de Jesus Cristo, tal como acontece nas outras comunidades. Como deve saber, nenhuma outra casa me tem causado tanta preocupação”. Gailhac deu instruções à M. Raphael para ler a sua carta à comunidade, sem omitir uma única palavra.⁶

No ano seguinte. 1881, o retiro em Bootle incluiu Irmãs das quatro comunidades de língua inglesa: Lisburn, Ferrybank, Bootle e Sag Harbor. Foi essa a primeira vez que esteve presente a superiora da fundação americana, M. St. Basil Davis. O retiro foi adiado por algum tempo, pois Gailhac e algumas das religiosas tinham visitado Ferrybank em julho, antes de irem para a Ingla-

terra, e o Fundador estava cansado e precisava de uns dias de repouso.⁷ O retiro decorreu muito bem e Gailhac parecia muito satisfeito. Pouco depois de as Irmãs regressarem às suas comunidades, escrevia-lhes com ternura:

*Minhas queridas filhas, sois a minha alegria e a minha coroa. Perseverem na graça que há em vós. Gravem na memória todas as palavras que ouvirem. Experimentaram tudo o que vos disse. O próprio Deus o colocou nos meus lábios. A ação de Deus foi muito palpável; o próprio padre [Gailhac] sentiu que era unicamente Deus a falar através dele.*⁸

Através desta carta, ninguém podia prever a terrível tristeza que acabara de afetar a comunidade de Lisburn. Pouco depois de o retiro ter terminado, a superiora geral escreveu ao bispo de Down e Connor, comunicando-lhe que, após o seu regresso a Bootle, souberam pelos próprios membros da comunidade de Lisburn que se sentiam muito infelizes. A casa estava em mau estado e era muito pouco saudável. O pátio e os jardins eram demasiado pequenos para proporcionar ar puro e exercício adequado. Três jovens Irmãs da comunidade tinham morrido inesperadamente no mês anterior, julho de 1881,⁹ e as restantes Irmãs encontravam-se num estado de debilidade muito acentuado. Como é óbvio, a superiora local, M. Raphael Cahill, devia ter ficado muito afetada pelas três mortes na sua comunidade. Ela própria ficara doente após a sua chegada ao norte da Irlanda, em 1871. Era considerada uma sobrevivente com “apenas um pequeno pulmão” e foi a sua saúde frágil que levou a então superiora de Lisburn, M. St. Patrice Darcy, a pedir que a transferissem para outra comunidade, pois as perspectivas da sua morte pesavam terrivelmente sobre a jovem superiora.¹⁰ A M. Raphael, que tinha sucedido como superiora à M. St. Patrice em 1877, não podia continuar a exercer a sua missão na comunidade e precisava de regressar a Béziers.¹¹

A M. St. Félix lembrava ao bispo que, apesar de tudo isto, a comunidade se tinha dedicado à missão de dar uma nova vida à cidade mas o pároco, Padre Edward Kelly, tinha mostrado “pouco ou nenhum interesse”. Além disso, desde o início da fundação, a Casa Mãe tinha gasto mais de £2.000 em mobiliário, pagamento de dívidas e reparações necessárias. “As circunstâncias não nos permitem, Sr. Bispo, continuar a fazer os mesmos sacrifícios”, informava a superiora geral.¹²

Para já - continuava ela - as religiosas iriam mudar de ambiente até que a sua saúde ficasse restabelecida. Quando a paróquia de Lisburn tivesse possibilidades de lhes providenciar uma boa casa com jardins, elas ficariam felizes por retomar as obras desta primeira fundação, tão querida ao Instituto. Naquele

momento, e para não abandonar todos os trabalhos ao mesmo tempo, a M. St. Colombar Darcy, a Sr. St. Denise Bergin e outra religiosa¹³ ficariam em Lisburn para darem continuidade à Children of Mary e estarem disponíveis para receber as inscrições das candidatas.¹⁴

O Padre Kelly respondeu ao bispo logo que teve conhecimento da situação. Lamentando que a saúde das religiosas tivesse sido afetada, lembrava-lhe que tinha havido esforços para ressituá-las num local mais saudável e que ele, o próprio bispo, tinha concordado que a casa atual em Castle Street lhes tinha parecido “suficientemente saudável”. Quanto às despesas da fundação, o pároco reafirmava que o Instituto, ao ter aceitado o convite para ir para Lisburn, ficara perfeitamente consciente de que deveria assumir as respectivas despesas. A comunidade local estava dependente das receitas do Internato mas a verdade é que o número de alunas internas tinha diminuído muito, devido, totalmente ou em parte, ao desastre das colheitas.¹⁵

A M. St. Colombar sugeriu ao padre que, se fosse possível encontrar um local melhor e vender o atual convento para se conseguir efetuar a compra, a Casa Mãe concordaria em cobrir a diferença. No caso de isto não ser possível, o Padre Kelly pedia conselho ao bispo relativamente à venda do edifício do convento e possível re-adjudicação dos encargos paroquiais. A terminar, defendia-se da acusação de ter mostrado pouco interesse pelas religiosas. Ao enumerar as receitas provenientes das suas atividades e as £100 da sua contribuição pessoal, o Padre Kelly terminava assim: “Não afirmo estas coisas para me queixar das boas e dedicadas religiosas mas, quando é feita ou insinuada uma acusação de negligência, é justo que seja ouvido também o outro lado”.¹⁶

Ao que parece, os católicos da cidade ficaram muito consternados quando ouviram dizer que estava iminente a retirada das Irmãs e enviaram delegações ao bispo, pedindo a sua ajuda.

O Padre Kelly, a Children of Mary e membros da Sociedade de S. Vicente de Paulo escreveram diretamente aos superiores, prometendo responsabilizar-se pelas remodelações necessárias a fim de tornar o convento saudável e confortável para as Irmãs.¹⁷ Os superiores aceitaram a oferta e concordaram em contribuir com a sua parte. Em menos de um ano, a casa estava totalmente transformada, fora acrescentado outro piso, tornando-a não só mais confortável mas muito bonita. Sensibilizada pela dedicação das pessoas pobres da paróquia e consciente da pobreza da localidade, a Casa Mãe pagou as remodelações na totalidade, £2,000.¹⁸

Rejuvenescimento da comunidade de Lisburn

A notícia do regresso das religiosas a Lisburn foi aplaudida com alegria e as aulas recomeçaram a 1 de setembro de 1882.¹⁹ The Morning News and Examiner (Belfast) tinha publicado anúncios quase todos os dias, durante o mês de agosto de 1882, informando que o Convento do Sagrado Coração de Maria ia reabrir, depois de terem sido feitos melhoramentos e ampliação de espaços muito significativos e dispendiosos. Esses melhoramentos iriam não só aumentar as possibilidades de alojamento na escola “mas também melhorar as condições de saúde no convento, notável como sempre foi pela natural salubridade [sic] da sua situação”.²⁰

Gailhac estava mais preocupado com o rejuvenescimento da comunidade religiosa de Lisburn e encorajava as Irmãs:

*O passado já não existe, deve ser completamente esquecido. Esta casa está mesmo a começar, desapareceram as antigas ruínas. Tudo é e deve ser novo. O Espírito de Deus deve ser o alicerce, as paredes e a coroa...Deus quis que a vossa casa material fosse totalmente renovada para que nunca esqueçais que também vós deveis tomar-vos um novo edifício.*²¹

A M. Seraphim Doheny, de vinte e seis anos de idade, foi nomeada superiora da comunidade de Lisburn e diretora da escola. Tinha acabado de fazer os votos perpétuos em julho de 1882. É provável, embora não haja a certeza, que tenha estado na comunidade de Lisburn antes do seu encerramento temporário.

Gailhac parecia ter muita confiança nesta jovem superiora. Lembrava-lhe que a comunidade de Lisburn estava, de certo modo, a começar de novo e era ela, M. Seraphim, quem deveria dar-lhe a forma que ela devia ter. Ao mesmo tempo, indicava-lhe o caminho que ela devia seguir - tomar como modelo a Casa Mãe. Ela própria deveria ser um exemplo para os membros da comunidade. Recomendava-lhe ainda: “Querida filha, seja verdadeiramente santa e fará santas”. Como superiora, deveria ser sempre calma e firme, doce nas palavras e tom de voz, sempre serena na sua expressão. “Envolve a doçura com a firmeza e a firmeza com a doçura; deste modo, conquistará os corações e atingirá a meta que Jesus Cristo prometeu”.²² O Fundador terminava a carta para a nova superiora com mais alguns conselhos muito práticos: “Ninguém, sejam pessoas da cidade ou padres, deve saber o que se passa em casa; isto é essencial. Numa palavra, volte-se para Deus. Escreva-me muitas vezes”.²³

Como diretora da escola, a M. Seraphim parece ter recebido apoio do pároco, dos membros da comunidade e, especialmente, de um novo cura, Padre Bernard McCartan que, até 1886, foi capelão da escola. A primeira tarefa da M. Seraphim foi convencer os pais e outras pessoas da cidade de que o Convento do Sagrado Coração de Maria estava melhor do que nunca! Ela preparou a cerimônia da entrega de prêmios no final do primeiro ano, para assinalar que tudo na escola tinha voltado à normalidade. Receberam prêmios dez alunas internas e treze externas. O Bispo Dorrian, sete padres, pais e amigos, assistiram a essa primeira cerimônia e, segundo o repórter de um jornal, foram brindados com “uma sumptuosa recepção, oferecida pela comunidade a um grande número de convidados”.²⁴

No ano seguinte, em julho de 1884, a entrega de prêmios chamou a atenção do repórter do Lisburn Standard:

Tal como muitas outras instituições, a escola RSCM de Lisburn passou o seu período de adversidade e dificuldades, mas, neste momento, está numa situação bastante florescente. O trabalho da senhora Superiora, Madame Marie Seraphim, e das Irmãs da comunidade, apoiadas pelo Rcv. Padre M'Cartan, diretor espiritual do estabelecimento, foram verdadeiros instrumentos para se chegar a esta próspera situação.

*... Neste ano, o sucesso da exposição deve ser motivo de profunda e constante consolação para os superiores da Casa Mãe, em Béziers, Sul de França, sobre quem recaiu a principal responsabilidade e encargo da instituição, nos seus dias de crise ou de sucesso.*²⁵

Os melhoramentos realizados na escola parecem terem-na transformado. De fato, se em 1881 as Irmãs a consideravam pouco saudável e desconfortável, precisamente três anos depois reconheciam-lhe “um elevado número de vantagens, pela situação particularmente saudável” e “uma localização maravilhosa”, onde “a beleza da natureza se espalha por todo o lado”. Fazia-se referência à proximidade dos Castle Gardens, “um parque em miniatura, ornamentado com as mais ricas e bonitas árvores que lhe dão sombra fresca no verão, qual ‘sussurro de uma tempestade acalmada’. Este é o lugar mais bonito de Lisburn”. Eram mencionadas também as professoras que tinham sido especialmente escolhidas pela Casa Mãe - “nascidas de pais irlandeses, educadas e preparadas em França, estas boas Irmãs apresentam muitas vantagens em relação a outros e tocam muito facilmente o coração e a inteligência da criança irlandesa”.²⁶

Todavia, seria um erro pensar que tudo corria bem no convento de

Lisburn. Desde o início de 1883, a nova superiora revelava dificuldades na gestão financeira. Gailhac escreveu-lhe confessando a sua tristeza por ouvir falar dos problemas econômicos de Lisburn. Ao que parece, ela estava a embelezar a casa mas a contrair dívidas. Como é óbvio, era difícil para o Fundador compreender como é que a superiora podia comprar coisas sem ter dinheiro. “Senti-me magoado até ao fundo do meu coração”, escrevia ele. “Eu não conseguiria dormir se tivesse feito uma compra sem ter dinheiro para a pagar”. Não era habitual Gailhac escrever a uma superiora sobre assuntos financeiros. Essa tarefa pertencia geralmente à M. St. Félix que, além de ser superiora geral, era também a Econômica geral do Instituto. Contudo, no caso da M. Serafim, Gailhac procurava esclarecê-la como um pai que elucida uma filha sobre os princípios que presidem ao equilíbrio de um orçamento:

*Querida filha, que os erros passados sejam uma dura lição para si... Querida filha, um cêntimo é um cêntimo; com alguns cêntimos fazem-se francos, e com francos atinge-se um montante [em dinheiro]: mas se escolhemos não poupar cêntimos, não podemos fazer francos e, sem alguns francos, não podemos ter uma quantia suficiente e ficamos arruinados, desacreditados e perdidos... Uma vez mais, pois, que a situação em que agora se encontra seja para si uma lição para o futuro! Nada de mais fantasias. Nada de mais despesas supérfluas. Pague na totalidade aquilo que compra ou precisa de comprar.*²⁷

Gailhac terminava a carta com ternura: “Tenho-lhe muito amor, querida filha, e sofro por causa da sua falta de prudência”.²⁸

Ao contrário de outras jovens superiores nos primeiros tempos das fundações, parece que a M. Seraphim não tinha “conselheira”: o próprio Gailhac tentava aconselhá-la. Pelo menos no início, provavelmente porque, como referia na sua carta, ainda esperava contra toda a esperança que aquela fundação, a filha mais velha do Instituto, não desmoronaria. Olhando para o passado, o Fundador estava convencido de que, se Lisburn fosse à ruína, seria porque estava, por assim dizer, quase separada da raiz que a fez nascer e das Regras e conselhos da Casa Mãe. Portanto, insistia com a M. Seraphim para que seguisse fielmente o estilo de vida da Casa Mãe, de modo que a comunidade de Lisburn fosse dela “uma imagem”. Ela devia falar disto às Irmãs, muitas vezes, a fim de fazer crescer nos seus corações o amor pela Casa Mãe e incutir nelas o espírito e as práticas da comunidade de Béziers. Sugeriria que, quando a comunidade fosse suficientemente numerosa, cada membro, um de cada vez, pudesse fazer um ano de renovação na Casa Mãe. Gailhac lembrava à nova

superiora que, em todas as casas, era habitual a superiora apresentar uma ava- liação mensal sobre cada uma das Irmãs da comunidade local e também a sua honesta autoavaliação.²⁹

Parece que a M. Seraphim tinha apresentado uma sugestão para libertar a comunidade da dívida, pelo que o Fundador terminava assim a sua carta: “Está autorizada a visitar uma vez essa boa senhora, de quem é amiga e que deseja tornar-se benfeitora da casa”: mas, sabiamente, lembrava-lhe que outro encontro semelhante não se poderia repetir sem uma autorização formal da Casa Mãe.³⁰ Terá sido o desagrado da superiora face a este desejo explícito de Gailhac que, eventualmente, conduziu ao problema.

A M. Seraphim estava determinada a trabalhar pelo desenvolvimento da escola mas, por volta de 1884, começou a revelar um extremo cansaço. A M. St. Félix, numa carta para a M. St. Eugène e sua assistente, M. Sacré Coeur MacMullen, pouco depois da sua mudança de Bootle para o novo convento de Seaforth, afirmava que as religiosas de Lisburn, e de modo especial a superiora, estavam com excesso de trabalho e com necessidade de mais Irmãs para as ajudar.³¹

No início de 1885, Gailhac escreveu uma carta carinhosa mas desafiadora à comunidade de Lisburn, para o Ano Novo. Nessa carta, explicava que estava velho e já não viveria muito tempo mas esperava que, no dia escolhido por Deus para a sua viagem para a eternidade, pudesse ver todas e cada uma das suas queridas filhas a viver a vida de Jesus Cristo. Lembrava-lhes que Deus as chamou a serem filhas do Sagrado Coração de Maria. Maria era a sua superiora: a superiora geral era apenas sua delegada. Elas eram, primeiro que tudo, filhas de Maria e deviam ser o modelo para aquelas que haviam de vir depois. Mas para viverem a vida de Jesus e Maria, as Irmãs deveriam examinar-se para terem a certeza de que não havia vícios contrários ao espírito de Jesus e do Sagrado Coração de Maria a enraizar-se nos seus corações. Gailhac enumerava esses vícios: orgulho e falso amor-próprio, falta de caridade, queixas e maledicência, ciúme, ambição e hipocrisia. Esses vícios impediam que o espírito de Jesus e Maria vivesse entre elas. O Fundador encorajava as Irmãs da comunidade de Lisburn, na certeza de que a graça de Deus as assistia: “Queridas filhas, *noblesse oblige*. Tornem-se uma nova criatura, ponham de parte o pecado, revistam-se de Jesus Cristo e sejam verdadeiras filhas de Maria”.³²

Uns dias mais tarde, Gailhac escreveu à superiora uma carta cheia de esperança, mas também mostrava estar consciente de dois possíveis perigos: através dela Deus realizava boas coisas, mas ela devia ter presente que era apenas um frágil instrumento nas mãos de Deus: toda a glória pertencia a Deus.

Dizia-lhe também que tinha escrito ao seu “*vicaire et protecteur*” [Rev. McCartan]. Lembrava-lhe ainda que devia agir com o padre como faria com um santo, mas observando também a prudência que ele recomendava na Regra, em casos semelhantes: mostrar respeito e gratidão mas nunca familiaridade.³³

O bispo de Down e Connor, Patrick Dorrian, morreu em 1885. Tinha sido o primeiro bispo a responder positivamente ao pedido da M. St. Croix quando ela temia que, sem uma fundação fora de França, o Instituto poderia não sobreviver à ofensiva da Guerra Franco-Prussiana e ao anticlericalismo dos revolucionários. Ele tinha assistido à primeira profissão realizada fora de Béziers e testemunhou os votos de três das Irmãs. Deu um apoio importante à escola com a sua presença na entrega anual de prêmios. Era um amigo da comunidade, bom e compreensivo, tanto em tempos de celebração como em tempos de adversidade, doença e morte. Patrick McAlister foi nomeado bispo para lhe suceder.

Crescimento da comunidade de Lisburn no contexto das tensões políticas no norte da Irlanda

Desde 1801, quando o Act of Union dissolveu o Parlamento Irlandês em Dublin, a Irlanda não existia como entidade separada, política e legislativamente. Como parte do Reino Unido, era governada pelo ministério britânico e pelo parlamento de Westminster. Contudo, quase desde a origem deste “Reino Unido”, os irlandeses repudiavam o Act of Union. Daniel O’Connell incentivava os camponeses irlandeses de todo o país a assistir a reuniões intermináveis para manifestarem, pelo menos com a sua presença, uma intenção de repúdio. Mais tarde, o Partido Parlamentar Irlandês, sob a liderança de Charles Stewart Parnell, organizou um grupo dos seus membros em Westminster para lutarem e influenciarem politicamente a oposição ao Act of Union. A resposta do líder inglês do partido Liberal, William Gladstone, despertou neles a esperança, visto que classificava a sua missão de “pacificadora da Irlanda” remediando, se possível, as dificuldades dessa terra. Quando se tornou primeiro-ministro, Gladstone considerou a possibilidade de uma Constituição para a Irlanda, restituindo algum grau de autonomia legislativa aos irlandeses. Os protestantes da Irlanda, a maioria da população no Ulster onde Lisburn estava situada, estavam determinados a não permitir a separação entre a Irlanda e a Inglaterra, Escócia e País de Gales, quaisquer que fossem as circunstâncias. Para os protestantes, separação era sinônimo de desmembramento. As tensões entre a comunidade

protestante e católica, em Lisburn, intensificaram-se em meados dos anos 80, pelo que as conversações acerca da referida Home Ride [Constituição] se generalizaram.³⁴

Relativamente a uma notícia que o jornal Lisburn Standard classificou como “questões loucas” levantadas na Câmara dos Comuns, um membro do Parlamento perguntou se era verdade que as bandas de tambores “Orangistas” (i.e., protestantes) em Lisburn, estavam deliberadamente a tentar provocar os católicos da cidade, efetuando os seus ensaios perto da capela católica, nas tardes de sábado, quando os católicos iam à confissão. Um ministro do governo, Mr. Trevelyan, resolveu a questão dizendo que tinha sido essa a prática durante anos em Lisburn e, além disso, “católicos e protestantes relacionavam-se bem em todas as partes da cidade”.³⁵

A 12 de julho de 1885, o “Dia da Ordem de Orange” - um aniversário importante para os protestantes no Ulster - foi celebrado com especial entusiasmo na região de Lisburn. A questão da Home Ride para a Irlanda estava novamente a ser considerada e o primeiro-ministro liberal do Reino Unido movia-se nessa direção. O Lisburn Standard alertou para consequências sérias:

*A preservação da União Legislativa é um dos direitos vitais para os protestantes deste país. Trocar os direitos daqueles que, através de boas ou más declarações, permaneceram fiéis ao trono, poderia ser um erro político de grandes proporções e, de certo modo, configurar a natureza de um crime. Mas a extraordinária manifestação de lealdade por parte dos protestantes, ocorrida na semana passada, poderá esclarecer verdadeiramente a situação e elucidar aqueles a quem isso possa afetar, pois embora os protestantes da Irlanda sejam uma classe leal e paciente, não permitirão nenhuma deslealdade ou condescendência numa questão como esta?*³⁶

Em virtude da forte sensibilidade acerca desta questão importante, era surpreendente que o jornal continuasse a dar uma cobertura muito positiva à entrega anual de prêmios no convento. A cerimônia durava cerca de quatro horas e o jornal referia detalhadamente os prêmios entregues, os nomes das premiadas, a opereta executada em quatro atos, os duetos ao piano, as canções, danças e saudações em várias línguas. O repórter escrevia com entusiasmo acerca da beleza e qualidade artística do momento e concluiu: “As boas Irmãs do Sagrado Coração de Maria devem ser justamente felicitadas por tanto bem que, do ponto de vista educativo, têm feito desde que chegaram a Lisburn”³⁷ Sem dúvida que grande parte deste sucesso podia ser atribuído à superiora e diretora, M. Seraphim Doheny.

As aulas deviam terminar a 16 de agosto de 1885. Nesse mês, quando Gailhac e a M. St. Félix estavam em Seaforth para o retiro, reuniu-se o “pequeno conselho” das casas de Inglaterra e Irlanda, tendo a superiora de Lisburn proposto a compra de três pequenas casas contíguas ao convento. Ela considerava que isto era necessário, por duas razões: naquela altura, o convento era tão pequeno que não permitia às Irmãs receberem mais alunas internas nem externas; em segundo lugar, pertencendo aquelas casas aos protestantes, podiam ser vendidas aos “Orangistas”, inimigos da Igreja Católica e das congregações religiosas, que as poderiam usar como lugares de encontro. Apesar das sérias dificuldades financeiras da Casa Mãe, a M. Seraphim conseguiu convencer Gailhac e a M. St. Félix a autorizarem a compra das referidas casas, secretamente, através de terceiros.³⁸ Mais tarde, a M. St. Félix recordava que a Casa Mãe tinha pago £2.500 pelas três casas.³⁹

A 11 de setembro, o capelão da escola, Rev. Bernard McCartan, felicitava a M. St. Félix pelo fecho da transação:

*... a compra foi elogiada por todos. Os protestantes estão admirados e dizem, como eu ouvi: “Na verdade, é maravilhoso ver um convento fechado apenas há um ou dois anos e, neste momento, a desenvolver-se tão rapidamente e a comprar as propriedades que até agora não podiam ser adquiridas por um católico, ainda que isso lhe desse gosto e tivesse dinheiro para tal”. Não preciso de referir, querida Madre Geral, o sentimento generalizado de alegria entre os pobres católicos que admiram o belo trabalho como uma bênção inestimável, reflexo do amor e energia da vossa boa Ordem.*⁴⁰

As escolas de Lisburn continuaram a expandir-se. A 16 de fevereiro de 1886, a M. Seraphim abriu uma Escola Infantil masculina para a qual pediu apoio financeiro, dois meses mais tarde.⁴¹ O inspetor distrital das National Schools, John Moran, chegou em junho para avaliar a candidatura da nova escola ao apoio financeiro e encontrou tudo em conformidade com as normas e regulamentos. Os edifícios destinados à nova escola não estavam juntos nem em terrenos contíguos; não dispunham de uma igreja ou capela nem sala de reuniões; não havia qualquer identificação, símbolos ou inscrições no interior das salas de aula, no exterior ou na porta de entrada. A escola estava situada num edifício de dois andares, com paredes de pedra, telhado de ardósia, pavimento assoalhado e janelas rasgadas. Tinha mobiliário suficiente e as casas de banho eram “adequadas”.⁴²

Em resposta a perguntas acerca dos nomes, idades, experiência, prepa-

ração e religião dos professores, estava escrito na entrada apenas isto: "Religiosas". Matricularam-se na escola quarenta e seis rapazes, com uma média de frequência perto dos 39,4%. Cada aluno pagava uma pequena quantia por semana como custeio escolar; seis ou sete rapazes frequentavam a escola gratuitamente. Embora houvesse onze National Schools num raio de três milhas desta nova escola (incluindo Castle Street Convent National School com uma média de frequência de 105,7% de meninas, assim como uma National School para rapazes [85,8% média de frequência] e uma para meninas [30,3% média de frequência] em Chapel Hill), a M. Seraphim, diretora da escola e oficialmente identificada como Sr.a Kate Doheny, convenceu o inspetor de que, pelo fato de a maior parte daqueles rapazinhos nunca ter frequentado antes a escola, as National Schools próximas não seriam afetadas. Tendo encontrado tudo em ordem, o inspetor recomendou que fosse concedido apoio financeiro à escola e, conseqüentemente, fossem concedidos às professoras religiosas salários retroativos por capitação, a partir de abril de 1886.⁴³

Com a ajuda do Rev. McCartan, a M. Seraphim, conseguiu alugar um terreno que se estendia desde a área limítrofe do convento até ao Rio Lagan. A renda era apenas £5 por ano. A M. St. Félix, entusiasmada, escreveu uma carta à superiora de Lisburn mas moderava o seu entusiasmo, lembrando que era graças aos Sagrados Corações de Jesus e Maria que uma tal bênção tinha sido concedida àquela comunidade, pelo que as Irmãs deviam corresponder mediante um compromisso renovado com a prática da caridade.⁴⁴ Mais tarde, a Casa Mãe decidiu comprar esse terreno por £200 e plantar nele uma bela horta. Juntou-se outra parcela de terreno por £300, que serviria de pastagem para as vacas.⁴⁵ Parecia que os superiores maiores estavam satisfeitos com a iniciativa da superiora e diretora de Lisburn, de aproveitar o momento propício para a compra das casas e terreno adjacente, quando disponível, e de abrir novas escolas, se fosse necessário.

Os meses de verão, julho e agosto, período algumas vezes referido como a "marching season" [época das manifestações] no norte da Irlanda, foram particularmente violentos em 1886. Os problemas começaram quando operárias das fábricas de fiação da Mr. Johnston's Mill foram atacadas e brutalmente espancadas por trabalhadores protestantes de uma fábrica rival. O Morning News and Examiner (Belfast) noticiara que os trabalhadores católicos estavam em risco na Crumlin Road, em Belfast, devido ao "espírito de intolerância manifestado pelos trabalhadores Orange do distrito".⁴⁶ A celebração do "Dia dos Orangistas", a 12 de julho, foi marcada por distúrbios generalizados nas zonas mais pobres de Belfast. Em Lisburn, reuniu-se uma grande assembleia para

reiterar a sua oposição à Home Ride e afirmar a sua lealdade à Rainha Vitória. Em agosto, aumentaram as tensões ao aproximar-se a celebração protestante do Apprentice Boys's Day [Dia do Aprendiz]. Os trabalhadores protestantes e católicos da construção da "Alexandra Dock" começaram a lutar muito cedo, na manhã de 7 de agosto, e continuaram por todo o fim-de-semana. As operárias das fábricas de fiação foram atacadas de novo, desta vez com bobines, por uma multidão de cerca de seiscentos protestantes. O bispo católico fez uma homilia sobre a situação, na Missa das 11h00. e implorou aos católicos que se mantivessem serenos.⁴⁷ Na segunda-feira, o Morning News and Examiner descrevia aquela desesperada situação:

*É praticamente impossível que as pessoas, vivendo à distância e não sabendo nada sobre Belfast, possam fazer uma ideia exata da violência desencadeada pelos adeptos da Ordem de Orange e seus carrascos, durante estes últimos dias. De fato, poderíamos dizer que a maior parte das cenas testemunhadas nas ruas, especialmente as de sábado e domingo, ultrapassaram as piores marcas de 1864 e 1872. A situação é tão crítica que cresce rapidamente a opinião a favor da proclamação da lei marcial.*⁴⁸

A 15 de agosto, os membros da Ordem de Orange desfilaram pelas ruas e atacaram principalmente as casas dos católicos, ignorando que estes estavam a preparar um arco para levantar no Dia da Mãe. O desfile preparado pelas crianças do Convento do Sagrado Coração de Maria teve de ser cancelado para não causar provocação em nenhuma parte da cidade. No dia seguinte, tinham sido presos sete "desordeiros", três dos quais viviam em Castle Street, não muito longe da escola.⁴⁹

Durante grande parte do mês de agosto, Gailhac esteve em Seaforth, mas tanto ele como a M. St. Félix pareciam alheados da violência e do perigo que ameaçavam a comunidade de Lisburn. Apesar da sua idade avançada, o Fundador tinha viajado para orientar o retiro anual às comunidades inglesas e irlandesas. Planejava também visitar a comunidade de Lisburn e encontrar-se com cada Irmã, depois do retiro; mais tarde, porém, escreveu a dizer que Deus e a sua saúde tinham outros planos. Dirigindo-se às Irmãs, dizia-lhes com muita simplicidade: "Sois as minhas filhas e eu sou o vosso pai; sabeis que desejo apenas o que Deus quer". Continuava falando-lhes demoradamente sobre o chamamento que Deus lhes fizera para serem uma com Jesus Cristo e viverem como Ele viveu.⁵⁰

A crise pessoal da superiora de Lisburn

Na carta de Gailhac não havia qualquer referência aos distúrbios e violência desencadeados em Belfast e Lisburn, o que não surpreende. Raramente havia uma carta dos superiores maiores que se referisse aos antagonismos religiosos e às agitações políticas em Lisburn. Pareciam não se aperceber do verdadeiro perigo enfrentado por esta comunidade, desde a sua fundação em 1870.⁵¹ Mas o que é mais difícil de entender é o fato de, havendo uma crise grave na comunidade desde maio de 1886, esta ainda não ter sido encarada.

Nessa altura, a M. St. Félix tinha escrito com urgência à M. St. Eugène comunicando-lhe que a Casa Mãe acabara de receber uma carta da comunidade de Lisburn, que apresentava a necessidade premente da substituição da superiora, M. Seraphin. Os superiores iriam enviá-la para Seaforth, devendo a M. St. Eugène acompanhá-la de perto e escrever com frequência para Béziers, a dar informações sobre o seu comportamento. A razão desta mudança tornou-se mais clara quando pediram à M. St. Eugène para verificar se a superiora de Lisburn não ficava com dinheiro para comprar bebidas. Na sua carta, a superiora geral referia-se também a uma carta recebida do Rev. McCartan que pedia aos superiores maiores para fazerem uma mudança suave, sem precipitações. Em sua opinião, a M. Seraphim merecia deles a melhor estima, pois tinha trabalhado muito pela prosperidade da casa e gozava de uma excelente reputação. A sua saúde tinha estado bastante debilitada durante algum tempo, resultando numa nevralgia crônica. Para acalmar a dor, tomava uma determinada dose de láudano que afetava o cérebro, provocando um estado de embriaguez. O Rev. McCartan insistia que era esta a verdade: havia um pouco de láudano e um pouco de álcool. Em caso algum ela poderia continuar com um medicamento que produzia um tal efeito. A M. St. Félix terminava a carta para a M. St. Eugène dizendo que, depois de longa consideração, tanto Gailhac como ela inclinavam-se para deixar as coisas como estavam, até à sua visita à Irlanda. A superiora geral recomendava à M. St. Eugène que não dissesse nada sobre o assunto à irmã da M. Seraphim - M. Cherubim -⁵² nem a mais ninguém.⁵³

Logo que a M. Seraphim soube da sua possível transferência, movimentou toda a gente para contatar a Casa Mãe, pedindo que lhe fosse permitido continuar em Lisburn. Houve vários contatos telegráficos em nome do bispo, mas os superiores maiores não cederam. Só quando foi o próprio bispo a enviar telegrama é que eles acederam, respondendo que autorizavam a permanência da M. Seraphim em Lisburn. por mais algum tempo.

Eventualmente o assunto terá sido tratado, mas de modo diferente, e não

é claro se a solução foi planejada ou espontânea. As superiores locais das comunidades foram convocadas para uma reunião em Béziers, agendada para começar em 17 de outubro de 1886. Não há registro exato dessa reunião nem da identidade das participantes, mas as fontes indicam que a M. St. Eugène, a M. St. Alphonsus e a M. Seraphim viajaram juntas de trem, de Londres para Paris, tendo podido usufruir de desconto nos bilhetes (chamados les obédiences) na última parte da viagem de trem para Béziers.⁵⁴ A M. St. Liguori MacMullen também esteve presente, vinda de Braga, e a M. St. Augustine Walsh representava a comunidade de Sag Harbor, em vez da M. St. Basil Davis. Terminada a reunião, as superiores regressaram a casa, mas a M. Seraphim ficou em Béziers, tendo ido a M. St. Augustine para Lisburn a fim de a substituir temporariamente. Uma carta da M. St. Félix esperava a M. St. Eugène no dia da sua chegada a Seaforth. A superiora geral informava-a de que estava tudo preparado para que as roupas da M. Seraphim fossem enviadas de Lisburn para Seaforth, a fim de serem levadas para Béziers pelas postulantes que iam para o noviciado a 17 de novembro. Como é óbvio, a M. Seraphim não tinha sido previamente informada de que iria ficar na Casa Mãe depois da reunião. A M. St. Félix confidenciou à M. St. Eugène que a superiora de Lisburn ainda não estava conformada com a sua situação, tendo mesmo chegado a provocar algumas discussões. “A sua vocação está fortemente abalada” - escrevia a superiora geral. “Pobre alma! E vontade de Deus que esta vocação, agora vacilante, não venha a perder-se definitivamente!” Uma vez que a M. Seraphim não tinha condições para ensinar no Internato, foi enviada para o noviciado a fim de ensinar francês às noviças e praticar piano, etc.⁵⁵

Uma semana depois, a situação não tinha evoluído. A M. St. Félix escreveu à M. Sacré Coeur: “Estamos preocupadas com a M. Seraphim. O que irá acontecer?! Só Deus sabe. Estou muito triste, muito preocupada! Minha boa filha, continuam a surgir provações de toda a espécie, deixando-me num estado de constante sofrimento moral, mas eu aceito-o com total submissão e abandono-me completamente ao Coração de Jesus”.⁵⁶

A medida que as semanas passavam, os superiores começaram a receber cartas das pessoas de Lisburn, contestando a transferência da popular diretora. Mr. Magenis, pai de uma das alunas internas, lamentava profundamente a forma como tinha sido feita a transferência, pois iria dar origem a preconceitos contra a fé católica e comprometeria a boa educação das crianças. Em resposta, a M. St. Félix tomou a defensiva lembrando a Mr. Magenis que a M. Seraphim não tinha sido a fundadora de Lisburn, mas sim a terceira superiora daquela comunidade. A primeira fora a M. St. Patrice Darcy, falecida em 1877. A segunda, a

M. Raphael Cahill. que tinha sido chamada à Casa Mãe por questões de saúde, tendo morrido em outubro passado. A M. St. Félix lembrava-lhe também que foi a Casa Mãe. e não a M. Seraphim, que tinha feito todos os melhoramentos na escola. Mudando de tom, assegurava-lhe que a M. Seraphim recebia os mesmos cuidados e dedicação dispensados a todos os membros do Instituto. A sua substituta temporária, M. St. Augustine, era uma santa religiosa, dedicada à obra de Deus e muito capaz de dirigir a escola. As crianças iriam receber a mesma educação e os mesmos cuidados que tinham recebido até então.⁵⁷

Entretanto, durante os meses que passou em Béziers, a M. Seraphim parecia ainda oficialmente “em funções” como diretora da escola do convento de Lisburn e, mesmo à distância, conseguia concretizar qualquer atividade que anteriormente tivesse planejado. A 6 de dezembro de 1886, estava pronta para inaugurar uma Escola Noturna feminina em Lisburn. Essa escola devia funcionar nove meses por ano (exceto junho, julho e agosto), às segundas, quartas e quintas à noite, das 19h00 às 21h00, nas mesmas salas utilizadas pela National School durante o dia. A 7 de janeiro de 1887, a M. Seraphim pediu apoio aos Comissários da Educação Nacional para a então designada Escola Noturna Feminina de Castle Street.⁵⁸

Importa recordar que, no início da primavera de 1871, as religiosas tinham começado a proporcionar aulas noturnas, três vezes por semana, às mulheres pobres, empregadas nas fábricas da área de Lisburn. Em pouco tempo, estavam inscritas oitenta mulheres. Além das disciplinas seculares básicas, ensinava-se catecismo, costura e bordados. As mulheres contribuíam com uma pequena quantia para essas aulas.⁵⁹

Algum tempo depois, a M. St. Thomas Hennessy avisou Gailhac de que a Escola Noturna estava a diminuir de frequência todas as semanas. A M. St. Croix tinha incentivado as religiosas a não interromperem aquelas aulas para as mulheres trabalhadoras pobres, mas não há muito mais referências a esse assunto nas Fontes do Instituto.⁶⁰ Na altura, uma Escola Noturna para jovens e mulheres trabalhadoras pobres procurava obter a aprovação e o apoio financeiro da Comissão de Educação Nacional.

As Escolas Noturnas respondiam a uma necessidade premente na área de Lisburn, mas o Convento do Sagrado Coração de Maria não era o único detentor dessas escolas nem da exclusividade para mulheres adultas. Em Magheralin, County Down, por exemplo, havia oitenta e nove alunos a frequentar a Escola Noturna em 1874, mas deste número apenas dezenove rapazes tinham mais de treze anos. Os alunos mais velhos estavam geralmente empregados na tecelagem ou eram trabalhadores rurais; as alunas mais novas trabalhavam

na dobragem do fio a ser usado pelos tecelões. O inspetor distrital, neste caso James Brown, fez um comentário curioso na sua comunicação sobre a Escola Noturna Magheralin, que ele criticava por ela não incentivar os alunos a frequentarem a escola normal diurna, mais próxima. E acrescentava:

Tenho consciência das grandes proporções a que chegou o uso dc crianças no trabalho da tecelagem, mas este fato está geralmente associado a pais de hábitos dissolutos, que muito frequentemente utilizam o dinheiro ganho pelos filhos, gastando-o na bebida, em vez de com ele proverem às necessidades e bem-estar da família.⁶¹

Em consequência destas e de outras observações semelhantes, passou a ser exigida uma idade mínima para quem frequentava a escola noturna e uma quantia obrigatória, para complementar a verba concedida pelo Estado. Além disso, de acordo com as normas que regulamentavam as Escolas Noturnas na altura em que a M. Seraphim fez o pedido, o apoio seria concedido apenas a Escolas Noturnas de um único sexo, destinadas a alunos que não frequentavam as escolas diurnas.

A 7 de fevereiro de 1887, o inspetor distrital visitou a Escola Noturna e foi positiva sua apreciação. Não fez qualquer alusão à ausência da diretora da escola, O Mrs. Kate Doheny. Não se sabe ao certo se a M. Seraphim terá voltado a Lisburn quando o inspetor distrital foi avaliar a Escola Noturna; ela deve ter preparado tão bem toda a documentação que a sua substituta conseguiu representá-la de tal modo que o inspetor distrital ficou satisfeito.

Havia 118 candidatas femininas nos registros de matrícula, sendo a média de frequência 63. Estavam presentes 66 alunas quando o inspetor visitou a escola. Entre as inscritas, 18 eram consideradas "adultas", com uma média de vinte e um anos de idade. A média de idade das outras era dezessete anos. Todas essas alunas eram trabalhadoras da fiação, exceto três que foram apresentadas como "criadas". A média da sua contribuição semanal era três xelins e seis dinheiros. Na Escola Noturna, as Irmãs eram professoras e o Inspetor Moran avaliou os conhecimentos literários de cada uma como "muito competente", a sua maneira de ser "excelente", e o método adotado na orientação da escola "bom". O ensino era "exclusivamente secular" e incluía leitura, interpretação, escrita, aritmética e gramática. Segundo o depoimento dc Moran, não era ministrado qualquer tipo de instrução religiosa na Escola Noturna.⁶²

O inspetor distrital ficou tão bem impressionado que dizia no seu relatório: "Dado que a Escola Noturna tem funcionado da melhor forma e sendo tão frequentada, tenho a honra de recomendar que seja atendido o seu pedido". O

Departamento de Educação em Dublin concordou em conceder aos orientadores [as RSCM] da Escola Noturna £10/ano por cada um dos cem alunos em frequência, com efeitos retroativos a 6 de dezembro de 1886.⁶³

Apesar dos êxitos educativos da M. Seraphim, quando anos mais tarde a M. St. Félix fazia memória dos acontecimentos de Lisburn, intitulou assim esta parte das suas Notas: *Rude et très douloureuse épreuve occasionnée par la supérieure de la maison de Lisburn*. O conteúdo dessa informação difere em alguns aspectos daquele que se encontra nas cartas que a superiora geral escreveu à M. St. Eugène, na altura dos acontecimentos, pelo que não é totalmente fidedigno. Por exemplo, a M. St. Félix lembrava que tinha sido a falta de uma boa administração e de um correto registro de contas que levou os superiores maiores a suspeitarem da existência de um problema na comunidade de Lisburn. A M. Felix não se referia à intervenção da comunidade nem ao esclarecimento do Rev. McCartan sobre o problema da superiora. Contudo, a descrição que fazia oferece alguma informação plausível que não contradiz as suas primeiras cartas. Parece que, durante a estadia da M. Seraphim na Casa Mãe, um vizinho terá enviado uma mensagem à M. St. Félix, através da porteira, dizendo que uma das Irmãs estava a enviar cartas secretamente. Nem ela nem Gailhac faziam a mínima ideia de que Irmã se tratava, mas descobriram rapidamente: “Era a pobre criatura de Lisburn”. A M. Seraphim enviava cartas aos seus amigos de Lisburn, quando atravessava a rua em direção ao parque. De acordo com a M. St. Félix, a M. Seraphim estava contrariada e tudo fazia para apressar o seu regresso a Lisburn. Em vez disso, os superiores maiores enviaram-na para Seaforth, com instruções à M. St. Eugène para que a acompanhasse de perto. Durante algum tempo, a M. Seraphim parecia satisfeita, mas essa disposição não durou muito. De acordo com a descrição da M. St. Félix, “Em breve ela [M. Seraphim] sentiu a mesma necessidade e começou a ficar mais nostálgica do que nunca”. Começou a dizer a toda a gente que a casa de onde tinha saído precisava muito dela, que era lá indispensável porque aquela pequena comunidade não tinha ninguém para a orientar, etc. Acabou por regressar a Lisburn. Ao relatar esta história, a M. St. Félix admitia ser justo reconhecer que a M. Seraphim era muito boa. Tinha o dom de fazer com que todos gostassem dela - as pessoas que trabalhavam com ela, todos os padres e até mesmo o bispo - e foi muito saudada quando voltou de novo para junto deles.⁶⁴

A 3 de maio de 1887, a M. St. Félix escreveu ao Bispo McAlister, comunicando que a M. Seraphim já estava “perfeitamente bem, física e moralmente”. e que iria voltar aos seus compromissos em Lisburn, na segunda-feira

seguinte.⁶⁵ A M. Seraphim trouxe ao seu ministério em Lisburn uma energia renovada, mas o Rev. McCartan já não estava lá para a apoiar e o pároco, Padre Edward Kelly, era idoso. Os problemas habituais com a gestão do pessoal colocavam desafios. A M. Seraphim escreveu para a Casa Mãe a pedir mais religiosas para ensinar na escola, visto que o número de alunas internas ia aumentando e a doença estava a atingir as professoras. A M. Paulinc Phelan.⁶⁶ por exemplo, tinha tantos problemas de visão que foi aconselhada a fazer repouso absoluto durante muitos meses. Como resposta, a M. St. Félix tentou fazer algumas transferências para Lisburn mas parece que as religiosas nunca eram suficientes.⁶⁷ Todavia, e contrariamente ao que se esperava, tanto a superiora geral como a M. Seraphim ficaram decepcionadas quando, em maio de 1889, foram divulgados os planos para construir em Chapel Hill novas National Schools para ambos os sexos, que seriam dirigidas por leigos. A M. St. Félix reagiu imediatamente dizendo à superiora e ao bispo que, se as Religiosas do Sagrado Coração de Maria não fossem integradas nas novas escolas, não teriam nenhuma obrigação de colaborar no bazar da paróquia para angariar fundos; mais tarde, ela reconsiderou e disse que as religiosas colaborariam, se o bispo o recomendasse.⁶⁸

É estranho que a M. St. Félix tenha omitido os sinais de que a M. Seraphim andava muito tensa e voltava à sua postura anterior. A superiora geral admitia que, a certa altura, recebeu uma carta de um antigo pároco que conhecia bem a M. Seraphim (provavelmente o Rev. McCartan). Nessa carta, o padre explicava que, pouco depois de ter regressado a Lisburn, a superiora adoecera e estava muito anêmica. O médico consultado receitou-lhe alguns medicamentos de teor alcoólico a que ela se habituou e continuava a tomar secretamente, de modo geral à noite. Isto prolongou-se por muito tempo, sob a capa de tratamentos médicos. As Irmãs da comunidade andavam um pouco desconfiadas mas acharam melhor não dizer nada sobre o assunto. Por sua vez, a M. St. Félix, contabilista experiente, como encontrava os livros de contas de Lisburn sempre em ordem, também não suspeitou de nada.⁶⁹

Gailhac faleceu em janeiro de 1890, desconhecendo o triste desfecho da história da M. Seraphim. Talvez ela continuasse a ser para ele a jovem superiora por quem tudo fizera, para a preparar enquanto a idade e a saúde lho permitissem. Talvez ela continuasse a ser para ele a querida filha que tanto estimava, mas cuja falta de prudência lhe causava tão grande sofrimento. Após a morte de Gailhac, a M. Seraphim enviou uma carta de condolências à M. St. Félix, tentando consolá-la. “O nosso bom pai está no céu” - escrevia ela. “Ele já nos alcançou três graças!”⁷⁰

O fim da história

Embora este volume da História das Religiosas do Sagrado Coração de Maria termine em 1890, com a morte de Gailhac, parece oportuno concluir a história da pobre “heroína”, M. Seraphim.

O velho pároco de Lisburn, Edward Kelly, morreu em julho de 1890, tendo sido substituído pelo Rev. Mark McCashin, em outubro do mesmo ano. Quando a superiora geral foi em visita a Lisburn, em 1890 e 1892, pediu, como habitualmente, para ver as contas e encontrou-as perfeitamente em ordem. Os membros da comunidade, quando interrogados pela M. St. Félix, disseram-lhe que a M. Seraphim ia muitas vezes a Dublin “em serviço”, que ela dizia ser para a superiora geral. Estranhamente, apesar de conhecer a fraqueza característica da M. Seraphim, a M. St. Félix ainda não estava convencida.⁷¹

Em novembro de 1895, a comunidade de Lisburn, muitos membros do clero, alunas, pais e amigos celebraram as Bodas de Prata daquela fundação. Presidiu o Dr. Henry Henry, que tinha sucedido ao Bispo McAlister uns meses antes, como bispo de Down e Connor. Um professor de Maynooth College apresentou a história do Instituto e a obra realizada por esta primeira fundação em Lisburn. O capelão do Convento RSCM em Seaforth, Rev. F. Jeanrenaud, esteve presente e cantou algumas canções interessantes, tais como McNamara’s Brass Band. Foi celebrada a Missa e as alunas cantaram a Bordese’s Mass com toda a orquestra estudantil. No fim, cantou-se o Te Deum e a orquestra executou o hino Weirs Silver Jubilee March. Seis representantes da população de Lisburn agradeceram então às Irmãs e ofereceram-lhes uma harpa e um órgão, “símbolos da música pelos quais o vosso convento é bem conhecido”. Nos jornais - Irish News e Belfast Morning News - um artigo resumia assim o evento de gala:

Neste momento, vinte e cinco anos após a fundação do convento, seria difícil fazer uma adequada estimativa dos benefícios recebidos através do trabalho dedicado do Instituto, durante este quarto de século. Embora durante alguns dos primeiros anos da sua fundação, a comunidade tenha tido de lutar contra muitos dissabores e oposições, o convento atingiu o primeiro lugar entre os estabelecimentos de educação da província do norte e tem sido um meio de formação do caráter das jovens confiadas ao seu cuidado, de acordo com um sólido modelo religioso, transmitindo-lhes também uma educação esmerada e liberal.⁷²

Pouco tempo depois da celebração das bodas de prata do convento de Lisburn, a M. St. Félix recebeu pelo correio uma carta de compromisso, assinada pela M. Seraphim, em que ela prometia reembolsar um tal Henry Magill da soma de £4,000 ou seja 100.000 francos franceses, em pagamentos anuais a 6 por cento de juro. Muitos anos mais tarde, ao recordar aquele incidente, a M. St. Félix confessava que isto foi um choque tão violento que, durante vários dias, não conseguiu recompor-se. Após algum tempo, com a fé e espírito prático que a caracterizavam, conseguiu colocar este sofrimento aos pés da Cruz e no coração do Divino Mestre, começando a fazer os preparativos para o pagamento da dívida.⁷³

Henry Magill, a quem a M. Seraphim pedira o dinheiro, tinha uma filha, May, nascida na Nova Zelândia em 1878, que entrou para as RSCM em setembro de 1895, recebendo o hábito e o nome em religião de Marie Winifred, em abril de 1896. Fez a primeira profissão a 18 de setembro de 1899 mas veio a sair do Instituto em 1905.⁷⁴

E provável que May tenha frequentado a escola do convento de Lisburn e terá sido desse modo que a superiora, M. Seraphim, conheceu a família. Também é possível que o dinheiro de Magill pudesse ter vindo da corrida ao ouro na Nova Zelândia, que estava no seu apogeu na altura em que May e os seus quatro irmãos nasceram em Totorā Flat, Greymouth, na Província de Nelson.⁷⁵ Quando May entrou para o Instituto, os seus pais - Henry e sua mulher Alice Campbell Magill - ainda viviam.

Parece que Henry Magill, nascido em 1839, e a sua segunda filha mais velha, Margaret, nascida em 1881, terão emigrado para Salt Lake City, Utah, USA em 1897. Como não há qualquer referência à sua mulher Alice, é provável que esta tenha morrido ou se tenham separado, e que em 1895 Henry estivesse a planejar emigrar, estando portanto ansioso por exigir o pagamento do seu empréstimo. As suas duas filhas, Jane nascida em 1884, e Alice nascida em 1887, e o filho Henry nascido em 1884, juntaram-se todos ao pai em Utah, em 1899.⁷⁶

A M. St. Félix decidiu negociar com Henry Magill uma redução nos juros para 4 por cento e um aumento razoável no reembolso anual do capital. Em primeiro lugar, lembrava-lhe que o Instituto não era de modo algum responsável, visto não ter autorizado o empréstimo. Deveria ter sido ele a exigir garantias ao Instituto, antes de emprestar tanto dinheiro à superiora de Lisburn. Este argumento deu à superiora geral alguma vantagem, embora ela já tivesse decidido pagar toda a dívida. Pensava que, se recusasse o pagamento da dívida, poderia levar à ruína a numerosa família Magill e arriscar-se a um processo no

tribunal, assim colocando mal a religião e muito particularmente o Instituto. Todas as comunidades do Instituto, na medida das suas possibilidades, seriam chamadas a contribuir para o pagamento da dívida. A superiora geral achou prudente revelar ao bispo, Dr. Henry, a conduta da superiora de Lisburn e pedir o seu apoio para a concretização daquele plano. A M. St. Félix recordava que, ao expor a situação, o bispo exclamou: “Meu Deus! Como vai conseguir?!”⁷⁷

Entretanto, a M. Seraphim foi levada para a Casa Mãe. Recusou-se a confessar como tinha usado o dinheiro ou a quem o tinha dado, o que continua a ser um mistério até aos nossos dias. Revelou apenas que, durante a década anterior, havia contraído empréstimos suplementares no montante de £3.200 ou seja, 80.000 francos franceses!⁷⁸ Tinha apresentado um livro de despesas com os nomes e endereços, as quantias e as datas de vencimento de cada dívida. Escreveu na capa: “Isto está correto e poupará muito trabalho quando as dívidas forem reclamadas”. Mais adiante insistia: “Qualquer pessoa ou pessoas que apresentem recibos assinados por mim, enquanto superiora do convento de Lisburn, têm todo o direito ao seu dinheiro, mas devem ser passados sempre os recibos, para evitar enganar!”⁷⁹

De acordo com as memórias da M. St. Félix, a M. Seraphim permaneceu na Casa Mãe durante a quaresma de 1896, a fim de se preparar para o seu dever pascal. Nunca revelou à comunidade para onde tinha ido o dinheiro. Depois da Páscoa, chegou a sua dispensa de votos e deixou o Instituto, seguindo mais tarde para a América. Num pós-escrito, a M. St. Félix acrescentava, com tristeza, que a M. Seraphim lhe escrevera muitas vezes⁸⁰, mas que nunca respondeu a nenhuma dessas cartas porque sentia que ela tinha mostrado “o mau hábito de desvirtuar a realidade”.⁸¹ É provável que, nessas cartas para a M. St. Félix, a M. Seraphim tentasse explicar o que realmente se tinha passado e o que tinha acontecido ao dinheiro que pedira emprestado. Se foi assim, a sua explicação e essas cartas ficaram perdidas para a história e o mistério permanece.

A história completa não termina com uma nota triste. De fato, as comunidades do Instituto partilharam o fardo do pagamento da dívida contraída pela superiora de Lisburn. A Casa Mãe e as comunidades portuguesas assumiram a responsabilidade da dívida a Magill, de £4.000. A comunidade do Porto fez um empréstimo de metade dessa quantia, hipotecando a sua compra recente do edifício escolar na Praça Coronel Pacheco. Mesmo com esse movimento de grande coração, os primeiros pagamentos foram difíceis de efetuar. Em setembro de 1898, não foi possível fazer o pagamento e o Sr. Magill escreveu, de Salt Lake City, uma carta um tanto agressiva, datada de 29 de agosto de 1898:

Querida e Reverenda Madre Geral.

Recebi uma carta de May [na altura, Marie Winifred, noviça [RSCM], no dia 24 deste mês, dizendo que a Madre lhe dera instruções para me escrever [sic] a comunicar que não me podia enviar o dinheiro no mês de setembro, mas não diz quando poderá fazê-lo, o que acho muito estranho... Tenho compromissos a satisfazer nesse mês.⁸²

Depois disso, o Sr. Magill contratou uma firma de investimentos bancários, F. E. McGurrin and Co., para tratar da cobrança das £2.872 ainda por liquidar. O responsável da agência escreveu assim:

Lamentamos ter de insistir para que nos envie imediatamente o dinheiro: ficaríamos muito incomodados se nos víssemos forçados a recorrer a procedimentos legais para exigir a cobrança. Infelizmente, em assuntos de negócios, nem sempre podemos seguir os nossos sentimentos pessoais...⁸³

Deve ter sido um estranho contrato uma vez que, na mesma carta, a M. St. Félix era informada de que £200 da dívida deveriam ser entregues ao convento de Lisburn, na altura da primeira profissão da filha do Sr. Magill. Podemos imaginar a alegria e alívio da M. St. Félix quando, a 24 de outubro de 1905, recebeu da referida firma esta breve mensagem: “Junto encontrará o recibo total, conforme foi pedido”.⁸⁴ No fim do livro de contas de Lisburn, a M. St. Félix escreveu: “Em 1904, esta grande dívida estava quase paga. Em 1905 ficou totalmente liquidada... Deo Gratias”.⁸⁵

A própria comunidade de Lisburn, apoiada pelas comunidades de Fer-rybank e Seaforth, pagou as £3.200 referentes às dívidas a pessoas de Lisburn, Belfast, Dublin e áreas vizinhas. Foi seguramente um sinal da capacidade da comunidade de Lisburn que, mesmo antes da dívida de Magill estar totalmente liquidada, começou a fazer planos para o futuro. Encorajada pela Casa Mãe, a nova superiora, M. Presentation Maguire,⁸⁶ obteve do Banco Nacional um empréstimo de £4.000 ao juro de 3 por cento e, em 1897, construiu um novo internato - com dormitório para as internas, salas de aula e salas de estudo - no local onde se situavam as três pequenas casas que tinham sido compradas pela M. Seraphim em 1886.

Este alargamento dos espaços tomou possível receber 25 alunas internas e, com o aumento do número de alunas, as Irmãs pediram e receberam o reconhecimento do Departamento Intermédio de Educação. Constituído em

*1878. este Departamento linha poderes para conceder subsídios a escolas secundárias, com base nos resultados do Exame Intermédio.*⁸⁷

Em 1902, foi construída uma nova e linda National School feminina, junto dos jardins do convento. As alunas que tinham ido provisoriamente para a *National School de Chapel Hill*, regressaram ao novo local. Havia mais de 200 alunas inscritas. Uma vez que a Comissão de Educação tinha pago dois terços do valor da construção, a comunidade era responsável apenas por £400. “Esta nova escola foi construída de acordo com os mais modernos requisitos de arquitetura e foi uma das mais belas e melhor equipadas National Schools da diocese de Down e Connor”.⁸⁸

Reflexões

Efetivamente, o último sucesso das escolas de Lisburn foi conseguido graças à dedicação e iniciativa da M. Seraphim. Esta mulher tinha sido encarregada de “refundar” a escola e a comunidade de Lisburn mas parecia ter canalizado todos os seus dons e energias para o ministério da escola. Embora jovem e inexperiente como superiora, e ao contrário das que a precederam, não teve nenhuma conselheira. Dá a sensação de que ela optou pela reorganização da escola sem qualquer ajuda e, se a celebração das bodas de prata for um indicativo, o seu objetivo foi conseguido embora à custa do desgaste da sua saúde, com longas horas de trabalho e manobras financeiras invulgares e perigosas. Haverá quem possa dizer que ela se situava para além do seu tempo, manifestando notáveis dons empresariais, com todos os riscos inerentes. Na ausência de qualquer testemunho em contrário, podemos assumir que a M. Seraphim terá aplicado o dinheiro que pedira emprestado em melhoramentos na escola, na esperança de conseguir pagar as dívidas, à medida que ela prosperasse. Como poderia ela prever que Mr. Magill iria decidir tão inesperadamente mudar-se para Salt Lake City, exigir o pagamento sem prévio aviso e revelar o esquema que ela habilmente tinha escondido das superiores durante anos?

A M Seraphim lidava com enormes somas de dinheiro.⁸⁹ É difícil compreender como é que as suas despesas poderiam ter continuado despercebidas, até porque todas as escolas fundadas pelas Religiosas do Sagrado Coração de Maria poderiam ter sido fortemente prejudicadas devido aos seus erros. Isto acabou por se verificar, mais tarde, em Portugal, onde foi necessário hipotecar

o edifício da escola na Praça Coronel Pacheco, por razões pouco claras para as Irmãs.⁹⁰

M. Seraphim parece ter esquecido o conselho de Gailhac - ter presente que, no meio do sucesso, cada uma é um simples instrumento de Deus. Mas ela considerou-se indispensável e perdeu-se no processo. A M. Seraphim revelou um hábito de secretismo que raiava a duplicidade. Desde enviar cartas da Casa Mãe, secretamente, até simular que a sua necessidade de álcool era meramente terapêutica, a misteriosas viagens a Dublin sob falsos pretextos, a orçamentos equilibrados com enormes somas de dinheiro emprestado, à sua recusa em dizer aos superiores de onde tinha vindo o dinheiro, ela já se vinha separando do Instituto muito antes de ser convidada a sair. Perguntamo-nos como é que ela se teria sentido ao saber que a escola de Lisburn prosperava sem ela. Uma historiadora local fazia esta descrição da escola, em 1906:

*Há também um Internato a florescer, ligado ao Convento de Lisburn, onde as alunas são preparadas para os Exames Intermédios e geralmente com as melhores classificações. As alunas vêm de todas as partes da Inglaterra, Irlanda e Escócia para esta escola, onde o ensino da música, tanto vocal como instrumental, é particularmente ministrado com notável sucesso.*⁹¹

NOTAS :

- 1 Para mais informação sobre a M. St. Colmban Darcy, ver Kathleen Connell. RSHM. Uma Caminhada na Fé e no Tempo. Vol. II (RSCM. 1993) 95-96.223-229.
- 2 Catherine Doheny, nascida na Irlanda a 6 de janeiro de 1856, entrou para o noviciado em Béziers a 12 de setembro de 1875. Recebeu o hábito e o nome de Marie Seraphim a 17 de maio de 1876, fez a primeira profissão a 23 de julho de 1877. e os votos perpétuos a 28 de julho de 1882. Deixou o Instituto a 24 de abril de 1896. Ver Grande Registro #103.
- 3 M. St. Félix para Dorrian. setembro de 1880, Arq.Hist./Cong., II-D.95 (15-17).
- 4 Gailhac para M. Raphael.GS/20/VIII/80/A.
- 5 Gailhac para M. St. Alphonsus, GS/24/IX/80/A e GS/4/X/80/A.
- 6 Gailhac para M. Raphael.GS/11/X/80/A.
- 7 Gailhac para M. St. Charles. GS/20/VII/81/A.
- 8 Gailhac para as comunidades inglesa e irlandesa, GS/4/VIII/81/A.
- 9 Uma das doentes era a M. St. Chrysostom Sullivan de 24 anos. A sua certidão de óbito indica que sofreu de tuberculose pulmonar, durante dois anos, acabando por falecer a 23 de julho de 1881. As outras duas religiosas eram a M. St. Columba McKenna (8 de julho de 1881) e M. of the Blessed Sacrament Roberts (25 de julho de 1881). Como estas irmãs ainda não tinham feito a profissão perpétua não constavam do Grande Registro, portanto pouco se conhece das suas vidas.
- 10 Ver Kathleen Connell. 96-97.
- 11 M. Raphael morreu em Béziers a 22 de outubro de 1886. Ver Grande Registro #59.
- 12 M. St. Félix para Dorrian. 1 de agosto de 1881. Arq.Hist./Cong.. II-D.95 (19-22).
- 13 As duas irmãs de coro que ficaram são identificadas simplesmente como MSC [M. St. Colmban] e MS [possivelmente M. Seraphim].
- 14 M. St. Félix para Dorrian, I de agosto de 1881, Arq.Hist./Cong.. II - D 95 (19-22).
- 15 Edward Kelly para Dorrian. agosto de 1881. Arq.Hist/Cong.. II - F. 127.
- 16 Ibid.
- 17 É interessante notar que a saúde geral da cidade parecia melhorar com o tempo. No inverno de 1882. o chefe dos serviços médicos de Lisburn estava preocupado unicamente por ter de recusar uma licença para um matadouro numa zona da cidade com grande densidade populacional, onde havia imundície escondida numa padaria e várias pocilgas nas traseiras. Em fevereiro de 1882 dizia ele: "Desde o meu último relatório mensal não tive nenhuma doença em observação exceto bexigas, epidemia que já não está a alastrar. A saúde da comunidade é excelente para esta estação e as condições sanitárias do distrito são boas." Belfast: Public Record Office for Northern Ireland (aqui referido como PRO.N.L). LA48/9D/1. 1-14.
- 18 Este comentário da M. St. Félix encontra-se apenas à sua carta para o bispo Dorian. de I de agosto de 1881, Arq.Hist./Cong.. II-D. 95 (22).
- 19 A M. St. Félix está enganada relativamente ao ano do regresso das irmãs, setembro de 1881. É 1882.
- 20 Estas questões dos jornais de agosto de 1882 podem encontrar-se na Biblioteca Nacional da Irlanda, em Dublin.
- 21 Gailhac para a comunidade de Lisburn. GS/8/IX/82/A.
- 22 Gailhac para M. Seraphim. GS/18/IX/82/A.
- 23 Ibid.
- 24 O The Morning News e o The Examiner (Belfast) 21 de julho de 1883. Biblioteca Nacional da Irlanda, em Dublin.
- 25 Lisburn Standard. 9 de agosto de 1884 "Bailynahinch Newspaper Library," Irlanda do Norte.
- 26 Ibid.
- 27 Gailhac para a M. Seraphim. GS/26/IV/83/B.
- 28 Ibid.
- 29 Gailhac para a M. Seraphim. GS/11/V/83/A.
- 30 Ibid.
- 31 13 de agosto de 1884. Arq.Hist./RSCM., Caixa 5. Pasta 7.
- 32 Gailhac para a comunidade de Lisburn. GS/12/I/85/A.
- 33 Gailhac para a M. Seraphim. GS/24/11/85/A.
- 34 Ver T. W. Moody e F. X. Martin, The Course of Irish History (Cork: The Mercier Press. 1987), 275-293.

- 35 Lisburn Standard, 2 de agosto de 1884, Ballynahinch Newspaper Library, Irlanda do Norte.
- 36 Lisburn Standard, 25 de julho de 1885. Ballynahinch Newspaper Library, Irlanda do Norte.
- 37 Ibid.
- 38 Registre des Délibérations du Conseil de la Congrégation des Religieuses da Sacré Coeur de Marie à Béziers. 1879-1891. Arq.Hist./RSCM., Caixa 18, pasta 3, 28 de agosto de 1885.
- 39 Ver M. St. Félix Maynard. Brief History of the Early Foundations. Fontes de Vida. Doc. N.º I (Roma: RSCM) 1983.7. (Aqui referido como Brief Histories).
- 40 B. McCartan para M. St. Félix, 11 de setembro de 1885. Arq.Hist./Cong.. 1I-C.6 (12-13).
- 41 Ver Pedido de subsídio para manter uma escola no Condado de Antrin. PRO. N. 1.. ED 1/9/74.
- 42 Ver Relatório do Inspetor sobre o pedido de subsídio. 14 de junho de 1886. PRO. N.I., ED 1/9/74.
- 43 Ibid.
- 44 A M. St. Félix para a M. Seraphim. 26 de maio de 1886. Arq.Hist7RSCM.. Caixa 5. Pasta 7.
- 45 Ver Brief History. 7.
- 46 O The Morning News e o The Examiner (Belfast). 9 de julho de 1886. Biblioteca Nacional, em Dublin.
- 47 O The Morning News e o The Examiner (Belfast). 9 de agosto de 1886. Biblioteca Nacional, em Dublin.
- 48 Ibid.
- 49 O The Morning News e o The Examiner (Belfast). 16.17 de agosto de 1886. Biblioteca Nacional, em Dublin.
- 50 Gailhac para a Comunidade de Lisburn, GS/19/VIII/86/A.
- 51 A revolta anti-católica em Lisburn em agosto e outubro de 1872 também nunca é referida pelos superiores da Casa Mãe. Ver K. Connell, 103-107.
- 52 A M. Cherubim Doheny era de idade muito próxima da M. Seraphim. Tinha entrado e recebido hábito no mesmo dia que a sua irmã, mas fez a profissão alguns anos depois dela. Morreu em Seafieid, a 17 de fevereiro de 1928. Ver Grande Registro #120.
- 53 M. St. Félix para M. St. Eugène, 10 de maio de 1886. Arq.Hist./RSCM., Caixa 5. Pasta 7.
- 54 M. St. Félix para M. Sacré Coeur, 4 de outubro de 1886. Arq.Hist./RSCM.. Caixa 5. Pasta 7.
- 55 M. St. Félix para M. St. Eugène, 11 de novembro de 1886. Arq.Hist./RSCM.. Caixa 5. Pasta 7.
- 56 M. St. Félix para M. Sacré Coeur. 16 de novembro de 1886, Arq.Hist./RSCM., Caixa 5. Pasta 7.
- 57 M. St. Félix para Mr. Magenis. 3 de dezembro de 1886. Arq.Hist/Cong.. 1I-D.95.
- 58 Ver Pedido aos Responsáveis da Educação Nacional. 7 de janeiro de 1887, PRO.N.L. EDI/9/75.
- 59 Ver Annales da Primeira Fundação. Arq.Hist./Cong., II-C, 8.
- 60 Ver K. Connell. 48.58.
- 61 Relatório de James Brown, Inspetor Distrital, 2 de dezembro de 1874, PRO.N.L. ED/1/8/45.
- 62 Relatório sobre Pedido de Subsídio para a Escola Noturna. PRO.N.L. EDI/9/75.
- 63 Ibid.
- 64 Rude et très douloureuse épreuve occasionnée par la supérieure de la maison de Lisburn. Este relatório encontra-se nas. Notes da M. St. Félix. Arq.Hist./Cong.. VII. 12 (35-37). Aqui referido como. Notes'. Rude épreuve.
- 65 M. St. Félix para McAlister. 3 de maio de 1887, Arq.Hist./Cong.. 1I-D.95.
- 66 A M. Pauline Phelan tinha apenas 26 anos, nesta altura. Fez os votos perpétuos em 1890, apesar da sua pouca saúde, e morreu em Lisburn a 7 de janeiro de 1896. Ver Grande Registro #171.
- 67 M. St. Félix para M. St. Eugène, 28 de abril de 1888, Arq.Hist./ RSCM.. Caixa 5. Pasta 7.
- 68 M. St. Félix para o Bispo McAlister. 13 de maio de 1889, Arq.Hisl./Cong.. II-D. 95.
- 69 Notes: Rude épreuve (38-39).
- 70 M. Seraphim para M. St. Félix. Arq.Hist./Cong.. I-B. 58.
- 71 Notes: Rude épreuve (39-40).
- 72 Os Irish News e Belfast Morning News, 22 de novembro de 1895.5-6, Ballynahinch News- per Library. Irlanda do Norte.
- 73 Notes: Rude épreuve (40).

- 74 Ver Registre des Procès Verbaux: Tomada de Hábito e Profissão 1890-1932, e Religieuses Décédées. Arq.Hisl./ RSCM.. Caixa 21, Pasta 2.
- 75 Ver W. H. Olivere B. R. Williams. eds., The Oxford History of New Zealand (Oxford: Clarendon Press, 1981).
- 76 A arquivista do Generalato, Ir. John Bosco Goria. RSCM fez uma pesquisa considerável junto da família Magill. Colheu informação da Family History Library of the Church of the Latter Day Saints (o 1900 Federal Census of Salt Lake City. e o registo de falecimentos nos jornais em Salt Lake City) e no Utah State Historical Society Library (Anuários de Salt Lake City). Também contactou os National Archives em Wellington, New Zealand, mas não recebeu qualquer informação.
- 77 Notes: Rude épreuve (41-42).
- 78 Ibid.
- 79 Ver Relatório de Contas do Convento do Sagrado Coração de Maria. Lisburn: Casa Mãe, 4 de março de 1896. Arq.Hist./RSCM..Caixa 216. As dívidas variam em montante e prazo e incluem:
 Nancy McKeogh. (Hilden) novembro de 1886. £153
 Rev. Bernard McCartan (Hannahstown) 12 de novembro de 1888. £600
 Dr. Rowantree. M. D.. 20 de outubro de 1893. £380
 Miss Kane (Belfast) fevereiro de 1894. £200
 Miss Flora Maguire (América) setembro de 1895. £50
 Michael Delahanty (Dublin) outubro de 1895. £298
 Miss Kane (Belfast) fevereiro de 1896. £200
 Miss Kate Printer (Belfast) várias vezes durante muitos anos. £40
 Rev. Dr. Butler (Dublin) não é conhecido o montante.
- 80 Estas cartas não foram encontradas nos arquivos do Instituto em Roma e podem não ter sido guardadas.
- 81 Notes: Rude épreuve (43).
- 82 Magill para M. St. Félix. 29 de agosto de 1898, Arq.Hist. RSCM., Caixa 8. Pasta 2
- 83 J. E. McGurin & Co. para M. St. Félix. 6 de dezembro de 1898. Arq.Hist./RSCM.. Caixa 8. Pasta 2.
- 84 Ibid.
- 85 Histórias Breves, 6.
- 86 A M. Presentation Maguire nasceu a 13 de março de 1859, na Irlanda. Entrou no Instituto a 24 de junho de 1877 e, finalmente, fez a profissão perpétua a 24 de setembro de 1886. Morreu em Lisburn. a 21 de dezembro de 1951. Ver Grande Registro #131.
- 87 Rev. Ambrose Macaulay, "Convent of the Sacred Heart of Mary: Survey of a Century. 1870- 1970," Arq.Hist. RSCM.. Caixa 116. Pasta 9.
- 88 Ibid.
- 89 Segundo Lawrence H. Officer. "Comparing the Purchasing Power of Many in Great Britain from 1264 to 2005," £7.200 (a quantia pedida emprestada pela M. Seraphin cerca de 1895) seria cm 2(X)5 o equivalente a £553.859.15. Ver <http://ch.net/hmil/ppoverbp/>.
- 90 Mais tarde, isto viria a causar tensões entre alguns bispos portugueses e as religiosas, por um lado, e a superiora geral em Béziers, por outro. A questão será desenvolvida no quarto volume desta História.
- 91 W. J. Green. A Cone i se History of Lisburn and Neighbourhood (Belfast: T. H. Jordan, 1906) 49.

CRESCIMENTO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

Em 1871, as Religiosas do Sagrado Coração de Maria foram convidadas a ir para Portugal, a fim de dirigirem uma escola feminina no Porto, conhecida como Academia Inglesa. Era a segunda fundação do Instituto fora de França. A presença das RSCM em Portugal complicou-se pelo fato de a Lei Portuguesa dessa época proibir a existência de congregações religiosas. Mas as RSCM, ousadas como eram, consideraram que, continuando a escola a ser oficialmente dirigida por uma leiga, Miss Margaret Hennessy, na realidade seria orientada por elas. Não sendo reconhecidas como religiosas, por não usarem hábito nem símbolos religiosos, puderam ensinar no Porto, embora não sem dificuldades.¹

As três irmãs Hennessy, irlandesas, foram fulcrais para a fundação no Porto. As RSCM tinham sido convidadas a ir para o Porto, em primeiro lugar pela Miss Margaret Hennessy que vivia em Portugal desde há muitos anos. Miss Hennessy nunca entrou no Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, embora estivesse imbuída do seu espírito. Foi considerada uma “fundadora” da presença RSCM em Portugal e viveu com a comunidade até ao fim da sua vida. M. Maria de Chantal Carvalhaes, RSCM, expressa o sentimento de apreço do Instituto pela Miss Hennessy, quando escreve:

A gratidão também nos leva a incluir entre as nossas fundadoras a memória da saudosa Miss Hennessy, excelente e dedicada colaboradora durante vinte e cinco anos, e o principal instrumento de que Deus se serviu para trazer à nação portuguesa as Religiosas do Sagrado Coração de Maria.²

Bridget, irmã de Margaret, entrou no Instituto em 1854, tendo ficado com o nome de M. Ste. Marie. Em 1871, foi escolhida para superiora da primeira comunidade enviada para o Porto, para a Academia Inglesa, mas a sua saúde débil dificultou-lhe o cumprimento das responsabilidades exigidas pela sua missão. Acabou por ser dispensada do cargo de superiora em 1877, embora permanecendo na comunidade do Porto. A partir dessa altura, há poucas referências à M. Ste. Marie nas fontes do Instituto.

Teresa, a terceira Hennessy, entrou no Instituto em 1851, com Rosanna MacMullen. Foram as duas primeiras irlandesas no Instituto. Teresa, mais tarde conhecida como M. St. Thomas, tinha sido mestra de noviças em Béziers e foi fundamental para negociar as fundações tanto em Lisburn como em Bootle. Integrou a comunidade da primeira fundação e orientou as primeiras superiores em Lisburn. Em 1872, foi enviada para a fundação do Porto como assistente da superiora, sua irmã de sangue, que estava doente e impossibilitada de assumir as suas responsabilidades. Tanto a M. St. Thomas como sua irmã Margaret trabalharam para dar início à segunda fundação em Portugal - Braga. Por fim, a M. St. Thomas substituiu a M. Ste. Marie como superiora no Porto e foi um grande apoio para a jovem superiora de Braga, M. Ste. Liguori MacMullen.

Durante vinte anos, a comunidade do Porto crescia em número e a Aca- demia prosperava, sendo as três Hennessy o seu “núcleo duro”. Este começaria a dissolver-se quando a primeira das Hennessy, M. Ste. Marie, morreu a 30 de abril de 1891. Margaret morreu cinco anos depois, a 9 de março de 1896, com setenta e oito anos, tendo ficado sepultada junto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, com quem tinha vivido e trabalhado. Após o falecimento das suas duas irmãs, a M. Ste. Thomas ficou livre para deixar o seu querido Portugal. Regressou a Béziers para o Capítulo Geral do Instituto e ali permaneceu como superiora da Casa Mãe e assistente geral, desde 1896 até à sua morte em 1902.

Compra da propriedade no Porto e o “serviço aos pobres”

Gailhac e a M. St. Félix foram três vezes a Portugal, em 1878, 1883 e 1885. Durante a sua primeira visita às comunidades do Porto e Braga, o Fundador mostrou-se descontente pelo fato de as duas propriedades serem arrendadas e não propriedade da comunidade. Tinha consciência dessa situação e já anteriormente manifestara o seu sentir à M. St. Thomas Hennessy:

...uma comunidade que não tenha casa própria é uma comunidade instável. Acho que é imprudente iniciar uma fundação sem comprar uma casa. Nunca mais voltarei a permitir uma situação semelhante. Fi-lo com relutância, mas estou muito preocupado. Agora, é urgente que tenham as vossas próprias casas no Porto e em Braga e devem fazer tudo o que puderem para o conseguir.³

A superiora geral anterior, M. Ste. Croix Vidal, ao visitar a comunidade do Porto, na primavera de 1875, ficou muito preocupada com a informação de que o senhorio queria vender a propriedade.⁴ Por esse motivo, deve ter apressado os procedimentos em ordem à aquisição da mesma. Apesar do adiamento deste plano, tornou-se claro que a expansão e estabilidade da comunidade e da escola dependiam da posse da propriedade.

Durante a sua primeira visita a Braga em 1878, Gailhac encontrou-se com o Padre Joseph Eigenmann, suíço, membro da Congregação do Espírito Santo e do Sagrado Coração de Maria.⁵ Este sacerdote tinha chegado a Portugal há dez anos, tendo fundado uma escola para rapazes em Braga, em 1872. Muito conhecido das comunidades de Portugal,⁶ foi a ele que recorreram Gailhac e a M. St. Félix para negociar com o proprietário, Basílio Cabral Teixeira, a aquisição da propriedade no Porto com as respectivas casas, pátios, jardim e quinta.⁷

Alguns meses depois, quando o assunto estava praticamente resolvido, o Padre Eigenmann recebeu uma carta da Casa Mãe com orientação para suspender as negociações. Ficou surpreso e desapontado por não se poder finalizar o assunto como previsto, sobretudo porque estava convencido de que tinha procurado negociar a compra em termos vantajosos para o Instituto. Em resposta à M. St. Félix, Eigenman dizia que, se as religiosas viessem a ser forçadas a deixar a propriedade, dificilmente encontrariam no Porto outro local apropriado para a escola. Terminava a carta com um apelo urgente: "... enviem um telegrama para o Porto com a vossa decisão final - a favor ou contra".⁸ O Padre Eigenmann levou a melhor e as negociações continuaram.

O preço da propriedade era 36 contos de reis, ou seja, 199.800 francos franceses. Metade dessa importância devia ser paga imediatamente pela Casa Mãe e o restante pela comunidade do Porto, em prestações anuais de 2 contos, durante nove anos, com juros à taxa de 5%. A M. St. Félix agiu imediatamente. Pediu emprestado aproximadamente metade do preço da compra, 110.000 francos, a um proprietário rico e, como garantia, hipotecou a propriedade de La Galiberte, perto de Bayssan, bem como o edifício do Bon Pasteur. Foram designadas seis religiosas para assinar o contrato, procedeu-se ao pagamento das taxas legais e, em janeiro de 1879, a propriedade na Praça Coronel Pacheco era propriedade das Religiosas do Sagrado Coração de Maria.⁹

Quase de imediato, a comunidade do Porto retomou os seus planos em ordem a abrir uma escola elementar gratuita, destinada a crianças de famílias da classe média baixa. Margaret Hennessy já tinha imaginado este projeto em junho de 1877, quando escreveu à M. Ste. Croix sobre o assunto:

Acabo de ver o anúncio de uma casa para alugar e já pedi informações sobre o assunto. Penso que não está fora das vossas possibilidades. Farei uma experiência durante um ano, só com a mensalidade que os rapazes pagarem.¹⁰ Poderei ir lá duas vezes por semana. Esta ideia tem estado muito presente desde o início de junho e, por essa razão, penso dedicar a escola ao Sagrado Coração de Jesus.¹¹ Se for bem-sucedida, como espero, poderão adquiri-la: caso contrário, irá para quem estiver interessado.

Algun tempo depois da compra da propriedade no Porto,¹² dava-se início à escola para a classe média baixa. Tinha ligação com a Academia Inglesa através de um corredor coberto, mas as duas escolas eram independentes uma da outra. A nova era uma escola elementar, embora nela se lecionassem também algumas matérias da escola secundária, tais como costura e bordados.¹³

Faltava ainda no Porto uma escola para pobres e essa tinha sido sempre uma aspiração das religiosas. Quando a M. St. Thomas foi informada, pela primeira vez, sobre o plano de uma fundação em Portugal e do envio de uma comunidade para dirigir a Academia Inglesa no Porto, escreveu a Gailhac: "Gostaria de saber se há um orfanato e uma sala de aula para pobres. Nesse caso, teríamos a garantia do sucesso".¹⁴ A sua irmã Margaret, diretora da escola, era da mesma opinião e, desde 1875, angariava fundos para este projeto, tomando como modelo as obras da Casa Mãe. A M. St. Croix apoiou totalmente o plano de Margaret Hennessy. Numa carta em que apresentava a diretora ao cônsul de França, M. St. Croix explicava que, embora a Academia Inglesa tivesse sucesso, considerava incompleto o trabalho das Irmãs: "As nossas religiosas também devem dar atenção aos pobres".¹⁵

Logo que tomou posse da propriedade, a comunidade não perdeu tempo e abriu uma escola para os pobres. Gailhac estava totalmente a favor desta iniciativa e, numa carta para a M. St. Thomas, dizia que a autorizava "do fundo do [seu] coração". A sua única preocupação era saber como é que a comunidade, sobrecarregada já com muitas dívidas, conseguiria o dinheiro para esta aventura. Sugeriu que usassem as salas do rés-do-chão da escola dos rapazes. As crianças pobres podiam movimentar-se de um lado para o outro através da porta exterior sem terem de entrar no edifício. Terminava a carta com um conselho prático: "Façam a abertura da escola para os pobres com grande solenidade, a fim de se atrair donativos que permitam a sua continuidade".¹⁶ A escola abriu efetivamente e, de acordo com os desejos do Fundador, era fornecida às crianças uma refeição diária e, algumas vezes, também lhes ofereciam roupas.

M. Maria de Chantal refere que essas duas escolas se tomaram, tanto para a M. St. Thomas como para a sua irmã Margaret Hennessy, "a menina dos olhos".¹⁷

Mais tarde, em 1892, a M. St. Thomas realizou um sonho que acalentava havia mais de vinte anos - a comunidade abriu um grande orfanato, precisamente do outro lado da rua, em frente das escolas.¹⁸

Em 1881, declarou-se em Portugal uma epidemia de varíola e a comunidade do Porto não foi poupada. Uma religiosa irlandesa, M. St. Edmund Hunt, morreu a 14 de novembro desse ano e, alguns meses depois, a 20 de janeiro de 1882, uma Irmã coadjutora portuguesa de vinte e três anos, Ste. Stéphanie Guedes. A comunidade sofreu, como é óbvio. Mais tarde, quer pela necessidade de espaços mais amplos para evitar aglomerações pouco saudáveis, quer pelo crescimento da escola, Gailhac e a M. St. Félix concordaram com a comunidade: o edifício da Praça Coronel Pacheco precisava de ser ampliado. Segundo a M. St. Félix, na segunda viagem que ela e o fundador fizeram a Portugal em 1883,¹⁹ encontraram-se com um arquiteto e autorizaram as reparações mais urgentes e a construção de um novo piso. A Casa Mãe entrou com 105.500 francos franceses para cobrir as despesas.²⁰ Para a M. St. Félix, era uma despesa necessária e rentável. Muito mais tarde, lembraria: “A pequena comunidade tornou-se muito próspera. A escola é hoje considerada uma das melhores na cidade do Porto. Alguns anos antes, a comunidade tinha construído um orfanato na mesma propriedade, com os seus próprios recursos”.²¹

Braga - novo arrendamento e eventual compra

Como resultado da primeira visita de Gailhac e da M. St. Félix a Portugal, a comunidade de Braga também mudou das suas instalações originais na Rua de S. Miguel-o-Anjo, para o Campo da Vinha, entre 1880 e 1882. Como não estavam ainda em condições de comprar a propriedade, alugaram-na: isto constituiu um grande desafio em termos econômicos e houve alturas em que a superiora teve de pedir um adiamento para conseguir pagar a renda. Apesar da mudança para um edifício maior, o número de alunas internas tinha inicialmente diminuído. Entre 1881 e 1882, havia apenas doze internas, algumas das quais gratuitamente, e cinquenta externas.²² A autora dos Annales da comunidade, intitulado “Diário de Braga”, considerava esta situação difícil de entender na medida em que a Academia Inglesa era o único internato, em Braga, que oferecia uma sólida formação acadêmica, tanto moral como religiosa. Concluía dizendo que as pessoas de Braga admiravam realmente a educação ministrada na Academia Inglesa mas, ao contrário dos portuenses, não dispunham de meios para colocar aí as suas filhas.²³

As necessidades eram óbvias. As Irmãs rapidamente compreenderam que havia adolescentes que vinham à catequese sem quaisquer bases de fé. Mal sabiam fazer o sinal da cruz, prova evidente de que os pobres trabalhadores tinham pouca preparação para educar os filhos. A comunidade estava ansiosa por abrir salas de aula para crianças pobres mas a casa arrendada já estava demasiado cheia. A superiora, M. St. Liguori, tinha sugerido que se reservassem temporariamente algumas salas pequenas ou mesmo o terraço para esse fim, mas depressa compreendeu que os recursos da comunidade ainda não permitiam essa despesa.²⁴

A epidemia de varíola que se declarou em Portugal entre 1881 e 1882, roubando muitas vidas, incluindo duas Irmãs do Porto, finalmente acalmara. Tinha sido um tempo traumático para todos os estudantes e para as religiosas. A autora do "Diário de Braga" lembra que, apesar do recurso a todos os meios humanos, a doença continuou a espalhar-se. Agravava-se diariamente e a casa estava quase a ser atingida. "Mal nos podíamos movimentar nos corredores devido ao cheiro que vinha dos pobres doentes da vizinhança. Todos os dias pensávamos que tinha chegado a nossa vez". No meio dessa "ansiedade de morte", a autora do "Diário de Braga" descrevia a M. St. Liguori como mulher de coragem e confiança em Deus, em todas as circunstâncias. Acalmava as crianças e a comunidade, sugerindo-lhes que fizessem novenas a Maria, pedindo a cura. A epidemia continuou durante todo o inverno, mas as preces também, e fez-se uma promessa: se fossem poupadas, fariam uma peregrinação a Nossa Senhora do Sameiro, santuário situado num monte perto da cidade. Terminada finalmente a epidemia, nenhuma das religiosas da comunidade de Braga, nenhuma das alunas internas nem membros das suas famílias tinham morrido da doença. Na ação de graças, as alunas vestidas de branco e transportando estandartes e flores, juntamente com as religiosas, foram em procissão até ao monte do Sameiro, rezando e cantando. Quando chegaram à igreja, colocaram as suas oferendas aos pés de Nossa Senhora e agradeceram-lhe a grande graça que lhes tinha concedido.²⁵ Não será surpresa dizer que, nessa altura, teve início a congregação das Filhas de Maria na escola de Braga, sob a direção da M. Marie Joseph Butler, uma jovem religiosa que tinha sido enviada para Portugal, depois de ter feito o noviciado em Béziers. Gailhac recebeu pessoalmente os primeiros membros das Filhas de Maria, durante a sua visita a Portugal em 1883. A M. St. Félix descrevia assim aquelas crianças: "muito piedosas e muito edificantes... e muito dedicadas à sua instituição".²⁶

Gailhac e a superiora geral tinham planejado ir a Portugal em 1882, mas as condições em França forçaram-nos a adiar a viagem por um ano, para grande

decepção das noviças que esperavam fazer os seus primeiros votos na presença de Gailhac.²⁷ O padre Eigenmann tornou-se o grande advogado das noviças e pediu a Gailhac para visitar Portugal, logo que possível, pois sentia que era um grande sofrimento para elas verem adiada uma vez mais a profissão, pela qual tanto ansiavam. Isto foi particularmente difícil para a M. du St. Rosaire Correia cuja saúde era precária.²⁸ A 4 de março de 1883, ela escrevia ao Fundador e à M. St. Félix, em cartas separadas embora semelhantes, falando da ansiedade causada pela notícia de que a viagem podia ser novamente adiada. O padre Eigenmann confidenciou aos superiores [Gailhac e M. St. Croix] que, durante o ano anterior, a decepção das noviças se tornara para elas uma provação e que, dessa vez, seria ainda pior. Dirigia-se muito diretamente a Gailhac: "...na verdade, estas pobres filhas têm o direito de ver o seu noviciado terminado e de se tornarem finalmente esposas do Divino Cordeiro. Seria demasiado cruel privá-las por mais tempo dessa suprema graça: poderia ser mesmo um prejuízo para o Instituto, para futuras vocações e para todas as obras aqui".²⁹

Na sua carta para a M. St. Félix, o padre Eigenmann sugeria-lhe que, no caso de Gailhac não ter possibilidade de ir a Portugal, então ela poderia pedir-lhe que, pelo menos, o autorizasse a presidir à cerimônia da profissão e a receber os primeiros votos das professoras "em nome de Gailhac". Era essa a prática habitual nas instituições religiosas em situações idênticas - dizia o padre Eigenmann. Assim, poder-se-ia pôr fim àquilo que as noviças sentiam como um prolongamento indefinido do noviciado.³⁰ Fosse devido ao forte apelo do padre Eigenmann ou às melhoras do padre Gailhac, houve uma mudança no plano: Gailhac e a superiora geral foram a Portugal em abril de 1883.³¹

Ao que parece, enquanto o Fundador e a M. St. Félix estiveram em Braga, pediram ao padre Eigenmann para procurar na cidade propriedades que lhe parecessem adequadas para a Academia Inglesa, pois o proprietário do Campo da Vinha tinha decidido não prolongar o arrendamento por mais um ano. Ansioso por ser útil, o sacerdote mostrou-lhes algumas casas, salientando as possíveis vantagens da compra de um determinado edifício, no caso de o preço ser razoável. No dia 2 de maio, o padre Eigenmann escreveu uma longa carta a Gailhac, já em Béziers, apresentando as várias hipóteses. Todas as pessoas consultadas se tinham pronunciado contra a aquisição ou arrendamento da casa no Campo de Santa Ana, que Gailhac tinha visto; por outro lado, não havia na cidade de Braga outra casa cujas vantagens de espaço, localização e ambiente justificassem a transferência da escola para esse edifício. Contudo, o padre Eigenmann argumentava dizendo que restavam apenas três possíveis opções: a casa atual podia ser arrendada mais um ano, embora parecesse que

o proprietário já tinha rejeitado essa hipótese; a casa atual podia ser comprada mas talvez custasse mais do que os 14 contos oferecidos pela Casa Mãe; podia encerrar-se a Academia Inglesa em Braga e o pessoal juntar-se ao do Porto.³²

A 13 de maio de 1883, a M. St. Félix respondeu a essa carta dizendo que tanto ela como o padre Gailhac eram a favor da última opção - encerrar a escola no final do ano e transferir todas as religiosas de Braga para o Porto. A M. St. Thomas e a M. St. Liguori ficaram desoladas quando o padre Eigenmann lhes comunicou a decisão da Casa Mãe. As duas religiosas acataram-na, mas não podiam ocultar o profundo sentimento de pesar que experimentavam. O padre Eigenmann transmitiu detalhadamente esses sentimentos de frustração, explicando os motivos das reações da M. St. Thomas e da M. St. Liguori:

Elas consideraram o bem que esta Academia já realizou e pode ainda vir a realizar na cidade, que não tem outra escola católica feminina; consideraram também o grande número de alunas externas que frequentam a academia, bem como o numeroso grupo de crianças pobres que aí recebem educação cristã; consideraram ainda tratar-se de uma escola tão bem gerida do ponto de vista econômico que conseguiu bastar-se a si própria?³³

De acordo com a carta do Padre Eigenmann, a M. St. Thomas e a M. St. Liguori achavam que, se as religiosas fechassem a escola nessa altura, o seu lugar seria ocupado por outra congregação religiosa e seria muito difícil às Religiosas do Sagrado Coração de Maria voltarem a Braga depois de terem saído. O padre Eigenmann deixava claro à M. St. Félix que compartilhava destas preocupações, embora compreendesse a dificuldade de manterem duas academias. Por esse motivo, tentou atrasar o processo decisório, lembrando que o proprietário de uma escola vizinha - o Colégio Acadêmico - conhecido de Miss Margaret Hennessy, propunha-se vender a propriedade. Todavia, esta não era grande nem bonita e o preço que pediam era precisamente 10 contos, podendo servir como uma solução provisória. Simultaneamente, ele tentaria negociar com o dono do Campo da Vinha, propondo um preço mais baixo.³⁴

Embora a decisão tivesse sido adiada, a M. St. Félix recusava-se a oferecer mais de 14 contos pela propriedade, mas o proprietário não baixava o preço para menos de 15 contos. Diplomáticamente, o padre Eigenmann explicava que não havia outras soluções: a casa no Campo de Santa Ana já não estava disponível; o Colégio Acadêmico, afinal não ia fechar; negociar um terreno e iniciar uma construção adequada custaria pelo menos 20 contos.³⁵ O padre Eigenmann foi perenptório: “Creio que, um dia, irão lamentar profundamente

não terem feito a compra... Estou absolutamente convencido de que a transação poderia concretizar-se pela última oferta, ou seja. 15 contos.³⁶

O padre Eigenmann parecia compreender o peso que os encargos financeiros representavam para o Instituto e concordava com a intenção de a M. St. Félix ficar responsável pela parte econômica. Simultaneamente, parecia ter uma razoável noção dos objetivos do Instituto, a longo prazo, e manifestava as suas opiniões com clareza e gentil persuasão. Em várias cartas, explicava à M. St. Félix que, uma vez que o proprietário estava disposto a vender a propriedade por 15 contos com todas as custas adicionais incluídas, isto significava adquirir a propriedade por 13 contos, uma vez que as custas adicionais ascendiam a 2 contos. Esta forma de apresentar a questão parece ter ajudado a M. St. Félix a aceitar a negociação e, deste modo, as Religiosas do Sagrado Coração de Maria permaneceram na cidade de Braga. Entusiasmado, o padre Eigenmann escreveu à superiora geral: “Sinto-me feliz por poder anunciar, hoje, ter sido capaz de concluir esta grande tarefa - a compra da casa de Braga.”³⁷ A M. St. Félix, ao escrever muitos anos depois, parecia ter esquecido quanto o Instituto tinha estado em vias de deixar a cidade de Braga. Dizia sucintamente:

Pouco tempo depois da fundação em Braga, houve necessidade de encontrar um local mais espaçoso, mais saudável e mais adequado às nossas obras. Várias famílias que nos tinham ajudado encarregaram-se do assunto e encontraram à venda uma pequena propriedade localizada numa praça - o Campo da Vinha. Fomos vê-la, tendo em mente as nossas necessidades. Achamos que satisfazia. O preço pedido era de 75.000 francos mediante as seguintes condições: pagamento de metade do preço no momento da escritura e o restante em prestações anuais. E assim se fez.³⁸

De certo modo, esta compra envolveu um rasgo de fé, dado que o grupo inicial de alunas era ainda muito pequeno. A autora do “Diário de Braga” noticiava: “Algumas das nossas Irmãs vieram da Casa Mãe onde estavam habituadas a ver cerca de 100 alunas internas, sem contar os pobres, e pensaram que em breve teriam de regressar, visto que só haveria comida suficiente para algumas semanas”. No entanto, ao fim de três anos, a casa já era demasiado pequena, tendo sido necessário acrescentar duas alas. As aspirações da comunidade foram rapidamente concretizadas quando abriram a escola de S. José para os pobres, tendo aumentado para sessenta o número de alunos, metade dos quais usufruindo de ensino gratuito. Essas crianças regressavam à noite a suas casas, mas a todas era “fornecida uma sopa, um pouco de arroz e legumes, ao almoço”.³⁹

M. St. Liguori MacMullen

Embora a comunidade de Braga tivesse algumas dificuldades econômicas, a M. St. Liguori era uma das poucas superiores que parecia não ter problemas na gestão do orçamento. Ela manifestava à comunidade a sua profunda confiança em Deus, que nunca as abandonaria se trabalhassem apenas para a Sua glória e para a salvação dos que lhes estavam confiados. A autora do “Diário de Braga” recordava-se de ouvir a M. St. Liguori dizer muitas vezes que o Salvador, a quem tinham consagrado as suas vidas e por quem tinham deixado tudo o que era precioso no mundo, não deixaria de lhes providenciar os meios para continuarem a Sua obra, cujo único objetivo era o bem das crianças que lhes estavam confiadas. Alguns amigos da comunidade, bem como a M. St. Thomas e o padre Eigenmann, estavam admirados e não compreendiam como é que a M. St. Liguori não se endividava. A autora do “Diário de Braga” continuava assim:

Eles não conseguem compreender como é que a nossa madre, com tão poucos recursos, consegue não ter dívidas. É fácil reconhecer que a Divina Providência deseja ter este pequeno ramo do nosso Instituto, por assim dizer nascido de novo neste país tão desmoralizado, protegendo-nos e provendo às nossas necessidades de forma tão evidente.⁴⁰

Há na tradição das RSCM muitas pequenas histórias acerca da M. St. Liguori, que evidenciam a sua simplicidade, generosidade e disponibilidade para tudo o que fosse necessário. Encontravam-na muitas vezes na cozinha, ajudando as Irmãs a preparar as refeições,⁴¹ outras vezes na sala de aula a substituir alguma Irmã que estivesse doente.⁴² Havia sempre trabalho a fazer, especialmente quando as Irmãs mais novas iam para Béziers fazer a preparação para os votos perpétuos ou quando uma postulante ia iniciar o noviciado. E isto acontecia muitas vezes, porque a comunidade era muito jovem. No início de 1886, por exemplo, havia apenas quatro Irmãs professoras para o internato, para a escola da classe média e escola de St. Joseph! Mesmo durante o verão, quando os membros da comunidade faziam férias com as Irmãs do Porto, as responsabilidades da casa cabiam muitas vezes à M. St. Liguori.⁴³ Não nos surpreende, pois, que ela estivesse tantas vezes cansada e doente. Nos primeiros tempos do Instituto, parecia ser esse o destino da maior parte das superiores locais, especialmente no caso das superiores de Ferrybank e Lisburn. Fica-nos, todavia, a sensação de que a M. St. Liguori estava mais preocupada com o serviço às estudantes e membros da comunidade que estavam a seu cargo, do

que com a reputação da escola enquanto instituição. Sentia-se nela uma sensibilidade e simplicidade extraordinárias no seu desejo de servir.

A autora do “Diário de Braga” dá-nos uma imagem enternecedora do relacionamento da M. St. Liguori com as alunas de Braga. Nunca descurava quaisquer meios para as unir e, muitas vezes, convidava-as a ir ao nicho do jardim, durante o recreio da noite, para fazerem a novena a Nossa Senhora do Carmo. Depois da novena, pediam-lhe para ficar com elas a entoar a ladainha e a contar-lhes histórias sobre Gailhac e a forma como a Virgem o tinha protegido das muitas dificuldades que teve de enfrentar por causa do Instituto. Essas histórias encantavam as alunas, que não queriam ver o recreio chegar ao fim.⁴⁴

Uma das maiores celebrações do ano era o dia da festa da superiora, em agosto. Num desses anos, as alunas e alguns pais tinham organizado uma representação muito completa, mas, na véspera da festa, a aluna que tinha o papel principal na comédia ficou com laringite, pelo que a festa teve de ser adiada. Infelizmente, na véspera da nova data agendada para a celebração, a própria M. St. Liguori ficou com febre e o médico prescreveu-lhe descanso absoluto. As alunas ficaram tão desoladas que começaram a rezar a Nossa Senhora pedindo a sua cura. Não querendo desapontar as alunas, a M. St. Liguori conseguiu assistir à representação, numa cadeira de descanso. O médico insistiu em acompanhá-la e ela voltou para a cama após a celebração. Mais tarde, confessou que nunca mais esqueceria aquela situação embaraçosa. Se lhe tivesse sido possível, ter-se-ia escondido num canto para fugir aos cumprimentos e felicitações.⁴⁵

Há uma história divertida e encantadora no “Diário de Braga” que revela a gentileza *naif* da M. St. Liguori. A autora conta-a deste modo:

Um dos porcos estava doente. Como o veterinário demorasse, a M. St. Liguori decidiu ser ela própria a ir ver o animal. Pensando que se tratava de uma constipação, pediu a duas Irmãs que levassem o porco para um coberto, numa manta. Elas riam tanto que não conseguiam transportar a “mercadoria” para o lugar indicado. A M. St. Liguori encontrou um chapéu-de-sol. abriu-o e colocou-o sobre a cabeça do porco para o proteger. Continuou as suas funções de médica com grande seriedade, mas o porco acabou por morrer; no dia seguinte, morria outro.⁴⁶

Havia muitas doenças entre os membros da comunidade e a M. St. Liguori era muito sensível a esse problema. Tendo uma das Irmãs doentes sido afetada por insônias, durante muitas noites, ela pediu à M. Ste. Croix para

que, ao passar diante da fotografia da M. St. Jean, lhe pedisse a graça da cura daquela insônia. Na manhã seguinte, a Irmã doente confessou que tinha dormido profundamente. Isto repetiu-se várias vezes; porém, se por qualquer razão a M. St. Liguori não repetia o pedido à M. Ste. Croix, a Irmã doente voltava a não conseguir dormir. Sempre que pedia à M. Ste. Croix que solicitasse esta graça para uma das Irmãs ou alunas internas doentes, essa era-lhes concedida. Importa referir que os pedidos da M. St. Liguori à M. Ste. Croix não eram em seu favor, pois considerava que talvez Deus lhe pedisse a mortificação da insônia como um bem para ela.⁴⁷

A M. St. Liguori tinha estado muito doente, por diversas vezes, durante os anos oitenta. Em fevereiro de 1882, ficou muito constipada após o regresso do Porto. A constipação rapidamente passou a pneumonia. O padre Eigenmann insistia para que ela permanecesse na cama até ficar curada. O médico também foi inflexível quanto à necessidade de completo repouso e pediu para se encontrar com a superiora do Porto, para falarem sobre o assunto. A autora do “Diário de Braga” descrevia este episódio com grande detalhe, porque foi muito traumático para a comunidade: “É impossível descrever o estado de ansiedade que o fato provocou na comunidade. O médico foi categórico ao dizer que, se queríamos salvar a vida da M. St. Liguori, era preciso libertá-la das suas responsabilidades o mais depressa possível”.⁴⁸

A comunidade de Braga escreveu à M. St. Thomas acerca da doença da M. St. Liguori. Diziam-lhe que o médico tinha falado da necessidade de a libertar das suas tarefas e referiam a insistência dele em falar pessoalmente com a M. St. Thomas, pelo que lhe pediam para ela ir, logo que possível. Durante mais de vinte dias, a comunidade não recebeu qualquer resposta do Porto! Quando o médico ia, perguntava sempre se a superiora do Porto já tinha chegado ou escrito. A resposta era sempre “Não”. Parece que a M. St. Thomas também estava doente e a comunidade do Porto não a deixava fazer a viagem para Braga. Finalmente, a M. St. Thomas chegou, um dia, por volta das 19 horas, indo de imediato visitar a M. St. Liguori. Ficou com ela algum tempo e, de seguida, foi-se deitar sem comer nada. Na manhã seguinte, a M. St. Thomas levantou-se cedo e dirigiu-se para o quarto da M. St. Liguori onde ficou a dormir, dizendo apenas algumas palavras de tempos a tempos. Ninguém entrou no quarto da M. St. Liguori com receio de acordar a M. St. Thomas!

No dia seguinte, quando o médico chegou, encontrou a M. St. Liguori um pouco melhor e receitou um medicamento à M. St. Thomas, que a restabeleceu de imediato. A M. St. Thomas recusou acatar a recomendação do médico e do padre Eigenmann que tinham insistido em que a M. St. Liguori fosse

substituída como superiora. O máximo que a M. St. Thomas podia fazer era proibir a M. St. Liguori de dar aulas, encorajando-a a tomar mais cuidado com ela própria, no futuro. Logo que a M. St. Liguori conseguiu levantar-se, a M. St. Thomas partiu para o Porto, pois os seus deveres esperavam-na. A autora do “Diário de Braga” terminava esta história com um comentário positivo: “Pouco a pouco, no fim do mês, as forças da nossa madre tinham voltado”.⁴⁹

Relacionamento entre a M. St. Thomas e a M. St. Liguori

O relacionamento entre as duas superiores, em Portugal, era muito forte. As duas comunidades sabiam-no e beneficiavam-se desse fato. Facilmente podiam organizar visitas de férias conjuntas para grupos de religiosas. Por vezes, combinavam entre si as viagens das Irmãs que se deslocavam à Casa Mãe, de modo a irem juntas; nas datas festivas, as duas comunidades trocavam prendas entre si. Quando uma Irmã estava doente ou morria, as duas comunidades sofriam com isso. As superiores participavam juntas nas celebrações da Primeira Comunhão e entrega de prêmios. Desde os seus primeiros meses em Braga, a M. St. Liguori sempre admirou a M. St. Thomas. Em 1877, registrava no “Diário de Braga”: “Pode dizer-se que eu era a sua filha mimada; e eu, pela minha parte, admirava de todo o coração esta mãe tão boa, tão santa, que tudo fazia por mim”.⁵⁰

A natureza desse relacionamento alterou-se quando a M. St. Liguori foi nomeada superiora da comunidade de Braga, com a idade de vinte e quatro anos. “Se tiver algum problema” - tinha-lhe dito o Fundador em determinada altura - “dirija-se à M. St. Thomas que eu nomeei sua visitadora”.⁵¹ Assim, a M. St. Liguori deixava de ser a “filha mimada”, uma vez que passara a ter responsabilidades idênticas na missão do Instituto em Portugal. Foi importante que a M. St. Thomas, doente como estava, tivesse ido a Braga, ao fim de vinte dias, pois a sua simples presença foi suficiente para reanimar a jovem superiora.

Gailhac lembrava frequentemente à M. St. Thomas a importância do papel que lhe tinha sido confiado. “[A madre] não é apenas uma simples religiosa, é a superiora, a mãe; muitas responsabilidades recaem sobre si. Deverá ser a alma, a vida: a alma pelo exemplo, a vida pela dedicação. Oh, como tem de possuir as virtudes necessárias para esta dupla tarefa!”⁵² A medida que ia amadurecendo, a M. St. Liguori ajudava a M. St. Thomas nas suas tarefas, pois havia uma certa cumplicidade entre elas. Parece-nos que a M. St. Thomas se

deslocava a Braga, algumas vezes, para descansar. Numa carta para a M. St. Félix, por exemplo, a M. St. Liguori contava que a M. St. Thomas tinha estado em Braga durante os últimos dez dias. À sua chegada, a comunidade ficara triste ao ver como ela estava cansada e enfraquecida, mas agora iria partir um pouco mais forte, melhorara o apetite e a tosse diminuiria.⁵³

A M. St. Liguori ficava, por vezes, dependente da presença da M. St. Thomas como apoio em momentos importantes. Por exemplo, uma vez a M. St. Thomas não pôde estar presente na celebração da Primeira Comunhão em Braga. O dia tinha começado com a Missa Solene cantada pelo bispo, com cerca de treze padres e a participação de dezoito primeiros comungantes e respetivos familiares. A maior parte das pessoas, incluindo algumas entidades oficiais, ficaram para o almoço, tendo a festa terminado com uma procissão, renovação das promessas batismais, sermão e bênção. A M. St. Liguori terá desabafado com a M. St. Félix: “não consigo descrever-lhe como me sinto quando estou sozinha” num acontecimento destes. Margaret Hennessy tinha vindo em vez da sua irmã, mas, como raramente estava nesta celebração em Braga, não conhecia os pais nem os convidados e ficou na recepção apenas alguns minutos.⁵⁴ Parece-nos que a M. St. Thomas estaria mais à vontade com as pessoas e as exigências do momento. A sua presença numa situação dessas teria sido preciosa para a superiora de Braga.

Importa lembrar que a M. St. Thomas, consciente da enorme responsabilidade de Gailhac em relação às Irmãs de Portugal, terá recusado firmemente seguir a opinião do médico e a insistência do padre Eigenmann em que o peso da responsabilidade fosse retirado dos ombros da M. St. Liguori. Ela deve ter percebido, durante os anos precedentes, que a força proveniente de uma profunda fé em Deus, demonstrada pela M. St. Liguori, não podia ser subestimada.

Relacionamento de Gailhac com a M. St. Liguori

Há pequenos relatos que nos mostram alguns aspectos da vida das Irmãs que nos precederam, cujas cartas nos permitem também avaliar o seu caráter e estilo pessoal no relacionamento com os outros. Cartas escritas como resposta a profundas e íntimas revelações espirituais podem dar uma imagem totalmente diferente da pessoa. Nem sempre somos o que parecemos ser.

No caso da M. St. Liguori MacMullen, podemos apreciar mais profundamente a sua vida espiritual porque há várias cartas escritas por Gailhac entre

1884-1888 em resposta a cartas dela, pedindo orientação espiritual. Parece que essas cartas já não existem. Segundo consta, Gailhac destruía quase sempre as cartas de natureza confidencial. Contudo, através das respostas de Gailhac podemos intuir as questões formuladas e as narrativas fornecidas pela M. St. Liguori. Pelo estilo que ele usava ao escrever-lhe, podemos imaginar como ficava contente com ela, estilo esse diferente daquele que usava na relação com as outras superiores e restantes Irmãs que procuravam conselho. Ela parece ter sido, tal como David foi para Deus, uma filha querida do seu coração.

Gailhac tinha 82 anos quando escreveu à M. St. Liguori em 1884. Na carta de 16 de março, dirigia-se a ela nestes termos: “Minha querida e muito amada filha”. A semelhança das suas cartas para as Irmãs de ordens contemplativas que ele orientava, tais como as Pobres Clarissas e as Carmelitas, há um tom contemplativo quando oferece o seu apoio para que permaneça na tranquilidade da sua oração:

*Ame a Deus. Ponha n'Ele toda a sua confiança. Descanse no coração de Deus. Renda-se ao Seu cuidado paternal... Como é bom adormecer nos braços de um pai como Deus e estar com Ele coração a coração... "Poderia uma mãe ser tão indiferente ao ponto de abandonar o seu filho?! Eu nunca te abandonarei, diz o Senhor. Levar-te-ei no meu peito como um ramo de mirra". Portanto, confie. Abandone-se. Ame sem medida porque Deus será tudo para si e n'Ele encontrará tudo. Já teve esta experiência. Então, porque teme? Redobre a sua fidelidade a Deus e à Sua graça. Permaneça sempre unida a Ele. Fale apenas de Deus. Ame só a Deus. Faça tudo para Ele. Viva no Seu coração. Ele fará tudo por si. Seja instrumento dócil nas Suas mãos, não entrave a Sua ação. Deus consumará o trabalho começado.*⁵⁵

A carta do Fundador era uma explosão de amor por Deus e pela filha a quem escrevia. É como se o próprio Gailhac estivesse arrebatado na sua ânsia de Deus. Ao terminar a carta, lembrava as Irmãs da comunidade de Braga: “Diga a todas as minhas filhas que as amo muito...Diga-lhes que sejam cada vez mais unidas a Jesus e vivam apenas do Seu espírito e pelo Seu espírito”.⁵⁶

Na carta seguinte para a M. St. Liguori, Gailhac estabelece a relação entre a virtude da “pequenez” e a sua pequena estatura. De acordo com todas as referências, ela tinha menos de 1,5m de altura! Ele maravilhava-se por Deus ser tão bom e misericordioso para com o pequeno Instituto do Sagrado Coração da sua Mãe. Deus comprazia-se em abençoá-lo. “Oh, que Ele o abençoe sempre. Deus ama os pequenos e humildes. Por eles inclina os céus, desce para eles, dá-se a eles, abençoa-os, fá-los prosperar, dá-lhes tudo o que é bom. Não

é assim com os orgulhosos, que ele detesta".⁵⁷

O Fundador encorajava a M. St. Liguori a permanecer na sua pequenez, dizendo-lhe que Deus multiplicaria as Suas bênçãos. "Ajude as suas filhas a amar o espírito de humildade que Deus lhes deu, para que a mãe possa ser abençoada nas suas filhas e as filhas na sua mãe". Ao longo da carta, Gailhac evitava referir-se aos aspectos "materiais". Dizia-lhe que podia arrendar a casa próxima e receber a jovem de quem lhe falara, que deveria procurar conhecê-la bem e que, na próxima vinda a Portugal, ele e a M. St. Félix poderiam acompanhá-la até Béziers. Como a comunidade estava prestes a começar o retiro, Gailhac terminava a carta com a esperança de que as Irmãs abrissem os seus corações para receber as graças de Deus. A terminar, animava a M. St. Liguori a cuidar de si, porque "a messe é grande mas os operários são poucos".⁵⁸

O Fundador escrevia à M. St. Liguori sem ambiguidades e sem receio de que as suas palavras fossem recebidas como elogio e pudessem prejudicá-la. Na carta de 16 de setembro de 1884, falava com uma grande transparência sobre as graças que lhe foram concedidas e como as suas filhas poderiam aproveitar se a imitassem:

*[A Mãe] é como um reservatório das graças de Deus. Ele delicia-se em derramar em si a Sua graça, que deverá transmitir às suas filhas, tanto pela oração como pelo exemplo e conselho. Nunca esqueça que as graças de Deus fluem continuamente na sua alma; deve corresponder com fidelidade. Deus ensina-nos que o Espírito Santo se delicia em derramar cada vez mais os seus dons nos corações daqueles que os usam bem. e em retirá-los àqueles que usam mal a graça. Dá-se aos que têm e tira-se aos que não têm, diz Jesus Cristo.*⁵⁹

Gailhac deve ter conhecido muito bem a M. St. Liguori para estar tão consciente das graças extraordinárias que sobre ela eram derramadas. Entendia que essa era a realidade dela e que essas graças eram para ela distribuir pela comunidade. "Deus não recusa nada à alma humilde que reza com perseverança". Terminava a carta aconselhando-a a nada recusar a Deus.⁶⁰

No outono de 1884, a M. St. Liguori esteve novamente muito doente mas começou a melhorar no início de novembro. Gailhac dizia que, ao ler a carta dela, experimentou uma dupla consolação, pois Deus não só tinha restabelecido a sua doente, mas também derramara sobre ela as Suas graças. Ela estava perfeitamente disponível para viver ou morrer, segundo a vontade de Deus. Gailhac reconhecia que foi Deus que concedeu à M. St. Liguori essa graça de

uma perfeita indiferença, no sentido inaciano da palavra, e pedia a Deus essa mesma graça para todas as suas filhas. A terminar, lembrava-lhe que ela era uma fonte de graças e, quer na saúde quer na doença, era útil a todo o Instituto através do exemplo, oração e palavras edificantes.⁶¹

É óbvio que o Fundador estava muito satisfeito com a M. St. Liguori, como religiosa e como superiora. O orçamento da comunidade local estava sempre equilibrado mas, ainda mais importante, as Irmãs da comunidade eram felizes e unidas. Gailhac reconhecia que ela tinha recebido graças extraordinárias para a comunidade⁶² e, talvez por isso, parecia manifestar uma certa predileção pela comunidade de Braga, ao longo daqueles anos.⁶³

Gailhac escrevia às Irmãs na altura em que se preparavam para o retiro anual, em julho de 1884, lembrando que Deus as escolhera mas também elas O tinham escolhido e, por conseguinte, tinham celebrado com Ele um lindo contrato. Deus prometeu dar-lhes todas as graças e meios necessários para alcançarem o fim que lhes propôs e que elas escolheram. Referia que esses meios incluíam a Regra, os votos, o espírito de zelo (que ele definia como “a flor e o fruto dos santos votos”) e o exemplo da vida de Jesus. Encorajava as religiosas a estudar Jesus Cristo e a imitar a sua vida, pois “não há nada mais santo, mais divino para o ser humano do que ser destinado por Deus a ser imagem de Jesus e cooperador por excelência na Obra de Deus”.⁶⁴

Algumas Irmãs de Braga estavam doentes quando Gailhac escreveu de novo à M. St. Liguori, na primavera de 1885. Nessa carta e em várias das que se seguiram, falava com fé sobre a morte. Isto era motivado, sem dúvida, pela doença grave das Irmãs, mas podia ser também sinal de reflexão sobre a sua própria e inevitável morte. Começava por reconhecer que “a terra é um vale de lágrimas e o mundo cheio de sofrimento e confusão; mas os cristãos, ao sofrer e morrer com Jesus, tornam-se participantes da unidade da Santíssima Trindade; a morte é a entrada no céu, portanto devemos ter coragem. Enquanto cuidamos com carinho das nossas doentes e rezamos pelas suas melhores, devemos simultaneamente ser submissas aos planos de Deus. Precisamos de pessoas preparadas; se formos fiéis, Deus dar-nos-á as pessoas necessárias para continuar a Sua obra”.⁶⁵

Não se sabe ao certo quem estava muito doente na comunidade quando essa carta foi escrita. M. Maria de Chantal faz referência a três Irmãs que estavam doentes e morreram em Braga, nessa altura. Uma era a M. Ephrém, que morreu em 1885.⁶⁶ Outra, Sr. St. Justin, uma Irmã portuguesa que, de acordo com o relato da M. Maria de Chantal, se sentia muito atraída para a vida escondida com Cristo e pediu para entrar como Irmã coadjutora. Sofria de uma

terrível doença óssea e todos os dias oferecia o seu sofrimento por uma das comunidades do Instituto. “Cada dia, ela ia em espírito, na sua missão apostólica, de Portugal para a França, Irlanda, Inglaterra ou Estados Unidos. A morte dela, em 1885, foi tão consoladora e inspiradora como a sua vida..”⁶⁷ O padre Eigenmann deve ter estado presente no momento da morte, pois escreveu assim à M. St. Félix: “A boa Irmã St. Justin deixou-nos hoje, voando como um anjo para o céu”.⁶⁸ Depois acrescentava: “Estou profundamente convicto de que a M. St. Rosaire não demorará muito a segui-la”.⁶⁹

Gailhac parece ter ficado particularmente preocupado com o sofrimento desta comunidade, como o comprovam as suas palavras: “Abençoo as minhas queridas filhas doentes. Sabem quanto as amo. Todo o Instituto se une a mim, sem cessar, em oração por elas”. Dirigindo-se de modo particular à M. St. Liguori, recomendava-lhe que estivesse calma, que fosse dócil a Deus e cuidasse de si própria. E acrescentava: “Isto não é um conselho, mas uma ordem”. Nessa altura, Gailhac tinha oitenta e três anos; o seu profundo afeto por todas as suas religiosas era patente na comovedora imagem com que terminava a carta: “Oh, se eu tivesse as asas de uma andorinha e pudesse voar para junto das minhas filhas, consolar as doentes e ajudar cada uma a servir melhor a Deus.”⁷⁰

No mês seguinte, abril de 1885, Gailhac e a M. St. Félix chegaram a Portugal. O Fundador consolou as doentes e encorajou as comunidades. Foi durante essa viagem que acolheu o último desejo de uma viúva, D. Adelaide R. de Paiva - que as duas filhas, de quatro e sete anos de idade, fossem educadas pelas RSCM até chegarem aos vinte e um anos. Gailhac concordou. Mais tarde, a mais velha, Maria do Céu, entrou no Instituto tendo recebido o nome de M. Ferdinand Paiva de Brandão.⁷¹

A procura de conselheiros espirituais

Presume-se que Gailhac e a M. St. Félix se tenham encontrado com o padre Eigenmann durante a sua curta visita a Braga. O seu trabalho [do P. Eigenmann] com as comunidades de Portugal assumia agora, além da dimensão espiritual, também a dimensão jurídica, pois ao assumir a responsabilidade de procurar uma casa em Braga, assumiu também a função de procurador jurídico das RSCM em Portugal.⁷² Além disso, a pedido do Instituto, começou a envolver a Congregação do Espírito Santo, a que pertencia, em assuntos das RSCM. Numa carta de 17 de setembro de 1883, por exemplo, o padre Eigenmann enviava à M. St. Félix o nome e endereço do seu superior provincial nos

Estados Unidos e comunicava-lhe que, no mês anterior, tinha escrito ao padre Strub, o provincial, mas estava convencido de que, como ele fazia a visita às comunidades no Arkansas e Ohio durante os meses de agosto e setembro, podia não ter recebido a carta. O padre Eigenmann estava convicto de que o padre Strub, ou um dos padres do Espírito Santo (como são conhecidos nos Estados Unidos), estaria disponível para ajudar “as suas queridas filhas da Long Island”. E acrescentava: “Como lamento a provação em que se encontram as suas filhas, tão boas e inocentes!”⁷³

Em abril do ano seguinte, o padre Eigenmann começou a interrogar-se como é que a sua congregação na Irlanda poderia ajudar as comunidades RSCM aí existentes. No seu regresso de Paris para Braga, visitou a Casa Mãe e daí escreveu ao seu superior geral, Père Emonet: “O Fundador das RSCM teve sempre o desejo e a esperança de que um dia o nosso Instituto assumisse a capelania do convento do Bon Pasteur, que construiu tendo em conta um espaço para o capelão das religiosas”. Incentivava o seu superior geral a parar em Béziers, na próxima vez que passasse no Midi, para visitar o convento e encontrar-se com “o Reverendo Padre Fundador, um simpático ancião de oitenta e três anos”.⁷⁴ O padre Eigenmann estava claramente a favor dessa ligação entre as Religiosas do Sagrado Coração de Maria e a Congregação do Espírito Santo e aconselhou a Casa Mãe das RSCM a contatar o seu padre geral, convidando-o a visitar Béziers: “Já dei conhecimento das vossas intenções ao nosso reverendo padre e estou certo de que ele tomará em grande consideração o vosso projeto...”⁷⁵

Entretanto. Gailhac já tinha escrito ao superior geral dos Irmãos das Escolas Cristãs em Paris, pedindo-lhe para interceder pelas RSCM junto do superior geral dos Padres do Espírito Santo. Nessa carta, datada de 23 de outubro de 1884, dizia que já tinha escrito a essa congregação mas recebera três respostas negativas.⁷⁶

Gailhac escreveu novamente ao superior geral, apresentando-se como fundador do Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, já com oitenta e dois anos de idade. Receava morrer sem a alegria de deixar as suas religiosas com um protetor que lhe sucedesse. Embora Leão XIII tivesse confiado o Instituto a um Cardeal Protetor, como comunidade religiosa precisava da orientação espiritual de outra congregação. Gailhac explicava, então, que Deus o inspirara a dirigir-se à Congregação do Espírito Santo, cujo espírito conhecia e considerava muito compatível com o do Instituto que fundara. A terminar, afirmava que ficaria muito feliz se um dia pudesse dar a conhecer as suas ideias ao superior geral, caso este estivesse interessado.⁷⁷

O Père Emonet respondeu a 20 de julho de 1885, pedindo desculpa por não ter escrito mais cedo: precisou de tempo para refletir e consultar os seus assistentes. A resposta era decepcionante:

Lamento que esta minha resposta não vá ao encontro dos seus desejos. Teríamos ficado muito felizes se tivesse sido possível continuar o nosso apoio ao Instituto que fundou e tão bem tem dirigido até agora e que, tal como o nosso, é dedicado ao Sagrado Coração de Maria. Através dos nossos padres que, em Braga, apoiam uma das comunidades em Portugal, sei que as vossas Irmãs são piedosas e cheias de zelo. Na minha viagem pelo país, visitei o vosso convento em Braga e tenho dele as melhores recordações. Seria esta uma das razões que nos teriam levado a aceder ao vosso pedido, caso tivesse sido possível.

As necessidades crescentes da nossa vasta missão em África obrigam-nos a assumir, em França, apenas um pequeno número de instituições; este ano, deparamo-nos ainda com mais dificuldades do ponto de vista de pessoal, uma vez que vamos assumir três novas fundações.

Por favor, comunique também a minha mágoa à superiora geral, que me escreveu na mesma altura e com a mesma finalidade.⁷¹

Gailhac não desanimou perante a recusa do Père Emonet e respondeu-lhe imediatamente dizendo que, ao agir assim, estava a seguir a vontade de Jesus Cristo: "Pedi e recebereis, procurai e achareis, batei e abri-se-vos-á". Nessa carta, o Fundador dizia ao superior geral que tinha todo o apoio do seu bispo e do Abbé Jean, superior do mosteiro de Fontfroide e seu grande amigo. Previa ter apenas dois ou três anos de vida, mas daria tempo à Congregação do Espírito Santo para que esta pudesse abrir uma escola no Bon Pasteur para os seus noviços ou para a utilizar como escola de formação para os religiosos. Gailhac não oferecia apenas a casa, mas a sua linda igreja, a biblioteca e parte da mobília.⁷⁹

Gailhac era muito claro e categórico na carta que dirigiu ao superior geral da Congregação do Espírito Santo: "Como Deus assim o quer, imploro-lhe que não me diga 'Não', mas 'Sim', ou seja, que os padres do Espírito Santo aceitarão as filhas de Maria Imaculada, as filhas do Sagrado Coração de Maria, sob a sua proteção". Associava a função de protetor à de S. João: "Vós sereis como São João para a Santíssima Virgem, que eu constituí Superiora Geral do Instituto: a religiosa que dirige o Instituto é apenas sua representante. Repito: Deus quer que sejais os Padres Protetores do Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria".⁸⁰

O superior geral dos Padres do Espírito Santo manteve o padre Eigenmann informado sobre o assunto; compreendia os dois lados da questão, tanto a urgência de Gailhac como a falta de pessoal no seu Instituto. Ao escrever à M. St. Félix, o padre Eigenmann explicava-lhe a razão pela qual continuava otimista: na última carta que o superior geral lhe escreveu, não dava a entender que a recusa era definitiva, o que o deixou com a esperança de que mais tarde, quando houvesse pessoal suficiente, o plano pudesse realizar-se. No final da carta, dizia: “Uma vez que a resposta não é totalmente negativa, defenderei a vossa causa”.⁸¹ Na resposta a essa carta. Gailhac pedia ao padre Eigenmann para rezar a fim de que se realizasse a promessa de Jesus - quem pede, procura e bate, encontrará a porta aberta e as suas orações atendidas.⁸²

Não tendo recebido uma resposta imediata. Gailhac escreveu novamente ao Père Emonet, a 5 de setembro de 1885, declarando que em virtude de o seu “pedir e procurar” não ter sido eficaz, não seria necessário bater. Nessa carta, Gailhac falava do fervor da comunidade da Casa Mãe que, estando já comprometida em viver o espírito de Jesus Cristo, não seria para ele uma pesada responsabilidade. Acrescentava que, provavelmente, quando a calma regressasse a França, a Congregação do Espírito Santo abriria uma escola na cidade de Béziers. Uma população de cinquenta mil pessoas na cidade, e ainda mais nos arredores, poderia proporcionar um grande número de vocações.⁸³

Não é de surpreender que o Fundador tenha desejado confiar o Instituto à Congregação do Espírito Santo, pois o espírito das duas congregações era muito semelhante. Contudo, também havia diferenças. Segundo o relatório sobre o Estado Geral da Congregação do Espírito Santo, enviado pelo Père Emonet ao Vaticano em 1890, a sua congregação tinha sido fundada pelo Père Libermann em 1841. Havia 903 membros professos (463 padres e 440 irmãos) e muitos mais nas várias etapas da formação. A congregação tinha casas por todo o mundo, incluindo dezoito em França, três em Portugal e duas na Irlanda. Tinha um seminário francês em Roma, fundado em 1853, e comunidades na Alemanha, nas Caraíbas, em África, nos Estados Unidos e na Austrália. O fim da congregação e, consequentemente, o foco do seu trabalho era em primeiro lugar a salvação dos mais abandonados e especialmente a salvação dos negros. Os colégios na Europa foram fundados principalmente para angariar vocações e procurar os recursos necessários para a instrução dos formandos. Nas colônias, a finalidade dos colégios era preservar a fé nas classes influentes.⁸⁴

Uma semana depois de ter recebido a última carta de Gailhac, o Père Barillet, secretário-geral da Congregação do Espírito Santo, respondeu-lhe. Os pontos principais dessa carta seguiam as anotações escritas a lápis nas margens

da carta de Gailhac, pelo Père Barillet ou pelo Père Emonet, durante a reunião do Conselho Geral: “não é possível” ... “falta de pessoal” ... “não está de acordo com os nossos objetivos” ... “lamentamos”.⁸⁵ A carta enviada a Gailhac incluía também a triste notícia de que cinco dos seus missionários tinham acabado de morrer na mesma semana, e concluía com uma expressão de sincero pesar pelo fato de a congregação não poder responder às necessidades de Gailhac. Terminava assim: “Peço ao Nosso Salvador que envie padres para o substituir no apoio às suas queridas filhas”.⁸⁶

Gailhac parece ter aceitado como definitiva esta carta de recusa, pois logo a seguir voltou a sua atenção para outros assuntos. Escreveu à M. St. Liguori, não sobre planos de aconselhamento espiritual, mas acerca de outros assuntos de ordem espiritual. Ela tinha ficado preocupada com a questão e ele aconselhou-a a ser humilde e não ficar triste. Como diretor espiritual experiente, o Fundador usou o comportamento e atitudes habituais da M. St. Liguori como pedra de toque e aconselhou-a: “Se não a soubesse voltada para Deus, teria receio; mas, estando voltada para Deus, seja confiante. Deus é todo-poderoso. Seja sempre fiel à Sua graça. Ele nunca a abandonará”.⁸⁷

No mês seguinte, as circunstâncias de Gailhac tinham-se alterado completamente. Escrevendo à M. St. Liguori, pedia-lhe apoio:

É com perfeita submissão aos desígnios de Deus, embora com um coração pesado e espírito profundamente inquieto, que escrevo esta carta. Estamos completamente desolados, todos os nossos recursos estão esgotados. Vivemos numa situação em que não temos sequer a possibilidade de tratar dos nossos problemas internos. Não estamos também em posição de suportar as despesas com as nossas propriedades na província, que precisam de ser renovadas. A filoxera destruiu tudo?⁸⁸

Um irlandês dos meados do século dezenove compreenderia bem a angústia de Gailhac. De fato, nos anos da fome, quando os irlandeses colheram as primeiras batatas do ano e as encontraram pretas e cheias de fungos, também os trabalhadores de Bayssan, enviados para os campos em outubro, para a colheita, tinham encontrado as vinhas doentes e todas as uvas estragadas.⁸⁹

Escrevendo como se pretendesse tranquilizar a sua consciência, Gailhac lembrava que Béziers nunca deixara de conceder ajuda financeira às fundações, com receio de que a Casa Mãe viesse a ter dificuldades, mas, de fato, tinham mesmo contraído uma dívida considerável. Não tendo ainda vendido a primeira casa de Bootle, não tinham nesse momento qualquer possibilidade de

pagar os juros da hipoteca sobre a nova fundação em Seaforth. E continuava: “Tenho tido muitas provações durante a minha longa vida; esta é a que mais dilacera o meu coração. A querida madre e eu não podemos ter ilusões; este peso esmaga-nos. Tem de partilhar a nossa dor”. Foi pedido a cada comunidade para suspender todas as despesas, exceto aquilo que fosse absolutamente necessário, e para enviar tudo o que pudesse para pagar os juros da dívida da Casa Mãe, evitando-se assim que o nome do Instituto ficasse manchado. Gailhac reconhecia: “A nossa confiança excedeu as nossas possibilidades”. A Casa Mãe continuaria a ser generosa em relação a cada casa mas, naquele momento, as dívidas tinham de ser pagas.⁹⁰

Não há dúvida de que as comunidades do Instituto responderam e ajudaram a Casa Mãe a pagar os juros sobre as dívidas contraídas pelas fundações, especialmente Seaforth. De certeza que a M. St. Liguori deve ter ficado muito afetada pelo tom angustiado da carta de Gailhac, e as outras superiores locais devem ter reagido do mesmo modo. Escrevendo quase dois anos depois, a M. St. Thomas fazia referência ao dinheiro que a M. St. Félix tencionava enviar para o Porto, para as despesas da comunidade. Com a generosidade que a caracterizava, a M. St. Thomas dizia compreender a angústia que a superiora geral teria suportado, por causa das dívidas de Seaforth. As necessidades do Porto não eram urgentes. “De uma forma ou de outra, Deus vem sempre em nosso auxílio. Portanto, boa madre, se precisa de dinheiro para alguma coisa mais urgente, nós podemos esperar por outra ocasião”.⁹¹

Este não foi o único ato de generosidade das RSCM em Portugal. Pouco tempo antes, uma terceira fundação tinha sido criada no norte do país, na cidade de Chaves.

Fundação em Chaves

As origens da cidade de Chaves remontam ao início da era cristã. Escavações efetuadas na região de Trás-os-Montes, onde Chaves está situada, revelaram vestígios de uma população do período neolítico. Durante o período romano, a região ficou célebre pelas suas fontes de água quente, chamadas *Aquae Flaviae*, em honra do Imperador Flávio. Uma inscrição sobre uma magnífica ponte em pedra, na cidade, indica que esta foi construída sobre o Rio Tâmega entre 98 e 104 d.C., ou seja, durante o império de Trajano, Imperador Romano. Tendo sido invadida durante séculos, Chaves tinha uma fortificação histórica que foi importante do ponto de vista militar. Mesmo no fim do século dezenove, apesar do caráter pacífico da cidade, quatro regimentos de soldados

estiveram ali aquartelados, visto que a fronteira com Espanha ficava apenas a doze quilômetros.⁹²

Um testemunho refere que a M. St. Liguori, acompanhada pelo padre Eigenmann, fez os dois penosos dias de viagem de Braga para Chaves, no verão de 1885, pouco tempo depois da visita de Gailhac a Portugal. Nessa altura, devem ter encontrado uma cidade com apenas cinco mil habitantes. Embora nessa época a região fosse considerada “terra de missão”, a cidade tinha um grande e antigo convento de clausura, com a sua própria igreja, e mais duas igrejas católicas. Em 1885 não havia liceu na cidade, apenas uma escola comercial/industrial. Apesar da existência dessa escola, o comércio e a indústria não se desenvolviam, devido mais ao isolamento da cidade do que à falta de iniciativa da parte do povo.⁹³

As religiosas de Braga tinham sido convidadas pela abadessa do velho convento da Ordem de Nossa Senhora da Conceição para abrir uma escola numa das alas do convento. Uma octogenária, a última a entrar nessa ordem, era na altura a única sobrevivente. Há diferentes versões acerca das circunstâncias que envolveram este convite. Maynard refere que a abadessa, encontrando-se sozinha, recordou-se de uma conversa que tivera no dia da sua profissão, sessenta anos atrás. De acordo com esse relato, uma religiosa ter-lhe-ia dito: “Felicito-a neste lindo dia da sua profissão, mas felicito-a ainda mais porque está destinada a sobreviver a todas as nossas Irmãs; e, quando todos pensarem que este convento está prestes a desaparecer, ele florescerá como nunca antes acontecera”. Maynard diz que esta memória inspirou a abadessa a procurar uma congregação religiosa para se juntar a ela. O seu confessor apoiou plenamente esse plano, que não só iria dar vida ao convento mas evitaria que o exército o ocupasse para seu quartel. De acordo com o relato de Maynard, foram escolhidas as RSCM porque uma jovem de Chaves, aluna na Academia de Braga, tinha-se referido a este Instituto religioso de forma muito positiva.⁹⁴

A interpretação de M. Maria de Chantal é próxima da de Maynard, mas realça o desejo da abadessa de evitar que o convento se transformasse num quartel militar. A abadessa tinha pedido ao seu confessor, padre Manuel Couto de Zimão, para procurar uma congregação que pretendesse abrir um internato: e, de acordo com M. Maria de Chantal, a Bem-Aventurada Virgem Maria, sua superiora, conduziu os passos do padre Couto até às RSCM.⁹⁵

Numa carta para o Cardeal Hohenlohe, Protetor do Instituto em Roma, a M. St. Félix dava uma interpretação diferente, levando a concluir que a população dessa pequena cidade, na província de Trás-os-Montes, desde há muitos anos desejava uma escola; e, tendo testemunhado o zelo das RSCM, pediram-

lhes que aceitassem ir para lá. Era-lhes oferecido um antigo convento, cuja última habitante estava muito feliz por receber as religiosas; o povo da cidade cobriria as despesas de instalação. A M. St. Félix resumia assim a reação das RSCM: como as religiosas encontraram em Portugal um campo tão vasto para realizar a obra do Senhor, e tendo sido tão frequentes os pedidos, o Instituto, confiando no auxílio de Deus, não podia recusar aquela oportunidade de alargar a sua obra e começaram a preparar a nova fundação.⁹⁶

O padre Eigenmann que, nesse como em outros casos, era sem dúvida a fonte mais credível, apresentava a situação de forma clara e precisa, pois foi com ele que as pessoas tinham estabelecido contato. Explicou à M. St. Félix que, segundo a lei, após a morte da última religiosa, o referido convento teria de ser entregue a uma Associação, na condição de nele se instalar uma obra de educação feminina, quer fosse um internato, orfanato ou qualquer outro tipo de obra educativa. A dita Associação era, na sua maior parte, composta por cristãos que desejavam, em primeiro lugar e acima de tudo, uma obra educativa cristã; por essa razão, queriam confiá-la a uma comunidade religiosa. A abadessa apoiou esse plano e disponibilizou-se a prescindir de uma parte do convento para a instalação da escola, mesmo ainda durante a sua vida. Por conseguinte, a Associação quis agir rapidamente, enquanto duravam as boas intenções da abadessa. Como habitualmente, o padre Eigenmann deu a sua opinião, a favor e contra, sobre a nova fundação. O convento era suficientemente grande e estava em boas condições; a igreja não era grande, mas servia e o jardim era razoável. Por outro lado, tanto o convento como a Associação eram pobres e não estavam em condições de poder ajudar financeiramente a fundação. A Academia teria de ser autossuficiente. Era provável o seu desenvolvimento e Chaves apresentava-se como um excelente local para uma Academia, tanto para a classe alta como para a classe média. As vocações também não iriam faltar. A Associação não iria interferir no trabalho interno da escola, mas a avaliação do pessoal seria o maior desafio para a comunidade. Se o Instituto aceitasse o convite, teria de compreender que, durante o primeiro ano, as despesas seriam inevitáveis.⁹⁷

Mesmo antes de receber a exposição do padre Eigenmann, Gailhac tinha pedido à M. St. Liguori para dizer à “venerável abadessa” que o Instituto iria responder ao seu convite mas levaria ainda algum tempo a preparar a comunidade adequada para enviar.⁹⁸ No fim de 1885, o padre Eigenmann escreveu de novo para esclarecer um aspecto importante: o convento seria cedido à Associação na condição de que nele se abrisse um estabelecimento de educação feminina. Não seria possível alienar o convento, por venda ou doação, às RSCM ou

a qualquer outra congregação. Assim, a Associação cederia o uso do convento para abrir uma escola, mas ficaria sempre proprietária e administradora do convento e da igreja. A Associação daria às religiosas total liberdade na direção da Academia, mas seria responsável pelas alterações de fundo. No caso de a Associação mobilar a escola, obviamente ficaria proprietária do mobiliário.

O padre Eigenmann lembrou à M. St. Félix que seria melhor o Instituto mobilar a escola e deter todo o controle das condições de admissão, etc. Um benfeitor fez uma doação de 25.000 francos franceses com a condição de que a Academia abrisse antes da sua morte; por essa razão, e devido ao convite da abadessa, o padre Eigenmann insistiu com a M. St. Félix para começar a enviar Irmãs para Chaves a partir de 31 de dezembro, muito antes da data prevista para a fundação em maio."

Ao que parece, algumas Irmãs foram de Braga para Chaves nos finais de dezembro de 1885. A viagem de Braga para Chaves, no inverno, deve ter sido muito difícil pois tiveram de viajar de carruagem durante dois dias, por estradas em mau estado sobre as montanhas, e pernoitar numa humilde estalagem. Durante os quarenta anos seguintes, continuaria a não ser possível estabelecer a ligação de trem entre Chaves, Braga e Porto. A superiora da comunidade de Chaves era a M. Annunciation Lynch, uma das primeiras religiosas irlandesas enviadas para Portugal, mas Gailhac deixou claro que ela não tomaria decisões importantes sem primeiro consultar a M. St. Liguori, visto que a fundação em Chaves era considerada filha de Braga. Por sua vez, a M. St. Liguori teria o dever de consultar a Casa Mãe que, segundo o Fundador, devia estar a par de tudo e aconselhar, transmitindo assim a todo o Instituto um precioso élan.

Gailhac enviou à M. St. Liguori a seguinte mensagem, destinada à nova comunidade de Chaves, em 15 de janeiro de 1886: "A salvação de uma única alma é uma grande obra diante de Deus; mas levar uma população à prática das virtudes cristãs, para melhor compreender o espírito de Jesus Cristo e imitar a vida perfeita deste admirável modelo, é causar alegria entre todos os anjos e santos! E a isto que se devem dedicar as minhas queridas filhas, que [a Madre] acompanhou à nova fundação".¹⁰⁰

Gailhac escreveu à comunidade de Chaves em março de 1886, para dizer que a carta das Irmãs o tinha deixado muito feliz por saber que tinham sido muito bem recebidas pelas pessoas de Chaves. "Bendito seja o Senhor que vos escolheu para serem as primeiras apóstolas, destinadas a renovar essa população abandonada".¹⁰¹

Quando visitou a comunidade de Chaves em maio de 1886, o padre Eigen-

mann fez uma avaliação mais realista do sucesso e desafios da comunidade. Na sua carta para a M. St. Félix, dizia estar convencido de que aquela nova obra se tornaria uma das mais belas e consoladoras. Na mesma carta, porém, acrescentava: “Sem dúvida que só atingirá o necessário desenvolvimento depois da morte da madre abadessa, mas isso dependerá da Providência”.¹⁰²

O Padre Eigenmann referia-se às dificuldades que a comunidade teve de enfrentar com a Ir. Maria Rita Joaquina do Carmo, abadessa do convento. No seu relato sobre os primeiros dias em Chaves, a M. Maria de Chantal referia que, sendo a abadessa já idosa e estando fora da realidade da vida há sessenta anos, não estava capaz de compreender as dificuldades de gerir uma escola num convento em ruínas e, portanto, não facultou à nova comunidade os recursos necessários para levarem a cabo a missão para a qual ela as tinha convidado. Foram as pessoas da cidade que, perante a falta de dinheiro, ofereceram às religiosas produtos regionais tais como: batata, fruta, azeite e outros para proverem às necessidades do início.¹⁰³

As religiosas abriram, então, a escola em Chaves e receberam algumas alunas internas. Contudo, rapidamente constataram a imensa ignorância religiosa do povo e quiseram trabalhar com crianças pobres. A M. Annunciation, querendo dar início a uma escola para pobres, semelhante às do Porto e Braga, pediu para utilizar mais uma sala do convento, mas a abadessa recusou, durante algum tempo, a cedência de um novo espaço. Quando finalmente concordou, a Associação demorou a autorizar as necessárias alterações. Em consequência, passaram dois anos até que a comunidade pudesse abrir uma escola para pobres em Chaves. Quase imediatamente após a abertura da escola em 1888, oitenta crianças começaram a ser ensinadas nessa sala. Todos concordaram com a M. St. Félix quando esta visitou Chaves em 1892: “Há uma grande vinha para cultivar nesta cidade, onde há tão pouca religião e tantos abusos”.¹⁰⁴ Foi esse sentido de “grande seara” que deu às Irmãs de Chaves a capacidade de ultrapassar muitos obstáculos no início.

Os membros da comunidade fundadora em Chaves não estão registrados de forma clara e os primeiros membros são algumas vezes confundidos com as novas vocações que, eventualmente, terão vindo da região de Chaves. Como referido anteriormente, a superiora era a M. Annunciation Lynch. O padre Eigenmann disse à M. St. Félix que esta superiora, otimista e empreendedora, estava a fazer um bom trabalho em tudo o que dizia respeito à pequena comunidade, mas achava que, relativamente à vida da Academia e aos estudos, ela precisava de uma assistente competente e com experiência.¹⁰⁵ Foi então nomeada a M. de Jesus Perry que viria a substituir a M. Annunciation Lynch como superiora.

A comunidade incluía ainda a Sr. Afonsina Rebelo, M. Amare, M. de Sena Mendonça, M. Sacré Coeur Teixeira, M. de La Salette Mendes, M. Humberta Guerra, M. d'Assis Gomes, M. André Dalton [falecida em Chaves em 1893] e M. St. Salvador Correia. Esta última religiosa, natural de Famalicão, entrou no noviciado em 1885 com dezoito anos e foi enviada para Chaves em 1888. Esta viria a ser a sua primeira e última comunidade. Abundam histórias sobre a sua santidade. Em 1892, adoeceu e veio a falecer aos vinte e quatro anos, no primeiro ano da sua profissão. A campa onde ficou sepultada tornou-se quase um lugar de peregrinação para as pessoas da cidade. Alguns anos mais tarde, o seu corpo foi exumado e encontrado intacto, tal como o hábito e o caixão. Segundo a tradição, uma jovem de Chaves chamada Emília Vieira Ribeiro, assistiu ao funeral da M. St. Saviour, tendo ficado profundamente impressionada. Entrou na comunidade em 1897, recebeu o nome de Maria de Aquino e tornou-se a fundadora das comunidades RSCM no Brasil.¹⁰⁶ Outras jovens da região de Chaves entraram no Instituto: Ir. Prudência de Loivos, Ir. Donaciano Barrocas e Ir. Justin Asturiano.¹⁰⁷

Surgiram duas grandes dificuldades. Uma tinha a ver com a assistência espiritual da comunidade, ou melhor, a falta dela. O padre Eigenmann visitou a comunidade de Chaves em várias ocasiões e concluiu que precisava de um capelão com certa regularidade. O Padre Couto, reconhecido como um santo homem, foi algumas vezes a Chaves. Em junho, a comunidade encontrou um padre, João Batista de Magalhães, que aceitou ser nomeado capelão. Gailhac e a M. St. Félix ficaram mais descansados, pois a assistência espiritual da comunidade era para eles uma preocupação. A M. St. Félix enviou uma carta ao padre João Batista, juntamente com uma do Fundador. Nessa carta, manifestava a sua alegria por saber que as suas queridas filhas estavam sob a sua paternal e santa direção, acrescentando que via como prova da predileção de Deus ter sido ele o escolhido para diretor das suas queridas religiosas, ainda jovens e distantes da Casa Mãe. Felicitava-o em nome da família do Sagrado Coração de Maria e prometia que passariam a incluí-lo nas orações do Instituto.¹⁰⁸

As expectativas dos superiores talvez tenham assustado o padre que, alguns meses mais tarde, respondeu ao Fundador com uma carta triste mas extraordinariamente honesta. Agradecia a Gailhac a sua linda carta mas dizia que lhe era moralmente impossível satisfazer as suas expectativas. Citando-o, dizia: “Os padres são um com Jesus”, mas não conseguia encontrar qualquer ponto comum entre ele e o Mestre. Dizia que tinha feito uma conferência às Irmãs, em que lhes pedia para examinarem a sua identificação com as virtudes de Jesus Cristo, mas teve de parar porque cada virtude de Jesus referida pelas

Irmãs sugeria-lhe uma falta correspondente em si próprio. “Que miséria! Que confusão!” O padre perguntava, então, como poderia ele ajudar as filhas de Gailhac a serem santas, quando ele se considerava o modelo mais imperfeito do Mestre. Insistia que, além de lhe faltarem aquelas virtudes, também lhe faltava conhecimento prático e teórico, visto que tinha apenas vinte e nove anos e era padre havia pouco mais de três. Era ele que precisava da ajuda e conselho de Gailhac, mas não sabia falar francês.¹⁰⁹

A carta do padre João Batista ajudou Gailhac e a M. St. Félix a compreenderem as razões para a designação de Chaves como “terra de missão”. A M. Maria de Chantal referia as três características de “terra de missão” em Portugal, nos finais do século XIX: a distância entre a cidade e o centro da diocese, a negligência do clero e a deficiente formação dada nos seminários.¹¹⁰ Não era só o povo de Chaves que necessitava de religião, mas o próprio clero carecia de formação adequada e direção espiritual. Parece que o padre Eigenmann terá enviado um dos padres do Espírito Santo para apoiar a comunidade durante algum tempo, pois a M. St. Félix escreveu-lhe no final de 1887, dizendo: “Acha, reverendo padre, que o bom e valioso capelão de Chaves conseguirá desempenhar as suas funções de acompanhar as nossas queridas Irmãs? Eu ficaria muito triste se ele não pudesse”.¹¹¹ A resposta a esta pergunta é vaga, mas a privação de assistência espiritual na comunidade de Chaves continuou a ser a maior preocupação dos superiores.

A segunda dificuldade dizia respeito à mudança gradual dos membros da Associação e respectiva postura. O padre Eigenmann tinha previsto essa dificuldade em 1889 quando preveniu a M. St. Félix de que a excelente administração da Associação não tinha corpo de sócios estável e, conseqüentemente, a sua atitude para com as religiosas poderia mudar.¹¹² Essa mudança começou a ocorrer por volta de 1892, quando uma campanha anticlerical atingiu a cidade de Chaves. A Associação começou a ficar dividida em duas partes antagônicas: um grupo a favor da presença das religiosas e o outro determinado a expulsá-las. A tradição transmite uma cena dramática:

*Numa determinada ocasião, a discussão entre os membros da [Associação] atingiu um nível de exaltação maior do que era habitual e... começaram aos socos. Gritavam uns: “Abaixo as freiras!” e outros: “Longa vida para as freiras!” Precipitaram-se para o claustro onde chegou a haver derramamento de sangue. As pobres religiosas, causa desta desordem sem qualquer intenção, refugiaram-se no coro a tremer e a rezar.*¹¹³

A comunidade de Chaves sofreu também de muitas outras formas. Numa carta de 12 de janeiro de 1890, a M. de Jesus Perry escreveu à M. St. Félix, agradecendo o envio de mais duas Irmãs e comunicando que a abadessa, ao vê-las, lamentou não terem ido Irmãs de coro para ensinar pois era disso que necessitavam. A M. de Jesus referia ainda que tinha havido algumas doenças graves na comunidade e uma epidemia de varíola na cidade. Algumas das alunas externas já tinham contraído a doença. Terminava a carta com esta sintética descrição: “O frio é muito intenso, este ano”.¹¹⁴ Podemos imaginar o frio que a comunidade terá passado num convento do século XVIII, meio em ruínas.

Depois da morte de Gailhac, os sofrimentos e dificuldades tornaram-se ainda mais agudos. A M. St. Félix e a M. St. Liguori viajaram novamente para Chaves em fevereiro de 1894, numa tentativa de solucionar aquelas questões, se possível: mas as influências maçônicas na Associação e na cidade, bem como a ausência de assistência espiritual, forçaram-nas a tomar a decisão de transferir a comunidade. De acordo com as palavras da M. Maria de Chantal:

A situação tinha-se tornado muito difícil. Outras razões - as dificuldades de ordem material e espiritual, a difícil e longa viagem quando era necessário ir a Braga ou ao Porto - devem ter pesado também na decisão das superiores. Na sua última visita em 28 de fevereiro de 1894, a M. St. Félix, acompanhada da M. St. Liguori, decidiu a saída da comunidade, não sem amargura da parte das religiosas. Como não sofrer ao abandonar uma seara tão bela!¹¹⁵

De novo a questão dos conselheiros espirituais

Desde o início da fundação de Chaves, o padre Eigenmann estava comprometido com a comunidade, visitando-a quando podia, apoiando as suas necessidades espirituais e mantendo a Casa Mãe informada acerca das suas potencialidades e carências. Foi ele, por exemplo, que terá lembrado à superiora geral que todas as comunidades que careciam de pessoal, sofriam espiritualmente e também do ponto de vista educativo.¹¹⁶ Foi ele que, delicadamente, deu a entender que a comunidade de Braga seria mais feliz se, na ausência da M. St. Liguori, pudesse ser designada Marie Joseph Butler para dirigir a Academia e a comunidade. Gailhac tinha nomeado a M. Maria da Eucaristia Lencastre para orientar a comunidade no que dizia respeito à vida espiritual, mas o padre Eigenmann lembrou que a comunidade de Braga sabia bem que essa religiosa tinha acabado de sair do noviciado;¹¹⁷ assegurava à M. St. Félix

a docilidade da comunidade de Braga e acrescentava que todas preferiam que fosse nomeada Marie Joseph, tendo a M. Maria da Eucaristia como sua assistente e responsável pelas noviças. Ao comunicar os desejos da comunidade, o padre Eigenmann foi extraordinariamente cuidadoso para não interferir com ela, nem de modo algum ultrapassar a autoridade dos superiores maiores; passava a informação simplesmente porque a considerava útil.¹¹⁸

Na mesma carta, o padre Eigenmann comunicava à M. St. Félix que a Congregação do Espírito Santo acabara de ocupar uma grande escola em Castlenuaudary, uma cidade situada entre Toulouse e Narbonne. Ficando esta cidade apenas a algumas horas de trem de Béziers, ele estava certo de que os padres sentir-se-iam felizes por ficarem ao serviço das religiosas da Casa Mãe, sempre que lhes fosse pedido.¹¹⁹

Foi então que a M. St. Félix compreendeu que o padre Eigenmann não tinha recebido da sua congregação algumas informações importantes, por exemplo, que o Padre Gailhac tinha escrito ao Père Emonet no princípio de janeiro de 1887, informando-o que seria impossível as Religiosas do Sagrado Coração de Maria continuarem a contar com a orientação espiritual da Congregação do Espírito Santo. Talvez tenha sido o Père Emonet a escrever na margem da carta de Gailhac “nem Gailhac nem a superiora tinham dito o motivo... o que era estranho depois de tanta insistência”.¹²⁰ Apesar de não compreender o motivo, o Père Emonet escreveu a Gailhac uma carta simpática: “A sua carta é para nós uma manifestação da vontade de Deus, pois precisamente no momento em que nos sentíamos motivados a considerar o vosso pedido, somos por si informados de que os vossos planos se alteraram”. Terminava a carta de uma forma respeitosa e cordial, pedindo as orações de Gailhac e dando a certeza das suas.¹²¹

Pouco depois desta ruptura, o Padre Gailhac escreveu ao Père Michel, provincial da Companhia de Jesus, em Toulouse. A carta é uma cópia da primeira que enviou ao Père Emonet. Nessa carta para o Père Michel, Gailhac apresenta-se como o velho Fundador das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, que morrerá muito feliz se o Père Michel tomar sob a sua proteção as filhas de Gailhac.¹²² A M. St. Félix também escreveu no mesmo dia, na esperança de que o Père Michel desse a certeza de que a Companhia de Jesus aceitaria dar o seu apoio espiritual ao Instituto; mostrava-se ansiosa por contatar os provinciais jesuítas nas localidades onde as RSCM tinham comunidades, mas aguardaria as suas instruções.¹²³

A escolha de Gailhac em relação à Companhia de Jesus não foi tão inesperada como parecia, pois ele tinha grande admiração pelos filhos de Santo

Inácio. Nas suas notas sobre conversas particulares com o Fundador, a M. St. Félix recordava que, no início de novembro de 1883, ele lhe teria dito: “Tenho que dar alguns passos na direção dos padres jesuítas. Quero confiar o Instituto à sua orientação sábia e santa: eles serão os vossos confessores extraordinários, orientarão os retiros bem como tríduos e conferências, quando necessário. Isto deverá ser suficiente para a deixar tranquila”.¹²⁴

Em abril de 1887, o Père Michel viajou para Béziers, encontrou-se com Gailhac e com a superiora geral e visitou a casa do Bon Pasteur, que o Fundador se prontificava a oferecer à Companhia de Jesus. O provincial jesuíta escreveu ao seu superior geral e os planos prosseguiram. A 12 de maio de 1887, a M. St. Félix escrevia ao Père Michel sugerindo a forma como as comunidades locais poderiam beneficiar-se do apoio dos jesuítas: as duas comunidades da Irlanda poderiam ficar confiadas aos jesuítas de Dublin, a comunidade de Inglaterra aos jesuítas de Liverpool, as comunidades de Portugal aos jesuítas do Porto, e a comunidade da América aos jesuítas de Nova Iorque. Esperava que os jesuítas referidos pudessem responsabilizar-se pelos retiros das religiosas e das alunas que lhes estavam confiadas. A M. St. Félix, ao manifestar a sua “inexprimível gratidão” ao Père Michel, pedia-lhe também que enviasse vocações para o Instituto, especialmente vocações francesas.¹²⁵

Entretanto o Padre Eigenmann, que não tinha sido informado acerca de tudo isto, continuava a apoiar as comunidades portuguesas, de várias formas. Por isso, deve ter sido incômodo para a M. St. Félix dar a novidade àquele padre e fiel amigo:

Certamenle, o reverendo Père Emonet deve ter-lhe dito que o assunto importante, que eu lhe tinha pedido para negociar em nosso nome, não terminou de acordo com os nossos desejos e esperanças comuns. Tudo ruiu precisamente no momento em que estávamos quase certas do apoio dos padres do Espírito Santo. Lamentamos profundamente este desfecho depois de todo o seu empenho para conseguir que fôssemos bem-sucedidas. Mas na verdade, aqui para nós, meu Reverendo padre, a culpa não foi nossa. Se o Père Emonet não tivesse hesitado durante tanto tempo para aceder ao nosso pedido e dar-nos uma resposta definitiva, não leria terminado tudo desta forma.

A M. St. Félix agradeceu profundamente ao padre Eigenmann por tudo o que ele tinha feito pelas comunidades de Portugal, pelas Irmãs e suas obras, e pedia a Deus que o abençoasse a ele e suas obras.¹²⁶

O padre Eigenmann levou mais de sete meses a responder. A atitude de

Gailhac e da M. St. Félix tinha sido para ele uma surpresa imensamente penosa. O seu superior geral também estava admirado pelo fato de Gailhac se ter decidido por outro Instituto religioso. Se o seu Padre Geral hesitou foi porque, naquela altura, havia diminuição de pessoal e não tinham casas suficientemente perto de Béziers; mas o padre Eigenmann insistiu dizendo ter a certeza de que a hesitação havia de terminar. Uma vez que Deus tinha conservado a vida de Gailhac, não lhe parecia que houvesse assim tanta urgência.

Compreensivelmente, a M. St. Liguori e a M. St. Thomas ficaram muito incomodadas quando tentaram abordar este assunto com o padre Eigenmann. Depressa verificaram que não estavam seguras se esta nova decisão dizia respeito apenas à comunidade de Béziers, enquanto as outras comunidades permaneciam na mesma situação. Como o padre Eigenmann tinha sido chamado a Paris, em trabalho da sua congregação, concordou em passar por Béziers para conversar com Gailhac e a M. St. Félix sobre o que implicavam as suas novas funções, se é que ainda as tinha. Por um lado, compreendia que não devia haver duas orientações diferentes para as comunidades dum mesmo Instituto; por outro lado, tinha consciência de que as Irmãs em Portugal precisavam da sua ajuda, tanto espiritual como material. Por isso, numa carta para a M. St. Félix, manifestava a sua disponibilidade para continuar a apoiar as RSCM como anteriormente, até que tudo ficasse esclarecido.¹²⁷

Na última parte da sua carta, o padre Eigenmann referia que se sentia feliz por constatar como as comunidades de Portugal estavam, de maneira geral, a caminhar bem, religiosa e espiritualmente. Algumas fragilidades humanas eram comuns em todas as obras, mas, em geral, não eram impedimento para o bem. Parecia mais preocupado com dois problemas que ele, com grande clarividência, via interligados - a saúde das Irmãs e a falta de pessoal. Esta última levava ao trabalho excessivo que, por sua vez, conduzia à falência de saúde. O cansaço era frequente nas comunidades; e estar ininterruptamente no mesmo meio, sobretudo se este já estivesse afetado por doenças mais ou menos contagiosas, era um perigo contínuo para as religiosas fatigadas pelos anos de trabalho na escola e pelas tensões da vida em comunidade. Reiterava o conselho dos médicos: para as Irmãs mais cansadas, era necessário uma mudança de ares e descanso absoluto. As suas duas primeiras candidatas eram a M. St. Liguori e a M. Annunciation, de Chaves. O padre Eigenmann admitia que ainda não tinha avaliado os aspectos práticos desta recomendação, mas esperava que a M. St. Félix desse às religiosas a necessária autorização.¹²⁸ Numa outra carta, o padre Eigenmann concluía que a solução do problema estava em ter mais vocações e acrescentava que estas aumentariam consideravelmente se o Instituto

tivesse um noviciado em Portugal. Para muitas Irmãs, a necessidade de ir fazer o noviciado em França representava um grande obstáculo. Se houvesse mais vocações, haveria mais Irmãs para trabalhar na obra e, conseqüentemente, ficariam menos sobrecarregadas e menos cansadas. Assim, não só melhoraria a saúde das Irmãs, mas também a sua vida espiritual seria menos prejudicada por ocupações e cuidados dispensáveis.¹²⁹

Não há registro do encontro de Eigenmann com os superiores maiores mas, durante os anos seguintes, ele foi útil como nunca no apoio às três comunidades portuguesas. Não havia nenhuma comunidade jesuíta em Chaves e nenhum dos jesuítas de Braga falava francês nem estava disponível para ajudar a comunidade RSCM daquela cidade; portanto, as religiosas dirigiram-se de novo ao seu amigo, padre Eigenmann. Este respondeu, dando mais ajuda espiritual, especialmente às Irmãs de Chaves, aconselhando a M. St. Liguori sobre questões de ordem material da Academia de Braga, apoiando a recomendação de M. St. Thomas de que determinada Irmã da comunidade do Porto regressasse a Béziers para se preparar para os votos perpétuos, explicando à M. St. Félix alguns aspectos legais sobre o relacionamento entre a Associação e a comunidade das religiosas de Chaves e sendo porta-voz de outras necessidades que as Irmãs em Portugal não referiam.¹³⁰

Quando Gailhac considerou pela primeira vez colocar as RSCM sob a orientação espiritual da Congregação do Espírito Santo, era certamente sua intenção procurar uma comunidade religiosa masculina que fosse para o Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria o que Joseph Eigenmann era para as comunidades em Portugal, ou seja, alguém que assegurasse uma orientação espiritual forte, vigilância prudente, aconselhamento nos aspectos legais das questões financeiras, prudência e discrição sobre os assuntos da comunidade e, ao mesmo tempo, muito respeito e deferência pela autoridade das superiores locais e dos superiores maiores. Talvez tenha sido utópico imaginar uma congregação de Eigenmanns.... Talvez Gailhac constataste isso mesmo e, depois das negociações com a Congregação do Espírito Santo, tenha feito uma pausa temporária, voltando a pensar na hipótese dos jesuítas, na condição de assegurarem apenas a ajuda espiritual às Religiosas do Sagrado Coração de Maria. O Provincial Jesuíta, père Michel, escreveu ao seu superior geral, père Anderledy, após um encontro de duas horas com Gailhac, em Béziers:

Ele [Gailhac] pede-nos a direção espiritual das suas filhas, não só em Béziers como em todos os locais onde as casas do Instituto estejam localizadas perto das residências dos nossos Padres... Não quer orientação

*em assuntos profanos, mas sim uma orientação puramente religiosa... Assegurei a este venerando padre que, onde quer que os nossos padres sejam chamados pelas suas comunidades para trabalhos específicos da Companhia, ou seja, retiros, tríduos e confissões trimestrais, será um prazer dar-lhes resposta.*¹³¹

Fica claro, portanto, que se tinha operado mais do que uma mudança de critérios. Parece que Gailhac terá repensado o seu critério anterior, ou seja, a necessidade de as Religiosas do Sagrado Coração de Maria serem entregues a uma ordem de padres religiosos, tanto para os assuntos espirituais como temporais.

Reflexões

Ir para Portugal deve ter sido um desafio cultural e linguístico para as jovens religiosas irlandesas e francesas, inicialmente enviadas para o Porto e Braga, nos anos 70 e 80. Separadas da família, foram enviadas a constituir o “círculo português”, até começarem a surgir vocações portuguesas para as substituir. Contudo, apesar das dificuldades materiais, doenças e até mesmo a morte, as comunidades de Portugal manifestavam mais alegria do que a maior parte das comunidades de outros locais, culturalmente mais semelhantes entre si.

As superiores irlandesas do Porto (M. St. Thomas Hennessy) e Braga (M. St. Liguori MacMullen), embora diferentes em idade e temperamento, eram mulheres de profunda fé e zelo generoso. Durante décadas apoiaram-se, inspiraram-se, confortaram-se uma à outra e imprimiram nas comunidades de Portugal um sentido de harmonia. As qualidades de liderança da M. St. Thomas eram temperadas com sabedoria e compaixão, à medida que ela ia amadurecendo. Ao descrever a influência que a M. St. Liguori MacMullen exercia na comunidade, Gailhac comparava-a a “um reservatório das graças de Deus”, que ela devia transmitir às suas filhas pela oração, exemplo e conselho.

Temos a sensação de que a M. St. Liguori compreendia a insistência de Gailhac em que todas as obras assumidas pelas Irmãs deviam ser a continuação da obra de Jesus Cristo. Parecia menos preocupada com a reputação da escola de Braga e mais dedicada à felicidade e santidade das alunas e de cada membro da comunidade. A jovem Marie Joseph Butler teve a felicidade de ter encontrado esse modelo de superiora, durante os anos de formação em Portugal.

A razão da insistência de Gailhac na compra das casas em Portugal, em

vez de as arrendar, é clara; o seu objetivo não era a conveniência ou segurança das religiosas mas as necessidades da missão. As superiores em Portugal deviam ter compreendido que a posse da propriedade lhes dava flexibilidade para “alargar as suas tendas”, isto é, criar obras para a classe média baixa e para os pobres. A rapidez com que essas obras adicionais começaram sugere que o assunto - ter num mesmo local “obras de zelo” para todas as classes da sociedade - foi bem compreendido e assumido pela M. St. Thomas e M. St. Liguori. Mal podemos imaginar a sua ansiedade quando o Instituto ficou em risco de ter de sair de Braga por causa de um conto de reis, o equivalente a £220, numa altura em que as preocupações orçamentais do generalato ameaçavam paralisar a missão.

O contributo do padre Joseph Eigenmann deve ser reconhecido com gratidão. Gailhac admirava de tal modo este padre, sábio e amigo, que decidiu confiar as RSCM à congregação cujo espírito ele representava. Mesmo depois de terem sido oficialmente alterados os planos de confiar a orientação espiritual aos padres do Espírito Santo, o padre Eigenmann continuou a aconselhar, orientar e acompanhar as comunidades RSCM em Portugal.

NOTAS:

- 1 Para mais informações sobre esta segunda fundação, ver Kathleen Connell.RSHM, 4 *Journey in Faith and Time*. Vol. II (RSHM 1993) 66-79.
- 2 M. de Chantal Carvalhaes. RSCM, historiadora da província portuguesa, fez um estudo histórico sobre as RSCM em Portugal, em dois volumes, intitulado: *Por Caminhos Não Andados: Sessenta Anos de História 1871-1931* (Lisboa: Instituto do Sagrado Coração de Maria. 1970: a seguir referido como *Por Caminhos Não Andados*). Muito deste material aparece sob uma forma mais popular na última obra da M. de Chantal intitulada *Vidas Vivas*, traduzida para Inglês pela M. Benedict Murphy. RSHM como *Lives Aglow with the Spirit* (Coimbra: RSCM. 1948). 53. (A seguir referido como *Lives Aglow*.)
- 3 Gailhac para M. St. Thomas.GS/8/1V/77/A.
- 4 Ver K. Connell. 140-141
- 5 Este é o título oficial da Congregação, a seguir referida com este título mais comum: Congregação do Espírito Santo ou Padres do Espírito Santo.
- 6 Uma das historiadoras da província portuguesa refere-se ao Padre Eigenmann como “co-fundador da nossa província.” Ver *Por Caminhos Não Andados*, 78-79.
- 7 Ver carta de Gailhac para Eigenmann, 26 de setembro de 1878, e carta da M. St. Félix para Eigenmann. 30 de setembro de 1878. *Lettres diverses à Conserver dans les Archives de la Communauté de 1878 à 1889* inclusivement. *Arq.Hist./Cong.*. Vol. II-D. 95. (A seguir referido como *Lettres diverses*.)
- 8 Eigenmann para a M. St. Félix. 11 de dezembro de 1878.
- 9 Ver M. St. Félix Maynard *Brief Histories of the Early Foundations*. *Fontes de Vida*. Doe. No. 1 (Roma: RSCM) 1983, 10-11. (A seguir referido como *Brief Histories*.)

- 10 Margaret Hennessy também dirigiu uma escola para rapazes, no Porto, mas fechou-a em 1887, ano em que os padres do Espírito Santo mudaram a sua escola Santa Maria para novo local perto da Academia Inglesa. Ver Por Caminhos Não Andados, 89.
- 11 Margaret Hennessy para M. Ste. Croix. 9 de junho de 1877. Arq.Hist./RSCM.. Caixa 8. Pasta 7.
- 12 Não se sabe com rigor a data em que esta escola começou, e se usou o edifício deixado pela escola para rapazes de Margaret Hennessy. depois de 1887.
- 13 Ver Por Caminhos Não Andados, 87. A autora acrescenta que nos anos 90 a escola era dirigida pelas Irs. Carlota. Isabel e Natividade, e que M. Albert e M. Conception leccionavam a maior parte dos cursos.
- 14 M. St.Thomas para Gailhac. 30 de outubro de 1871. Arq.Hist./Cong.. Vol. II-D. 119.
- 15 M. Ste. Croix para o Cônsul Francês em Lisboa, junho de 1875. Arq.Hist./RSCM.. Caixa 8, Pasta 6.
- 16 Gailhac para M. St. Thomas. GS/24/11/79/A.
- 17 Ver Por Caminhos Não Andados. 85. Há poucas fontes disponíveis sobre este período no Porto. O Journal de la Maison de Porto, relato manuscrito de 23 páginas sobre os primeiros tempos da comunidade do Porto, não se refere a estes anos e foi preservada pouca correspondência.
- 18 Maynard, 171.
- 19 Algumas das fontes dataram erradamente esta visita como sendo em abril de 1881; no entanto, a segunda viagem de Gailhac a Portugal, embora originalmente agendada para 1882, realizou-se em 1883.
- 20 Brief Histories. 11.
- 21 *ibid.*
- 22 Lives Aglow, 73.
- 23 Journal de la fondation de Braga (a seguir referido como Jornal de Braga), Proc. ap.. 4253- 4254. A primeira parte do Jornal de Braga foi escrita pela M. St. Liguori, mas há um interregno no jornal, desde julho de 1877 até 8 de junho de 1879. Uma religiosa anônima tomou a seu cargo a segunda parte do jornal. M. de Chantal Carvalhaes, RSCM, acrescenta que, depois de 1882, o jornal não existe na sua forma original, restando apenas resumos feitos pela M. Ste. Foy, sob o título Subsídios para a História da Casa de Braga. Isto poderia provocar confusão na cronologia da segunda metade do jornal. Ver Por Caminhos Não Andados, 145.
- 24 Jornal de Braga. Proc. ap.,4255.
- 25 *Ibid.*. 4285-4289.
- 26 Brief Histories. 20
- 27 Jornal de Braga. Proc. ap.. 4279.
- 28 Eigenmann para M. St. Félix. 13 de outubro de 1882. Arq.Hist./Cong.. Vol. II-F. 159. Esta troca de 34 cartas com a Congregação do Espírito Santo sobre uma relação mais formal com as comunidades portuguesas é analisada pela M. St. Maurice Privat, RSCM. 156-158. A correspondência encontra-se também no Proc. ap.. 2001-2091.
- 29 Eigenmann para Gailhac, 4 de março de 1883. Arq.Hist./Cong.. Vol. II-F, 162.
- 30 Eigenmann para M. St. Félix, 4 de março de 1883. Arq.Hist./Cong.. Vol. II-F, 161.
- 31 A M. St. Félix tinha escrito às superiores de Bootle sobre a difícil situação financeira da Casa Mãe. Isto pode ter influenciado os planos da viagem a Portugal. Ver M. St. Félix para M. St. Eugène. 22 de fevereiro de 1883. Arq.Hist./RSCM.. Caixa 5 pasta. 7.
- 32 Eigenmann para Gailhac, 2 de maio de 1883, Arq.Hist./Cong.. Vol. II-F. 164.
- 33 Eigenmann para M. St. Félix, 31 de maio de 1883, Arq.Hist./Cong.. Vol. II-F, 165.
- 34 *Ibid.*
- 35 Eigenmann para M. St. Félix. 20 de julho de 1883. Arq.Hist7Cong.. Vol. II-F. 166.
- 36 *Ibid.*
- 37 Eigenmann para M. St. Félix, 3 de agosto de 1883. Arq.Hist./Cong.. Vol. II-F. 166.0 contrato definitivo não seria assinado antes de 1884, mas o acordo foi finalizado em agosto de 1883.
- 38 Ver Brief Histories. 19-20.
- 39 Jornal de Braga. 4271. Vários anos depois, a M. St. Liguori propôs que a comunidade de Braga assumisse a responsabilidade de um orfanato chamado O Asylum of Dom Pedro V. O padre Eigenmann manifestou a necessidade de uma reflexão cuidadosa, pois o governo tinha o controle deste asilo, através de um conselho secular de diretores, e o regulamento do orfanato poderia não ser facilmente alterado. Parece que este projeto não teve continuidade.

- 40 Ibid.. 4272-4273.
- 41 Ver Lives Aglow, 74.
- 42 Jornal de Braga, 4274.
- 43 Ibid., 4264-4266.
- 44 Ibid., 4257-4258.
- 45 Ibid.. 4262-4264.
- 46 Ibid., 4258-4259.
- 47 Ibid.. 4271.
- 48 Ibid.. 4275-4276.
- 49 Ibid.. 4275-4279.
- 50 Ibid.. 10.
- 51 Gailhac para M. St. Liguori, GS/5/X/77/C.
- 52 Gailhac para M. St. Thomas. GS/17/V/85/A.
- 53 M. St. Liguori para M. St. Félix. [agosto] 1883, Proc. ap., 4470.
- 54 M. St. Liguori para M. St. Félix. [julho] 1882. Proc. ap., 4465.
- 55 Gailhac para M. St. Liguori. GS/16/111/84/A.
- 56 Ibid.
- 57 Gailhac para M. St. Liguori. GS/II/VI 1/84/A.
- 58 Ibid.
- 59 Gailhac para M. St. Liguori. GS/16/IX/84/A.
- 60 Ibid.
- 61 Gailhac para M. St. Liguori. GS/5/X1/84/A.
- 62 Ibid.
- 63 Na comunidade de Braga, como nas outras comunidades locais da altura, as mudanças de irmãs efetuavam-se anualmente. A. M. de Chantal, ao descrever as irmãs de coro irlandesas, francesas e portuguesas que se encontravam na comunidade de Braga, dá-nos os nomes das que lá se encontravam em 1885-1886 (O seu número pode encontrar-se no Grande Registro, quando disponível): irmãs irlandesas - Marie Joseph Butler #132, M. de Pazzi Harrington #125, M. Visitation Moylan #104; irmãs francesas - M. Emmuel Valgalier # 151 e talvez M. Dominique Bousquet #137; irmãs portuguesas – M. José Pancada #129, M. Sagrado Coração Teixeira #152, M. do Rosário Correia #197. M. Patrice McCurtin #164, teria lá estado por volta de 1890. A maior parte, se não todas as irmãs coadjuvadoras, eram portuguesas, mas é difícil distinguir quais as que estavam no Porto ou em Braga.
- 64 Gailhac para a Comunidade de Braga. GS/18/VI 1/84/A.
- 65 Gailhac para M. St. Liguori, GS/12/III/85/A.
- 66 M. Ephrém não aparece no Grande Registro, o que leva a crer que ela não tinha feito os votos perpétuos. Eigenmann escreve à M. St. Félix em 10 de março de 1884, dizendo que a M. Ephrém parece estar na sua fase terminal, no entanto está serena e resignada, o que a torna um exemplo para a comunidade. Em Lives Aglow (p. 81), a autora descreve a M. Ephrém pedindo a Gailhac durante a sua visita a Braga em 1885 a sua bênção e autorização para morrer. A Necrologia RSCM (2005) refere-se a Maria Efrém de Araújo como tendo falecido em Braga, em 1883. Esta pode ser a mesma M. Ephrém sobre a qual o padre Eigenmann escreve em 1884. Deve haver alguma confusão quanto ao ano da morte.
- 67 Lives Aglow, 83.
- 68 Eigenmann para M. St. Félix. 29 de agosto de 1885, Arq.Hist./Cong.. Vol. II - F. 171.
- 69 Ibid. Na verdade ela está constantemente doente, mas não morre antes de 17 de julho de 1894. Aqui há de novo alguma confusão. O padre Eigenmann pode ter estado a referir-se à M. do Rosário de Oliveira falecida em Braga mas, segundo a Necrologia RSCM de 2006, esta irmã morreu em novembro de 1883, dois anos antes da carta do padre Eigenmann. É provável que o ano exato da sua morte seja 1885.
- 70 Gailhac para M. St. Liguori. GS/12/III/85/A.
- 71 Ibid.. 81. M. Ferdinand tinha sido educada em Braga durante doze anos e foi para Béziers a fim de entrar no Instituto em 1897. Isto explica a relação que a M. Ferdinand teria tido com Marie Joseph Butler e porque é que aceitou o seu convite para ir para Tarrytown na altura da revolução em Portugal. Outras religiosas portuguesas passaram a fronteira para Tuy em Espanha ou saíram de Portugal para iniciar a primeira fundação no Brasil.
- 72 Embora Eigenmann possa não ter tido o título de procurador jurídico, ele próprio falou do seu papel na negociação para a compra da casa de Braga e parece que, sob a orientação da M. St. Félix, agiu em nome do Instituto em determinados assuntos legais. Ver Eigenmann para M. St. Félix. 27 de julho de 1887, Arq.Hist/Cong., Vol. II - F. 178.

- 73 Eigenmann para M. St. Félix, 17 de setembro de 1883. Arq.Hist./Cong.. Vol. II - F. 167.
- 74 Eigenmann para Père Emonet, 19 de abril de 1884. Arq.Hist/RSCM.. Caixa 18. Pasta 4.
- 75 Eigenmann para M. St. Félix, 21 de Maio de 1885. Arq.Hist/Cong., Vol. II - F. 170.
- 76 Gailhac para Irmão Geral. 23 de outubro de 1884. Arq.Hist/RSCM.. Caixa 18, Pasta 14. O Irmão Geral responde à M. St. Félix a 27 de novembro de 1885, explicando que lembrou várias vezes ao Père Emonet o pedido de Gailhac, mas sem sucesso. Ver Ir. Tempier para M. St. Félix. Arq.HistJCong.. Vol. II-F, 186.
- 77 Gailhac para Emonet. 25 de junho de 1885, Arq.HistJRSCM.. Caixa 18, Pasta 14.
- 78 Emonet para Gailhac. 20 de julho de 1885. Arq.HistJCong., Vol. II-F. 172.
- 79 Gailhac para Emonet. 23 de julho de 1885. Arq.HistJRSCM., Caixa 18. Pasta 14.
- 80 Ibid.
- 81 Eigenmann para M. St. Félix. 29 de agosto de 1885. Arq.HistJCong.. Vol. II-F. 171.
- 82 Gailhac para Eigenmann. 8 de setembro de 1885. Proc. ap.. 2173-2175.
- 83 Gailhac para Emonet. 5 de setembro de 1885, Arq.HistJRSCM., Caixa 18. Pasta 14.
- 84 Entre as dezoito casas francesas, uma estava situada no Midi, na diocese de Carcassone em Castelnaudary (1887). As casas portuguesas eram em Braga, (1872), Porto (1886) e Sintra (1887). As comunidades irlandesas eram em Blackrock perto de Dublin (1859) e Rockwell perto de Cashel (1864). Nos EUA. a comunidade estava localizada em Pittsburg (Pennsylvania), Arkansas e Michigan. Ver General State of the Congregation of the Holy Spirit, 29 de junho de 1890. Arq.Hist./S. C. para a Evangelização dos Povos: Propaganda Fide. S. C. France 1888-1892. Vol. II. 607-618.
- 85 Ver nota apensa à carta de Gailhac de 5 de setembro, e devolvida aos Arquivos RSCM pelos Arquivos Gerais da Congregação do Espírito Santo. Arq.HistJRSCM..Caixa 18. Pasta 14.
- 86 Barillel para Gailhac. 13 de setembro de 1885. Arq.HistJCong.. Vol. II-F, 172. 8
- 87 Gailhac para M. St. Liguori, GS/II/IX/85/A.
- 88 Gailhac para M. St. Liguori,GS/2I/X/85/A.
- 89 A filoxera linha atacado também as vinhas em Portugal, nos princípios de 1872, e nos anos 80 as vinhas começaram a ser reconstruídas, introduzindo em Portugal vinhas americanas. Ver Dwight W. Morrow, "Phylloxera in Portugal." *Agricultural History*, 47 (1973), 235-247.
- 90 Gailhac para M. St. Liguori. GS/21/X/85/A.
- 91 M. St. Thomas Hennessy para M. St. Félix. 6 de agosto de 1887. Proc. ap., 4461.
- 92 Para mais informações históricas acerca de Chaves, ver *Por Caminhos Não Andados*, 180-190.
- 93 Ibid., 182.
- 94 Maynard. 178-179.
- 95 *Por Caminhos Não Andados*. 184-185.
- 96 M. Sr. Félix para Hohenlohe. 23 de dezembro de 1885. Proc. ap., 3414-3416.
- 97 Eigenmann para M. St. Félix. I de novembro de 1885, Arq.HistJCong.. Vol. II-F. 173.
- 98 Gailhac para M. St. Liguori.GS/II/IX/85/A.
- 99 Eigenmann para M. St. Félix, 27 de dezembro de 1885, Arq.HistJCong., Vol. II-F, 173. Há muitos indícios que sugerem que algumas religiosas vieram para Chaves antes da data indicada pelo padre Eigenmann, embora a data oficial da abertura da fundação e a data citada por Maynard e por outros fosse 1 de maio de 1886.
- 100 Gailhac para M. St. Liguori.GS/15/I/86.
- 101 Gailhac para a comunidade de Chaves. GS/5/III/86/A.
- 102 Eigenmann para M. St. Félix. 20 de maio de 1886, Arq.HistJCong.. Vol. II-F. 174.
- 103 *Por Caminhos Não Andados*. 186-187.
- 104 Ibid., 186-191. M. de Chantal tende a colocar mais culpas na Associação. 192. Enquanto Maynard culpa a abadessa pelo atraso. 180.
- 105 Eigenmann para M. St. Félix. 20 de maio de 1886. Arq.Hist/Cong., Vol. II-F. 174.
- 106 *Por Caminhos Não Andados*. 193-194. Há outra tradição sobre a ligação entre a M. St. Saviour e a M. de Aquino. Segundo esta tradição, a jovem Einília assistiu ao funeral e estava tão emocionada que colocou um raminho de violetas nas mãos da M. St. Saviour mesmo antes do seu corpo ser colocado na sepultura. Anos mais tarde, quando o corpo da M. St. Saviour foi exumado e encontrado intacto, "as violetas estavam tão perfumadas e viçosas como no momento em que Emília as tinha colhido no seu jardim." Ver *Lives Aglow*, I(X)-101.
- 107 Ver *Lives Aglow*, 94-99 acerca de histórias sobre estas irmãs

- 108 M. St. Félix para padre Magalhães. Proc. ap.. 3412-3422.
- 109 Padre Magalhães para Gailhac, 27 de agosto de 1886. Arq.Hist./Cong., Vol. II-F, 140.
- 110 Por Caminhos não Andados, 182.
- 111 M. St. Félix para Eigenmann. 23 de dezembro de 1887. Arq.Hist./Cong., Vol.II-F. 177...
- 112 Eigenmann para M. St. Félix. 23 de junho de 1889. Arq.Hist./Cong.. Vol. II-F. 179.
- 113 Lives Aglow, 102.
- 114 M. de Jesus Perry para M. St. Félix. 12 de janeiro de 1890. Arq.Hist7Cong., Vol. 1-B.64.
- 115 Por Caminhos Não Andados. 197. Maynard. 18.1 sustenta que a fundação foi encerrada em 1892, para que as religiosas pudessem dar início a uma fundação em Viseu, mas a data 1894 é muito mais exata.
- 116 Eigenman para M. St. Félix. 17 de agosto de 1886. Arq.Hist./Cong.. Vol. II-F. 176.
- 117 M. da Eucaristia Lencastre entrou para o noviciado em abril de 1885, aos 24 anos. Fez a primeira profissão em outubro de 1886 e, apenas um ano depois Eigenmann deu a sua sugestão. M. da Eucaristia teria sido nomeada madre vigária de Portugal. Certamente foram estes os dons de liderança que Gailhac reconheceu na jovem religiosa. Ver Grande Registro #183.
- 118 Eigenmann para M. St Félix. 11 de outubro de 1887. Arq.Hist7Cong., Vol. II-F. 177.
- 119 Ibid.
- 120 Ver carta de Gailhac para Emonet, 10 de janeiro de 1887. dos Arquivos Gerais da Congregação do Espírito Santo, agora nos Arq.Hist./RSCM.. Caixa 18. Pasta 14.
- 121 Emonet para Gailhac. 118] janeiro de 1887. Arq.Hist./Cong.. Vol. II-F. 176. Esta carta é originalmente datada de 8 de janeiro mas. como é óbvio é uma resposta à carta de Gailhac de 10 de janeiro, sendo provável que a verdadeira data seja 18 de janeiro de 1887.
- 122 Gailhac para Père Michel. 25 de março de 1887. Arq.Hist./Cong.. Vol. II-D. 95.
- 123 M. St. Félix para Père Michel. 25 de março de 1887. Arq.Hist./Cong.. Vol. 11-D, 95.
- 124 Diverses Notes à Conserver Précieusement (Uma transcrição das notas ditadas por Gailhac à M. St. Félix. em várias ocasiões, desde novembro de 1883 a agosto de 1886). Arq.Hist./Cong., Vol. II-D.
- 125 M. St. Félix para Père Michel. 12 de maio de 1887, Proc. ap.. 3395-3397. Ela escreve-lhe novamente a 12 de outubro de 1886 pedindo-lhe que envie vocações francesas para o Instituto. Ver Proc.. ap.. 3394-3395.
- 126 M. St. Félix para Eigenmann. 23 de dezembro de 1887. Arq.Hist7Cong.. Vol. II-F. 177.
- 127 Eigenmann para M. St. Félix. 27 de julho de 1888. Arq.Hist7Cong.. Vol. II-F. 178.
- 128 Ibid.
- 129 Eigenmann para M. St. Félix. 23 de junho de 1889. Arq.Hist./Cong.. Vol. II-F, 179.
- 130 Ver cartas de Eigenmann para M. St. Félix: 30 de março de 1889. 23 de junho de 1889 e 16 de dezembro de 1889.
- 131 Michel para Anderledy. 11 de abril de 1887. Proc. ap.. 997-998. Père Michel não aceitou a casa nem a igreja do Bom Pastor, que foi oferecida aos jesuítas porque previa conflitos de interesses com os poderes estabelecidos em Montpellier e Nimes. O seu sucessor como provincial de Toulouse, Père Calvet, tomou medidas em ordem a aceitar a residência e a igreja. Ver Calvet para Anderledy, 2 de dezembro de 1891, Proc. ap.. 999-1000. Devido à situação política na altura, os jesuítas receberam a propriedade em nome de um dos seus membros, Charles de LaJudie, S.J., mas só tomaram posse da residência e da igreja bastante depois da morte de Gailhac. Para um melhor esclarecimento ver Michel de Lattre. "Notes sur la propriété de l'Établissement des Prêtres du Bon Pasteur à Béziers." in Inquisitio circa valorem historicum vitae servi Dei sacerdote V. Maynard concinnatae. 430-431.

SAG HARBOR - PRIMEIRA FUNDAÇÃO NA AMÉRICA

Havia mais de quatro anos que a M. St. Basil Davis, superiora da primeira fundação na América, em Sag Harbor, Nova Iorque, se tinha encontrado com os superiores maiores. Tinha sido dispensada de participar no Capítulo de eleição em Béziers, em dezembro de 1878. Ela receava a travessia do Atlântico visto que, quando embarcou para os Estados Unidos em fevereiro de 1877, tinha enjoado durante toda a viagem. Por outro lado, tinha um grande desejo de se encontrar com as Irmãs e superiores, no retiro anual orientado por Gailhac em Inglaterra. Além disso, pensava que o mar poderia estar mais calmo durante os meses de verão. O jornal local noticiava que várias religiosas do convento tinham embarcado e que o pároco de St. Andrew também viajara com elas; estiveram na Europa desde o início de maio até ao final de agosto de 1881.¹

John J. Heffernan, aos trinta anos, fora nomeado pároco de St. Andrew em Sag Harbor, em 1871. Num curto espaço de tempo, angariou fundos para construir uma nova e linda igreja, bem como a reitoria, e entrou em negociações com Sarah Peter, de Cincinnati, para que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria dessem início, na sua paróquia, à primeira fundação na América.² Nascido na Irlanda e convertido ao catolicismo, desejava passar alguns dias de férias com amigos e familiares na Irlanda e visitar Roma onde tinha cartas de apresentação para os Institutos Universitários da América do Norte e Irlanda.³ Certamente, o sacerdote também estava ansioso por se encontrar com Gailhac e a M. St. Félix, o que veio a acontecer em Ferrybank, na altura da entrega de prêmios, em julho de 1881.

Muitos anos mais tarde, ao recordar o seu primeiro encontro com o padre Heffernan, a M. St. Félix falava das suas primeiras impressões. Depois da habitual introdução, o padre teceu um “rasgado elogio” à M. St. Basil, também presente no referido evento: considerava-a boa, piedosa, observante da Regra e maternal; numa palavra, “ela era a perfeição”.⁴ Nessa altura, os superiores maiores ficaram encantados com a apreciação positiva do padre acerca da comunidade de Sag Harbor, e especialmente em relação à superiora. As viajantes, acompanhadas pela M. de l’Incarnation Cody,⁵ novo membro destinado à comunidade, regressaram à América no fim de agosto de 1881. A M. St. Basil,

que estivera ansiosa pela viagem de regresso, enjoou todo o tempo: talvez isso tenha sido um presságio dos terríveis sofrimentos que se adivinhavam para a pequena comunidade de Sag Harbor.

A julgar pela correspondência trocada entre a superiora de Sag Harbor e a Casa Mãe, parece não ter acontecido nada de extraordinário durante os doze meses que se seguiram. No fim do verão de 1882, por exemplo, a M. St. Basil escreveu três longas cartas à M. St. Félix, numa das quais lhe enviava as condolências da comunidade pela morte da sua mãe. Numa outra carta, referia-se à M. St. Bartholomew e à sua preparação para os votos perpétuos: fazia alusão ao imenso calor em Sag Harbor, muito intenso mesmo durante a noite: dizia que a postulante Lizzie, há mais de um ano na comunidade, estava a ficar ansiosa por ir para Bootle e de lá para Béziers, a fim de iniciar o noviciado: lamentava não poder dispensar a M. François Cunehan que era necessária na paróquia, para ajudar a M. St. Benedict na parte musical: lamentava ainda que o mar separasse a comunidade do retiro prestes a começar em Bootle. Apenas numa das cartas fazia referência a uma dificuldade na escola - naquele ano, tudo tinha estado mais caro do que o habitual - e acrescentava que gostariam de aumentar as anuidades no internato, mas ainda não tinham conseguido fazê-lo.⁶

A carta do padre Heffernan de 9 de outubro de 1882 surgiu como uma terrível surpresa. Dizia que o bispo de Brooklyn, John Loughlin, acabara de visitar a comunidade e a escola em Sag Harbor e ficara admirado com o reduzido número de alunas internas e externas.⁷ Segundo ele, o Bispo Loughlin tinha-lhe pedido para escrever à superiora geral, fazendo algumas observações indispensáveis, que o deixaram muito feliz. As razões aparentes para o “declínio” da escola centravam-se na má administração da superiora e na sua falta de discricção e experiência. Usando o pronome “nós” em toda a carta, o padre Heffernan teve o cuidado de salientar que tanto ele como o bispo consideravam a superiora e a diretora inaptas para os cargos que desempenhavam. Dizia que havia muitas alunas a abandonar a escola e previa que, no prazo de um ano, não ficaria nenhuma.⁸

O padre Heffernan dizia que, desde o início, reconhecia que ambas as religiosas careciam de qualidades de discernimento, discricção, firmeza e determinação, necessárias para serem boas superioras. Tinha alimentado a esperança de que elas evoluíssem mas ficara dececionado. As coisas iam de mal a pior. Portanto, sugeria que a Casa Mãe enviasse uma ou duas religiosas como superioras. Não sendo possível, sugeria que a M. Marie de l’Incarnation fosse nomeada superiora, pois estava convicto de que ela possuía todas as qualidades necessárias - inteligência, savoir faire, zelo e bom senso - e era estimada por

todos. A M. St. Augusline Walsh poderia ficar diretora da escola. Para apoiar as suas sugestões, Heffernan citava o jesuíta que acabara de orientar o retiro à comunidade e lhe tinha confidenciado que o convento nunca prosperaria sob a orientação da atual superiora.⁹

E difícil compreender estes fatos, especialmente à luz do “rasgado elogio” que o padre Heffernan tinha proferido quando se encontrou face a face com os superiores maiores em Béziers, em julho de 1881. Nessa altura, elogiara a comunidade e especialmente a superiora, que ele considerava quase perfeita. Estariam, de fato, as escolas dirigidas pelas religiosas em perigo de derrocada?¹⁰ Quem ou que acontecimentos teriam mudado a opinião do pároco?

É quase impossível separar a opinião do bispo das observações que o pároco fez em nome dele. Quando escreveu ao Cardeal Giovanni Simeoni, prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos, então designada Sagrada Congregação para a Propagação da Fé, ou Propaganda Fide, o padre Heffernan foi mais explícito ao implicar o bispo neste esforço de substituir a superiora. Numa longa descrição ao Cardeal Simeoni em 1885, o padre Heffernan escrevia:

O bispo visitou Sag Harbor para se inteirar da situação e, a 10 de agosto de 1882, visitou o convento e as Irmãs. Informou-me que estava profundamente desgostoso com a situação no convento. Cito o que ele me escreveu: “Padre Heffernan, estou decepcionado e desiludido com a situação no convento. Na minha opinião, ruirá em breve. Não poderá durar muito. Qual é a situação da propriedade?”

E continuava:

Respondi que a propriedade não lhes pertencia. O bispo replicou: “Muito bem. Ainda bem que não podem ficar com ela”. E perguntou: “Por que é que as Irmãs não são mais determinadas e fazem tão poucos progressos?” Respondi que as únicas causas eram a falta de experiência e de capacidade das superiores. Os pais tiravam as filhas, três e quatro de cada vez. Eram “mal tratadas, mal ensinadas, mal alimentadas e tinham poucos cuidados de higiene”. O bispo respondeu: “Padre Heffernan, no seu lugar, eu exigiria que essa mulher fosse substituída”. Dizia que seria este o único remédio. Prometi que iria escrever. O bispo afirmou categoricamente: “Espero que consiga a transferência e pode referir o meu nome e autoridade”.¹¹

É importante referir que, no relatório para o Cardeal Simeoni, o padre Heffernan deturpou parte da informação. Por outro lado, devido à sua obsessão de substituir a superiora, podemos deduzir que ele conseguiu convencer o bispo de que o convento só poderia prosperar com outra superiora.

Os superiores maiores ficaram surpreendidos com a carta do padre Heffernan de 9 de outubro. A M. St. Félix observou que, embora sentindo profundo desgosto e surpresa perante a carta, especialmente porque a M. St. Basil tinha desempenhado perfeitamente todas as outras missões, via-se obrigada a concordar com a observação do padre de que era impossível a Casa Mãe seguir o rumo dos acontecimentos, numa fundação tão distante como Sag Harbor; por isso, os superiores tinham de confiar na opinião daqueles que os seguiam de perto.

Concordando com a urgência da situação e acreditando na sinceridade do pároco, a M. St. Félix garantiu-lhe que confiavam totalmente nele e aceitavam as sugestões que lhes tinha apresentado: a M. Marie de l'Incarnation iria ser nomeada superiora e a M. St. Augustine diretora das escolas. Com grande respeito pela M. St. Basil, a M. St. Félix pediu ao padre Heffernan que não lhe comunicasse a mudança antes da sua partida para Béziers. Pediu-lhe também para procurar que ela fizesse a viagem num bom barco, recomendando-a ao cuidado do comandante, e tentasse encontrar alguém para a acompanhar, talvez a postulante Lizzie ou alunas internas que estivessem a ponderar a entrada no noviciado. Em qualquer dos casos, a superiora geral não queria que ela viajasse sozinha. A terminar, agradecia ao padre e pedia-lhe que apresentasse ao bispo de Brooklyn a gratidão do Instituto.¹²

Gailhac escreveu também ao padre Heffernan, na mesma altura. Na sua carta, dizia ter enviado por correio todas as autorizações necessárias para efetuar as mudanças "... que o bispo o encarregou de nos transmitir, como absolutamente necessárias, se queremos que a casa sobreviva e prospere". Na mesma carta, o Fundador admitia ter ficado incomodado quando constatou a necessidade de uma mudança tão repentina de uma superiora que, até àquele momento, nunca tinha dado razões de queixa. Todas as superiores com quem a M. St. Basil tinha trabalhado tiveram sempre por ela o maior apreço. Gailhac pedia ao padre que lhe desse exemplos concretos acerca da conduta da M. St. Basil, que o levaram a esta recomendação, e manifestava dúvidas quanto à capacidade da M. Marie de l'Incarnation, para ajudar as Irmãs da comunidade na sua vivência espiritual, dom que considerava essencial numa superiora. Apesar desses seus sentimentos de inquietação, Gailhac manifestava grande confiança no padre Heffernan, dizendo-lhe: "Considero-o meu amigo do coração. Senti-o

de forma muito particular desde que tive a honra e a alegria de o conhecer'. Foi sem dúvida, por essa razão, que o Fundador pediu a ajuda de Heffernan, embora confessando como era difícil mudar uma superiora sem causar grande desconforto.¹³

Gailhac escreveu uma carta formal à comunidade de Sag Harbor, em 28 de outubro mas que só deveria ser lida pelo pároco depois da partida da M. St. Basil para França. A carta dizia: "O bem do Instituto pede-nos que substituamos a vossa atual superiora. Irão ter uma nova superiora que já conhecem, pois está entre vós". Manifestava a sua confiança na comunidade que, de certeza, iria ter com a nova superiora o mesmo sentido de obediência e respeito que tivera pela "fundadora da nossa primeira casa na América" [M. St. Basil]. Pressentindo que a mudança iria custar muito à comunidade, Gailhac lembrava-lhes: "O amor de Jesus Cristo tornará tudo mais fácil para vós".¹⁴ Mesmo assim, deve ter sido com o coração amargurado e o espírito inquieto que Gailhac e a M. St. Félix se prepararam para partir na sua peregrinação a Roma, em novembro.

M. St. Basil Davis chamada de novo à Casa Mãe

Entretanto, a M. St. Basil recebeu uma carta de Gailhac que lhe comunicava a sua transferência. Esta notícia, recebida sem qualquer aviso prévio, deixou-a muito chocada. Passou alguns dias em oração e discernimento; depois, com simplicidade e franqueza, escreveu aos superiores pedindo para a deixarem ficar mais algum tempo. Na sua carta, reconhecia não ser merecedora da dedicação das suas Irmãs; contudo, sabia que elas a estimavam demais para desejarem que as deixasse nessas circunstâncias. A M. St. Basil continuava dizendo que, particularmente a M. St. Benedict a considerava sua "cara-metade", e acrescentava que uma saída repentina prejudicaria as doentes da comunidade, de modo especial nos seus últimos dias. Dizia-lhes ainda que uma postulante, aparentando ter bom espírito, iria entrar no noviciado dentro de algumas semanas e que uma mudança de superiora nessa altura poderia ser prejudicial. Depois de manifestar a sua preocupação pelo impacto que a sua saída iria ter na comunidade, a M. St. Basil pedia mais tempo para se preparar fisicamente para a viagem de barco. A sua carta incluía também uma referência ao fato de ter enviado um telegrama para Béziers, esperando que Gailhac e a M. St. Félix o recebessem antes de partirem para Roma.¹⁵ mas na altura em que o referido telegrama chegou, já eles tinham saído de Béziers.

Além disso, a M. St. Basil escreveu ao seu irmão James, bispo de Da-

venport, Iowa, descrevendo a sua luta interior e pedindo que rezasse por ela. No dia 1 de dezembro de 1882, o bispo enviou um telegrama à sua irmã com esta breve mensagem: “Não vás; saúde primeiro, obediência depois, por favor”.¹⁶ Mas ela já tinha partido para França.

No mesmo dia, a M. St. Benedict escreveu também uma carta à M. St. Félix, recordando como a M. St. Basil tinha ficado tão doente nas três travessias do Atlântico, não apenas um ou dois dias mas durante toda a viagem de onze ou doze dias. Dizia à superiora geral que a M. St. Basil lhe tinha confidenciado que, quando fez a travessia para Inglaterra em 1881, ficou tão perturbada ao antever o regresso que nem apreciou nada, indo ao ponto de dizer a Gailhac que não poderia regressar à América, pois não conseguia fazer a viagem. A M. St. Benedict pedia à M. St. Félix para não obrigar a superiora a atravessar o oceano em dezembro.¹⁷

Entretanto, o padre Heffernan começou a ficar inquieto em virtude de a M. St. Basil não lhe ter dito nada sobre a sua transferência. Ela tinha recebido a carta da M. St. Félix cerca de quinze dias antes mas parecia que não tinha recebido nada. Como o padre temia que um mal-entendido neste assunto pudesse ter resultados inconcebíveis, escreveu uma vez mais, insistindo na sua preocupação: “O que aconteceria se considerasse esta demora como um sinal do céu e deixasse a M. St. Basil conosco, em vez de a tirar do meio de nós!” O Natal aproximava-se e as internas iam regressar a casa para férias. “Se não houver mudanças na administração” - lembrava o padre Heffernan - “irão os pais enviar as suas filhas de novo para a escola?”¹⁸

Ao que parece, nesse dia já tarde, o padre soube que a M. St. Basil tinha recebido a carta de Gailhac mas pedia-lhe para não ir, não só porque a sua saúde não lhe permitia viajar mas também porque o tempo ameaçava tempestade. O padre descobriu inclusivamente que ela tinha enviado um telegrama sobre o assunto. Escreveu de imediato aos superiores:

Dadas as circunstâncias, sinto-me obrigado a corrigir-vos e a não deixar que sejam enganados, dizendo-vos que todos os argumentos apresentados pela M. St. Basil são inteiramente falsos. A saúde dela está perfeita e não há quaisquer obstáculos relativamente à sua ida para França. O tempo tem estado, e está neste momento, extraordinariamente ameno, não havendo qualquer impossibilidade para a sua ida. Sinceramente, lamento dizer que estou profundamente desedificado com a atual conduta da M. St. Basil, que faz diminuir grandemente a boa opinião que tinha dela. O objetivo fundamental de vos referir estes aspectos é apresentar-vos as razões pelas quais, neste momento, retiro o que disse em outras cartas, concretamente o pedido de a deixarem aqui ficar em quaisquer circunstâncias.¹⁹

No espaço de cinco dias após o envio dessa carta do padre Heffernan. A M. St. Basil decidiu voltar a França. Não tinha recebido qualquer resposta ao telegrama em que pedia mais um tempo; preparou-se, portanto, para fazer o que os superiores inicialmente tinham pedido. Devia fazer a viagem de barco, com uma postulante chamada Maggie. O primeiro nevão do ano acompanhou as viajantes ao porto, embora o padre Heffernan continuasse a insistir que o tempo estava bom para viajar de barco. A M. St. Basil e Maggie embarcaram no dia 30 de novembro. O padre Heffernan fazia o seguinte relato dessa partida:

*A querida Madre Basil travou uma grande luta consigo própria, dada a sua natural afeição pela querida comunidade e a [sua] dedicação ao convento. Precisou de todos os poderes da graça para aceitar partir, sem necessitar que lhe enviassem outra carta de obediência. Mas a graça de Deus prevaleceu e ela assumiu alegremente a sua viagem de obediência. Devo dizer-vos que também me custou muito deixar de a ter na minha paróquia, mas todos nós devemos olhar para o bem comum da comunidade, que pedia esta mudança.*²⁰

Logo que a superiora partiu, o padre Heffernan estava ansioso por anunciar a nomeação da nova superiora. Nessa tarde, reuniu a comunidade na capela, leu-lhes a carta de Gailhac de 28 de outubro e, com alguma emoção, apresentou a superiora - "Reverenda Madre Marie de l'Incarnation". Não obstante, admitiu que "algumas lamentaram e até choraram, mas foi pela partida da M. St. Basil e não pela nomeação da nova superiora, de quem todas gostavam muito". O padre Heffernan estava evidentemente entusiasmado com a nova superiora, de quem fez uma detalhada apresentação, cuidadosamente referida numa carta à M. St. Félix e a Gailhac: "Não pude deixar de admirar a prudência, o autodomínio e a nobreza de coração da Reverenda Madre Marie de l'Incarnation, mesmo nesse momento. Com a graça e as bênçãos de Deus, todos teremos razões para nos alegrarmos com a sua nomeação".²¹

Mais tarde, a M. St. Augustine deu a sua versão acerca dessa cerimônia de apresentação da nova superiora. Ao escrever à M. St. Félix afirmava que, quando chegou a altura de anunciar a identidade da nova superiora, o padre estava tão comovido que, depois de dizer "M. Marie...", parou um pouco, e a M. St. Bartholomew começou a bater palmas, terminando o nome com "François!" Então, o padre Heffernan proferiu o nome completo em voz alta - "de l'Incarnation" Que surpresa! - acrescentava a M. St. Augustine. Então o padre pegou no documento que nomeava a nova superiora, colocou-o aos pés do altar

e a M. de l'Incarnation ajoelhou-se para o receber. Nesse momento, o padre pegou-lhe na mão e beijou-a, dizendo a todas as religiosas para fazerem o mesmo. A M. St. Augustine confessou que o padre procurava ser tão cerimonioso, tão natural e tão original que era difícil deixar de rir. Nessa tarde, o padre veio ao convento “e colocou-se no meio de nós como uma avozinha”.²²

Quando os superiores maiores regressaram a Béziers, depois da viagem de visita a Leão XIII, referiram-se ao assunto Sag Harbor mas com uma opinião diferente, desconhecendo que a M. St. Basil estava já a caminho de França. Numa carta para o padre Heffernan, a M. St. Félix manifestava surpresa por ele não ter ainda respondido ao pedido de Gailhac relativamente aos motivos específicos que o levaram a pedir a mudança imediata de uma superiora que, até então, tinha sido fonte de bem-estar. De fato, a M. St. Félix disse que, antes de terem recebido as cartas mais recentes do padre Heffernan, os superiores maiores já tinham escrito a dizer que lamentavam terem aceitado a sugestão de mudança de superiora. Lamentavam particularmente terem apoiado a sua recomendação de nomearem a M. de l'Incarnation, pois agora reconheciam perfeitamente que, não obstante as suas boas qualidades, ela não possuía o mais essencial, ou seja, as qualidades indispensáveis a uma superiora: “espírito de fé, vivência sobrenatural, espírito de mortificação, de renúncia, de autoabnegação e um ardente amor pela santa regra, manifestado por uma séria observância e por um grande e prudente zelo que leve outras a observá-lo”.²³

O padre Heffernan não ficou convencido com a avaliação feita pela superiora geral sobre a M. de l'Incarnation e avançou em sua defesa, respondendo:

*Diz a muito querida madre que as superioras devem conhecer as suas súditas, com suas tendências, qualidades, etc., e é verdade. Mas não admite que os confessores e diretores espirituais conheçam as suas penitentes e filhas espirituais. Assim sendo, muito querida madre, suplico-lhe que não tenha dúvidas ou receios acerca da superiora de Sag Harbor, recentemente nomeada, pois asseguro-lhe que tenho uma elevada opinião sobre as virtudes sólidas e profundos princípios morais da Madre M. de l'Incarnation, do seu tato e perfeito bom senso na orientação das pessoas.*²⁴

O padre pressentia que os superiores maiores tinham mudado de opinião e começavam a desconfiar que havia outras motivações por detrás das que ele tinha apresentado na sua carta de 9 de outubro e que nada tinham a ver com as suas dúvidas relativamente à M. St. Basil e ao apoio do bispo. E estava certo. Percebendo também que a M. St. Félix suspeitava que ele tinha sido

influenciado pela M. St. Augustine, e em defesa desta e de si próprio, o padre Heffeman escreveu de novo à M. St. Félix:

Muito querida madre, a sua alusão à M. St. Augustine, nesta última carta, levar-me-ia a pensar que me considera tão fraco de espírito e insensato, ao ponto de deixar que ela me influenciasse a escrever-lhe a minha primeira carta, da forma como o fiz. Mas garanto-lhe que não foi esse o caso - ela nunca tentou tal coisa. Devo acrescentar que ninguém, a não ser o meu bispo, teve a mínima influência na carta que lhe escrevi e enviei.²⁵

Quando a M. St. Basil chegou à Casa Mãe, foi calorosamente recebida. Pouco a pouco, após algumas horas de conversa, a situação em Sag Harbor foi-se tomando clara para todos. Na sua última memória sobre a crise em Sag Harbor, a M. St. Félix afirmava: “Ela [M. St. Basil] foi contando o que tinha observado entre a M. de l’Incarnation e o padre - as atenções, as prendas, as visitas prolongadas. O nosso Venerando Fundador deu alguns conselhos preciosos a esta boa madre para a ajudar a ser mais prudente no futuro”.²⁶

O Conselho Geral reuniu-se a 23 de dezembro e, no dia seguinte, comunicou à M. de l’Incarnation e ao padre Heffernan a sua decisão unânime. Por sua vez, a M. St. Félix escreveu à M. de l’Incarnation, dizendo-lhe que devia devolver o título de superiora na volta do correio e partir para Liverpool no primeiro barco. Aí, iria preparar-se para os votos perpétuos, pois na realidade ela era ainda professa de votos temporários. Mais: a M. de l’Incarnation devia entregar a chave à M. St. Benedict, enquanto se aguardava o regresso da M. St. Basil. “Porque, minha querida filha, é esta a vontade expressa e formal de todos os membros do conselho, do nosso querido Padre Fundador e minha. Tenho suficiente confiança em si para contar com a sua submissão e fiel obediência”.²⁷

Gailhac escreveu ao padre Heffeman uma carta esclarecedora mas cuidadosa nas palavras, invertendo os planos anteriores e repondo o bom nome da M. St. Basil. Referindo-se à sua carta de 9 de outubro de 1882, considerava-a “desagradável”, “um trovão inesperado” e “um terrível choque para nós”. Afirmava que as superiores e companheiras da M. St. Basil nunca tiveram nada a apontar-lhe, a não ser louvor, e acrescentava que não tinha havido da parte da comunidade de Sag Harbor uma única razão de queixa acerca dela. Continuava dizendo:

Agora que recebemos mais luz e informação através de cartas e não só, sentimo-nos incomodados por termos respondido tão precipitadamente

*às suas cartas. Depois de muita oração e reflexão, o Conselho encontrou os meios adequados para remediar o que foi feito e que, em consciência, achou que devia fazer. Digo isto para seu bem. pois em breve iria notar um desejo de harmonia no convento, uma vez que a superiora, não possuindo as necessárias qualidades para o governar, não poderia transmitir às outras Irmãs aquilo que não tem. Ela precisa de uma mão prudente para a orientar e formar pouco a pouco para a vida religiosa. Este era o nosso objetivo quando a confiamos à M. St. Basil.*²⁸

Talvez prevendo que o Padre Heffernan continuaria como responsável da paróquia a que as religiosas pertenciam, Gailhac foi cauteloso, avançando delicadamente: “Portanto. querido padre, tenha a certeza de que não é de modo algum para o contradizer que altero a minha primeira decisão, mas sim para glória de Deus e pelo bem da comunidade”. Repetiu isto mais algumas vezes. Concluiu dizendo que os votos da M. de l’Incarnation, feitos por cinco anos, tinham expirado e ela ainda não lhe tinha escrito a pedir autorização para fazer a profissão perpétua. “Isto é caso ‘único’ desde o início do Instituto”, acrescentava Gailhac. “E ela ousou aceitar o título de superiora”!!!²⁹

Ao longo de toda a carta, o Fundador foi extremamente cuidadoso, para minimizar qualquer constrangimento que o padre Heffernan pudesse sentir. Além disso. Gailhac já nem fazia referência ao papel do bispo nesse assunto. Referia-se simplesmente ao fato de ter “recebido mais luz e informação através de cartas e não só” e terminava com um conselho de padre para um padre irmão: “Meu Reverendo Padre, é preciso muito tempo para conhecer as mulheres; concretamente no que se refere à virtude e vida sobrenatural, as aparências não são nada se a vocação não for de Deus”.³⁰

Durante a época de Natal, o padre Heffernan continuava a escrever cartas encorajadoras sobre a nova situação em Sag Harbor, desconhecendo a decisão que já tinha sido tomada. Escreveu à M. St. Basil no dia de Natal, bem como em janeiro, terminando assim: “...com as minhas orações pela abundância de graças e bênçãos sobre si”...³¹ Não teve qualquer hipótese de saber que ela estava já em Paris, a caminho de Sag Harbor.

Regresso da M. St. Basil a Sag Harbor e partida da M. de l’Incarnation

No seu regresso à América, a M. St. Basil foi acompanhada pela M. St. Matthew Fanning,³² que tinha ficado na Casa Mãe desde a primeira profissão, feita no ano anterior. Numa carta para a M. St. Félix, a M. St. Matthew dava um

bom exemplo do espírito de fé que tornou possível a expansão do Instituto nos primeiros tempos. Sentia-se muito longe da Casa Mãe, que tinha sido tudo para ela; e, embora já na América, o seu coração estava ainda em França. Contudo, dizia estar determinada a trabalhar com todas as suas forças para a glória de Deus e a salvação dos outros, agora que tinha a grande honra de ser missionária. Estava contente e feliz porque era a vontade de Deus. A M. St. Matthew partilhava com a M. St. Félix que nunca tinha visto tanta alegria como a que presenciou à chegada da M. St. Basil a Nova Iorque e a Sag Harbor. Tinha sido indescritível. Era como se a M. St. Basil tivesse ressuscitado dos mortos.³³

A viagem, que terminou com tanta alegria, tinha sido bem dura. Tudo correu bem na viagem de regresso das Irmãs de Béziers a Paris, mas aí não conseguiram bilhetes para a travessia do oceano. A única alternativa foi viajar pela costa, na esperança de os poderem comprar no porto. Chegaram a Le Havre às seis da manhã e viveram longos momentos de ansiedade à espera que a bilheteira abrisse. Finalmente conseguiram comprar os bilhetes e embarcaram, precisamente uma hora e meia antes de o barco sair.³⁴ A M. St. Basil estava tão fatigada que foi imediatamente para a cama e aí ficou até ao fim da viagem, levantando-se apenas nos dois últimos dias. A experiência da M. St. Matthew não foi muito melhor; também ficou doente durante oito ou nove dias. No entanto, houve alguns momentos menos penosos: cada uma tentava ajudar a outra, mas ambas estavam demasiado debilitadas para se levantarem. Os empregados preparavam pequenas e apetitosas refeições, mas nenhuma das religiosas conseguia comer. Finalmente, a M. St. Basil pediu uma batata e, na manhã seguinte, trouxeram-lhes três grandes batatas com manteiga. “Eram deliciosas e rimo-nos enquanto as comíamos”. A partir daí, todos os dias lhes serviam uma ou duas batatas!³⁵

De acordo com a M. St. Matthew, os passageiros, a maior parte franceses, eram muito amáveis, delicados, e falavam bem inglês. À exceção de quatro ou cinco dias, o tempo esteve bom até chegarem a Nova Iorque, que estava muito fria e coberta de neve. Esperava-as o Sr. Joseph Dallon, pai de uma das religiosas americanas e amigo da comunidade de Sag Harbor. Não sabendo bem em que barco iria chegar a M. St. Basil, ele, que já tinha esperado o barco que na noite anterior chegou às 22h00, teve de esperar o barco que atracou às 8h00 do dia 18 de janeiro. A M. St. Matthew descrevia a cara do Sr. Dallon, quando finalmente reconheceu entre os passageiros a “regressada” superiora; ...“que mudança de expressão! A sua face iluminou-se”. Quando o Sr. Dallon chegou com a carruagem, foi como se a M. St. Basil tivesse ressuscitado. Tinha sido Emilie McCauley Dallon a esperar o grupo das seis Irmãs quando chegaram

pela primeira vez a Nova Iorque, em fevereiro de 1877. Agora, ela e o seu marido saudavam o regresso da superiora.

As duas viajantes foram levadas para casa dos Dallon, onde descansaram desde o meio-dia até às quinze horas; depois levaram-nas à estação de caminho-de-ferro, para a última parte da viagem, até Sag Harbor. O padre Heffernan foi buscá-las ao trem que chegou à povoação cerca das 19h30. Quando as Irmãs deram conta da chegada da carruagem ao convento, ficaram eufóricas. A M. St. Matthew mal podia descrever a reação: “Nunca tinha visto tão grande manifestação de alegria!”³⁶

As Irmãs da comunidade escreveram para a Casa Mãe, manifestando a sua felicidade pelo regresso da superiora.³⁷ A M. St. Basil também escreveu à M. St. Félix, dizendo que o padre Heffernan tinha sido muito cordial ao encontrar-se com ela e com a M. St. Matthew, na estação; cumprimentou-as, perguntou-lhes como tinha decorrido a viagem e ficou triste ao saber que a M. St. Basil não tinha recebido notícias dele, desde que saíra de Sag Harbor. Parecia mais dedicado do que nunca e ela teve a sensação de que provavelmente ele teria agido com boas intenções, no desenrolar de todo o processo. Ao refletir sobre algumas das semanas anteriores, agradeceu a Deus a grande graça de ter podido voltar à Casa Mãe. Nunca esqueceria “a doce e feliz visita que, durante muitos anos, iria ser lema de conversa entre elas”.

A M. St. Basil dizia à M. St. Félix que a M. de l'Incarnation estava ainda em Sag Harbor e que iria partir, dentro de poucos dias; parecia satisfeita por ir para Inglaterra. Ingenuamente, a M. St. Basil garantia à superiora geral que a M. de l'Incarnation tinha sido muito edificante durante a ausência da superiora e sentia-se aliviada por ter ficado liberta daquele fardo. Muito feliz por ter voltado, e grata pelo apoio recebido dos superiores maiores, a M. St Basil terminava a carta, dizendo: “Concluo que afinal ninguém foi culpado... foi Jesus que tudo permitiu para nosso bem. Saudações para todas. Sempre a tivemos em grande estima, mas agora parece que essa estima cresce sem medida”.³⁸

A M. de l'Incarnation também escreveu à M. St. Félix manifestando o seu alívio por lhe ter sido tirado o fardo da autoridade. Dizia ter aceitado o título de superiora, unicamente porque acreditara que era essa a vontade de Deus, manifestada através dos superiores. Naquele momento, ao devolver o título, experimentava um prazer maior do que quando o recebeu. Relativamente aos seus votos perpétuos, dizia que teria escrito à M. St. Félix há muito tempo se a M. St. Basil não lhe tivesse garantido que trataria do assunto com os superiores maiores. Assegurava que não tinha consciência de ter feito algo assim tão grave; presumia que lhe seria dada a autorização para fazer os votos e espe-

ria, feliz, até ouvir dos seus superiores que era chegado o momento.³⁹

Numa carta para Gailhac, escrita no dia seguinte, a M. de l'Incarnation mostrava maior arrependimento. Dizia ter sabido pelo padre Heffernan que o Fundador não estava contente com ela por ter deixado expirar os votos temporários e não ter escrito a pedir autorização para fazer a profissão perpétua. Estava convicta - dizia ela mais uma vez - de que a M. St. Basil trataria do assunto. E acrescentava: "Para sua consolação, meu pai, posso assegurar-lhe que, desde que vim daí, nunca fiz nada que levasse a perder a sua confiança e não tenho outro desejo a não ser tornar-me uma boa e fervorosa religiosa e ser sua filha para sempre".⁴⁰

Contudo, alguns dias depois, a Casa Mãe começou a receber notícias preocupantes. A M. St. Basil escreveu uma breve mensagem à M. St. Félix, dizendo simplesmente que a M. de l'Incarnation tinha deixado Sag Harbor na segunda-feira, 22 de janeiro, porque o padre Heffernan, que a acompanhava, lhe dissera que o barco partiria no dia seguinte. Porém, a M. St. Basil receava que ela não tivesse partido nesse dia. Prometia voltar a escrever quando tivesse mais notícias.⁴¹ Soube, mais tarde, que a M. de l'Incarnation tinha chegado a horas de embarcar no dia 23 de janeiro, mas tinha ficado com a Sr^a Dallon em Brooklyn, até ao dia 26 desse mês, porque o mau tempo tinha impedido a partida do barco. Dias depois, a M. St. Basil perguntou ao padre Heffernan por que razão a M. de l'Incarnation não tinha regressado ao convento, tendo ele respondido que não o permitiu porque isso ficaria muito caro! A M. St. Basil não desenvolveu a conversa porque, pelo tom de voz do padre, percebeu que, se continuasse, ele teria sido agressivo com ela. Contradizendo as suas anteriores afirmações relativamente à viagem dela, o padre Heffernan disse-lhe: "Os superiores terão que dar uma explicação por obrigarem as religiosas a atravessar o Atlântico nesta estação do ano."⁴²

Muito mais tarde, a superiora de Sag Harbor soube pela Sr^a Dallon e pela menina Kelly, uma amiga comum, parte do que se tinha passado durante a semana que a M. de l'Incarnation passou com os Dallon. Segundo elas, o padre Heffernan tinha-lhes dito que, quando os superiores se encontraram com a M. St. Basil em Inglaterra em 1881, tinham decidido enviar a M. de l'Incarnation com ela, para ficar superiora, logo que estivesse familiarizada com os costumes do país. Além disso, o padre tinha comprado muitas coisas para a M. de l'Incarnation, nos melhores armazéns - sapatos, luvas, camisolas, roupões, roupas quentes, etc. A M. de l'Incarnation explicou à Sr^a Dallon que as suas coisas estavam tão velhas que se via obrigada a substituí-las. A Sr^a Dallon ficou indignada por ser o padre a fazer aquelas compras. Ela e a menina Kelly

ficaram perplexas quando o padre Heffernan lhes pediu que rezassem para que a M. de l'Incarnation voltasse para Sag Harbor.⁴⁵

Logo que a M. de l'Incarnation partiu para a América [Inglaterra?] as Irmãs da comunidade começaram a reconstituir a experiência que tiveram com ela como superiora e escreveram para a Casa Mãe, contando as suas memórias comuns e pessoais. M. Madeleine Dallon contou à M. St. Charles MacMullen, com a qual podia se comunicar em inglês, quanto tinham sofrido. Não foram só as Irmãs coadjuvadoras que se lamentaram e choraram, como o padre Heffernan fez parecer aos superiores maiores. M. Madeleine reconhecia que a M. de l'Incarnation sempre tivera por ela um grande afeto; ela, por sua vez, gostava da M. de l'Incarnation como Irmã, mas nunca conseguiu considerá-la sua superiora porque não a orientava para Deus. A nova superiora não escondia a sua predileção pela M. Madeleine; insistia com ela para se sentar ao seu lado à mesa e visitava-a na sua cela após as orações da noite, até que a M. Madeleine acabou com isso. Segundo o seu relato, desde que a nova superiora foi nomeada, o padre Heffernan visitava o convento diariamente, com frequência duas vezes por dia, e ficava horas com a M. de l'Incarnation.

Uma das outras jovens religiosas, M. François, tinha procurado a M. Madeleine para lhe perguntar o que poderiam fazer, visto que não podiam questionar a escolha da superiora, feita pelos superiores maiores. Deviam voltar para as suas famílias? O que mais preocupava a M. Madeleine era o hábito da nova superiora de tirar da classe as suas alunas favoritas e ficar a conversar com elas durante duas a três horas. Logo que as férias de Natal terminavam, a superiora retomava essa prática. Ela terá repetido à M. Madeleine os comentários de uma aluna sobre teatro, sobre as festas noturnas a que tinha assistido ou sobre os acessórios de moda que tinha comprado. Uma destas favoritas comentou: “Não é estranho que a M. de l'Incarnation tenha sido escolhida para superiora? Penso que o padre Heffernan teve algo a ver com isso”.⁴⁴

A M. St. Benedict também escreveu sobre as suspeitas, cada vez maiores, que tinha relativamente à nova superiora. Talvez o comentário mais mordaz tenha sido feito pela M. St. Agnes Heffernan, sobrinha do padre. Só algumas semanas após a saída da superiora é que a M. St. Agnes disse à comunidade que a M. de l'Incarnation a mandava muitas vezes a casa do seu tio, para lhe dizer que precisava de falar com ele e que deveria ir às “tantas horas”, porque as religiosas não estariam no recreio, nessa altura. A M. de l'Incarnation recomendava a essa jovem religiosa que não dissesse nada a ninguém; isto causou nela tal impressão que não ousou dizer fosse o que fosse à comunidade.⁴⁵

Tanto Gailhac como a M. St. Félix escreveram cartas longas e muito

sinceras à M. de l'Incarnation, depois de ela ter saído de Sag Harbor, não para a incriminar mas para a convidar ao arrependimento e à conversão. A carta de Gailhac era particularmente interpeladora e escrita cuidadosamente pela sua própria mão. Começava por explicar que não estava zangado, como ela pensava. Como fundador, estava triste porque ela, depois de cinco anos de professa, ainda não tinha assimilado nada do espírito do Instituto e falava como uma pessoa mundana, com um coração mundano escondido debaixo do hábito. Recordava-lhe que ela nunca tinha escrito uma única palavra para a Casa Mãe. Não fez absolutamente nada para reforçar os laços que unem uma comunidade. Causava divisões ao falar da genealogia da família e, pelas suas atitudes e palavras. revelava-se incapaz de trabalhar com os pobres. Não obstante, ousou aceitar o título de superiora. Gailhac pedia-lhe que entrasse seriamente dentro de si própria e pedisse a misericórdia de Deus, a quem não podemos enganar embora possamos deslumbrar as criaturas. A terminar, lembrava-lhe que ficava proibida de ter qualquer contato com pessoas fora da comunidade, quer por carta ou por qualquer outro meio.⁴⁶

Na sua carta, a M. St. Félix insistia particularmente no seu espanto pelo fato de a M. de l'Incarnation nunca se ter referido à sua evidente incapacidade para ser superiora nem à sua falta de virtude. Efetivamente, ela nunca tinha estado em contato com a Casa Mãe. A M. St. Félix prevenia-a de que não devia dizer nada às suas companheiras em Inglaterra, sobre o que se tinha passado em Sag Harbor.⁴⁷

É difícil compreender como é que a M. de l'Incarnation, e especialmente o padre Heffernan, continuavam a insistir que as sugestões para a mudança de superiora não tiveram nada a ver com o relacionamento entre eles, mas tinham sido apresentadas unicamente para o bem da comunidade. O padre Heffernan tornou-se particularmente hostil depois do regresso da M. de l'Incarnation a Inglaterra e não admitia, de forma nenhuma, que a sua obsessão pela superiora tivesse tido influência nas suas recomendações. Numa carta para Gailhac e para a M. St. Félix, usou um estilo violento e insultuoso:

Até agora, nunca poderia imaginar que pessoas mentalmente equilibradas, muito menos pessoas que exercem funções tão nobres e elevadas, fossem capazes de agir de uma forma tão estranha, com tão pouco respeito pela nossa palavra e tão pouca consideração pelos sentimentos dos outros... Como puderam ser tão injustos e indelicados ao ponto de me porem a ridículo, julgando-me capaz de participar numa conduta tão insensata e excêntrica?48

A partir do momento em que o padre Heffernan decidiu não voltar a escrever aos superiores maiores e desdisse todas as expressões de gratidão, bem como todas as promessas que fez anteriormente, deu asas a toda a sua ira:

Como decidi que esta fosse a minha última carta, devo dizer-vos tudo e informar-vos que, desde o início desta fundação, eu tinha razões para estar descontente e decepcionado com o tipo de religiosas que enviaram para aqui. Não obstante ler-vos escrito antecipadamente, tentando sensibilizar-vos para a necessidade e importância de enviarem apenas religiosas dotadas de virtudes sólidas, bem preparadas, bem formadas, experientes e com boas qualificações para ensinar as alunas internas, pelo contrário, enviaram-nos seis Irmãs inexperientes, mal formadas, mal preparadas e longe de possuírem virtudes sólidas; nem uma sequer estava preparada para educar e ensinar jovens, como aliás os resultados provaram.⁴⁹

Anteriormente, o padre Heffernan deixara bem claro que tinha poucas esperanças no futuro do internato. Agora, defendia de novo a sua proposta de que a superiora e a diretora da escola deviam ter sido substituídas, indo desta vez ainda mais longe: “Mas em vez de sugerir a mudança de uma ou duas, eu devia ter pedido um grupo de religiosas totalmente novo que, com a bênção de Deus, devolvesse ao convento o bom nome e a fama e o levassem a prosperar, em vez de o levarem à ruína”.⁵⁰

Nessa carta, o padre Heffernan insistia que, desde o momento da chegada das religiosas, sempre tivera reservas sobre a sua competência. Contudo, nos anos 1877-1882, nunca tinha denunciado qualquer decepção; de fato, o seu apreço e louvor pela comunidade, especialmente pela superiora, tinham sido referidos. Parece que, só depois de a M. de l'Incarnation ter sido enviada para Sag Harbor, em 1881, é que o padre Heffernan ficou tão crítico relativamente à comunidade. Seriam algumas das suas observações justificadas, ou seriam motivadas por uma comparação errada entre as qualidades idealizadas da M. de l'Incarnation e as da superiora?

Não foi preciso muito tempo para que Gailhac e a M. St. Félix reconhecessem que, se o padre Heffernan pudesse caracterizar a M. St. Basil como pessoa a quem faltavam qualidades de bom senso, discrição, firmeza e determinação, poderia ser porque ele - e aparentemente mais ninguém em Béziers ou na comunidade local - via na M. de l'Incarnation “tato e discernimento”, e o “gosto de conservar tudo em ordem e asseio”. Se ao padre Heffernan parecia que a M. St. Basil sofria de “falta de sinceridade e verdade”, a sua predileta era, a seus olhos, “a sinceridade em pessoa” e tinha “sólidos e profundos princípios

de virtude”. Mesmo quando foi forçado a admitir que a M. de l’Incarnation “não dava exteriormente sinais de piedade”, ele admirava-a ainda mais, vendo-a como uma mulher com “um espírito religioso forte e inabalável”. Além disso, considerava-a uma mulher com “uma educação requintada”, uma “senhora de boas maneiras”, com bom gosto e “savoir faire”, traços atrativos que não tinha encontrado na M. St. Basil ou nas outras religiosas. Na verdade, do ponto de vista do padre, a sua favorita “estava melhor qualificada em todos os aspectos, para dar uma boa superiora do que a senhora que saiu” [M. St. Basil]. Dominado pelos seus próprios sentimentos de amor excessivo, o padre Heffernan acreditava provavelmente, como várias vezes insistia, que a M. de l’Incarnation era “estimada por toda a gente”.⁵¹

A carta interceptada

Embora o padre Heffernan já não visitasse o convento com tanta frequência, depois da partida da M. de l’Incarnation, esta continuava presente nos seus pensamentos. A 23 de fevereiro de 1883, escreveu uma carta longa e muito íntima em resposta a uma carta dela, recebida nesse mesmo dia. Dirigindo-se-lhe como “Minha muito querida madre e única amiga”, contava-lhe como foi a viagem de vapor, a paragem em Queenstown (Cork) e a chegada a Liverpool; acrescentava que, desde então, ficara à espera de uma carta dela. Como era óbvio, ainda estava triste com a separação. Ela tinha-se mostrado tão calma e forte quando se separaram! - dizia. Para ele, tinha sido muito doloroso, “um terrível sacrifício deixá-la partir”, mas ficou consolado com as suas palavras, que o tocaram no fundo da sua alma – que, um dia, se encontrariam de novo. Confessava que, mais do que nunca, valorizava a grande amizade entre eles, que Deus usou para desenvolver os tesouros escondidos e os magníficos sentimentos de uma amiga. “Garanto-lhe” - escrevia ele à M. de l’Incarnation - “que esta amizade é tão preciosa que a conservarei no fundo do meu coração até ao meu último suspiro”.⁵²

E evidente que, antes de a M. de l’Incarnation deixar a América, os dois organizaram um plano para continuarem a comunicar-se secretamente. O padre Heffernan devia enviar as cartas para “Mlle. G”, que vivia nos arredores de Liverpool; esta, por sua vez, providenciaria a sua entrega em mão à M. de l’Incarnation. Os atrasos inerentes a esta forma de comunicação eram incômodos para eles. Na carta de 23 de fevereiro, o padre Heffernan dizia que a única consolação que tinha desde a sua partida lhe chegou através da “carta amiga,

encantadora, terna, hoje recebida”; contudo, aconselhava-a a esperar as suas cartas com paciência. Depois de lhe dar algumas notícias da paróquia e de perguntar pelos preparativos para os votos perpétuos, o padre Heffernan terminava a carta pedindo ao Salvador que abençoasse a Sua santa e nobre esposa, a coroasse de paz e bondade, a enchesse das Suas graças de alegria e consolação celestiais e a devolvesse ao seu anterior convento, para alegrar os dias do seu “fiel, humilde e devoto amigo. H.”.⁵³

Foi a própria M. St. Félix que deixou uma memória do que se seguiu:

*O padre escreveu à pessoa que tinha deixado uma carta muito longa, cheia de toda a espécie de pedidos de desculpa, expressões de ternura, etc. Dizia inclusivamente que tinha chorado. Não consegui lê-la porque estava escrita em Inglês. Parecia um verdadeiro romance. A carta tinha sido dirigida a uma pessoa da área de Liverpool, para ser levada ao seu verdadeiro destino e entregue a ela [M. de 1’Incarnation] na escola. Não a tendo encontrado lá, o mensageiro entregou a carta à superiora da casa que, por sua vez, a enviou para a Casa Mãe.*⁵⁴

Ao que parece, a M. de l’Incarnation tinha feito votos por um curto período de tempo, enquanto se preparava para a profissão perpétua; isto porque - acrescentava a M. St Félix - ela acabou por ser chamada à Casa Mãe onde esperou o termo dos votos temporários, após o que “regressou” a sua casa na Irlanda, de onde tinha vindo.⁵⁵

Ao reler a resposta de Gailhac e da M. St. Félix à M. de l’Incarnation, é interessante notar que eles não a condenavam por ter sido o alvo, ou mesmo a causa da paixoneta do padre, ou por ter negligenciado a renovação dos votos temporários. Mesmo depois de saberem da sua mundanidade e abuso de autoridade, continuaram a ter esperança na sua conversão e permitiram que ela se preparasse para fazer a profissão perpétua no Instituto. Contudo, o seu propósito de continuar uma relação secreta com o padre Heffernan, ao mesmo tempo que garantia aos superiores tê-la terminado, não podia ser tolerado porque demonstrava duplicidade. A simplicidade era uma expressão do espírito do Instituto; o seu oposto, a duplicidade, era imperdoável.

O padre Heffernan deve ter ficado destroçado quando recebeu a notícia. Enviou-lhe uma última mensagem, pelo menos enquanto ela ainda estava na comunidade; a avaliar pelo seu tom contido, era uma carta muito significativa. Não há nenhuma indicação de que a M. de l’Incarnation a tenha recebido em Inglaterra ou depois de ter partido para a Casa Mãe, ou mesmo se chegou a recebê-la. Tinha a data da Festa de St. Patrick, em 1883:

Apenas uma palavra para dizer que o seu nome foi registrado, no ano corrente, como membro da União de S. José. Junto o respectivo cartão de admissão e envio-lhe também o jornal religioso publicado anualmente pela Society.

Esperando que receba a abundância de todas as graças espirituais. Sou-lhe muito fiel em Cristo.

J. J. Heffernan⁵⁶

É a última referência explícita à M. de l'Incarnation. O seu relacionamento com o padre nunca apareceu mencionado diretamente na correspondência entre Sag Harbor e a Casa Mãe ou em notícias enviadas mais tarde à Propaganda Fide. Mas a influência da M. de l'Incarnation sobre o pároco, ou, mais precisamente, a sua partida de Sag Harbor e a subsequente saída do Instituto, devem ter afetado profundamente o padre Heffernan, dando início a três anos de perseguição à superiora e à comunidade local de Sag Harbor, fato que não teve paralelo na experiência das primeiras Irmãs do Instituto.

Início de uma cruel perseguição

O inverno de 1883 decorreu sem incidentes. A comunidade de Sag Harbor estava ainda incomodada com as violentas acusações dirigidas pelo padre Heffernan aos superiores maiores, em 30 de janeiro. Estes, por sua vez, tinham reencaminhado a carta à comunidade de Sag Harbor para que as Irmãs tomassem conhecimento daquilo de que eram acusadas. Embora desgostosas com a carta, devem ter ficado tranquilas por saberem que os superiores maiores estavam com elas.

Durante a quaresma de 1883, Gailhac escreveu uma reflexão sobre a cruz, cujo conteúdo tocou fortemente a comunidade de Sag Harbor. A centralidade da cruz tinha sido enfatizada durante a sua formação como Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Desde o início da fundação em Sag Harbor, Gailhac tinha escrito várias vezes à M. St. Basil sobre o Mistério Pascal, pois sentia que Jesus tinha começado nela o seu trabalho de santificação e iria aperfeiçoá-lo, para que a obra do Sagrado Coração de Maria se expandisse no Novo Mundo e o Instituto contribuísse para tornar Deus glorificado nesse imenso país. Antecipando os anos de intenso sofrimento que a comunidade de Sag Harbor iria experimentar, Gailhac tinha escrito à M. St. Basil em 1880:

*É verdade, querida filha, que todo o bem decorre do Calvário e só dele recebemos o verdadeiro bem... Suspenso da Cruz, Jesus Cristo reconciliou o mundo com Deus, Seu Pai. Ao enviar os Seus apóstolos para continuarem a obra da redenção, disse-lhes: Envio-vos como cordeiros no meio de lobos. Se eles me perseguiram, também vos perseguirão a vós. O escravo não é mais do que o seu mestre e o servo não é mais que o seu senhor. Como me fizeram a mim, assim farão a vós, mas não tenham medo. Eu estarei sempre no meio de vós e dos vossos sucessores, até ao fim dos tempos.*⁵⁷

Nessa carta, Gailhac continuava a explicar à M. St. Basil que as perseguições exteriores são suportáveis, se a paz e a união reinarem dentro de nós. E era essa união que ela devia defender mais do que tudo; com Deus, não teria nada a temer.

Viver sem sofrimento não é viver. Jesus Cristo, que é a Vida e a Fonte da verdadeira Vida da alma, não teve um único momento sem sofrimento. Na Sua vida gloriosa, Ele não pode sofrer... mas continua a oferecer-se como vítima e a sofrer na vida terrena, participando de algum modo na morte que lhe preparam.⁵⁸

Na quaresma de 1883, Gailhac escreveu à M. St. Basil fazendo uma previsão semelhante. Depois de ter experimentado aqueles meses de incompreensão e sofrimento, ela deve ter encontrado nas palavras de Gailhac um significado particular muito profundo:

Viva Jesus, viva a Sua cruz. Sim, viva Jesus, viva a Sua cruz. A cruz é a esperança e salvação do mundo. E pela cruz que o mundo é conquistado. A cruz é o trono de Jesus Cristo. É do alto deste trono que Jesus Cristo reina sobre o universo. Todo o mal humano fica anulado aos pés da cruz e nem a fúria, as astúcias e os esquemas do mal podem prevalecer contra ela.

No meio dessa carta quaresmal, Gailhac falava de Belém, onde Jesus ofereceu o Seu primeiro sacrifício - ser aclamado no meio de humilhações e suportar a primeira perseguição, a cólera de Herodes. "Ai" - previa Gailhac - "é antecipada a história da vossa casa e o sinal do seu futuro".⁵⁹

Gailhac parecia compreender que, embora a M. St. Basil escrevesse à M. St. Félix dizendo que tudo corria bem em relação ao padre Heffernan e que achava que as orações da superiora geral tinham convertido o padre, visto ele estar a ser muito bom com a comunidade⁶⁰, estava para vir um tempo de maior sofrimento e perseguição. E de novo lembrava à superiora:

*Jesus Cristo disse: Felizes os que sofrem perseguição por amor da justiça. Se eles me perseguiram, também vos perseguirão: o servo não é maior que o seu mestre. Portanto, coragem, querida filha. Jesus Cristo está consigo e a Irmã está com Jesus Cristo na cruz. Por que tem medo? Se Deus está consigo, quem poderá estar contra si?*⁶¹

Em maio, a M. St. Basil escreveu à M. St. Charles uma carta longa e cheia de entusiasmo. Quebrando a tradição habitual, escreveu em inglês. Contava que estavam a fazer algumas reparações na propriedade, alargando caminhos, separando o pomar do pátio de recreio das crianças com uma nova sebe, “melhorando a aparência do local”. Miss Kelly, amiga das religiosas, estava no processo da compra de uma estátua do Sagrado Coração de Maria, em metal e com sete pés de altura, que tencionavam colocar no canteiro em frente do convento. Dizia ainda que estavam a melhorar a drenagem dos terrenos e a colocar a canalização mais fundo, para que a cave não fosse inundada. “De fato, ma bonne mère” - acrescentava - “aprendemos uma grande lição no passado com a demasiada dependência de outros, pelo que não me parece que haja uma nova oportunidade de a repetir, mesmo que queiram. Agora, o padre Heffernan deixou-nos em paz e não nos perturba em nada”.⁶²

Simultaneamente, a comunidade de Sag Harbor parecia convicta de que o padre Heffernan tinha a “virtude” da inconstância. Afinal, havia aquelas cartas difamatórias para França! A M. St. Basil tentava imprimir um certo humor à situação:

*Estas cartas do padre, que a Notre Mère nos enviou, recordavam-nos, tout à fait, o tom irritado que ele utiliza com os seus paroquianos quando estes o censuram, e não há quem o cale! Digo algumas vezes à M. St. Benedict: “Quando tudo parece tranquilo à nossa volta, tanto quanto podemos ver, quem sabe se o nosso “amável” pároco não estará novamente a enviar os seus ‘noticiários’ para França”. Enfim, com tudo isto ganhamos experiência e ainda nos rimos de vez em quando, o que nos ajudou a permanecer alegres na provação. Se algum dia a Notre Mère vier à América, as Irmãs prometem pôr em cena estas situações, lendo as cartas em francês com pronúncia inglesa. Isto divertiu as Irmãs, mesmo no seu sofrimento.*⁶³

Ao mesmo tempo, a superiora estava ainda um pouco cautelosa em relação ao comportamento imprevisível do pároco. Ela utilizava uma expressão que era, e continuava a ser, uma das mais apreciadas pela comunidade. Tinha sido atribuída à mãe de Gailhac, durante uma das primeiras perseguições. Quando a M. St. Basil pensava nela, associava-a à M. St. Charles:

*Quantas vezes tenho pensado na sua expressão - 'Dieu est plus fort que les hommes' [Deus é mais forte que os humanos] - e como ela nunca se aplicou tão bem como no nosso caso! É espantoso como o padre Heffeman, vendo ruir todos os seus projetos, até deixou de escrever; mas quem sabe se não estará a arquitetar outros planos? Da minha parte, guardarei sempre uma distância respeitável, sabendo muito bem que Deus, por quem dei a minha vida, tal como é, sempre olhará por mim.*⁶⁴

O padre Heffeman parecia estar ocupado com a construção do edifício de uma escola paroquial, para substituir a antiga igreja, onde a M. St. Augustine e a M. St. Bartholomew começaram a dar aulas às crianças, em 1877. Os planos para a nova escola foram tornados públicos na altura em que o Sag Harhor Corredor divulgou uma iniciativa para obtenção de fundos, em 15 de janeiro de 1883. Os prêmios eram “um piano de cauda, um elegante vaso de flores em cera, um relógio invulgar, a História de Inglaterra de Macaulay e outros objetos valiosos”.⁶⁵ Segundo a M. St. Basil, o edifício iria ser muito grande e deveria estar concluído em setembro de 1883. Ela assegurava ao Fundador que o mais importante era o fato de o padre Heffeman estar a deixá-las entregues a si próprias e nunca vir ao convento a não ser para assuntos espirituais - Missa e Confissões. A superiora referia ainda que a comunidade parecia agora mais alegre e feliz. “Poderá isto ser a graça que se segue a uma tormenta, de que falara Gailhac?” - perguntava ela.⁶⁶ Ou será a graça que precede uma tormenta? Infelizmente iria ser a segunda hipótese.

A questão da dívida - vingança de uma perda pessoal

No início de julho de 1883, o padre Heffeman pediu à M. St. Basil o pagamento de \$300 [trezentos dólares] a título de juros da quantia que a comunidade lhe devia. Ela respondeu, enviando pequenos montantes que se destinavam a outros fins e explicando que não tinham dinheiro para pagar os juros que, a 10%, lhe pareciam muito elevados. Lembrava ao pároco que, no mês de novembro anterior, ele lhe tinha garantido que a dívida nunca iria contra os interesses do convento e que, com todos os fundos angariados, a quantia se tornaria uma insignificância. No fim da carta, segundo sugestão da senhora Dallon, a M. St. Basil pedia-lhe um relatório sobre o assunto no qual indicasse a quem deveria ser enviada a quantia restante. Ela assinava a carta “muito respeitosamente”: “com os meus agradecimentos pelos seus amáveis votos e orações e o meu maior respeito. Sempre unida em Cristo, M. St. Basil”.⁶⁷

Aquele pedido, aparentemente inocente, marcava um tremendo ponto de viragem no relacionamento da comunidade com o padre e, desde essa altura, a questão ficou fora de controle. Toda a tristeza, sofrimento ou rancor que o padre Heffernan pudesse estar a sentir com a perda da “sua única amiga”, lançavam-no agora num ataque que tinha como pretexto a suposta dívida das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, relativa à compra do convento em 1876.

O padre Heffernan respondeu à superiora no próprio dia. Começava por se queixar da sua falta de franqueza e sinceridade para com ele. Acrescentava que a carta dela denotava um espírito anticristão e antirreligioso. Perguntava como é que ela lhe podia estar a solicitar um balancete, se tinha visto todas as faturas e o registro das mesmas nas respectivas contas. Além disso, acusava-a de ter interpretado erradamente as suas palavras, quando ele disse que a dívida nunca a iria incomodar. O que ele pretendia dizer era que a dívida nunca a iria incomodar se ela continuasse a pagar todas as prestações, mas não tinham sido feitos quaisquer pagamentos desde 24 de junho de 1882.⁶⁸ Essa carta era a primeira declaração explícita da reivindicação do padre Heffernan, de que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria lhe deviam dinheiro, \$3.256,30 [três mil, duzentos e cinquenta e seis dólares e trinta cêntimos) com os juros devidos de \$302.87 [trezentos e dois dólares e oitenta e sete cêntimos]. Isto era uma reclamação que as religiosas não podiam admitir.

Quando as religiosas foram convidadas, pela primeira vez, para Sag Harbor, a intenção era construir um segundo andar na velha igreja, que poderia também ser usado como escola da paróquia. A M. St. Croix Vidal, então superiora geral, deixou isto claro numa carta datada de 24 de outubro de 1876: “Deus abençoa sempre os começos pequenos, humildes, despretensiosos. Os trinta pés de altura da velha igreja serão suficientes para construir um andar sobre o rés-do-chão”⁶⁹. Foi o pároco que tomou a iniciativa e decidiu comprar a mansão P. P. King para convento das religiosas. Na altura, ele informou os superiores maiores, que foram levados a acreditar, que seria uma dívida sem custos. Gailhac, por exemplo, numa carta a uma superiora, provavelmente à sua sobrinha, escrevia: “O santo padre [padre Heffernan], que nos está a ajudar, comprou uma grande casa e propriedade para a comunidade”.⁷⁰ No seu relatório oficial para o Bispo Loughlin, a M. St. Basil reproduzia a interpretação dos superiores:

Ele [Padre Heffernan] tinha anunciado do púlpito que não havia nenhuma dívida do convento e nós depreendemos que ele tinha pago a propriedade

antes da nossa chegada... Estivemos sempre na convicção de que todo o dinheiro que ele angariou entre amigos e paroquianos - através de concertos, conferências e loterias que organizou em Brooklyn, e aqui, em bailes e ceias de que era o patrono, e com as pagelas que mandou imprimir, disponibilizando umas “tantas” Missas ao ano por cada pessoa que lhe desse cinco dólares, e de centenas de bilhetes ao preço de um dólar para o sorteio de dois cavalos que nos pertenciam - acreditamos que tudo isso era mais do que suficiente para cobrir qualquer dívida que tivesse havido.⁷¹

A versão da história contada pelo padre Heffernan era um tanto diferente; por isso, devido à sua importância, será aqui apresentada na íntegra. Escrevendo a Gailhac e à M. St. Félix em 5 de janeiro de 1885, ele dizia:

Eis os fatos relativos à dívida. As religiosas vieram para aqui através da senhora Peter. O único local que eu tinha para lhes oferecer como habitação era a minha velha igreja, que a M. St. Croix aceitou, dando instruções sobre a forma como devia ser dividida e adaptada. Entretanto, encontrei à venda uma propriedade, pedi dinheiro emprestado e comprei-a. Cedi-lhes o uso da mesma, dizendo à M. St. Basil que era na condição de que a pagasse pouco a pouco. Ela aceitou. Na verdade, pagou parte - está escrito no seu livro de contas. Entretanto, foi chamada a França e mudou de ideias. Negou a dívida, disse que eu juntei dinheiro para o convento mas nunca lhe prestei contas, etc...

Tenhamos presente que a senhora Peter faleceu repentinamente, deixando-me todo o encargo da alimentação, camas, mobiliário e carvão. Passei noites e dias a angariar fundos. Acrescentei duas alas ao convento, assim como outro andar, e coloquei um telhado novo. Mande-i-o pintar mais de duas vezes e reparar o soalho. Todos os tostões que recebi da M. St. Basil e de outras pessoas foram para estes fins, deixando por pagar a dívida relativa à compra, mas tenho pago os respectivos juros.

Não fui obrigado a ceder-lhes este local inteiramente livre de encargos, nem eu poderia fazê-lo a não ser por bondade ou amabilidade; cedi-lhes o usufruto, nunca pensando que as religiosas tentassem defraudar-me, a mim ou às pessoas generosas que me enviaram dinheiro.⁷²

Até que a questão da dívida pudesse ser finalmente resolvida, em 1886, pelo Arcebispo de Nova Iorque e o Bispo de Brooklyn, perante a insistência do prefeito da Propaganda Fide, Cardeal Simeoni, o padre Heffernan e a M. St. Basil mantiveram-se irreconciliáveis.

Privação de Sacramentos

O padre Heffernan tentou forçar a superiora a reconhecer e a pagar a dívida do convento, usando o seu poder sobre a vida sacramental das religiosas na paróquia. Na igreja, recusou-se muitas vezes a dar-lhes a comunhão, passando à frente quando elas se ajoelhavam para comungar.⁷³ Desculpava-se, dizendo que estava simplesmente a fazer cumprir o que a Regra do Instituto autorizava, pois sabia bem que as Irmãs o podiam fazer com mais frequência. Quando lhes recusava a comunhão na capela do convento, isso significava que, não havendo reserva do Santíssimo na capela, não havia a Bênção.⁷⁴ Finalmente recusava-se a celebrar a Missa no convento, obrigando assim as religiosas e as alunas internas a irem à missa na paróquia. Chegou inclusivamente ao ponto de levar consigo um cálice que Sarah Peter tinha oferecido à comunidade, substituindo-o por um de prata, mais pequeno; também retirou o altar que tinha oferecido ao convento.⁷⁵ O padre Heffernan defendia-se dizendo que só era obrigado a celebrar Missa na igreja, aos domingos. Podia, portanto, celebrar outras Missas onde e quando quisesse. Se continuasse a ser o capelão e a atender as necessidades das religiosas, isso custar-lhes-ia \$600,00 [seiscentos dólares] por ano. As Irmãs responderam alegando que as duas que trabalhavam na escola da paróquia, bem como as outras duas que trabalhavam como organista e responsável do coro da paróquia, não recebiam qualquer recompensa pelo seu trabalho.⁷⁶

Pior ainda, o padre insistia com as religiosas para se confessarem a ele, pois a confissão frequente era um requisito da sua Regra. Contudo acusou-as muitas vezes de se confessarem mal e recusava-lhes a absolvição por elas não pagarem a dívida.⁷⁷

Por seu lado, a comunidade de Sag Harbor procurava documentar-se em relação ao fato de o convento lhe ter sido oferecido livre de encargos. A M. St. Basil pediu à M. St. Félix para enviar para Sag Harbor uma cópia da carta enviada à M. St. Croix em 1876, na qual o padre garantia à comunidade que o convento eslava livre de encargos.⁷⁸ Várias vezes durante o mês de julho, a M. St. Basil e a M. St. Augustine pediram à M. St. Félix para ir à América ou enviar a M. St. Charles para dialogar diretamente com o padre Heffernan em nome do Instituto. Logo que ficou claro que isto não iria acontecer, a M. St. Basil fez os possíveis por dar, ela própria, algum apoio.

A partir do dia 17 de julho, a M. St. Basil começou a sentir que devia haver uma relação entre a experiência da perda pessoal do padre e a sua fixação em aquisições materiais. "Temos razões para duvidar" - escrevia ela à M. St.

Félix - "pois parece que os irmãos dele o acusavam de se ter apropriado dos bens da própria mãe após a sua morte".⁷⁹ Na verdade, a intuição da M. St. Basil sobre a experiência da perda pessoal do padre Heffernan, neste caso "da sua única amiga", e a sua obsessão pelo dinheiro e aquisições materiais, devem ter ajudado a M. St. Basil a compreender a dinâmica psicológica envolvida, mas também podem ter demonstrado a persistente e perigosa oposição que ela iria enfrentar. Por essa razão, a M. St. Basil viu-se na necessidade de contratar um advogado e ter tudo por escrito.

Além disso, a superiora pediu a Gailhac para designar o Sr. Joseph Dallon como "pai temporal da casa" para que, nessa qualidade, pudesse ajudar a localizar fatos e documentos que indicassem a situação da dívida da propriedade. Uma vez que o padre Heffernan se recusou a facultar-lhe quaisquer documentos relativos ao convento, o Sr. Dallon foi ao tribunal consultar o registro oficial de vendas, onde verificou que, a 30 de setembro de 1878, J. J. Heffernan tinha feito um Documento de Garantia ao convento e que este estava livre de toda e qualquer hipoteca.⁸⁰

O envolvimento do Sr. Dallon começou a irritar o padre Heffernan que, no seu relato enviado ao Cardeal Simeoni, descreve-o nestes termos injuriosos: "As Irmãs apresentaram um homem de má reputação como seu protetor temporal. É conhecido como um miserável blasfemo, impostor, membro de uma sociedade secreta condenada pela Igreja, Mação Livre. Nunca vai à Missa. O seu filho casou com uma protestante e a mulher é também uma impostora."⁸¹ O padre Heffernan continuaria a pôr em causa a validade da designação do Sr. Dallon como "protetor temporal da casa". Numa carta para Gailhac e para a M. St. Félix, o padre escrevia: "Ah! Pobre Madre Geral e Rev. Padre tão distantes! Só podem ler conhecimento do que se passa, por uma única via, habilidosa e sem escrúpulos. Os dados devem ter sido falsificados. A Madre Geral nunca deveria ter colocado um leigo acima de um devoto padre e pastor, para cuidar dos assuntos do convento".⁸²

No entanto, foi o Sr. Dallon que envolveu neste caso o padre William Keegan, vigário geral da Diocese. O padre Keegan, também ele pastor havia já algum tempo, querendo entender melhor a situação, viajou de Brooklyn para visitar a comunidade de Sag Harbor. Ficou admirado ao constatar que o padre Heffernan insistia que as religiosas lhe deviam o dinheiro da compra do convento, pois ele próprio [padre Keegan] tinha contribuído com dinheiro para essa compra quando o padre Heffernan angariava fundos com esse objetivo. Quando o vigário geral confrontou o padre Heffernan com esta questão, ele insistiu que tinha pedido dinheiro para comprar o convento, mas recusou-se

a revelar quanto tinha pedido e a quem, ou a razão pela qual isso tinha sido necessário.⁸³

A comunidade tentou organizar-se o melhor que pôde sem a ajuda de um capelão. A M. St. Basil procurou entender esta experiência na perspectiva da cruz, mas dizia à superiora geral que nada do que o padre fizera no passado - mesmo obrigá-la a ir para a Europa - tinha sido tão penoso como o que ele estava a fazer nesse momento. "Que o bom Deus lhe perdoe", acrescentava.⁸⁴

Gailhac estava consciente do sofrimento da comunidade de Sag Harbor e escreveu a encorajar a superiora, recordando-lhe que as provações e humilhações enviadas por Deus são os dons que Ele dá aos seus amigos. A Igreja foi fundada com o sangue dos mártires. "[A madre] foi humilhada e sofreu; mas, se for fiel, Deus destinar-lhe-á uma missão rica e fecunda. Bem sabe que os alicerces devem ser sólidos; e é o sofrimento que os consolida... Acima de tudo, ame Jesus, seja feliz por carregar com Ele a sua cruz; é Jesus que sofre em si".⁸⁵

Parece que o Fundador e o padre Heffernan não se comunicavam entre si desde o fim de janeiro de 1883, altura em que o pároco escreveu a comunicar que não teria mais contatos com os superiores maiores. Contudo, em 28 de setembro de 1883, Gailhac teve de intervir. Começava a carta dizendo ao padre Heffernan que respeitava o seu desejo de não se corresponder mais com ele, embora não tivesse havido uma única palavra ofensiva em qualquer das suas cartas para ele. Dizia-lhe que não era por falta de respeito que estava a escrever. "Mas, sou pai e as minhas filhas estão a sofrer... estão infelizes. ... Deixou de ser pai? Não estou dentro do seu coração, mas os seus atos fazem-me sofrer muito". Gailhac continuava dizendo que, segundo as leis da igreja e a justiça humana, a recusa da comunhão só era permitida em casos de pessoas notoriamente escandalosas. Dizia ainda estar surpreendido por ele [padre Heffernan] ter recusado às religiosas a sua única consolação. "Padre de Jesus Cristo, é assim que os Apóstolos são formados? É isto que torna santos os padres? Somos discípulos de Deus Redentor ou homens do mundo?" Gailhac terminava a carta reconhecendo que as suas filhas agiam corretamente, mas não eram isentas de faltas. Mas quem o é? "Meu reverendo padre, pelas chagas de Jesus Cristo, peço-lhe que volte aos seus primeiros sentimentos"⁸⁶

O padre Heffernan demorou um mês a responder à carta de Gailhac. Escreveu num tom irritado e defensivo. "Se as Irmãs estão infelizes", dizia ele, "é por culpa dos superiores maiores que retrocederam na sua decisão de substituir a superiora tão repentinamente, sem ao menos tentarem fazer a experiência da mudança, durante um ou dois anos". Além disso, dizia que a sua irritação se

devia ao fato de os superiores maiores terem mostrado as suas cartas à comunidade de Sag Harbor. Em sua opinião, isto demonstrava falta de lealdade, de caridade e prudência. No que dizia respeito à comunhão, o padre Heffernan estava convencido de que Gailhac tinha dado ouvidos a falsas informações. Acrescentava que a M. St. Basil tinha autorizado as Irmãs, mesmo as de votos temporários, a receber diariamente a comunhão, e que ele tinha agido simplesmente de acordo com as recomendações da Regra, pois se não tivesse recusado a comunhão às Irmãs, elas teriam estado a recebê-la ainda com mais frequência. O padre Heffernan insistia que, na qualidade de confessor, usava alguma discricção. Gailhac podia ser superior em sabedoria, idade e graça - acrescentava o padre Heffernan - mas estava a uma tal distância que não podia conhecer as faltas e fraquezas das suas filhas nem julgar com rigor as suas virtudes e qualidades.⁸⁷

Ao responder ao apelo do Fundador para que regressasse aos seus primeiros sentimentos para com a comunidade, o padre Heffernan insistia que foi Gailhac quem roubou os sentimentos de amor e estima que ele, no início, tinha pela comunidade. Num parágrafo, vago nas palavras, mas extraordinariamente explícito no seu objetivo, o padre Heffernan pedia:

*Em nome do Bendito Senhor e Mestre, faça-lhe um apelo para que restitua por completo o que tirou, curando as feridas que causou em mim e em outras pessoas. Depois de Deus, isto está nas suas mãos. Quando tiver devolvido o que me tirou, então, mais do que nunca, voltarei aos meus primeiros sentimentos para com as suas filhas.*⁸⁸

Quando Gailhac leu esta carta, deve ter percebido como o padre Heffernan estava zangado e como era perigoso: além disso, pressentiu também como a pequena comunidade de Sag Harbor teria ficado vulnerável.

Apesar da apreensão de Gailhac, a avaliação da M. St. Basil acerca das Irmãs não refletia uma situação extrema. Dizia que a comunidade parecia lidar com a situação tão bem como se esperava. As seis primeiras fundadoras ainda estavam lá, dizia ela, embora a M. St. Arsenius continuasse com a tuberculose pulmonar. Desde maio de 1883, a M St. Arsenius falava abertamente de morrer em breve, mas não se mostrava cansada nem angustiada. A M. St. Augustine parecia estar bem e mostrava maior interesse pela comunidade. A M. Bartholomew, que ensinava os rapazes na escola paroquial, era muito dedicada, mas tinha um temperamento um pouco difícil, zangava-se com facilidade e era talvez um pouco ciumenta. A Sr. Agatha tinha boa vontade, era muito piedosa e dedicada, mas pouco organizada. A M. St. Benedict estava melhor nesse ano: a

prática de natação no mar parecia tê-la ajudado. “Ela dedica-se a mim de alma e coração”, acrescentava a M. St. Basil.⁸⁹

Quanto às outras Irmãs, a M. St. Basil dizia que as três jovens americanas, religiosas de coro, faziam progressos. A M. François era um pouco lenta nos seus deveres, mas muito correta; a M. Madeleine era boa, mas ofendia-se com facilidade; relativamente à M. St. Agnes Heffernan, sobrinha do pároco, a M. St. Basil considerava-a “boa e submissa”.⁹⁰ As duas Irmãs francesas, Sr. Honorine Julien e Sr. Ste. Emily Rony, não davam problemas e nunca se queixavam. A terceira Irmã coadjutora, uma jovem americana, Sr. Faustine Whitcome, vangloriava-se dos seus pais, era um pouco arrogante no trato com as outras Irmãs, mas era muito fiel à Regra. A M. St. Mathew, que a acompanhou na travessia do Atlântico em janeiro, era muito útil na comunidade e dedicada à superiora. A M. St. Basil terminava a carta para Gailhac com este resumo simpático: “Enfim, parece-me que cada uma está a tentar ser boa religiosa. É verdade que muitas vezes nos esquecemos de nós próprias, mas é apenas de momento”. A superiora reconhecia que também ela devia tentar ser mais alegre, pois o seu coração tinha ficado muito abalado com os acontecimentos recentes.⁹¹

Por seu lado, a M. St. Augustine era mais dura na crítica aos membros da comunidade e à superiora. Queixava-se à M. St. Félix de que a superiora era muito influenciada pela M. St. Benedict, falava com pouca discrição diante das jovens religiosas, que as Irmãs americanas formavam grupo e não eram tão cumpridoras como as irlandesas - “Acham que são importantes” - e todavia a superiora não as disciplinava porque tinha medo delas; dizia ainda que na escola as crianças não estavam a ser bem formadas porque não se exigia o suficiente das religiosas. Se ela [M. St. Augustine] pudesse ter influência - dizia à M. St. Félix - a M. Bartholomew seria novamente admitida na escola paroquial, e à Sr. Faustine seria confiado um trabalho em que não tivesse de lidar com outras pessoas.⁹²

Infelizmente, a superiora geral levou a sério essas críticas e escreveu à M. St. Basil acerca de algumas pequenas queixas que tinha ouvido, “não importa através de quem”, e que precisavam de ser esclarecidas.⁹³ Era uma carta amável mas, dadas as circunstâncias, a M. St. Basil ficou muito magoada. Em vez de aceitar em silêncio, decidiu responder com toda a franqueza, dizendo à superiora geral que estava mais magoada com a sua carta do que com qualquer das cruces suportadas até então, pois lhe parecia que a M. St. Félix tinha perdido toda a confiança nela, que sempre tinha agido com a sua superiora com a total sinceridade de uma filha para com a sua mãe. Seguidamente, respondeu

a cada uma das “pequenas queixas”, ponto por ponto. As suas explicações revelavam uma superiora tão realista como compassiva com as Irmãs da comunidade, que já trabalhavam sob grande pressão. É verdade, escrevia ela, que a M. St. Bartholomew é um pouco dura, “mas se pudesse ver os pequenos mandros que ela tem à sua responsabilidade - os rapazes mais mentirosos, rudes e mal comportados!” Embora isso não fosse desculpa para faltas de educação, era compreensível, tendo em conta a situação. A M. St. Basil explicava: “Estes rapazes precisam mais de polícias do que de religiosas!” E continuava dizendo que, relativamente às americanas, eram repreendidas severamente quando a sua conduta o merecia. Se fazia referência em público às suas faltas, isso só acontecia depois de o ter feito em privado, muitas vezes, e com a esperança de que se corrigiriam rapidamente. Era difícil confiar uma tarefa diferente à Sr. Faustine, porque era necessária para ajudar as outras Irmãs na lavanderia. Quanto à fonte desconhecida das queixas, a M. St. Basil tinha a certeza de que, mesmo que a superiora geral estivesse para chegar a Sag Harbor, não seria motivo de satisfação para essa “determinada pessoa”.⁹⁴

Os superiores maiores sabiam que podiam confiar na M. St. Basil que, embora suportando um enorme fardo, conseguia ser muito humana. Assim, não era para admirar que a comunidade gostasse tanto dela.

O caráter público da perseguição

Em meados de janeiro de 1884, o bispo Loughlin percorreu as cem milhas para visitar a comunidade de Sag Harbor. As Irmãs tinham-lhe escrito acerca da decisão do pároco de privar a comunidade da comunhão e lhes recusar a absolvição após a confissão, até que a dívida fosse paga. Referiram-lhe também que no domingo, no púlpito, ele se tinha referido negativamente às alunas internas, dizendo que eram umas “desavergonhadas” pois não tinham pago os seus lugares na igreja - nos toscos bancos da galeria.⁹⁵

No apontamento que se segue, a M. St. Basil descreve o encontro com o bispo e com o padre Heffernan:

O bispo foi muito bom e escutou com paciência. Perguntou ao padre Heffernan por que razão nos tinha privado da comunhão. “Por razões particulares. Sr. Bispo” - respondeu ele. O bispo retorquiu dizendo que nenhuma razão particular o autorizava a fazer tal coisa e que as nossas alunas não tinham de pagar o seu lugar na igreja. Recordou-lhe todo o bem que as religiosas faziam e a sua benéfica influência nas crianças da paróquia. Mostrá-

*mos ao bispo a carta do padre Heffeman enviada aos nossos superiores [provavelmente a carta enviada à M. St. Croix, em novembro de 1876]. Ele [o bispo] disse que, de acordo com essa carta, nós não tínhamos contraído qualquer dívida.*⁹⁶

A M. St. Benedict também estava presente e, no seu estilo franco e pormenorizado, enviou à Casa Mãe um relato desse encontro. Descrevia a resposta categórica do bispo quando lhe disseram que o padre lhes negara a comunhão: “Não, isso nunca, mas nunca deve ser feito. Nunca deve recusar a sagrada comunhão às religiosas, quando estas se apresentam à mesa da comunhão. A sagrada comunhão nunca pode ser recusada, exceto aos pecadores públicos”. Quanto à questão da dívida, a M. St. Benedict recordava que, embora o bispo tivesse reconhecido tudo o que o padre tinha feito para comprar e preparar o convento para as Irmãs, a sua carta para os superiores maiores indicava claramente que a comunidade não tinha contraído qualquer dívida. Além disso, o bispo acrescentava que a comunidade tinha estado a ensinar as crianças da paróquia durante sete anos e a dirigir o coro paroquial sem qualquer recompensa. A M. St. Benedict estava, obviamente, encantada com o bispo: “Numa palavra, minha madre, ele comportou-se como um verdadeiro avô. Nunca esquecerei o seu espírito de justiça, a sua bondade, a sua calma. Não o conhecíamos, até agora”.⁹⁷

Gailhac e a M. St. Félix escreveram ao bispo, a 12 de fevereiro, para lhe agradecer a sua bondade e proteção para com a comunidade de Sag Harbor.⁹⁸ Até mesmo o padre Joseph Eigenmann, amigo das RSCM em Portugal, tinha recebido boas notícias do provincial dos Padres do Espírito Santo em Pittsburg. O padre Eigenmann escreveu imediatamente à M. St. Félix, comunicando que o provincial tinha sabido, através de uma fonte credível, que o vigário geral de Brooklyn estava a desencadear um processo de auditoria aos escritos do padre Heffeman para se certificar se ele tinha alguma queixa. O bispo estivera recentemente em Sag Harbor e pensava-se que tudo iria resolver-se de forma amigável. O padre Eigenmann tinha dito à M. St. Félix: “Depois de ler esta carta do nosso provincial, há razões para acreditar que a paz será em breve restabelecida na vossa querida fundação na América, e que o longo martírio das vossas queridas filhas está finalmente a chegar ao seu termo”.⁹⁹

Contudo, o padre Heffernan recordava esse encontro com o bispo em 24 de janeiro de 1884, de forma muito diferente. No seu relatório para o Cardeal Simeoni, escreveu: “O bispo veio, fez uma averiguação e disse não ter encontrado a mínima razão de queixa ou censura. Eu não proferi qualquer palavra

agressiva para com as Irmãs, mas elas agiram mais como operárias do que como religiosas humildes, educadas e distintas. O bispo fez-me notar isso”.¹⁰⁰

No relato do referido encontro, constava o depoimento para o tribunal eclesiástico da diocese sobre o caso “Rev. J. J. Heffernan vs. Irmã Basil e outras”, no qual Heffernan acrescentava este aspecto significativo: “Nesta visita, o Bispo, durante a audiência, depois de examinar os Autos e na presença deste queixoso, disse à arguida [M. St. Basil] mais de duas vezes, para pagar a sobredita dívida, mas ela nunca obedeceu às suas ordens”.¹⁰¹

Estes relatos contraditórios explicam a razão pela qual o desacordo sobre a dívida não ficou resolvido em 24 de janeiro de 1884. Do ponto de vista da comunidade, o bispo tinha resolvido a questão a seu favor. Parecia, pois, que o padre Heffernan ou estava a desobedecer deliberadamente ao bispo, ou estava à espera de conseguir um resultado diferente que apoiasse as suas acusações contra as Irmãs. É curioso notar que o bispo de Brooklyn e o arcebispo de Nova Iorque demoraram até 1887 para esclarecer a verdade por completo. Contudo, o bispo Loughlin pôde finalmente dizer ao Cardeal Simeoni: “Agora, entrego a Vossa Eminência o relatório que as Irmãs apresentaram [13 de junho de 1885] e que me parece ser verdadeiro em todos os aspectos”.¹⁰²

O bispo designou um confessor extraordinário para a comunidade pois, ao que parece, o padre Heffernan tinha continuado a penalizar as religiosas recusando-lhes os sacramentos. Esta situação alterou-se em 12 de fevereiro de 1884 e a M. St. Basil escreveu à M. St. Félix dizendo: “Hoje, depois de quase quatro longas semanas de jejum, tivemos a alegria de receber a sagrada comunhão”.¹⁰³

John R. McKenna foi nomeado confessor extraordinário. Este padre era um dos conselheiros do bispo e pároco de St. Michael, em Flushing, Nova Iorque, uma cidade no condado de Queen, a cerca de cem milhas oeste de Sag Harbor. Era muito conhecido na comunidade paroquial, no extremo Este de Long Island, tendo sido pároco em St. Patrick, Southold, de 1868 a 1877. Também conhecia John J. Heffernan e, numa carta de apresentação em 1881, tinha-o descrito como “um padre muito estimado nesta diocese e um grande amigo meu”.¹⁰⁴ Talvez este relacionamento anterior com o padre Heffernan tivesse ajudado o padre McKenna a compreender como o pároco tinha mudado tão radicalmente a partir de janeiro de 1883, e como as religiosas precisavam de apoio pastoral de alguém que não fosse o padre Heffernan. A M. St. Basil ficou muito grata e escreveu à M. St. Félix: “Encorajou-nos muito este santo vieillard que nos falou como um pai”. O bispo tinha-lhe dito que, assim que o padre Heffernan voltasse ao que tinha sido no início, assumiria

todas as responsabilidades em relação às religiosas. Havia poucos sacerdotes e Sag Harbor ficava muito longe da cidade, o que dificultava as visitas assíduas dos padres. Mas, nessa altura, a M. St. Basil já tinha a imensa consolação da Eucaristia. “Quando recebemos a comunhão, ficamos tão felizes que é verdadeiramente uma nova vida para nós. Que Jesus nos conserve na sua santa graça e amor”.¹⁰⁵

Entretanto, aumentava a irritação do padre Heffernan contra a comunidade. A 5 de janeiro de 1885, escreveu uma carta destrutiva e extremamente longa a Gailhac e à M. St. Félix, condenando a comunidade das religiosas, em termos quase histéricos, por destruírem a sua paróquia. Nessa carta, visava especialmente a M. St. Basil, a M. St. Benedict, a M. St Augustine, a M. François e a M. Madeleine. Acusava-as de serem imprudentes, desrespeitadoras e de lhes faltar espírito cristão e de caridade. Mais grave ainda, dizia que elas estavam a semear a discórdia entre os padres e também entre o bispo e os padres. Esta última acusação trazia à mente do padre Heffernan uma horrível comparação que não podia deixar de fazer. Depois de uma referência errada e injusta ao envolvimento das Religiosas do Sagrado Coração de Maria no escandaloso comportamento do padre Robert O’Keeffe, de Callan, condado de Kilkenny, Irlanda, em relação ao seu bispo,¹⁰⁶ o padre Heffernan acrescentava: “Se não houve aqui a repetição dos escândalos de Kilkenny, foi devido ao bom senso e sólida capacidade de discernimento do meu bom bispo, que não deu atenção ou não acreditou nas tontas e ridículas queixas e acusações de jovens loucas”.¹⁰⁷

Não tendo recebido qualquer justificação dos superiores maiores, que finalmente tinham sérias dúvidas sobre ele, o padre Heffernan levou este caso ao púlpito. Convocou uma reunião geral das Filhas de Maria, associação que as religiosas dirigiam desde a sua chegada. Quando algumas das alunas protestaram, ele insistiu que tinham de escolher entre ele e as religiosas. À exceção de cinco, todas decidiram ficar com as religiosas. No seu relatório para o bispo Loughlin, a M. St. Basil dizia: “Até essa altura, as pessoas de fora do convento não sabiam quase nada dos nossos desentendimentos com o pároco, mas agora até os protestantes falam disso”.¹⁰⁸ Continuava dizendo que ele, publicamente, tinha tirado às religiosas a responsabilidade dos grupos de catequese, entregando-os a leigos adultos. Porém, houve tantas críticas sobre essa mudança que o padre teve de voltar a chamar as religiosas. A superiora acrescentava:

Durante as últimas três semanas, o convento foi tema das suas homilias, na igreja. Chamou-nos obstinadas, casmurras, etc... Falou do convento

como se este fosse lugar de encontro de pessoas de má reputação. Algumas pessoas abandonaram a igreja, desgostosas. Duas foram falar com o bispo. Desde então, deixou-nos em paz mas o tópico das suas homilias é quase sempre relacionado com dinheiro.¹⁰⁹

As acusações à comunidade deixaram de ser segredo, a partir do momento em que o pároco começou a falar delas na igreja; por essa razão, muitos dos paroquianos manifestaram o seu apreço pelas religiosas. Como é óbvio, a M. St. Basil mostrou-se grata pelo apoio, mas ao mesmo tempo sofria pelo “estado lastimável da pobre paróquia. Nenhuma homilia excluía o tema do dinheiro”. Mas, para fazer rir a M. St. Félix, contou-lhe uma história sobre uma das alunas internas:

Na missa de ontem, uma criança voltou-se para uma das Irmãs e perguntou: “Oh! Minha irmã, a homilia não é muito comprida? Já dura há uma hora e eu ainda não ouvi mais nada a não ser ‘os milhares de dólares, os milhares de dólares’...” O comentário da criança fez-nos rir mas os nossos corações estavam muito tristes, pensando nestes pobres católicos que têm um tal pastor.¹¹⁰

Em fevereiro de 1885, a comunidade percebeu que a M. St. Arsenius estava prestes a morrer. A superiora escreveu ao padre McKenna, pedindo-lhe para vir administrar os santos óleos à doente e ele veio de Flushing imediatamente. No dia seguinte, ela parecia recuperar as energias e, numa carta para a M. St. Félix, a superiora comentava assim a disposição interior da M. St. Arsenius: “Ela não podia sentir-se mais feliz, a não ser junto do bom Mestre no céu. Agradecia continuamente a Deus por a ter chamado à vida religiosa. Edificou-nos e encorajou-nos muito”. Depois, o padre McKenna atendeu-as em confissão e deixou-as com a certeza de que o bispo não as tinha esquecido e preparava-se para fazer algumas mudanças, mas ainda levaria o seu tempo.¹¹¹

Em meados de março, a M. St. Benedict escreveu para a Casa Mãe a contar a morte da M. St. Arsenius. Esta Irmã tinha ficado muito doente desde o inverno de 1882-1883, quando começaram os sofrimentos na comunidade. De fato, enquanto ela sofria fisicamente, os outros membros da comunidade debatiam-se com uma cruz diferente. A M. St. Benedict descrevia com grande detalhe a morte da M. St. Arsenius: entoava canções muito suaves como ninguém alguma vez tinha ouvido, dizia ter sido visitada por Maria e ter falado com ela: “Ah! Finalmente vieste, doce Mãe”. Perguntava às Irmãs que estavam à sua volta se também viram Maria e acrescentava: “Não é magnífico?!” Al-

gum tempo depois, a M. St. Arsenius dizia estar num local muito bonito e ouvir música. Depois entregou a sua alma a Deus. A M. St. Benedict acrescentava o que muitas Irmãs da comunidade deviam ter conversado antes: “Que consolação para nós, madre, ter uma morte assim na nossa pequena comunidade, especialmente neste tempo de sofrimento!”¹¹²

A comunidade pediu ao padre McKenna para presidir ao funeral da M. St. Arsenius e ele aceitou. Este velho padre, muito respeitado na diocese, tinha recebido uma carta do pároco com quem costumava ficar quando visitava a comunidade de Sag Harbor, que lhe dizia que já não era bem-vindo à reitoria; por conseguinte, o padre McKenna ficou no hotel com o Sr. Dallon. Embora o padre McKenna tentasse explicar ao padre Heffernan que não pretendia ocupar o seu lugar de pároco, mas iria simplesmente tomar parte nos rituais se ele quisesse presidir, o padre Heffernan recusou-se a estar presente no funeral e questionou mesmo o direito das religiosas de sepultarem a M. St. Arsenius numa parte do terreno do convento, destinado a cemitério, apesar de ter sido esse o desejo expressamente manifestado pelo bispo.¹¹³

O ressentimento do padre Heffernan em relação ao padre McKenna tinha aumentado desde que este foi nomeado confessor extraordinário, no início de 1884. Como a comunidade começou a ficar dependente dele para a administração de outros sacramentos, nomeadamente a Primeira Comunhão das alunas internas, o pároco deve ter começado a perceber que o seu poder sobre as religiosas, poder exercido através do controle da administração dos sacramentos, estava a ficar comprometido. Isto parece ter ficado claro para ele quando o padre McKenna foi a Sag Harbor, em fevereiro de 1885, para administrar os santos óleos. O padre Heffernan escreveu ao pároco de St. Charles Borromeo, Brooklyn, padre Thomas F. Ward, que ele identificava como seu diretor espiritual e cuja reação reforçou o sentido de indignação do padre Heffernan:

Ele [padre McKenna] não tinha o direito de entrar na sua paróquia. Ele é confessor extraordinário, não é verdade? Administrar os sacramentos é privilégio seu. Isto é uma violação da disciplina eclesiástica e subversão da autoridade... Sinceramente, eu não agiria como o padre McKenna: ainda que aquela Irmã estivesse para morrer sem os sacramentos, eu nunca passaria por cima de si, desempenhando funções que são claramente da sua jurisdição, alimentando assim a revolta nessas mulheres. ...É uma afronta!”¹¹⁴

Quando o padre McKenna voltou para presidir ao funeral da M. St. Arsenius, o padre Heffernan consultou novamente o seu diretor espiritual, confiante na resposta que iria receber. E não ficou decepcionado:

*Quando li a sua carta, exclamei espontaneamente: "Que Deus lhe dê paciência". Semelhante interferência! Nunca tinha ouvido tal coisa! Pode ser que a superiora de um convento tenha autonomia para convidar quem desejar, mas o procedimento dela, neste caso, não é mais do que um insulto ao seu ministério e a atitude do padre McKenna é verdadeiramente reprovável.*¹¹⁵

A presença ocasional do padre McKenna em Sag Harbor, no ano anterior, não tinha passado despercebida na paróquia e o padre Heffernan acusou a M. St. Basil de "semear discórdia" entre ele e o padre McKenna. Além disso, na sua acusação contra a superiora e outros membros da comunidade, ele declarava:

Este queixoso tem razões para acreditar, e acredita, que o arguido e estas Irmãs anunciam ou provocam o anúncio [da presença do padre McKenna em Sag Harbor] fomentando assim divisões, desunião e indisciplina. Estes fatos têm sido comentados pelas pessoas na fábrica,¹¹⁶ por protestantes nos seus armazéns e pelas crianças da catequese na igreja: até este queixo-so ouviu ameaças de ataque ao dito padre McKenna.¹¹⁷

Não há dúvida que a paróquia estava a ser dividida em duas facções, mas o pároco atribuíra todas as culpas deste fato à M. St. Basil, a outras Irmãs e ao padre McKenna, cuja presença via como uma usurpação da sua autoridade. Dava a impressão de que ele não era capaz de reconhecer a sua própria responsabilidade pelas escandalosas ofensas à comunidade paroquial.

Os superiores maiores apelam a Roma em defesa da comunidade de Sag Harbor

Não surpreende que os superiores maiores tivessem dificuldade em ir pessoalmente a Sag Harbor para apoiar a comunidade nesta terrível provação. Há, sem dúvida, testemunhos de que Gailhac terá falado muitas vezes em visitar as suas filhas na América, como se isso fosse fisicamente possível; a própria M. St. Félix era dessa opinião. As viagens para Roma, Portugal, Inglaterra e Ir-

landa tinham-se tornado demasiado penosas para Gailhac, com os seus oitenta e tantos anos: atravessar o Atlântico teria sido demasiado para ele. Talvez por isso a M. St. Félix não acolheu os pedidos urgentes da comunidade de Sag Harbor para as ajudar a lidar diretamente com o padre Heffernan. Ela não podia acompanhar o Fundador em semelhante viagem, mas também não o podia deixar sozinho. Só em 1892, dois anos após a morte de Gailhac, é que a M. St. Félix e a M. St. Eugène iriam visitar a América pela primeira vez.

É difícil compreender a razão porque os superiores maiores não recorreram mais cedo às pessoas de contato em Roma, pedindo-lhes para intervir. A partir de 22 de março de 1884, a M. St. Basil perguntou se não haveria nada que o Cardeal Protetor pudesse fazer, caso a situação se prolongasse muito mais. Ela começava a temer que, sem ajuda exterior, o problema não tivesse solução. Em outubro do mesmo ano, escreveu à M. St. Félix dizendo que um velho padre [provavelmente o padre McKenna] lhe dissera que o caso tinha de ser remetido para o Cardeal Protetor, e acrescentava que o Sr. Dallon também concordava. Ao que parece, em maio de 1885, os superiores maiores ainda não tinham contactado diretamente com o Cardeal Hohenlohe, pelo que a M. St. Basil escreveu de novo ao Sr. Dallon pedindo-lhe que, com urgência, informasse o Cardeal acerca da situação em Sag Harbor.¹¹⁸

Não se sabe ao certo quando é que os superiores maiores escreveram, pela primeira vez, ao Cardeal Protetor sobre a crise em Sag Harbor. O representante do Instituto em Roma, Monsenhor Auge, estava nessa altura ocupado em contatos com Béziers sobre possíveis residências em Roma e eventuais postulantes que viessem a surgir em Itália.¹¹⁹ Parece que o Cardeal Hohenlohe tinha estado fora de Roma durante os meses de inverno de 1884, por razões de saúde e familiares. Monsenhor Auge escrevia: “O nosso cardeal está sempre na Alemanha. Diz-se que o Santo Padre prorrogou a sua autorização para lá ficar”. Parece também que, por essa altura, terão dado ao cardeal um novo título de Camerlengo da Santa Igreja e terá resignado da Sé de Albano. Portanto, embora se diga que Monsenhor Auge remeteu as cartas da M. St. Félix para o cardeal, na Alemanha, o conteúdo destas é desconhecido e não há registo da resposta do cardeal, se é que houve resposta.¹²⁰ O cardeal deve ter regressado a Roma na Páscoa de 1884 e Monsenhor Auge ter-se-á encontrado com ele para tratar dos assuntos do Instituto e ficou convicto de que o cardeal desejava continuar como Cardeal Protetor: todavia não se sabe bem que ações concretas terá desenvolvido a favor da comunidade de Sag Harbor.¹²¹

Talvez os superiores maiores ainda tivessem esperança de que o Bispo Loughlin, ordinário do lugar, resolvesse o conflito. Nesse caso, eles não en-

tenderam qual a indecisão ou obstáculos legais que terão impedido a ação do bispo. Embora este desse a sensação de que apoiava a posição das religiosas, respondia sempre: “Isto ainda leva tempo”. Desde outubro de 1884, a superiora afirmava que o Sr. Dallon estava “desapontado com a morosidade do bispo”, pois tinha-se encontrado com ele muitas vezes sem nunca terem conseguido chegar a uma solução.¹²²

Visto que a Igreja na América era ainda considerada terra de missão, a M. St. Félix acabou por escrever para a Propaganda Fide em Roma, a 2 de agosto de 1885. Monsenhor Auge parece ter advertido que essa seria a melhor estratégia. A M. St. Félix referia-se sucintamente aos cruéis sofrimentos que a comunidade de Sag Harbor experimentava e pedia ao Bispo Jacobini, secretário da Propaganda Fide, para as ajudar a pôr fim à provação, logo que possível.¹²³ Deu seguimento à ação, escrevendo ao prefeito Cardeal Simeoni, nove dias depois. A carta era semelhante à que enviou ao Bispo Jacobini: “As minhas queridas filhas estão a viver um sofrimento terrível a que V. Eminência poderia pôr fim. Pedimos-lhe que faça alguma coisa”.¹²⁴

Convicto de que o ordinário do lugar era a única pessoa que podia remediar a situação, o Cardeal Simeoni escreveu ao Bispo Loughlin, a 3 de setembro de 1885, a comunicar que a superiora geral tinha recorrido a ele, dizendo que uma superiora local tinha sido enviada para a Europa e que o padre Heffernan não aceitou essa decisão e começou a perseguir as Irmãs. O cardeal pedia ao Bispo Loughlin para examinar o caso e dar-lhe solução, restituindo assim às Irmãs a paz e a tranquilidade.¹²⁵

Não houve resposta escrita do bispo de Brooklyn; todavia, ele terá ido a Sag Harbor investigar a situação, como lhe fora solicitado pelo Cardeal Simeoni. A M. St. Basil enviou duas cartas à M. St. Félix, descrevendo detalhadamente esta visita importante. De acordo com o seu relato, na tarde de 8 de outubro de 1885, o bispo chegou com o Sr. Dallon, o advogado e um padre que serviria de estenógrafo. O padre Heffernan chegou ao convento na sua viatura e convidou o bispo a pernoitar na reitoria mas, para seu grande desapontamento, o bispo disse que tencionava ficar no hotel. Depois do jantar, o bispo, o Sr. Dallon, o advogado e um homem daquela região, regressaram ao convento e descansaram até às nove horas. A M. St. Basil achou que isto augurava algo de bom. A reunião começou às nove horas da manhã seguinte, com o *Veni Sancte* e a leitura da carta do Cardeal Simeoni ao bispo, em que lhe pedia para investigar as graves acusações contra o pároco. A M. St. Basil refere que “durante esse tempo, a expressão de rosto do padre Heffernan era terrível”. O bispo prometeu elaborar um relatório com o resultado das investigações, para enviar

ao Cardeal Simeoni.¹²⁶ Como é evidente, o bispo tinha uma lista das queixas, preparada pelas Irmãs, e que ele tencionava seguir ponto por ponto. Tratava-se provavelmente da *Rédaction de nos Relations avec Rev. Père Heffernan depuis l'année 1877*. Não estava assinada mas terá sido escrita pela M. St. Basil, com a data de 13 de junho de 1885. Inicialmente escrita em francês, foi mais tarde traduzida para inglês.

O Padre Heffernan pediu que lhe concedessem mais vinte dias para que pudesse preparar as respostas às acusações, mas o bispo disse-lhe que ele tinha de responder ali, e naquele momento, pois não podia voltar a Sag Harbor. O padre Heffernan insistia que sempre tinha ajudado e apoiado a M. St. Basil e que o bispo é que o tinha forçado a escrever pedindo a demissão dela. O bispo respondeu dizendo que não se lembrava absolutamente de nada disso.

Entretanto, um grupo de paroquianos tinha-se reunido discretamente numa sala ao lado. Sempre que o padre Heffernan negava uma das acusações ou acusava as Irmãs, a M. St. Basil contestava a declaração e, por vezes, pedia mesmo que trouxessem uma das testemunhas. Então a testemunha era interrogada pelo bispo, pela M. St. Basil e pelo pároco. A dada altura do processo, o bispo dirigiu-se à sala onde os paroquianos o aguardavam para se queixarem do padre Heffernan. Escutou-os pacientemente, mas o padre estava furioso. Todo o processo decorreu com muita ordem. De tarde, o padre Heffernan pediu para apresentar a sua testemunha, padre Ward, que confirmou todo o bem que ele tinha feito desde que chegou à paróquia. O bispo referiu-se, então, à reivindicação do pároco que, por um lado dizia que as religiosas lhe deviam \$9.000 mas, por outro, dizia que ficaria contente com \$5.000. O padre Ward interrompeu dizendo que tinha a certeza que o padre Heffernan aceitaria \$4.000 e disse à superiora: “Vamos lá, madre, diga que aceita: Deus a abençoará e os seus bons amigos virão em seu auxílio e pagarão esse montante!” A M. St. Basil respondeu de imediato que não podia fazer nada sem consultar os superiores maiores. O bispo apoiou-a. Mais tarde, o Sr. Dallon preveniu-a com um bom conselho: “Se a Madre fosse culpada, eu seria o primeiro a aconselhar um acordo, mas não o sendo [e oferecendo-se para pagar qualquer quantia], dará a entender que admite culpabilidade”. A M. St. Basil concordou.¹²⁷

A comunidade considerou muito positivo o encontro com o bispo e a M. St. Basil enviou boas notícias à superiora geral:

Numa palavra, minha boa madre, o bispo parecia estar todo por nós e espero que, em breve, os nossos assuntos estejam resolvidos, pois houve dois pontos em que ele insistiu mais - saber se o padre Heffernan anunciou do

*púlpito que o convento não tinha qualquer dívida, e se tinha denunciado as religiosas na igreja. Como estes dois aspectos foram corroborados por testemunhas, ele pareceu satisfeito.*¹²⁸

Infelizmente, porém, o bispo não enviou um relatório escrito à Propaganda Fide e, ironicamente, o único apontamento que o Cardeal Simeoni recebeu deste encontro com o bispo foi um relatório histérico do padre Heffernan. reclamando:

*O “servo” delas [as religiosas] notificou todos os descontentes, os de baixo nível e de má reputação da paróquia, para se apresentarem no convento, a 9 de outubro, para um encontro com o bispo. As Irmãs permitiram a entrada da multidão. O requerente [Heffernan] foi chamado de imediato para ouvir as acusações. Nada ficou provado e o bispo mandou-os embora sem uma palavra de censura ou crítica ao vosso humilde requerente. Isto foi um escândalo tanto para protestantes como para católicos.*¹²⁹

O cardeal escreveu de novo ao bispo de Brooklyn, em 16 de dezembro de 1885. Curiosamente, a sua carta não fazia referência ao fato de ter recebido o longo relatório do padre Heffernan, com uma série de onze documentos que apoiavam as suas afirmações. Na carta dirigida ao Bispo Loughlin, o Cardeal Simeoni referia apenas que já lhe tinha escrito e não recebera resposta. Uma vez mais o cardeal acrescentava categoricamente: “Pedimos-lhe que investigue o caso e lhe dê solução, para que a paz e a tranquilidade sejam devolvidas às Irmãs”. Não houve nenhuma resposta do bispo.¹³⁰

No início de dezembro de 1885, a M. St. Basil estava muito desanimada. Numa carta para a M. St. Félix, reconhecia que a sua coragem e paciência estavam praticamente esgotadas. Apesar de tudo, ainda conseguia dizer que Deus tinha permitido aquele sofrimento e rezava para que se fizesse a Sua vontade. O que parecia ainda mais espantoso era que, depois de tudo o que o bispo tinha visto e ouvido, continuasse a deixar este padre em Sag Harbor. Na verdade, não sabia o que pensar! Aproximava-se a festa da Imaculada Conceição; contudo, nem mesmo as estudantes poderiam receber a Sagrada Comunhão. Estavam privadas de Missa, exceto aos domingos. Duas das Irmãs estavam muito doentes. Uma Irmã coadjutora irlandesa, Mechtilde Walsh, estava no hospital desde abril; a Irmã francesa, Honorine Julien, ultimamente também tinha crises. A M. St. Basil, preocupada com o que poderia acontecer se uma Irmã doente piorasse repentinamente, procurou um padre, mas não conseguiu encontrar nenhum. Tinha esperança que o Mestre tivesse piedade da comuni-

dade, nesta penosa situação. Na sua carta para a M. St. Félix. a M. St. Basil acrescentava: “Quanto a mim, minha boa madre, já quase não tenho coragem para permanecer aqui, se as coisas continuarem como estão”.¹³¹

A M. St. Félix escreveu imediatamente a Monsenhor Auge, porque tanto a superiora local de Sag Harbor como os superiores maiores, entendiam que a sua esperança estava, nesse momento, numa ajuda vinda de Roma. A superiora geral sentia o “coração partido” ao perceber que, depois de anos a lutar, as religiosas de Sag Harbor estavam tão desanimadas. Além disso, as alunas do convento eram então obrigadas a partilhar as mesmas privações espirituais de que sofria a comunidade. Sentindo-se incapaz de ajudar, a M. St. Félix recorreu novamente ao Cardeal Hohenlohe, por intermédio de Monsenhor Auge a quem dirigiu o seguinte pedido: “Bom padre, se tiver oportunidade de se encontrar com Sua Eminência o nosso venerável Cardeal Protetor, poderá fazer o favor de partilhar com ele tudo o que está a acontecer.”¹³²

Não sabemos se o Cardeal Protetor respondeu, mas, a 19 de fevereiro de 1886, o Cardeal Simeoni escreveu novamente. Nessa carta, lembrava ao bispo de Brooklyn que já lhe tinha escrito duas vezes, sem receber qualquer resposta. De forma concisa, o Cardeal acrescentava: “O padre Heffernan continua a incomodar as Irmãs. Peça insistentemente que resolva esta situação e peça também uma resposta”.¹³³ Mais uma vez, não houve qualquer resposta.

A intensidade dos últimos meses

Depois das férias de Natal, começou um novo ataque à comunidade de Sag Harbor. Algumas paroquianas, obviamente instigadas pelo pároco, começaram a escrever a Gailhac cartas muito longas e injuriosas acerca das Religiosas do Sagrado Coração de Maria de Sag Harbor. O conteúdo da carta de Júlia Malone, por exemplo, punha em estreito paralelo as principais ofensas citadas pelo padre Heffernan no seu diferendo com as Irmãs (21 de dezembro de 1885) e a carta ao Cardeal Simeoni (15 de outubro de 1885). Dizia estar a escrever com o conhecimento e a conselho do seu diretor espiritual, pedindo a Gailhac que pusesse um fim a “estas perversas, escandalosas divisões e comportamentos anti-religiosos das Irmãs, para grande desedificação de católicos e também de protestantes, sendo a principal causa do escândalo a sua extraordinária desobediência, desrespeito e insubordinação para com o seu bom, amável e zeloso pastor, padre Heffernan”. Parece-nos que o Fundador teria rejeitado essas acusações em relação às suas filhas, se não o assustasse a ameaça com

que a carta terminava. Julia Malone terminava insistindo com Gailhac para que fizesse alguma coisa sobre o assunto, urgentemente, “antes que o convento seja incendiado ou destruído pelo bom povo que está desgostoso com estas Irmãs”.¹³⁴

Gailhac enviou imediatamente a carta ao bispo para que ele tomasse conhecimento das proporções do problema em Sag Harbor e das horríveis calúnias que se espalhavam contra as religiosas. Com grande constrangimento, mas com a coragem de pai, pedia ao Bispo Loughlin que lhe perdoasse por lhe causar mais preocupações e acrescentava: “Deus terá em conta tudo o que fizer por estas inocentes oprimidas”.¹³⁵ Entretanto Gailhac recebeu uma carta, semelhante à de Júlia Malone, escrita e enviada a 24 de janeiro, por quatro mulheres que se apresentavam como representantes da ala feminina da paróquia. Diziam que estavam prestes a escrever para Roma, expondo a conduta das religiosas perante o Sagrado Colégio dos Cardeais.¹³⁶

Entretanto, uma das jovens Irmãs da comunidade. Ir. Mechtilde, adoecera gravemente. Tinha chegado há algum tempo a Sag Harbor, em abril de 1885. Pouco se sabe acerca do seu ministério na comunidade ou como é que ela reagiu à perseguição de que as Irmãs eram alvo.¹³⁷ Sobre ela, apenas se sabe que, tal como no caso da M. St. Arsenius, a aceitação do sofrimento físico e da morte foi um encorajamento para os membros da comunidade, que sofriam provações diferentes.

Quase no fim de fevereiro, o padre McKenna foi a Sag Harbor ministrar os sacramentos à comunidade e levar o viático à Ir. Mechtilde. Depois da morte da jovem Irmã, a M. St. Basil escreveu à superiora geral dizendo: “As suas últimas horas, bem como todo o tempo da sua doença, foram passados num completo abandono nas mãos de Deus”. Contava que a Ir. Mechtilde olhara pela última vez para as fotografias de Gailhac e da M. St. Félix e depois para a comunidade, e prometeu pedir por todos. Todas sabiam como ela desejava fazer os votos perpétuos, portanto a comunidade preparou uma pequena cerimônia. Enquanto a Irmã, com voz bem firme, renovava os votos, as outras Irmãs reunidas à sua volta, testemunhavam com a sua presença solene a sua intenção de fazer os seus votos para sempre. A superiora ficou emocionada pelo fato de esta Irmã ter falecido a 4 de março, às 18:10, no mesmo dia e hora que a fundadora, M. St Jean Cure, dezessete anos antes. A M. St. Basil pensou na multidão de testemunhas, bons amigos e religiosas já falecidos, que tinham tanto amor à comunidade que, mesmo agora, a protegeriam do alto dos céus. Apesar do protesto do pároco, quando o padre McKenna presidiu ao funeral da M. St. Arsenius, este viajou até Sag Harbor logo que recebeu a notícia da morte

da Ir. Mechtilde. Após o funeral, ele e a comunidade sepultaram-na no pequeno cemitério situado por trás do convento. A M. St. Basil ficou muito grata pela sua presença. Numa carta para a M. St. Félix, a M. St. Basil escreveu: “Este bom padre mostra-nos como nos é tão dedicado e inspirado por Deus para nos ajudar nas nossas provações”.¹³⁸

Começavam a circular boas notícias pela pequena povoação de Sag Harbor. Gailhac, numa carta às religiosas, dizia que a morte santa da M. St. Arsenius tinha afetado de tal maneira o Dr. Sterling, médico que a seguiu, que este começou a procurar a verdade que não conseguia encontrar no protestantismo. Enquanto seguia a Ir. Mechtilde na sua doença, o médico foi tocado profundamente pela sua calma, paciência e submissão à vontade de Deus. No momento da morte, o rosto da Irmã irradiava uma paz celestial, de tal modo que o médico, movido pela graça, exclamou: “E assim que eu desejo viver e morrer”. Pouco tempo depois de ter sido nomeado um novo pároco, o Dr. Sterling, a sua mulher e os sete filhos prepararam-se para entrar na igreja católica.¹³⁹ A Sr.a Dallon também tinha boas notícias. Sabia de fonte segura que o novo padre já estava nomeado.¹⁴⁰

No dia 2 de abril de 1886, o padre Keegan, vigário geral, veio confessar a comunidade e celebrar a Missa. Mais tarde, a M. St. Basil escreveu à M. St. Félix descrevendo essa visita: antes de sair, o vigário geral pediu para falar com a superiora. Como representante do bispo, informou que o padre Heffernan já não podia continuar efetivo na paróquia de St. Andrew, mas eles [o bispo e o padre Keegan] pediam que ela também fosse transferida. Sendo isso uma das coisas que o padre Heffernan sempre tinha pedido, dar-lhe-ia muita satisfação. A M. St. Basil referia que ficou chocada. No entanto, segundo escreve, respondeu imediatamente que estava nas mãos dos seus superiores religiosos e pronta a obedecer-lhes em tudo. E acrescentava: “Parece-me incompreensível que as religiosas tenham de sofrer por causa do que o padre Heffernan tem na cabeça”.¹⁴¹

O vigário geral pediu à M. St. Basil para guardar aquele assunto só para si, mas ela escreveu imediatamente à superiora geral contando-lhe a conversa e dizendo que o padre Keegan ia falar com o bispo sobre o assunto e este comunicaria com ela.¹⁴² Ficou tão perturbada - escrevia - que falou também com a M. St. Benedict sobre esse encontro com o padre Keegan. A M. St. Benedict, que tinha uma opinião esclarecida sobre o assunto, escreveu à M. St. Félix dizendo que, se a M. St. Basil fosse obrigada a sair, isso poderia parecer que os seus acusadores tinham razão. Sair agora - dizia a M. St. Benedict - pareceria admitir culpabilidade. Além disso - afirmava - o padre Heffernan sabia bem

que o pior castigo que podia dar à comunidade seria tirar a superiora, que todas estimavam tanto.¹⁴³

Por sua iniciativa, o Sr. e a Sr.a Dallon foram falar com o bispo no dia 4 de abril. O bispo disse-lhes que o padre Heffernan se tinha demitido da paróquia. Contudo, o destino da M. St. Basil ainda não era claro. O bispo começou a repetir algumas perguntas já habituais: porque é que os superiores maiores voltaram a enviar a M. St. Basil para Sag Harbor, sem o terem consultado? Era verdade que a escola tinha sido prejudicada devido à má administração? O Sr. Dallon defendeu habilmente as religiosas. Ele até sabia que elas tinham ensinado quarenta e cinco alunas, no convento, o que lhe parecia um número significativamente elevado, considerando que tinha colocado alunas internas e externas em paralelo!¹⁴⁴

Depois da entrevista com o bispo, a Sr.a Dallon não duvidava de que tinha sido o padre Heffernan a sugerir-lhe o afastamento da superiora. A M. St. Basil não ficou nada surpreendida com essa descoberta. Ao escrever à M. St. Félix, confessava que o importante para ela era a certeza de que “nada acontece a não ser pela vontade do nosso divino esposo; sendo assim, tenho a firme convicção de que não tenho outra vontade a não ser a de Deus”.¹⁴⁵

Em abril de 1886, a M. St. Basil soube pela M. St. Félix que o Instituto estava com extremas dificuldades financeiras. Com muita tristeza, tinha consciência de que a comunidade de Sag Harbor não estava em situação de poder ajudar. Tudo o que tinham na altura eram \$700. Como o padre Heffernan ainda não tinha desistido da sua ação legal contra a comunidade, precisavam de dinheiro para cobrir as despesas inerentes. A M. St. Basil teve uma atitude muito compreensiva, dizendo à M. St. Félix que a comunidade tinha enviado recentemente \$100 e, logo que possível, enviariam tudo o que pudessem.¹⁴⁶

Poucos dias depois de se ter demitido da paróquia, o padre Heffernan foi ter com o bispo e pediu-lhe que lhe devolvesse a sua carta de demissão. Tinha-lhe constado que o vigário geral afirmara que ele ia ser despromovido. “Não me sujeitarei a tal humilhação para contentar uma mulher”, acrescentava amargamente. Embora o padre McKenna tivesse garantido à comunidade que o assunto estava finalmente a esclarecer-se, o padre Heffernan apareceu, então, com um esquema habitual. Dizia ao bispo que estava na disposição de acalmar mas só mediante um acordo financeiro da parte das religiosas. Uma vez que o convento valia agora \$25.000, as religiosas teriam de lhe pagar \$9.000.¹⁴⁷

O bispo deve ter ficado encantado com aquela solução, pois andava sempre a tentar descobrir uma estratégia adequada que o ajudasse a lidar com aquele padre incômodo. O convento que as religiosas tinham agora era, sem

dúvida, melhor do que o segundo andar da velha igreja que tinham recebido em 1876. Apresentassem as Irmãs os \$9.000 e o padre Heffernan poderia deixar Sag Harbor de cabeça levantada e bolsos recheados. Além disso, se ele tivesse de se ir embora, a superiora poderia também ser transferida. E isto também daria ao pároco grande satisfação.

Não podemos responsabilizar aquele velho bispo por procurar a paz a qualquer preço. Mas a M. St. Basil não participaria no que lhe deve ter parecido soluções injustas de pacificação. Os superiores maiores concordaram com ela. Como Gailhac tinha dito, "inocentes oprimidos" não são dispensáveis, mesmo que ao preço de uma falsa paz. A M. St. Basil confessava que preferia seguir Cristo e sofrer perseguição por amor da justiça.

A 3 de maio de 1886, a M. St. Basil escreveu a Gailhac: "E ao nosso venerando, querido e Reverendo Pai, que devo dar a boa notícia: a mudança do pároco de Sag Harbor". Era verdade, dizia ela a Gailhac, informando-o de que o vigário geral tinha ido à paróquia no sábado para tratar de todos os procedimentos. Tinha celebrado todas as Missas no domingo, anunciando a todos os paroquianos a mudança do pároco. Depois tinha ido jantar ao convento e assinalado o acontecimento de forma especial, "batizando" o novo sino do convento com o nome de S. João Evangelista!¹⁴⁸ A M. St. Basil concluía a carta dizendo a Gailhac: "Regozijamo-nos de todo o coração, mas ainda sentimos muita, muita tristeza, por termos visto um padre a agir da forma que vimos".¹⁴⁹

É evidente que nem todas as pessoas da paróquia estavam felizes com a partida do padre Heffernan. The Sag Harbor Corrector publicou um manifesto de pesar pela demissão do pároco. O manifesto assinado por cinco homens, dizia assim: "Apreciamos a grandiosa obra levada a cabo pelo nosso pastor, com a construção da igreja, residência paroquial, escolas e auditório, das quais não há sequer um cêntimo de dívida". O manifesto das mulheres, assinado por dez entre as quais algumas das que tinham escrito a Gailhac, era mais apaixonado. Dizia assim: Com toda a veemência, as senhoras louvam o seu pastor e censuram e repudiam toda a participação na conduta cruel, [ingrata] e anticristã daqueles poucos rebeldes que recentemente provocaram esta demissão.¹⁵⁰

Sag Harbor de novo em relativa paz

"Não podem imaginar a paz que temos vivido, esta semana. É verdadeiramente uma ressurreição para a pobre paróquia de Sag Harbor e. acima de tudo, para a

família do Sagrado Coração de Maria, nossa boa Mãe... As nossas alunas estão a evoluir muito bem, a florescer como rosas! Dão-nos muita consolação”. Há muito tempo que a superiora geral não ouvia a M. St. Basil descrever a situação da comunidade de Sag Harbor de forma tão positiva. O vigário geral visitou de novo o convento e não fez qualquer referência relativamente à mudança de superiora. Tinha vindo a Sag Harbor para batizar o médico da povoação, Dr. George Sterling, e sua mulher, na capela do convento.¹⁵¹

O padre Heffeman permanecia na povoação, embora sem qualquer autoridade oficial, até que chegasse o novo pároco, padre Michael J. Dennison. Saiu a 9 de maio, levando consigo tudo o que pertencia à reitoria, exceto as quatro paredes e duas ou três cadeiras. Retirou as caixas das ofertas na igreja, a lâmpada do sacrário, as toalhas do altar, e até os panos de linho bordado do interior do sacrário. O novo pároco teve de pedir às religiosas que preparassem um pequeno altar para poder celebrar as Missas de domingo, no dia seguinte. Teve de dormir no hotel. Apesar da aparente perturbação, a superiora estava em paz: o novo pároco deu a todas a comunhão e falou muito bem sobre a misericórdia de Deus. No dia seguinte, foi falar com o bispo para o pôr ao corrente da situação. O bispo insistiu com o padre Heffernan para que restituísse todo o mobiliário e ofertas dos paroquianos, não feitas a ele, mas à paróquia e seu pároco.¹⁵²

O padre McKenna visitou o convento, onde permaneceu durante uma semana e celebrou Missa na capelinha, todas as manhãs. Comunicou à comunidade que ele e o vigário geral iam fazer uma viagem pela Europa e programou visitar a comunidade RSCM de Lisburn, enquanto estivessem no norte da Irlanda.¹⁵³ Certamente as religiosas da comunidade de Lisburn iriam ficar muito gratas por ficarem a saber que o sofrimento em Sag Harbor parecia aproximar-se do fim.

No dia 20 de junho, o novo pároco presidiu à Primeira Comunhão na paróquia e o bispo veio para presidir à Confirmação, na terça-feira seguinte. A M. St. Basil descrevia o dia 24 de junho como um dia maravilhoso. Começou com a Missa celebrada na capela do convento pelo bispo, que a todos distribuiu a comunhão. Almoçou no convento antes de ir à igreja paroquial, para a cerimônia da Confirmação. Voltou finalmente ao convento para presidir, pela primeira vez, à entrega de prêmios, ritual que não se perdeu na comunidade, grata por este novo relacionamento com o bispo.¹⁵⁴ O Bispo foi atencioso e simpático com as alunas, lembrando-lhes como deviam apreciar o fato de estudarem numa casa religiosa. Só mesmo à saída, e em privado, avisou a M. St. Basil de que o padre Heffernan ainda poderia vir a causar-lhe alguma preo-

cupação relativamente à propriedade.¹⁵⁵

Como era habitual nas escolas RSCM, o dia da entrega de prêmios assinalava o fim do ano letivo. A superiora contou à M. St. Félix que, durante os dois dias anteriores, tinha havido tantas pessoas a entrar e a sair que as religiosas mal tinham tempo para deixar a sala a fim de tratarem de assuntos pessoais! Depois refletiu: “Oh Madre, quantas vezes desejei, do fundo do coração, que outra pessoa estivesse no meu lugar para que eu pudesse pensar só em Deus”.¹⁵⁶

Terminado o ano letivo, começaram a fazer-se os planos de verão para alguns membros da comunidade. Efetivamente, a M. St. Félix queria que quatro religiosas regressassem à Casa Mãe, por um período de tempo, para se prepararem para os votos e também para descansar. A M. St. Basil, respeitosamente, sugeriu uma alteração de planos. Uma vez que a M. St. Benedict não tinha podido tocar órgão durante algum tempo, a única organista na paróquia era a M. François. Se esta fosse enviada à Casa Mãe como estava planejado, não haveria órgão nem cânticos na igreja, precisamente numa altura em que tanto o bispo como o novo pároco o desejavam. Seria possível - perguntava a M. St. Basil - que a M. François e a M. Madeleine renovassem os votos por mais um ano e fossem para Béziers durante o verão de 1887, para fazerem a profissão perpétua? A M. St. Augustine e a Sr. Faustine poderiam ir para França, nesse ano, como planejado. A superiora acrescentava um post-scriptum interessante: Outra razão para não enviar as quatro religiosas ao mesmo tempo numa viagem transatlântica, é que os nossos amigos e mesmo o bispo têm feito reparos acerca do custo destas viagens. Isto também poderia desencorajar os nossos amigos de darem a sua ajuda financeira de vez em quando.¹⁵⁷

A M. St. Basil depressa sentiu a necessidade de ter mais tempo para a oração. O bispo, conhecendo o sofrimento que a comunidade tinha suportado durante o ano anterior, animou as Irmãs a fazerem um retiro, em julho, e sugeriu um padre Lazarista para o orientar. Todas mostraram ficar contentes, embora a M. St. Basil lamentasse o fato de o padre se preparar para falar apenas em inglês, o que não era fácil para as Irmãs francesas. A M. St. Benedict descrevia o retiro detalhadamente. O padre encorajou muito a comunidade. Tendo sabido, pelo bispo, dos sofrimentos que as religiosas tinham suportado, lembrou-lhes o que elas já sabiam e tinham confirmado - que as cruces e provações são sinais do amor de Deus; e depois de experimentadas, Deus tomaria a comunidade mais conhecida. Parecia encantado com a Regra e espírito do Instituto e também com a fidelidade da comunidade a todas as práticas do retiro. Lamentava que não houvesse um noviciado RSCM na América, mas previa que um dia

teriam uma casa cheia de postulantes. Antes de deixar o convento, prometeu fazer tudo o que pudesse para tornar a comunidade mais conhecida.¹⁵⁸

Ao dizer à M. St. Félix que a comunidade estava feliz por ela ter escrito ao novo pároco, a M. St. Benedict fazia uma apreciação muito positiva do padre Dennison, que parecia estar a fazer uma reparação pública por tudo o que o pároco anterior tinha feito à comunidade. A M. St. Benedict dizia que o padre Dennison era um “jovem” - trinta e cinco anos - mas Deus parecia tê-lo dotado de grande zelo e bom senso. Além disso, aos domingos, em vez de discursos fazia boas homilias. De modo geral, gostam dele; até os protestantes o respeitam. “Nas nossas orações, pedimos um padre que fosse segundo o Coração de Deus, e o céu no-lo enviou”.¹⁵⁹

A certa altura do mês de junho de 1886, a M. St. Basil começou a receber cartas do padre que tinha substituído o padre Heffernan quando este esteve na Europa em 1881. Esse padre, John F. Baxter, tinha sido recentemente nomeado pároco da Igreja de Saint Joseph em Babylon, uma povoação que fica a meio caminho entre Sag Harbor e Brooklyn. Parece que o bispo o tinha animado a abrir uma nova escola para crianças católicas na paróquia, e ele andava à procura de um edifício. Mais importante ainda, procurava uma comunidade religiosa para a dirigir. Talvez que, recordando-se da comunidade na altura em que esteve em Sag Harbor em 1881, ou de tudo o que sabia dela relativamente aos seus recentes três anos de provação, propôs à M. St. Basil que considerasse a proposta. “Devia fazer qualquer coisa, em ação de graças por ter sido libertada de tão grande tormenta. Até agora, tenho sido aqui muito bem-sucedido e espero não ficar dececionado com este assunto”.¹⁶⁰ A 29 de julho, escreveu novamente dizendo: “O Bispo esteve aqui [Babylon] no domingo e deu autorização para as suas Irmãs abrirem aqui uma instituição, no caso de poderem ceder alguns membros de Sag Harbor”.¹⁶¹ Dois dias depois, escreveu à M. St. Basil assegurando que uma nova academia para alunas católicas, em Babylon, seria certamente um sucesso. Mesmo as famílias protestantes que quisessem que as suas filhas aprendessem francês, patrocinariam uma academia católica. Acrescentava ainda que o bispo tinha sugerido que a nova fundação devia parecer uma extensão de Sag Harbor.¹⁶²

O Sr. Dallon ficou muito entusiasmado com a ideia, pois achava que ajudaria a tornar mais conhecido o Internato de Sag Harbor, em Brooklyn e mesmo em Nova Iorque. A M. St. Benedict também apoiou a ideia de abrir uma Externato e uma Escola Gratuita em Babylon: as alunas dessas escolas poderiam, mais tarde, entusiasmar-se a mudar para o Internato de Sag Harbor. A M. St. Basil não ficou tão entusiasmada com a ideia. Numa carta não datada.

lembrava ao Sr. Dallon que, uma vez que Sag Harbor tinha dado tantas preocupações às superiores, não deveriam considerar a ideia de iniciar uma nova obra até que as provações tivessem passado por completo. Embora ela não estivesse com pressa de informar os superiores maiores acerca do convite inicial, o Sr. Dallon convenceu-a a escrever-lhes.¹⁶³ No dia 2 de agosto, enviou para Béziers as cartas que tinha recebido do padre Baxter.¹⁶⁴ Não foi possível encontrar mais correspondência sobre esta proposta. Por alguma razão, tanto os superiores maiores como o bispo ou a M. St. Basil, devem ter desencorajado a ideia. Fosse qual fosse a razão, fica claro que as religiosas do Sagrado Coração de Maria não iniciaram uma fundação em Babylon e que o padre Baxter saiu de St. Joseph em 1892.

Os superiores maiores tinham pensado inicialmente que a provação em Sag Harbor terminaria completamente, quando o padre Heffernan deixasse a paróquia. A M. St. Félix escreveu ao Bispo Jacobini e ao cardeal, agradecendo-lhes os inúmeros esforços que tinham feito para que terminasse a perseguição.¹⁶⁵ Numa carta para o Bispo Loughlin, Gailhac pedia desculpa pela demora em agradecer-lhe a firme e paternal orientação que tinha dado.¹⁶⁶ Contudo, é interessante notar que, quando o Fundador escreveu ao Sr. Dallon a agradecer-lhe a ajuda que este tinha dado à comunidade de Sag Harbor, no passado, pediu-lhe para continuar atento não fosse o Padre Heffernan reacender a luta contra a comunidade. A terminar, Gailhac dizia ao Sr. Dallon que o seu nome estava inscrito na Casa Mãe como um dos benfeitores do Instituto. Considerava este homem, que tinha feito tanto para ajudar as religiosas durante o período do processo, mais do que um benfeitor. E dizia-lhe: “Peço-lhe, caro senhor, para me considerar como seu amigo: mais do que isso, como um irmão que o estima, que o respeita e nunca o esquecerá diante de Deus. Sou. com todo o respeito e estima, seu irmão dedicado em Cristo. Gailhac”.¹⁶⁷

Última tentativa do Padre Heffernan

O receio de Gailhac de que o padre Heffernan retomasse o ataque às Religiosas do Sagrado Coração de Maria, em Sag Harbor, em breve se concretizou. O pároco anterior escreveu ao Cardeal Simeoni em junho ou julho de 1886, a pedir “a retirada de certas religiosas da paróquia, que ele teve e governou como pastor”. A seguir, o padre Heffernan continuava dando a conhecer uma nova afronta: estava sob o tirânico azorrague do seu bispo, que o tinha retirado da paróquia sem motivo nem julgamento. Por essa razão, pedia para ser restituído à sua paróquia, ameaçando que, se não voltasse, levaria o caso ao tribunal

eclesiástico ou mesmo ao tribunal civil.¹⁶⁸

O cardeal Simeoni pôs-se rapidamente em ação escrevendo ao novo Arcebispo de Nova Iorque em vez de se dirigir ao bispo de Brooklyn.¹⁶⁹ Lamentava-se ao Arcebispo Corrigan de que tinha escrito três vezes ao Bispo Loughlin e que só após a terceira carta, o bispo tinha enviado um simples telegrama dizendo que iria fazer seguir um relatório logo que pudesse: mas apesar de nova insistência, não tinha recebido qualquer resposta da diocese de Brooklyn. O cardeal acrescentava: “Com isto, o bispo estava a demonstrar uma falta de respeito para com a Sagrada Congregação e a transgredir as regras da boa educação”. O cardeal explicava que dessa vez o Padre Heffernan estava zangado com o seu bispo. A Sagrada Congregação precisava de mais informações e, por isso, solicitava ao arcebispo que as obtivesse.¹⁷⁰

O arcebispo começou imediatamente a investigar o caso. A M. St. Basil comunicou à M. St. Félix que tinha recebido do arcebispo uma série de perguntas sobre as receitas e despesas do convento e que devia responder em francês visto que o relatório deveria, mais tarde, ser remetido para Roma.¹⁷¹ Nessa altura, a superiora começou a ficar desesperada, especialmente quando a arquidiocese lhe pediu mais informação. Pediram-lhe para se lembrar que, durante a visita do bispo a Sag Harbor em outubro de 1885, o padre Heffernan tinha pedido às religiosas a quantia de \$9.000 [nove mil dólares] mas acabou por dizer que podiam liquidar apenas \$5.000. Então, a M. St. Basil tinha lembrado aos presentes que teria de consultar os superiores maiores sobre essa proposta. O arcebispo queria agora saber a resposta da superiora geral. A M. St. Basil foi explícita sobre a resposta da superiora: “Não há nenhuma razão para qualquer compromisso”.¹⁷²

Uma coisa estava a ficar clara para o arcebispo: o padre Heffernan não era muito rigoroso no que dizia. Agora, pedia ao bispo de Brooklyn quase \$20.000¹⁷³ em salários retroativos, até 26 de setembro de 1871, embora, de acordo com os procedimentos civis e a lei canônica americana, o bispo não tivesse de pagar salário aos párocos. Em qualquer dos casos, os salários não podiam ser acumulados. O arcebispo estava estupefato. Seria possível que, durante todos esses anos, o padre Heffernan nunca tivesse recebido um “salário” da “côngrua”, das coletas e dos contributos extraordinários?”¹⁷⁴

Quando a arquidiocese de Nova Iorque estava a investigar o assunto, o bispo de Brooklyn enviou finalmente o seu relatório para a Propaganda Fide. Afirmava ser seu desejo tê-lo enviado muito mais cedo, mas tinha-lhe sido impossível devido à “desonestidade, perversidade e maldade do padre Heffernan”. A posição do bispo era esta: uma vez que a propriedade do convento

tinha sido comprada com dinheiro dos fiéis oferecido ao pároco para esse fim, era um bem da igreja. Por conseguinte, quando o pároco, detendo a posse legal da propriedade, a transferiu depois para as Irmãs a fim de recuperar o montante da compra, alienou a propriedade diocesana sem a autorização do seu bispo.¹⁷⁵

No que diz respeito à dívida, a 11 de setembro de 1883, o padre Heffernan declarou que as Irmãs lhe deviam apenas \$3.625 sobre a propriedade; mas em dezembro de 1885, fez um juramento de que lhe deviam \$9.417 e até iniciou procedimentos legais contra elas, para conseguir recuperar essa quantia. Contudo, a posição do bispo era que as Irmãs tinham sido corretas ao negarem convictamente que alguma vez tivessem feito com o pároco qualquer contrato, segundo o qual seriam obrigadas a pagar a propriedade ou quaisquer dívidas sobre ela. A carta do padre Heffernan de 15 de novembro de 1876, para a M. St. Croix, era prova disso.¹⁷⁶

O bispo reconhecia que as Irmãs tinham sofrido terrivelmente: “Quanto às religiosas, o padre Heffernan não só as privou de um lugar adequado na igreja e até insultou aqueles que permitiram que as Irmãs se sentassem nos seus bancos, mas humilhou-as diante de toda a gente, durante a Missa, chamando-lhes nomes injuriosos e grosseiros, sem deixar dúvida de quem estava a falar. Tudo isto porque elas não lhe iriam dar o dinheiro a que ele não tinha qualquer direito”. Por alguma razão, o bispo nunca mencionou o pior sofrimento de todos - o abuso de poder do pároco, privando-as dos sacramentos durante três anos. Quase no fim do relatório, o Bispo Loughlin afirmava: “Alguns dizem que ele é louco. Anda por aí, de cabelo pintado! Não consigo compreender o seu amor excessivo ao dinheiro. Se é equilibrado, é estranha a sua maneira de agir!”¹⁷⁷

O arcebispo de Nova Iorque terminou o relatório em outubro de 1886. Reconhecendo o sucesso do pároco na angariação de fundos e na construção da igreja paroquial, o Arcebispo Corrigan admitia que o padre Heffernan “realizou milagres” durante vinte e cinco anos. Só gradualmente é que o bispo de Brooklyn foi tomando consciência de que não podia confiar nele. O relatório dizia: “Após metucioso exame, e depois de ter lido cuidadosamente os relatórios e volumosas cartas (mais ou menos 100 páginas) do padre Heffernan, fico convencido de que ele não tem direito a reclamar das Irmãs seja o que for”. Além disso, o arcebispo achava que o padre Heffernan não tinha direito a reclamar dinheiro de ninguém, pois não tinha guardado os livros das contas, as suas notas estavam incompletas, e mesmo essas não eram dignas de confiança.¹⁷⁸

O padre Heffernan continuava a opor-se ao Bispo Loughlin por este o ter retirado da sua paróquia sem o devido processo e por tê-lo despromovido para

o nível de cura na paróquia de St. Charles, em Brooklyn, onde era pároco o seu amigo e diretor espiritual, padre Ward. Só no dia 29 de maio de 1887 é que o Arcebispo Corrigan pôde, finalmente, enviar ao Cardeal Simeoni a seguinte mensagem: “O caso do padre Heffernan, de Sag Harbor, está felizmente terminado. Isto é, o Bispo Loughlin nomeou-o pároco de outra igreja e enviou para o seu ordinário todas as reclamações, financeiras ou outras, que ele tinha contra a sua missão anterior”.¹⁷⁹ Seis semanas antes, o Bispo Loughlin tinha enviado ao cardeal a sua última exposição sobre as queixas das religiosas: “Agora, submeto a Vossa Eminência o relatório que as Irmãs apresentaram [a partir de 13 de junho de 1885] e que me parece fidedigno em todos os aspetos”.¹⁸⁰

O padre Heffernan foi nomeado para uma nova paróquia, St. Mark the Evangelist, em Brooklyn. Parece que esta existia desde 1861 como paróquia de missão,¹⁸¹ e inicialmente ele foi designado para estar “ao serviço da missão”. Contudo, entre 1889 e 1891, ficou pároco residente. Um dos seus maiores desafios foi reconstruir a igreja que tinha sido destruída pelo fogo. A nova igreja era um edifício desmontável e foi inaugurada em 20 de agosto de 1893.

Um estudo sobre a Igreja Católica nos Estados Unidos recordava-o assim: “O padre Heffernan trabalhou empenhadamente...e viu os seus paroquianos aumentarem até 1200, as crianças da catequese de domingo até 200 e a propriedade da igreja valer \$25.000”.¹⁸² Morreu em Boston em 1905, aos sessenta e três anos.

A consolação depois do sofrimento

Terminada a perseguição à comunidade de Sag Harbor, a correspondência entre Sag Harbor e a Casa Mãe regressou à normalidade. Nunca mais houve longas cartas da superiora a descrever a última ameaça ou acusação. Depois de o padre Heffernan ter saído de Sag Harbor, Gailhac escreveu à comunidade uma carta de consolação. Essa carta ajudava a comunidade a refletir com profundidade sobre o mistério do sofrimento que as Irmãs tinham partilhado durante mais de três anos: “Só pela cruz conseguiremos ser a continuação de Jesus Cristo”, lembrava-lhes ele novamente. Usando a mesma referência da Escritura que tinha citado quando a perseguição estava a começar, continuava: “O Divino Mestre disse-nos que o escravo não é mais do que o mestre nem o servo mais do que o seu senhor. Se eu sofri, vós sofrereis. Se me perseguiram, vós sereis perseguidos”.¹⁸³

A comunidade tinha sido testada, de todas as maneiras, durante mais de

três anos. Estar separada geograficamente das outras Irmãs do Instituto, deve ter sido muito penoso. Foram humilhadas publicamente e sujeitas a um pároco que abusou da sua autoridade eclesiástica, privando-as dos sacramentos. Além disso o bispo, embora em várias ocasiões parecesse convencido da inocência das Irmãs, foi extremamente hesitante em agir a favor delas.

Na história inicial do Instituto, houve sempre em cada fundação uma “marca” de sofrimento. Na fé, as religiosas foram levadas a reconhecer a cruz como um sinal da presença de Cristo, quer no desapontamento de Callan, no anticlericalismo em Portugal, ou na morte da M. St. Dominic Hoyne, uma das fundadoras da comunidade de Bootle. Os sofrimentos da primeira comunidade na América foram particularmente cruéis; contudo, não há qualquer referência ao propósito de abandonar esta primeira fundação no Novo Mundo. O lema de Gailhac - “Só pela cruz conseguiremos ser a continuação de Jesus Cristo” - fortaleceu a fé das Irmãs. Gailhac terminava a carta com uma nota tirada da sua própria reflexão em períodos de sofrimento: “Depois da tormenta segue-se a calma, o trovão deixa de ribombar, as nuvens desaparecem, o céu fica sereno e brilha o Sol; a sombra desaparece e a luz começa de novo a brilhar”.¹⁸⁴

A comunidade parecia ter voltado ao normal pois, na carta que escreveu a seguir para a superiora e comunidade, Gailhac enviava-lhes uma série de pensamentos que lhes deviam ser muito familiares: “Devem ser um só coração e uma só alma”, “saber que as crianças aprendem com o olhar e não com os ouvidos”, “a sua santificação [das crianças que lhes são confiadas] deve ser a vossa primeira preocupação”.¹⁸⁵ De certeza que houve momentos de especial alegria quando, por exemplo, seis das jovens Irmãs da comunidade fizeram os votos perpétuos. Também houve momentos de sofrimento, quando a Sr. Honorine Julien morreu de febre tifóide a 21 de maio de 1887, a Sr. Josephine Nugent morreu de hepatite dois anos depois,¹⁸⁶ e quando duas das Irmãs coadjutoras, Sr. Faustine Whitcome e Sr. Purification Harris [Lizzie] saíram do Instituto em abril de 1893. Certamente também foi uma cruz pessoal para a superiora quando a sua própria Irmã, M. St. Sebastien Davis, foi enviada para junto dela, em Sag Harbor, com a esperança de que essa mudança pudesse suavizar a sua doença mental. O Dr. Sterling convenceu as superiores de que as alucinações da M. St Sebastien necessitavam de terapias radicais. Parece que esta Irmã deve ter sido a primeira RSCM a ser enviada para uma casa de saúde mental; morreu em Albi (Tarn), França, em 1910.¹⁸⁷

Este capítulo termina com uma história extraordinária, uma dádiva não apenas para a Irmã que a recebeu mas para toda a comunidade de Sag Harbor, que tinha suportado pacientemente tanto sofrimento e perseguição. Há vários

relatos desta história, nas fontes do Instituto. Um deles foi escrito em francês pela M. St. Benedict, a 7 de agosto de 1889; outro, em inglês, foi publicado num jornal em 1890.¹⁸⁸

O relato seguinte foi escrito a 8 de setembro de 1889 pela própria Irmã, Sr. Ste. Cecile Ryan, conhecida na América por Sr. Cecília, que o escreve na primeira pessoa. Conta que, tendo estado doente vários anos, durante as duas últimas semanas esperava morrer a qualquer momento e já tinha oferecido a Jesus a sua vida. Não conseguia comer nem beber porque o estômago estava bloqueado por um tumor. Rezava para conseguir viver até à festa de Nossa Senhora dos Anjos. No meio do seu grande sofrimento, dizia que tinha recebido grandes consolações de Deus, mas nenhuma da parte da Virgem. “Ela parecia ter-me esquecido. Portanto, pedi a Jesus que me enviasse a Sua santa mãe, pelo menos no meu último momento, para me assistir. Enquanto esperava, tentei repetir de vez em quando ‘Nossa Senhora dos Anjos, rogai por mim’”.¹⁸⁹

Chegou o dia 2 de agosto, festa de Nossa Senhora dos Anjos. A Ir. Cecília tinha recebido o Viático e estava preparada para morrer. Cerca das duas horas da tarde, a comunidade encontrava-se na capela a rezar o terço diante do Santíssimo Sacramento. A Irmã continua:

Só então recebi a visita da Santíssima Virgem... Senti as suas mãos maternas sobre os meus ombros, a sua cabeça inclinada sobre a minha face. Não vi nada mas senti a sua respiração e, no mais profundo do meu coração, escutei muito distintamente estas palavras repetidas três vezes: “Minha filha, nunca te esqueci e vou provar-to”. Rapidamente o meu sono letárgico parecia deixar-me; foi para mim como uma verdadeira ressurreição. Sentei-me e chamei a Irmã enfermeira [Sr. Faustine] que, aterrada, perguntou com voz trémula: “Irmã, o que deseja?” E eu respondi em voz alta: “Quero alguma coisa para comer, e depois levantar-me”.¹⁹⁰

A Sr. Faustine perguntou-lhe, então, o que queria comer e ela respondeu que queria morangos. Como não havia morangos, a enfermeira trouxe-lhe algumas amoras. Conseguiu comê-las sem qualquer problema e até lhe apetecia comer algo mais substancial. Depois de ter comido, pediu o hábito e água para se lavar. Sentia que estava curada. A princípio, a enfermeira estava tão confusa que se recusou a trazer o que ela pedia, mas a Irmã insistiu, tendo conseguido finalmente o que desejava. Vestiu-se sem ajuda e, quando estava prestes a descer as escadas, a enfermeira correu a anunciar que a Irmã moribunda estava curada. A Ir. Cecília escrevia então: “Eu cheguei quase ao mesmo tempo e

entoei o Magnificat que, como podem imaginar, foi cantado com uma alegria e entusiasmo difíceis de descrever”.¹⁹¹

A Ir. Cecília dizia que, na manhã seguinte, se levantou com a comunidade para a missa das 6h00 e não teve dores. Graças a Nossa Senhora dos Anjos, sentia que estava a ficar cada dia com mais forças. O apetite voltou e ela conseguiu retomar o trabalho sem sentir fadiga. Agora, só queria dar graças a Nossa Senhora dos Anjos!¹⁹²

Nessa manhã, o padre que Ihe tinha administrado o Viático mal podia acreditar no que via. O médico ficou ainda mais admirado. Tinha-a tratado durante meses a um tumor canceroso no estômago, do tamanho de uma mão. Chegara a consultar um cirurgião de Nova Iorque que concordou inteiramente com o seu diagnóstico, acrescentando que o tumor era genético e se tinha desenvolvido durante dois ou três anos. O Dr. Sterling manteve a sua paciente em observação durante cinco meses, tendo-lhe dado alta em 9 de dezembro:

Eu, abaixo assinado. G. A. Sterling, médico graduado pelo Bellevue Hospital and College, classe de 1865, residente em Sag Harbor, Nova Iorque, fui o médico assistente da Irmã Cécile durante a sua última doença grave. Atesto que a sua doença era um carcinoma no estômago, cujo diagnóstico foi confirmado por outro cirurgião. Doctor F. A. Lyons, da Cidade de Nova Iorque. O tumor, depois de ter estado estacionário durante algum tempo, em cujo período a paciente foi duas vezes considerada in articulo mortis, desapareceu completa e repentinamente, tendo-se ela levantado da cama logo a seguir, totalmente restabelecida.

*(assinado) Geo. A. Sterling, M.D.
Surg. U. S. Marine Hosp.¹⁹³*

A Sr. Cecília Ryan continuou na comunidade de Sag Harbor até morrer, quarenta e dois anos depois, na festa de Nossa Senhora de Lourdes em 1931. Tinha oitenta e nove anos quando morreu. Podemos-nos perguntar se a sua presença na comunidade terá sido reconhecida por esta como um sinal visível da consolação de Deus após a provação.

Reflexões

Este capítulo faz o relato de um grande sofrimento na história inicial do Instituto, uma experiência de cruz suportada pela primeira comunidade RSCM num

novo continente, a três mil milhas da Casa Mãe. Durante três anos, as Irmãs foram caluniadas, difamadas e privadas dos sacramentos vivificadores.

A experiência da comunidade de Sag Harbor, Nova Iorque, decorreu no contexto de três diferentes níveis da igreja institucional - o nível paroquial, o nível diocesano e o nível da igreja universal com a sua cúria e sagradas congregações sediadas em Roma. A nível paroquial, a situação era essencialmente uma luta de poder, deslanchada por uma profunda perda de poder pessoal e pela necessidade de a vingar, expressa em termos de aquisição de bens e uso abusivo do poder espiritual. O insolúvel emaranhado de acusações e negações, com os consequentes resultados negativos para a paróquia, para o convento e para a escola, subiram inevitavelmente ao nível diocesano, onde o bispo da diocese e, eventualmente, o bispo da arquidiocese vizinha foram chamados para repor a verdade. Foram os superiores maiores que levaram esta situação ao mais alto nível da igreja. Apelaram a Roma e, não tendo recebido qualquer apoio do seu Cardeal Protetor, ausente da cidade, escreveram ao secretário e ao prefeito da Sagrada Congregação para a Propagação da Fé, estrutura do Vaticano responsável pelas áreas de missão na Igreja. O secretário, Bispo Jacobini, e o prefeito, Cardeal Simeoni, acreditaram na versão de Gailhac e da M. St. Félix e encarregaram o bispo de Brooklyn "de investigar e remediar" a injustiça em Sag Harbor.

Contudo, no âmago daquela "teia clerical", estava a intensa dinâmica entre a comunidade de Sag Harbor e os superiores maiores. Embora, na realidade, não tenha vindo ninguém de Béziers para ouvir e apoiar a comunidade nos anos de perseguição, Gailhac, então nos seus oitenta anos, e a M. St. Félix, nunca deixaram de responder a um pedido de ajuda. "Padre de Jesus Cristo, é assim que os apóstolos são formados", escrevia Gailhac ao padre Heffernan em setembro de 1883. "Pelas chagas de Jesus Cristo, peço-lhe que volte aos seus primeiros sentimentos". Numa carta dirigida ao Cardeal Simeoni, a M. St. Félix dizia: "As minhas queridas filhas estão, neste momento, a suportar uma cruel provação a que sua Eminência poderia pôr fim. Pedimos-lhe que faça alguma coisa". Frustrado com a inação do bispo de Brooklyn, Gailhac lembrava-lhe, seguindo a tradição dos profetas: "Deus pedir-lhe-á contas de tudo o que fizer [ou deixar de fazer] pelos inocentes oprimidos".

A M. St. Basil e a comunidade foram heróicas no seu longo sofrimento. Embora fisicamente distantes de todas as outras comunidades RSCM, não mostravam sentir-se separadas do Instituto. A constante comunicação escrita manteve os laços com a Casa Mãe. Também a oração comunitária, a compensação salutar que o seu ministério lhes proporcionava, o dom do sentido de

humor e o testemunho fiel e paciente das duas Irmãs que morreram durante esses anos, mantiveram a comunidade unida.

A M. St. Basil, mulher que nunca tinha desejado ser superiora local, provou ser invulgarmente sábia e corajosa. Talvez a experiência de ter sido chamada inesperadamente a Béziers, e depois reconfirmada como superiora de Sag Harbor, lhe tenham dado força e coragem para as provações que iriam chegar. Talvez o seu genuíno amor e aceitação dos membros da comunidade local, com todas as forças e fraquezas que os caracterizavam, as mantivessem unidas. Talvez a M. St. Basil tenha tomado a peito as palavras que o Fundador lhe tinha escrito antes de começar a perseguição: “Bem sabe que as fundações devem ser sólidas; é o sofrimento que as fortalece... Acima de tudo, ame Jesus, sinta-se feliz por levar com Ele a sua cruz; é Jesus que sofre em si”.¹⁹⁴

Um dos momentos mais tristes desta longa prova chegou mesmo no fim dos três anos de perseguição, quando o bispo de Brooklyn, desejoso que o padre Heffernan partisse sem problemas, concordou com o esquema dele. Através do seu vigário geral, propunha que a M. S. Basil proporcionasse ao padre Heffernan alguma satisfação, deixando também Sag Harbor, e que o Instituto pagasse ao pároco \$9,000 pelos seus contratemplos. Confrontada com essa incrível proposta do bispo, a M. St. Basil foi suficientemente inteligente para adiar a decisão, insistindo que o assunto teria de ser levado aos seus superiores maiores. Deve ter previsto qual seria a decisão deles - que os inocentes oprimidos não eram dispensáveis. Deve ter sentido algum orgulho na inequívoca resposta da M. St. Félix: “Não há lugar para cedências”.

Durante toda aquela provação, nunca a comunidade de Sag Harbor nem os superiores maiores sugeriram o encerramento da fundação na América e o conseqüente regresso das religiosas à Europa. Se assim não fosse, o futuro das Religiosas do Sagrado Coração de Maria teria sido muito diferente. Talvez tenha sido a fé que sustentou a comunidade de Sag Harbor. As Irmãs lembravam-se da previsão de Gailhac de que a sua “pequenina casa” viria a ser como Belém - um local onde Jesus ofereceu o seu primeiro sacrifício.

NOTAS:

- 1 The Sag Harbor Corrector, 7 de maio e 3 de setembro de 1881. A M. St. Félix está enganada quando mais tarde refere que a M. St. Basil estava na Europa no verão de 1882. Ver Livre de Comptes de la Maison de Sag Harbor (Amérique) 1891.
- 2 Os superiores maiores tinham encontrado, acidentalmente, Sarah Peter, num barco a caminho de Roma, em 1874 e ela tinha-os convidado a fazer uma fundação nos Estados Unidos. Para uma descrição deste encontro e dos primeiros anos em Sag Harbor. ver Kathleen Connell. RSHM, A Journey in Faith and Time, Vol. II (RSHM. 1993) 121-129. 199-222.
- 3 Heffernan para o Cardeal Simeoni, 15 de outubro de 1885. Cidade do Vaticano: Arquivos Históricos da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos: Propaganda Fide. Vol. 43.506-512. Em 1984. Marjorie Keenan, RSHM, fez um inventário do material nestes arquivos relativos às Irmãs do Sagrado Coração de Maria, desde 1871 até 1902. Encontrou referência a um dossier "Sag Harbor" in Scrittore Riferite nei Congressi - América Central [sic] e examinou os volumes 42-47 (1885-1887). O material encontrava-se nos vols. 43,45 e 46. Este foi resumido e quando necessário traduzido por Marjorie Keenan, RSHM, |a seguir referido, como Propaganda Fide 1.
- 4 M. St. Félix. Notes: Amérique. Proc. ap.. 1345-1352.
- 5 Marie de l'Incarnation Cody desempenha um papel muito importante nos primeiros anos da história desta comunidade, contudo, pouco se conhece dela. Johanna Cody (nome de batismo) nasceu na Irlanda e recebeu o hábito no Instituto a 17 de maio de 1876. Como nunca se integrou totalmente, não consta no Grande Registro. Foi noviça com a M. St. Bartholomew Delaney, portanto podemos presumir que a M. de l'Incarnation tenha entrado no Instituto a 12 de setembro de 1875 e fez os primeiros votos a 6 de junho de 1877 (ou 23 de julho de 1877, como no caso da M. Seraphim Doheny): deve ter feito os votos perpétuos a 28 de julho de 1882. Por outro lado algumas irmãs que foram recebidas em maio de 1876 não fizeram os primeiros votos antes de 1878 ou mesmo 1879, adiando assim os votos perpétuos até 1883 ou 1884.
- 6 Ver M. St. Basil para M. St. Félix. 24 de julho. 1 de agosto e 12 de agosto de 1882. Arq.Hist. RSCM.. Caixa 9. Pasta 2b. (Esta caixa contém a maior parte da correspondência entre Sag Harbor e a Casa Mãe desde 1878 a 1886, aproximadamente 186 cartas. Algumas destas cartas, inicialmente escritas em inglês, foram traduzidas para francês. Embora haja algumas cartas de Gailhac, da M. St. Félix, do Padre Heffernan e de outros para Sag Harbor, a maior parte é da M. St. Basil e outros membros da comunidade de Sag Harbor para os superiores maiores, em Béziers. Por esta razão pode dizer-se que a correspondência é acentuadamente unilateral. As cartas estão ordenadas cronologicamente em secções, dentro de cinco pastas [1 – 5]. A pasta 6 contém outro material compilado mais tarde, incluindo um resumo cronológico da correspondência de Sag Harbor preparado por Mary Milligan, RSHM. A seguir referido, como correspondência coletiva na Caixa 9 está simplesmente referida como correspondência de Sag Harbor. A maior parte das cartas pode também encontrar-se em Proc. ap. [Vols. XIII. XIV. XVII. XVIII].
- 7 John Loughlin nasceu na Irlanda, a 20 de dezembro de 1817, e foi ordenado em Old St. Patrick's Church, na Cidade de Nova Iorque, em 1840. Depois de ter sido vigário geral desde 1850 a 1853, foi ordenado primeiro bispo de Brooklyn em 1853, onde permaneceu até falecer em 29 de dezembro de 1891. Ver John K. Sharp. Priests and Parishes of the Diocese of Brooklyn. 1820-1972 (Brooklyn. Nova Iorque: Roman Catholic Diocese of Brooklyn. 1973) 12.
- 8 Heffernan para M. St. Félix. 9 de outubro de 1882. Correspondência de Sag Harbor.
- 9 Ibid.
- 10 A informação do The Catholic Directory relativa aos anos 80 não é conclusiva. Em 1880. O Directory regista 100 alunas a cargo das RSCM e diz que estas alunas frequentam a St. Andrew's Parish School. Se fosse este o caso, como então referido no Directory de 1883, uma súbita descida para 60 alunas nas escolas paroquiais seria de fato sinal de algum problema. Contudo antes de 1883 o Catholic Directory não registrou separadamente as alunas da escola do Convento (36) ou das alunas da academia Sacré Coeur de Marie Vierge [sic], ou do Internato Feminino [50] e não é explícito se estes números foram tirados das 100 alunas anteriormente referenciadas à "Escola Paroquial" St. Andrew's . Em todo o caso, os números, embora não confirmados, permanecem os mesmos ao longo da década. Além disso, são diferentes em relação aos números dados pelas próprias religiosas na correspondência com a Casa Mãe.
- 11 Heffernan para Cardeal Simeoni. 15 de outubro de 1885. Propaganda Fide. Vol. 43.506-512.
- 12 M. St. Félix para Heffernan, apontamento sem data tirado de uma carta em resposta à sua carta de 9 de outubro de 1882. Correspondência de Sag Harbor.

- 13 Gailhac para Heffeman, apontamento sem data tirado de uma carta em resposta à sua carta de 9 de outubro de 1882. Correspondência de Sag Harbor.
- 14 Gailhac para Heffeman, 28 de outubro de 1882. Correspondência de Sag Harbor.
- 15 M. St. Basil para M. St. Félix, 13 de novembro de 1882. Correspondência de Sag Harbor.
- 16 Telegrama de James David para M. St. Basil. 1 de dezembro de 1882. Propaganda Fide. Vol. 43.522.
- 17 M. St. Benedict para M. St. Félix, 13 de novembro de 1882, Correspondência de Sag Harbor.
- 18 Heffernan para M. St. Félix e Gailhac, 24 de novembro de 1882, Correspondência de Sag Harbor.
- 19 Ibid., 24 de novembro de 1882 (segunda carta). Correspondência de Sag Harbor.
- 20 Heffernan para a M. St Félix e Gailhac. 30 de novembro de 1882, Correspondência de Sag Harbor.
- 21 Ibid.
- 22 M. St. Augustine para M. St. Félix, 3 de dezembro de 1882, Correspondência de Sag Harbor.
- 23 M. St Félix para Heffeman. 7 de dezembro de 1882, Correspondência de Sag Harbor.
- 24 Heffeman para M. St. Félix. 21 de dezembro de 1882. Correspondência de Sag Harbor.
- 25 Ibid
- 26 M. St. Félix. Notes: Amérique. Proc. ap.. 1347.
- 27 M. St. Félix para M. de l'Incarnation. 24 de dezembro de 1882. Correspondência dc Sag Harbor.
- 28 Gailhac para Heffeman, traduzido para inglês por M. St. Charles, sem data [provavelmente 24 de dezembro de 1882]. Correspondência de Sag Harbor.
- 29 Ibid.
- 30 Ibid.
- 31 Heffeman para M. St Basil. Festa da Circuncisão de Nosso Senhor, 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 32 A M. St. Matthew deveria ter trinta e dois anos quando acompanhou a M. St. Basil de regresso à América em janeiro de 1883. Tinha entrado no Instituto a 5 de junho de 1879, recebida como noviça a 3 de janeiro de 1880 e feito os primeiros votos a 8 de fevereiro de 1882. Provavelmente terá feito os votos perpétuos a 20 de agosto de 1889, tendo falecido em Sag Harbor a 27 de julho de 1909. Ver Grande Registro #158.
- 33 M. St. Matthew para M. St. Félix, 22 de janeiro de 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 34 A M. St. Basil faz um relato detalhado desta parte da viagem. Chegaram a Paris na sexta-feira às 17h30 e apanharam uma carruagem para o endereço onde era suposto levantarem os bilhetes para o vapor: mas, como chegaram um pouco atrasadas, a bilheteira estava fechada. Um funcionário disse-lhes que voltassem na manhã seguinte às 10h00, mas a M. St. Basil explicou que o seu barco sairia de Le Havre às 7h00 da manhã. Dirigiram-se à Gare St. Lazare e tentaram comprar os bilhetes para o vapor, apresentando a carta da M. St. Félix para obterem o esperado desconto, mas os funcionários não tinham conhecimento de bilhetes com desconto para religiosas. Então, a M. St. Basil decidiu aguardar até à chegada a Le Havre, na esperança de aí conseguirem comprar os bilhetes. Portanto, compraram apenas os bilhetes de trem (46 francos franceses) e dirigiram-se para o porto. O trem chegou a Le Havre muito cedo e não havia ninguém a quem se dirigir na bilheteira do Transatlântico: assim, foram para o barco que iria sair dentro de momentos. Ao chegarem, mostraram a carta da M. St. Félix ao inspetor que lhes disse ser suficiente o que tinham e recebeu os 400 francos franceses, que era todo o dinheiro francês que lhes restava depois das despesas em bagagem, carruagem e outras pequenas necessidades. Felizmente tinham uma pequena quantia em dinheiro americano que a M. St. Félix colocara nas suas bolsas. Passadas as dificuldades das primeiras vinte e quatro horas, até a M. St. Basil admitiu que, apesar da sua habitual indisposição em viagens de barco, estava aliviada por embarcar. Termina a carta com uma sugestão para a superiora geral: se alguma outra religiosa tiver de fazer esta mesma viagem, será mais prático e menos penoso tratar tudo por carta e pagar antecipadamente! Ver M. St. Basil para M. St. Félix. 30 de janeiro de 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 35 M. St. Matthew para M. St. Charles. 23 de janeiro de 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 36 Ibid.
- 37 Ver cartas enviadas para a Casa Mãe, a 18 e 19 de janeiro dc 1883, da M. François. M. Madeleine, Sr. St. Emily, Sr. Ste. Agatha, Sr. Ste. Faustine, M. Ste. Benedict. Proc. ap.. 3926-3935.
- 38 M. St. Basil para M. St. Félix. 19 de janeiro de 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 39 M. de l'Incarnation para M. St. Félix, 16 de janeiro de 1883. Correspondência de Sag Harbor.

- 40 M. de l'Incarnacion para Gailhac, 17 de janeiro de 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 41 M. St. Basil para M. St. Félix, nota sem data. Correspondência de Sag Harbor.
- 42 M. Si. Basil para M. St. Félix, 30 de janeiro de 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 43 M. St. Benedict para M. St. Félix, 1 de maio de 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 44 M. Madeleine Dalion para M. St. Charles, 25 de janeiro de 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 45 M. St. Benedict para M. St. Félix, 5 de março de 1883. Correspondência de Sag Harbor. Notas sobre planos de encontros entre o pároco e a M. de l'Incarnation estão incluídas na correspondência. Por exemplo: "Minha muito querida Madre, junto [sic] várias datas de partidas de barcos. Não consegui dormir esta noite. Apenas um momento, já de madrugada, e já estava na hora da Missa. Se quiser falar comigo, hoje, diga-me a que horas. Sempre seu dedicado em Cristo. J. J. H."
- 46 Gailhac para M. de l'Incarnacion, 14 de fevereiro de 1883. Correspondência de Sag Harbor. Para sermos justos com a M. de l'Incarnation, deve dizer-se que Gailhac, na carta que lhe escreveu a 28 de outubro de 1882, deixou muito claro que a sua nomeação para superiora tinha sido a vontade de Deus para ela, através dos seus superiores. Estes só mais tarde reconheceram o erro.
- 47 M. St. Félix para M. de l'Incarnation. 16 de fevereiro de 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 48 Heffernan para Gailhac e M. St. Félix, 30 de janeiro de 1883, Correspondência de Sag Harbor.
- 49 Ibid.
- 50 Ibid.
- 51 Para uma comparação mais completa, segundo a descrição de Heffernan, entre as faltas da M. St. Basil e os dons da M. de l'Incarnacion, ver Heffernan para Gailhac e M. St. Félix. 9 de outubro de 1882, 21 de dezembro de 1882, Natal de 1882, 29 de dezembro de 1882 e 30 de Janeiro de 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 52 Heffernan para M. de l'Incarnacion. 23 de fevereiro de 1883. Correspondência de Sag Harbor
- 53 Ibid.
- 54 M. St. Félix. Notes: Amérique, Proc. ap.. 1347-1352. 55 Ibid., 1352
- 56 Heffernan para [M. de Incarnacion]. Festa de São Patrício 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 57 Gailhac para M. St. Basil, GS/18/V/80/A.
- 58 Ibid.
- 59 Gailhac para M. St. Basil, GS/20/11/83/A.
- 60 M. St. Basil para M. St. Félix. Quinta-Feira Santa 1883. Correspondência de Sag Harbor. 61 Gailhac para M. St. Basil. GS/20/III/83/A.
- 62 M. St. Basil para M. St. Charles, 10 de maio de 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 63 Ibid.
- 64 Ibid.
- 65 Sag Harbor Corredor, 13 de janeiro de 1883.
- 66 M. St. Basil para Gailhac, 16 de maio de 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 67 M. St. Basil para Heffernan, 2 de julho 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 68 Heffernan para M. St. Basil, 2 de julho. 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 69 M. Ste.Croix para Heffernan, 24 de outubro de 1876. Correspondência de Sag Harbor.
- 70 Gailhac para uma superiora [M. St. Eugène]. GS/9/XII/76/A.
- 71 M. St. Basil para o bispo Loughlin, 13 de junho de 1885. Propaganda Fide. Vol. 47,588-594. Foi justo ter assumido que o padre Heffernan, com reputação de ser um angariador de fundos muito bem sucedido, tenha dado as contas do Convento como saldadas.
- 72 Heffernan para Gailhac e M. St. Félix, 5 de janeiro de 1885. Correspondência de Sag Harbor.
- 73 M. St. Augustline para M. St. Félix. 27 de julho de 1883, e M. St. Basil para M. Si. Félix, 31 de julho de 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 74 M. St. Basil para Gailhac, 31 de julho de 1883. Correspondência de Sag Harbor. Normalmente era prática da Igreja no Século XIX permitir que as religiosas recebessem a comunhão, várias vezes por semana, e em dias especiais reconhecidos pelo Instituto. De modo geral nas festas mais importantes ou festividades de santos especialmente considerados pelo Instituto. Há alguns dias curiosos incluídos na lista RSCM. por exemplo: 5 de fevereiro (aniversário do Batismo de Appollonie); 24 de fevereiro (aniversário da fundação do Instituto); 4 de março (aniversário da morte da M. St. Jean); 23 de setembro (aniversário da ordenação de Gailhac); 2 de novembro (aniversário da morte de Eugène Cure); 14 de novembro (aniversário do batismo do fundador). Para uma lista completa de todos os dias especiais em que as irmãs podiam receber a comunhão, ver Liste des Communions outre celles de la semaine en usage ou de Règle dans l'Institut, Arq.Hist./Cong..Vol. B-1.I2. Além disso, a superiora podia autorizar uma religiosa a receber a comunhão com mais frequência.

- 75 M. St. Basil para M. St. Félix, 1 de outubro de 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 76 M. St. Benedict para M. St. Félix, 12 de setembro de 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 77 M. St. Basil. Rédaction de nos Relations avec Rev. Père Heffernan depuis 1^{re} année 1877 (a seguir referido como Rédaction), 13 de junho de 1885. Propaganda Fide, Vol. 47.588-594.
- 78 M. St. Basil para M. St. Félix, 3 de julho de 1883. Correspondência de Sag Harbor. A carta de Heffernan para a M. Ste. Croix, datada de 15 de novembro de 1876, em que ele diz que os paroquianos lhe tinham dado dinheiro para comprar o local destinado às irmãs, foi encontrada e citada pelo Arcebispo Corrigan no seu relatório de 13 de outubro de 1886. Ver Corrigan para Simeoni, 13 de outubro de 1886. Propaganda Fide. Vol. 45.727-728.
- 79 M. St. Basil para M. St. Félix, 17 de julho de 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 80 M. St. Basil para M. St. Félix, 17 de agosto de 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 81 Heffernan para Simeoni, 15 de outubro de 1885. Propaganda Fide, Vol. 43.506-512.
- 82 Heffernan para St. Félix. [5 de janeiro de 1885]. Propaganda Fide. Vol. 43.518-521.
- 83 M. St. Basil para M. St. Félix. 17 de agosto de 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 84 M. St. Basil para M. St. Félix. 31 de julho de 1883, Correspondência de Sag Harbor.
- 85 Gailhac para St. Basil. GS/16/VII/83/A.
- 86 Gailhac para Heffernan, 28 de setembro de 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 87 Heffernan para Gailhac. 28 de outubro de 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 88 Ibid.
- 89 M. St. Basil para Gailhac, 9 de agosto de 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 90 Esta noviça fez os primeiros votos em Sag Harbor a 26 de agosto de 1883. Ver Grande Registro II159. Apesar de o pároco ser seu tio, quem recebeu os votos, por indicação de Gailhac, foi a M. St. Basil. Na sua carta de 9 de maio de 1883 para a M. St. Basil, Gailhac descreve a cerimônia de profissão detalhadamente: "O dia agendado para a cerimônia será precedido de três dias de retiro. No dia da cerimônia. as religiosas levantar-se-ão uma hora mais cedo: na igreja, não estará mais ninguém a não ser as religiosas. Em conjunto, a comunidade recitará o Veni Creator com os versículos e orações que a irmã também recitará. Depois, a irmã irá sentar-se num cadeirão à direita do altar. A noviça, M. St. Agnes, virá então ajoelhar-se diante de si e, em voz alta, pronunciará os votos na sua presença. A irmã responderá: 'E eu, em nome de Deus e de acordo com a inviolável promessa, se fores fiel ao teu compromisso, prometo uma vida melhor, a vida eterna.' Então entregar-lhe-á a cruz e a cerimônia termina com a recitação do Te Deum." Ver GS/9/V/83/B.
- 91 M. St. Basil para Gailhac, 9 de agosto de 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 92 M. St. Augustine para M. St. Félix, 4 e 7 de setembro de 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 93 M. St. Félix para M. St. Basil, 21 de setembro de 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 94 M. St. Basil para M. St. Félix, 9 de outubro de 1883. Correspondência de Sag Harbor.
- 95 M. St. Basil. Rédaction. Propaganda Fide. Vol. 47.588-594.
- 96 Ibid.
- 97 M. St. Benedict para M. St. Félix, 25 de janeiro de 1884. Correspondência de Sag Harbor.
- 98 Ver Gailhac para bispo Loughlin, 12 de fevereiro de 1884, e M. St. Félix para bispo Loughlin, 12 de fevereiro de 1884. Arquivos da Diocese de Brooklyn.
- 99 Eigenmann para M. St. Félix, 10 de março de 1884, Proc. ap., 2044-2046.
- 100 Heffernan para Cardeal Simeoni, 15 de outubro de 1885. Propaganda Fide. Vol. 43. 506-512.
- 101 Tribunal Eclesiástico: Diocese de Brooklyn "Rev. J. J. Heffernan vs Irmã Basil e outras." 21 de dezembro de 1885. Correspondência de Sag Harbor. Ver também Propaganda Fide. Vol. 37, 627ff. Segundo uma carta da M. St. Basil para a M. St. Félix, 29 de dezembro de 1885, o bispo de Brooklyn convenceu o padre Heffernan e as RSCM a não levarem esta disputa a um tribunal eclesiástico formal.
- 102 Loughlin para o cardeal Simeoni, 18 de abril de 1887. Propaganda Fide. Vol. 47,587.
- 103 M. St. Basil para M. St. Félix, 12 de fevereiro de 1884. Correspondência de Sag Harbor.

- 104 John McKenna para J. Donnelly, 26 de abril de 1881. Propaganda Fide, Vol. 23.527.
- 105 M. St. Basil para M. St. Félix, 12 de fevereiro de 1884. Correspondência de Sag Harbor.
- 106 Ver K. Connell, 10-19.
- 107 Heffernan para Gailhac e M. St. Félix, 5 de janeiro de 1885. Correspondência de Sag Harbor.
- 108 M. St. Basil . Rédaction. Propaganda Fide. Vol. 47.588-594.
- 109 Ibid.
- 110 M. St. Basil para M. St. Félix, 11 de maio de 1885. Correspondência de Sag Harbor.
- 111 M. St. Basil para M. St. Félix, 7 de fevereiro de 1885. Correspondência de Sag Harbor.
- 112 M. St. Benedict para M. St. Félix, Festa da Anunciação de 1885. Correspondência de Sag Harbor. M. St. Arsenius morreu de phthisis pulmonalis (tuberculose pulmonar) aos trinta e oito anos. Esteve doente durante seis anos. Registro de Óbitos na localidade de Sag Harbor.
- 113 Ibid.
- 114 Thomas Ward para Heffernan, 11 de fevereiro [1885]. Propaganda Fide. Vol. 43.514-517.
- 115 Thomas Ward para Heffernan, 23 de março de 1885. Propaganda Fide. Vol. 43.504-505.
- 116 A "fábrica" aqui referida era provavelmente a Fahys Watch Case Fatory, inaugurada em 1881 no sítio da Montauk Steam Colton Mill, que tinha ardidido completamente na noite de 25 de outubro de 1879. Era delimitada por Washington. Sage, Church and Division Streets, e ficava portanto muito perto da Igreja de St. Andrew. Muitos dos trabalhadores eram ingleses, suíços, alemães e outros imigrantes europeus, recrutados para a fábrica e trazidos diretamente da Ellis Island para Sag Harbor por barco. Sara Spodick, no seu estudo intitulado "And We're Still Here: 100 Years of Small Town Jewish Life", afirma que cerca de cinquenta judeus e suas famílias foram recrutados de forma idêntica por Joseph Fahys, entre 1886 e 1888, e que por volta de 1890 havia uma estimativa de noventa famílias judaicas em Sag Harbor. Ver John Wilterding. Jr.. "Fahys of Sag Harbor. Nevv York," Bulletin of the National Association of Watch and Clock Collectors, hic., junho de 2001, Vol. 43/3. No. 332. pp. 316-319.
- 117 Diocese de Brooklyn: Tribunal Eclesiástico. "Rev. J. J. Heffernan vs Irmã Basil e outras", 21 de dezembro de 1885. Correspondência de Sag Harbor.
- 118 Ver M. St. Basil para M. St. Félix, 22 de março de 1884, 7 de outubro de 1884 e 11 de maio de 1885. Correspondência de Sag Harbor. A M. St. Augustine também perguntou à superiora geral: "Tem notícias do nosso Cardeal Protetor? Ele está a fazer alguma coisa por nós em Roma?" M. St. Augustine para M. St. Félix, 22 de julho de 1885. Propaganda Fide. Vol. 43. 175-176.
- 119 Auge para M. St. Félix, 16 de fevereiro de 1884. Proc. ap.. 2990.
- 120 Auge para M. St. Félix, 21 de fevereiro de 1884. Proc. ap.. 2994-2995.
- 121 Auge para M. St. Félix, 15 de abril de 1884. Proc. ap.. 3001-3004.
- 122 M. St. Basil para M. St. Félix, 7 de outubro de 1884. Correspondência de Sag Harbor.
- 123 M. St. Félix para bispo Jacobini, 2 de agosto de 1885. Proc. ap.. 3426-3427.
- 124 M. St. Félix para Cardeal Simeoni, 11 de agosto de 1885. Propaganda Fide. Vol. 43. 177-178.
- 125 Cardeal Simeoni para bispo Loughlin, 3 de setembro de 1885. Propaganda Fide. Vol. 37.
- 126 M. St. Basil para M. St. Félix, 10 de outubro de 1885. Correspondência de Sag Harbor.
- 127 M. St. Basil para M. St. Félix, 13 de outubro de 1885. Correspondência de Sag Harbor.
- 128 Ibid.
- 129 Heffernan para Cardeal Simeoni, 15 de outubro de 1885. Propaganda Fide. Vol. 43.506-512. Ele descreve este encontro de forma ainda mais exagerada no seu depoimento. Diocese de Brooklyn: Tribunal Eclesiástico. "Rev. J. J. Heffernan vs Irmã Basil e outras." 21 de dezembro de 1885. Correspondência de Sag Harbor.
- 130 Cardeal Simeoni para bispo Loughlin, 16 de dezembro de 1885. Propaganda Fide. Vol. 37. 627.
- 131 M. St. Basil para M. St. Félix, 5 de dezembro de 1885. Correspondência de Sag Harbor.
- 132 M. St. Félix para Auge, 20 de dezembro de 1885. Correspondência de Sag Harbor.
- 133 M. St. Félix para Auge, 19 de fevereiro de 1886. Correspondência de Sag Harbor.
- 134 Júlia A. G. Malone para Gailhac, 5 de janeiro de 1886. Correspondência de Sag Harbor.
- 135 Gailhac para bispo Loughlin, 18 de janeiro de 1886. Correspondência de Sag Harbor.
- 136 Lizzie Rhody, Elizabeth Farrell, Kate Collins e Susana Malone para Gailhac, 24 de janeiro de 1886. Correspondência de Sag Harbor.

- 137 Sr. Mechtilde não é referida no Grande Registro pois não foi formalmente integrada no Instituto mediante os votos perpétuos. Por essa razão, falta informação biográfica importante acerca dela nas fontes. Mesmo a notícia do óbito nos jornais locais, refere simplesmente que a Sr. Mechtilde morreu no convento a 4 de março de 1886. Foi preciso uma grande pesquisa e uma busca nas certidões de óbito do ano 1886, no registro de óbitos na localidade de Sag Harbor, para encontrar parte da informação da sua identificação. Esta irmã coadjutora, cuja morte abençoada encorajou as irmãs da sua comunidade, era a Sr. Mechtilde Walsh, de Kilkenny, Irlanda. Tinha vinte e cinco anos quando morreu de paralisia.
- 138 M. St. Basil para M. St. Félix., 4 de março de 1886. Correspondência de Sag Harbor.
- 139 Gailhac para as religiosas. GS/10/VII/86/A.
- 140 M. St. Basil para M. St. Félix, 16 de março de 1886. Correspondência de Sag Harbor.
- 141 M. St. Basil para M. St. Félix, 2 de abril de 1886. Correspondência de Sag Harbor.
- 142 Ibid.
- 143 M. St. Benedict para M. St. Félix, 2 de abril de 1886. Correspondência de Sag Harbor.
- 144 M. St. Basil para M. St. Félix, 6 de abril de 1886. Correspondência de Sag Harbor.
- 145 M. St. Basil para M. St. Félix, 12 de abril de 1886. Correspondência de Sag Harbor.
- 146 Ibid.
- 147 M. St. Basil para M. St. Félix, 14 de abril de 1886. Correspondência de Sag Harbor.
- 148 Segundo as tradições da comunidade, o sino foi oferta do Dr. Sterling e esposa para comemorar a sua conversão ao catolicismo.
- 149 M. St. Basil para Gailhac, 3 de maio de 1886. Correspondência dc Sag Harbour.
- 150 The Sag Harbor Corredor, 8 de maio de 1886. Os homens eram os seguintes: Michael Hughes, Patrick Keating Jr, Thomas Cunningham, Joseph Burnes e Joseph Boyle. As mulheres que assinaram foram: Lizzie Rhody, Mary Casey, Bridget Killen, Mary Schiels, Mary J. Hughes, Julia A. G. Malone, Maggie Hughes, Mary Caffrey, Kate Clynes e Maggie Coogan.
- 151 M. St. Basil para M. St. Félix, 11 de maio de 1886. Correspondência de Sag Harbor.
- 152 Ibid.
- 153 M. St. Basil para M. St Félix, 19 de maio de 1886. Correspondência de Sag Harbor.
- 154 A entrega de prêmios em Sag Harbor parecia menos elaborada do que as cerimônias nas escolas da Irlanda. Pelo menos nos primeiros anos, o evento chamava-se «Closing Exercises». Normalmente realizava-se à noite, e a breve reportagem do jornal não fazia qualquer referência ao magnífico banquete e à presença de uma longa lista de convidados. Em 1879, 1880 e 1882, por exemplo, o ponto alto parece ter constado de representações dramáticas e musicais, um discurso proferido por uma aluna e finalmente a entrega de prêmios. No fim do século, a cerimônia realizava-se no dia da abertura e era seguida por um lauto almoço, na reitoria da paróquia, para as graduadas e convidados. Ver o Sag Harbor Corredor, 28 de junho de 1879, 3 de julho de 1880, 6 de julho de 1882 e 1 de julho de 1899.
- 155 M. St. Basil para M. St. Félix, 17 e 25 de junho de 1886. Correspondência de Sag Harbor.
- 156 Ibid.
- 157 Ibid.
- 158 M. St. Benedict para M. St. Félix, 3 de agosto de 1886. Correspondência de Sag Harbor.
- 159 Ibid.
- 160 John F. Baxter para M. St. Basil, 7 de junho de 1886. Correspondência de Sag Harbor.
- 161 John F. Baxter para M. St. Basil, 29 de julho de 1886. Correspondência de Sag Harbor.
- 162 John F. Baxter para M. St. Basil, 31 de julho dc 1886. Correspondência de Sag Harbor.
- 163 M. St. Basil para M. St. Félix, sem data [junho ou julho de 1886]. Correspondência de Sag Harbor.
- 164 M. St. Basil para M. St. Félix, 2 de agosto. Correspondência de Sag Harbor.
- 165 M. St. Félix para bispo Jacobini, 26 dc junho de 1886. Proc. ap., 3425-3426.
- 166 Gailhac para bispo Loughlin, 19 de julho de 1886. Proc. ap.. 3444-3445.
- 167 Gailhac para Mr. Dallon [18 de julho de 1886], Proc. ap., 3443-3444.
- 168 Heffernan para Cardeal Simeoni, sem data [junho ou julho de 1886]. Propaganda Fide. Vol. 45.711-712.
- 169 Michael Augustine Corrigan foi nomeado bispo da Arquidiocese de Nova Iorque a 10 de outubro de 1885.
- 170 Cardeal Simeoni para Arcebispo Corrigan, 15 de julho de 1886. Propaganda Fide, Vol. 37, 411.
- 171 M. St. Basil para M. St. Félix, 14 de setembro. Correspondência de Sag Harbor.
- 172 M. St. Basil para M. St. Félix, 7 de outubro de 1886. Correspondência de Sag Harbor.
- 173 Os dados financeiros nos relatórios de Loughlin e Corrigan estão expressos em liras italianas. Cinco liras correspondiam aproximadamente a um dólar americano, em 1886.

- 174 Arcebispo Corrigan para Cardeal Simeoni, 10 de setembro de 1886. Propaganda Fide. Vol. 45, 715-717.
- 175 Bispo Loughlin para Cardeal Simeoni, 26 de setembro de 1886. Propaganda Fide. Vol. 45, 722-725.
- 176 Ibid.
- 177 Ibid.
- 178 Arcebispo Corrigan para Cardeal Simeoni, 13 de outubro de 1886. Propaganda Fide. Vol. 45, 727-728.
- 179 Arcebispo Corrigan para Cardeal Simeoni, 29 de maio de 1887, Propaganda Fide. Vol. 46, 528-529.
- 180 Bispo Loughlin para Cardeal Simeoni, 18 de abril de 1887. Propaganda Fide. Vol. 47, 587.
- 181 Sharp, 260.
- 182 The Catholic Church in the United States of América, Vol. III [New York: The Catholic Ediling Company, 1914] 569.
- 183 Gailhac para a comunidade de Sag Harbor, GS/26/V/86/A.
- 184 Ibid.
- 185 Gailhac para M. St. Basil, GS/3/I/87/A.
- 186 Sr. Honorine morreu de febre tifóide aos 42 anos. Há uma certa incerteza sobre a data do falecimento da Sr. Josephine Nugent. O registro necrológico do Instituto e o Grande Registro referem a data de novembro de 1888. A certidão de óbito diz que morreu de hepatite e derrame cerebral em 22 de abril de 1889, aos trinta e três anos. Registro de Óbitos na localidade de Sag Harbor.
- 187 Ver George A. Slerling, M. D. para "A quem possa interessar", 13 de novembro de 1891, Arq. Hist./RSCM. Caixa 216.
- 188 "A Favour of Our Queen""Ave Maria", 30/18 (3 de maio de 1890) South Bend. Indiana: Notre Dame University Press.423.
- 189 Sr. Cecília Ryan para [M. St. Félix], 8 de setembro de 1889. Correspondência de Sag Harbor.
- 190 Ibid.
- 191 Ibid.
- 192 Ibid.
- 193 Declaração de Geo. A. Sterling. M.D., 9 de dezembro de 1889. Correspondência de Sag Harbor.
- 194 Gailhac para M. St. Basil, GS/16/VII/83/A.

MUDANÇA DA COMUNIDADE DE BOOTLE PARA SEAFORTH

Quando as Religiosas do Sagrado Coração de Maria aceitaram ir para Bootle, em 1872, ficou combinado que teriam de construir e manter o convento e a escola pelos seus próprios meios. O edifício original, no lado sul de Marsh Lane, tinha custado ao Instituto mais de £6.500.¹ Contudo, no espaço de dois anos, tornou-se evidente que era necessário construir um convento maior. Em 1874, a pedido das Irmãs, o pároco solicitou autorização ao bispo para comprarem um terreno e darem início à construção em Sea View Road. O bispo concordou facilmente mas com a seguinte ressalva: “Como se recordarão, ficou acordado entre nós que as Irmãs suportariam todo o custo do edifício e do mobiliário do convento, e que não haveria qualquer recurso a uma ajuda do exterior”.²

Alguns meses mais tarde, porém, a Companhia dos Caminhos-de-Ferro queria prolongar as suas linhas e pensou em pedir terreno da paróquia para o efeito. Nessa emergência, tanto o bispo como o pároco pensaram que uma nova igreja ficaria melhor situada precisamente no terreno recentemente adquirido para a construção do convento. Perguntaram a Gailhac se a propriedade poderia ser dividida para se adaptar às previsíveis necessidades tanto da paróquia como do convento. O Fundador recusou esse pedido, mas fê-lo de forma hábil e delicada. Ao escrever a Thomas Kelly, e indiretamente ao Bispo O'Reilly, relembra os seus planos:

Ficaria imensamente satisfeito em dar gosto ao seu santo bispo, e mais ainda a si, meu querido amigo, cuja dedicação aos nossos interesses eu aprecio cada vez mais. Mas acho que não é possível o que nos pede. Quando refletir sobre o assunto, compreenderá a minha recusa... Conforme já nos aconselhou, tencionamos enviar todos os anos [para o convento de Bootle], algumas das nossas jovens professoras. Irão estudar e preparar-se, de acordo com o sistema educativo da Inglaterra, a fim de trabalharem na sua escola e, como sugeriu, dedicarem-se ao apostolado nas escolas vizinhas, segundo as necessidades. Receio que, com o tempo, a propriedade se venha a tornar demasiado pequena para uma grande comunidade. Tenciono, um

*dia, adquirir o terreno vizinho, de Lord Dcrby, ou pelo menos uma parte, no caso de decidir vender. Como poderíamos, alguma vez, reduzir a área - penso que em um terço - sem prejudicar o bem-estar daqueles que agora ou no futuro aí vivem? Julgue por si próprio, querido amigo.*³

Para além das condições deste cuidadoso plano para instalar religiosas estudantes e outras que, um dia, pudessem ensinar noutras escolas do local, Gailhac foi muito claro acerca das necessidades imediatas: “A saúde das religiosas e das crianças exige um espaço amplo e uma grande área aberta, embora o enorme edifício que vamos começar já o reduza um pouco”.⁴

Felizmente, a Companhia dos Caminhos-de-Ferro adiou o seu plano de prolongamento atrasando assim, por um tempo, a necessidade de a paróquia se reinstalar. O novo convento em Sea View Road ficou concluído nos anos de 1875-1876, mas não sem grandes sacrifícios financeiros.⁵

Gailhac teve oportunidade de estar em Bootle no verão, durante os anos de 1876 a 1882, para orientar o retiro anual de oito dias às comunidades e presidir às cerimônias. Tal como indicava a sua carta para Thomas Kelly, Gailhac tomou verdadeiramente consciência do impacto do meio ambiente na saúde das Irmãs. Para ele, esta relação tinha ficado bem clara, de forma particularmente penosa em julho de 1881, quando as más condições de espaço e salubridade contribuíram para a morte de três jovens Irmãs em Lisburn. Em consequência disso, os superiores maiores tomaram a corajosa decisão de fechar o convento de Lisburn e retirar as religiosas até que as alterações estivessem concluídas.

Certamente o Fundador deve ter verificado que as condições ambientais em Bootle estavam a deteriorar-se. A medida que o espaço das docas se expandia mais para norte, os pobres continuavam a aglomerar-se nos arredores que constituíam a bacia hidrográfica da área de St. James School. Por volta de 1879, tornaram-se necessárias novas salas de aula para 170 crianças e teve de ser construída uma escola maior para rapazes.⁶ A população de Bootle, precisamente 16.200 em 1871, tinha subido para 27.400 em 1881,⁷ e as condições gerais de saúde estavam a deteriorar-se, especialmente para as crianças. W. E. Marsden descrevia assim a situação: “A superlotação e insalubridade das condições de vida e a excessiva falta de cuidados com as crianças, refletiram-se nas aterradoras taxas de mortalidade infantil abaixo dos cinco anos. Em 1879, a mortalidade infantil em Bootle foi calculada em 55% do total de mortes e, durante a epidemia de diarreia infantil, aumentou para mais de 70%”.⁸

É provável que Gailhac também começasse a perceber que o segundo convento, apesar de recentemente construído, começava a ficar superlotado. Segundo os recenseamentos realizados em 5 de abril de 1881, viviam no edifício do convento em Sea View Road vinte RSCM com idades entre os vinte e os quarenta e três anos; uma francesa de trinta anos, uma das antigas órfãs de Béziers; dezesseis alunas internas, inglesas e irlandesas, entre os sete e os dezessete anos de idade; um jardineiro e sua mulher, de Wexford, Irlanda.⁹ Certamente as quatro religiosas com menos de vinte e um anos estariam a estudar. Também é possível que outras seis, embora vivendo no cruzamento de Marsh Lane com Sea View Road, não ensinassem em St. James mas dirigissem a escola da missão do Santíssimo Sacramento, em Walton, ou numa escola privada na paróquia de St. James, em Park Vale Road. Ambas tinham sido inauguradas em 1881 e eram orientadas pelas RSCM.¹⁰

A situação tornou-se mais premente em 1883, quando os Caminhos-de-Ferro de Lancashire e Yorkshire entenderam que era inadiável prolongar as suas linhas e escolheram para o efeito os terrenos da igreja, escolas e casa paroquial. A notícia não foi dramática nem causou surpresa. O Catholic Family Annual and Almanac for the Diocese of Liverpool noticiava:

*Em virtude do rápido aumento do número de católicos, tal alteração é desejável pois os atuais edifícios estão totalmente desadequados para as necessidades. Conseguiu-se um local muito apropriado, que se encontrava livre, e a construção da nova Igreja, casa e escolas deve avançar rapidamente, a fim de estar tudo pronto em setembro de 1884.*¹¹

A Companhia dos Caminhos-de-Ferro pagou £20.000 pelo antigo terreno, tendo começado imediatamente a construção no novo local. A primeira pedra foi colocada a 20 de julho de 1884 e a nova igreja inaugurada a 7 de fevereiro de 1886.¹² O pároco, Thomas Kelly, fez a sua última aparição pública nessa inauguração. Teve de resignar devido ao seu debilitado estado de saúde, que culminou num ataque de paralisia. Embora tivesse vivido até 15 de agosto de 1888, deixou a sua missão em agosto de 1887, sendo substituído por Patrick Louis Kelly. O anuário diocesano de 1889 evoca o contributo de Thomas Kelly: “Quando foi para ali [paróquia de St. James], em 1871, os paroquianos que frequentavam a antiga igreja não excediam os 250. Atualmente, o seu número é de 8.000. havendo 1.200 alunos nos registros das escolas”.¹³

No meio deste crescimento, não surpreende que Gailhac começasse a ficar preocupado com a saúde das Irmãs, dada a superlotação no convento,

numa área em vias de ficar superpovoada. Ele e a M. St. Félix visitaram Bootle em agosto de 1883. Uma antiga aluna lembrava com algum detalhe a sua chegada:

Foi saudado em francês por uma menina de oito anos, que não compreendia uma única palavra do que estava a dizer, mas tinha memorizado as palavras "Bonjour, mon père. Bonjour, ma mère. Soyez les bienvenus. Nous sommes très heureux de vous voir!" A criança disse ainda que as botas estavam a torturá-la!¹⁴

Depois do retiro, Gailhac e a M. St. Félix reuniram-se com o conselho das casas de Inglaterra e Irlanda. Tendo em conta o número de edifícios que estavam a ser construídos em torno da propriedade, tomaram consciência de que as condições ambientais no distrito, cada vez mais populoso, se tornavam pouco saudáveis; até as árvores de fruto estavam a morrer. A M. St. Félix escrevia mais tarde: "Tinham sido construídas grandes fabricas naquela área, tornando-a inabitável. Os pais receavam que o fumo prejudicasse as filhas e não queriam levá-las à escola".¹⁵ A decisão estava tomada: encontrar um local melhor situado para o realojamento, logo que surgisse a oportunidade, e colocar à venda a propriedade atual.¹⁶

Mudança para Seafield House em Seaforth

A oportunidade não se fez esperar. A 2 de novembro de 1883, a Casa Mãe soube, através de um telegrama, que uma imensa propriedade perto do mar estava a ser vendida por "expropriation forcée". O Conselho Geral, por unanimidade, decidiu comprá-la e telegrafou de imediato para Inglaterra dando conhecimento da sua decisão.¹⁷

O edifício era uma magnífica herdade, originalmente chamada Seafield Hall, construída em 1860 por um grande magnata da marinha mercante, chamado William James Fernie. Vinte anos depois, vendeu-a à International Marine Hydropathic Co. que, por cerca de £100.000, transformou a residência privada na Seafield House - um hotel de luxo com quartos para duzentos hóspedes e capacidade para receber quinhentos comensais. O próprio edifício tinha seis andares e ostentava trezentas e sessenta e cinco janelas, uma para cada dia do ano. Estava equipado com tudo o que se possa imaginar: relvados bem cuidados para ténis e outros jogos, um lago em miniatura, uma larga escadaria circular, banhos quentes e frios de água do mar ou natural,

aquecimento central, mobiliário de estilo, estábulo para trinta cavalos, estufas e, no relvado frente à entrada principal, uma fonte ornamentada com uma espécie de garça-real em ferro. A paisagem vista a partir da casa e alamedas era assim descrita: “...variada e extensa, abraçando o estuário do Mersey, com toda a costa de Cheshire, desde o Mesey ao Dee, a costa de Gales do Norte até à Ilha de Anglesey, as cordilheiras de Snowdon, a cordilheira Clwydian e a de Carnedd Llewellyn”.¹⁸

O hotel foi inaugurado a 25 de setembro de 1882, mas, pouco mais de um ano depois, os proprietários estavam ansiosos por negociar a sua venda. Aparentemente, a *Hydropathic Co.* esperava que os americanos, ao chegarem de uma viagem no transatlântico, desejassem hospedar-se na Seafield House.¹⁹ Foi uma terrível previsão, especialmente quando associada à mudança de planos para o desenvolvimento da doca: o cais do Príncipe tinha sido escolhido para desembarque dos passageiros dos transatlânticos e a área de Seaford destinada para doca seca. Como referiu alguém de visão. “Seafield House tinha vigas de madeira em vez de turistas”.²⁰ Os resultados foram desastrosos e a casa foi alcunhada de “*Fernie’s Folly*”.

Ao que parece, Seafield House tinha sido colocada em hasta pública mas não apareceu comprador. As RSCM, agindo imediatamente, negociaram a compra por apenas £30.000. Contudo, até que a dívida fosse paga, e a anterior propriedade de Marsh Lane vendida, este problema financeiro não deixou de preocupar a M. St. Félix e todo o Instituto.

Pode parecer estranho que o Fundador e a M. St. Félix tenham autorizado a compra de um luxuoso hotel à beira-mar com estufas e relvados bem cuidados, para instalar um convento e uma escola. Certamente, foram mais atraídos pelo espaço e ambiente saudável do que pelo luxo. Os panfletos da escola, que apresentavam a primeira finalidade da propriedade como uma “estância de saúde” mais do que um luxuoso hotel, mostravam-no claramente. Talvez por essa razão, a compra da propriedade por religiosas não tenha causado escândalo. Além disso, foi amplamente conhecido que a casa estava a ser mobilada de forma simples, como escola. Mais tarde, uma escritora descrevia assim o cenário:

*Uma vez mais vieram os trabalhadores. As carpetes foram arrancadas, o soalho despido e encerado até brilhar. A mobília de estilo foi retirada e substituída por secretárias e cadeiras de madeira, bancos, longas mesas de jantar e dezenas de pequenas e duras camas. Seafield House abriu as portas a filas e filas de jovens, todas de vestido preto, chapéus de palha pretos, meias e luvas pretas e, ao domingo, xailes brancos.*²¹

O Catholic Family Annual and Almanac for the Diocese of Liverpool traduzia o entusiasmo das pessoas com a venda feita às Religiosas do Sagrado Coração de Maria: “A imagem de Seafield House deixará de estar associada à riqueza e azáfama de um magnífico hotel, e devemos reconhecer que, como espaço de formação para jovens católicas que se preparam para enfrentar os desafios da vida, servirá, de longe, a um fim mais nobre”.²²

Preocupações da M. St. Félix em relação ao Instituto

A superiora geral escrevia muitas vezes à M. St. Eugène Granier, superiora da comunidade de Seaforth. Tinha havido entre elas um relacionamento muito próximo, desde a altura em que Francille era uma das crianças do orfanato dirigido pela M. St. Félix. Sobrinha do fundador, a M. St. Eugène era estimada pela M. St. Félix apesar de, como superiora de Seaforth, lhe causar tantas preocupações. Na coleção de mais de oitenta cartas encontradas nos arquivos do generalato, em Roma, intitulada *Cartas da M. St. Félix para Inglaterra!Irlanda, 1883-1905*,²³ quase todas são dirigidas à M. St. Eugène. à sua assistente, M. Sacré Coeur MacMullen, ou às duas. Um bom indício da preocupação que esta comunidade constituía para a superiora geral e do tempo e energias que isso lhe exigia.

Muitas vezes, as cartas da superiora geral continham notícias de outras comunidades do Instituto: as mortes e os progressos feitos pelas Irmãs doentes, no Porto e em Braga,²⁴ a epidemia de cólera em Béziers,²⁵ o cansaço geral experimentado pelas superiores de Lisburn, Ferrybank e Porto.²⁶ Em dada ocasião, a M. St. Félix mostrou-se preocupada com a saúde da superiora de Seaforth e da sua assistente, lamentando que a M. St. Eugène tenha ficado com as gengivas muito doloridas depois de lhe terem sido extraídos todos os dentes,²⁷ e também quando enviou uma receita para um xarope de laranja (com vinho branco), que deviam tomar todos os dias para bem da sua saúde.²⁸

Algumas vezes, a superiora geral escrevia abertamente sobre as suas frustrações, porque não tinha ninguém que a ajudasse a resolver as necessidades das comunidades: “... enquanto Deus o permitir, devemos fazer o que podemos e não aquilo que queremos”, escrevia ela numa carta para a M. St. Eugène e M. Sacré Coeur, a 13 de agosto de 1884. A M. St. Félix terminava a carta com um pedido de orações pelas necessidades do Instituto e por ela própria. “*Adieu, chères enfants*. Rezem todos os dias pela vossa pobre, muito pobre mãe, que tanto necessita da ajuda do alto!!!”²⁹

Na sua maior parte, as cartas da M. St. Félix para Seaforth diziam respeito a assuntos da comunidade e à dívida contraída pelo Instituto na compra da Seafield House. Mesmo ainda antes da mudança para Seaforth, a M. St. Félix escrevia a lamentar a dívida de Bootle. Em fevereiro de 1883, dizia estar “estupefata” e Gailhac “muito preocupado” por verificarem que a comunidade tinha uma dívida de £400.³⁰ Cinco dias depois, perguntava: “A escola não tem pelo menos vinte e duas internas e quarenta a quarenta e cinco externas? Com alguma habilidade e economia, e com esses recursos, de certeza que a comunidade conseguirá pôr de parte algum dinheiro para pagar a dívida”.³¹

A superiora geral também se preocupava muito porque a M. St. Eugène não informava a Casa Mãe sempre que estavam pendentes alguns problemas financeiros graves. O padre Thomas Kelly andava ocupado com a venda da propriedade de Sea View Road, mas a Casa Mãe não era informada do andamento das negociações. Nessa e em situações semelhantes, a resposta típica da M. St. Félix à superiora de Seaforth era de decepção pessoal: “Não compreendo, querida filha, como nos pode deixar em semelhante angústia”.³²

A venda da propriedade de Seaforth efetivou-se a 4 de julho de 1884 e o contrato foi assinado por oito religiosas designadas para o efeito. A M. St. Félix concordou com as condições da venda - “um total de £30.000 a pagar: £10.000 em dois anos; £5.000 em cinco anos; o restante no prazo de quinze anos, a 4% de juro;33 as implicações financeiras do reembolso do capital e os juros só gradualmente seriam efetivadas. Em novembro de 1884, a superiora geral escrevia à M. Sacré Coeur, Ecônoma em Seaforth, a perguntar quais seriam os encargos das £30.000 e a saber se havia evolução relativamente à venda da propriedade de Sea View Road, em Bootle. “Se não fizerem economias significativas, o futuro da comunidade ficará seriamente comprometido ...”³⁴ - avisava.

Como se aproximava o prazo dos três meses para o pagamento de juros, a M. St. Félix admitiu que ficou assustada quando viu a dívida. Como iria liquidar esta dívida sem recursos? Respondeu à pergunta, voltando à sua estratégia habitual: todas tinham de economizar - na carne, na luz, no aquecimento - e dar especial atenção à cozinha. O juro a pagar era £152; a Casa Mãe tinha contribuído com £110, mas a comunidade de Seaforth teria de providenciar as restantes £42.³⁵ Depois, teriam de levar as £152 ao solicitador da comunidade em Liverpool, Mr. Bradley,³⁶ e obter um recibo do pagamento.³⁷

Uma vez liquidado o pagamento daquele juro, a M. St. Félix começou a ficar preocupada com o pagamento seguinte, ou seja, £593, a vencer em

5 de julho.³⁸ Parecia-lhe viver de pagamento em pagamento. O ano de 1885 foi particularmente difícil em Béziers, visto que a filoxera tinha destruído as vinhas em outubro; por essa razão, a Casa Mãe não pôde contar com o dinheiro proveniente da venda das uvas. A M. St. Félix partilhava com a M. St. Eugène a sua preocupação: “É a vontade de Deus! O nosso querido Instituto não cresce sem sofrimento e provações. A solução dos nossos problemas materiais, neste momento de crise financeira que vivemos, preocupa-me muito”.³⁹ Algumas semanas depois, a M. St. Félix escrevia de novo à M. St. Eugène e M. Sacré Coeur, terminando assim a sua carta: “Adieu, queridas filhas. Rezem por mim. Sinto-me esmagada por aflições e ansiedades de toda a espécie”.⁴⁰ Dirigiu-se depois com urgência a Bayssan, onde uma das primeiras Irmãs, St. Modeste Jeantet, acabara de sofrer uma hemorragia cerebral.

No ano seguinte, as preocupações da M. St. Félix não diminuíram. O seu desespero, ansiedade e tristeza ficaram expressos numa carta para a M. St. Eugène, de 27 de janeiro de 1886. Tinha pedido que as contas da comunidade fossem enviadas para Béziers antes do Natal, mas ainda não havia sinal delas. Deu instruções à superiora para que insistisse com a M. Sacré Cceur a fim de que esta desse ao assunto a máxima prioridade. E perguntava: “Onde estaria a Casa Mãe se todas as casas filiais me causassem tanto sofrimento como a vossa? E onde estaria todo o Instituto se a Casa Mãe fosse negligente na prestação de contas relativas às suas responsabilidades espirituais e materiais?” Efetivamente, as contas chegavam sempre atrasadas. A M. St. Eugène desculpava-se à superiora geral, dizendo: “Estamos muito ocupadas”. Isto levou a M. St. Félix a perguntar à M. St. Eugène se pensava que era a única pessoa no Instituto que estava muito ocupada. Contrastando com esta atitude, referia-se à resposta das comunidades portuguesas: a M. St. Thomas era um modelo de “pontualidade e admirável exatidão”, e a superiora de Braga, M. St. Liguori, era igual; e Deus abençoava-as por isso.⁴¹

Essa negligência era penosa para a superiora geral, por várias razões. Em primeiro lugar, ao comprar aquela grande casa na Inglaterra, o Instituto estava de certo modo a fixar um local central, não só para as comunidades inglesas e irlandesas, mas para todo o Instituto. Por isso, no espírito da M. St. Félix, a comunidade de Seaforth devia ser, em todos os aspetos, a cópia mais perfeita da Casa Mãe, incluindo o seu espírito de ordem e economia.⁴² A M. St. Félix afligia-se ao constatar como a comunidade de Seaforth estava longe de se mostrar à altura do seu ideal. Embora não tenha sido explicitamente referido na ocasião, Seaford House, com a sua capacidade de alojar duzentas pessoas, tinha potencial para se tornar uma “segunda Casa Mãe”, em tempo de crise ou

perseguição; a transferência gradual de alguns documentos do Instituto para Seafield, no início do século vinte, assim o sugere.

Em segundo lugar, não era só a Casa Mãe, mas também as outras fundações que contribuíam regularmente para ajudar a pagar a tempo os juros de Seaforth. A M. St. Félix dependia da sua ajuda generosa e regular. Ao contrário, a comunidade mais diretamente envolvida na dívida parecia extremamente descuidada. No fim de janeiro de 1889; quando a M. St. Félix pediu o contributo das casas filiais, todas procuraram contribuir. As casas portuguesas, por exemplo, enviaram £290 e a superiora de Ferrybank explicou que, nesse ano, só podiam enviar £50 visto ter havido um incêndio na vacaria, que tinha de ser reconstruída. A comunidade de Seaforth nem sequer respondeu. A M. St. Félix confessou que não conseguia dormir com a preocupação da dívida e estava muito indignada com esta irresponsabilidade.⁴³

Em terceiro lugar, a M. St. Félix era uma mulher muito sincera, honesta, meticulosa e totalmente dedicada ao Instituto. Antes de ser nomeada superiora geral, tinha sido Ecônoma geral durante vários anos e continuou a exercer as duas responsabilidades durante vinte e cinco anos. Devido à forma cuidadosa de tratar os assuntos, tinha muita dificuldade em aceitar uma prestação de contas incompleta ou incorreta, da parte de qualquer comunidade. Numa das suas cartas para a M. St. Eugène, manifestava a esperança de que, no futuro, não a deixasse a sofrer pela falta de informação detalhada de que necessitava. E prosseguia: “Se soubesse, querida filha, que tormento é para uma superiora, responsável por tudo diante de Deus e dos homens, não conseguir chegar aos pormenores de que necessita para ficar ao corrente de tudo o que toca os seus deveres!”⁴⁴ Ao ler as suas cartas para a M. St. Eugène e para a Ecônoma de Seaforth, M. Sacré Coeur, torna-se evidente que a M. St. Félix teve de as orientar, passo a passo, sempre com todo o pormenor. Era como se elas não conseguissem ou não fossem capazes de responder às suas expectativas. Em consequência, passou a controlar as contas daquela comunidade, talvez em detrimento de alguns assuntos pessoais, e começou a equacionar uma comunidade consistente e com um saldo equilibrado.⁴⁵

Finalmente, é óbvio que a M. St. Félix sofreu uma decepção, porque a sua angústia e sofrimento não foram tomados a sério pela religiosa a quem ela parecia ser tão chegada, não só porque era sobrinha de Gailhac, mas também por ser a única superiora francesa nas fundações; além disso, a M. St. Félix conhecia a M. St. Eugène desde criança, no orfanato e no internato.⁴⁶

M. St. Eugène Granier - expectativas goradas

A M. St. Eugène revelava dificuldades desde que foi nomeada superiora de Bootle, em 1872. A M. St. Croix, então superiora geral, tinha sido enviada para a primeira fundação inglesa, a fim de preparar a superiora, e não teve dúvidas quanto às limitações dela. Gailhac escreveu inúmeras cartas à sua sobrinha, tentando ajudá-la a corresponder ao que ele considerava ser a função de uma superiora, uma vocação dentro de outra vocação.

Desde o início de 1875 que o padre Thomas Kelly tinha percebido que faltavam à M. St. Eugène as qualidades necessárias para ser responsável pela comunidade de Bootle. Numa carta para Gailhac, fazia esta observação: além disso, é demasiado influenciada pela Irmã coadjutora Melanie”. Pedia que a M. St. Thomas voltasse a ser a superiora de Bootle, que a M. St. Eugène, se necessário, fosse nomeada sua assistente, e que a Sr. St. Melanie fosse transferida. Terminava dizendo: “Lamento ter de dizer isto, mas faço-o pelos interesses do convento e no cumprimento da responsabilidade que me confiou”.⁴⁷ A M. St. Croix compreendia muito bem as limitações da M. St. Eugène, mas também sabia como Gailhac amava a sua sobrinha. Como último recurso, a M. St. Croix sugeria que se instituísse em Bootle um conselho comunitário para apoiar a M. St. Eugène na sua função de superiora. Em 1875, a M. St. Croix escrevia a Gailhac:

*Vamos tentar novamente, meu querido Padre; tem sido tudo tão “mastigado” para ela - perdoe a expressão - que ela só tem mesmo que engolir. E se acontecer o pior, meu bom Padre, a querida filha poderá ser útil na Casa Mãe e podereis escolher uma superiora entre as vossas filhas de Liverpool, sem tocar na Casa Mãe. Mas vamos tentar, meu querido Padre. Espero que o resultado seja favorável.*⁴⁸

O conselho comunitário parecia não resultar. A M. St. Eugène não evoluía, mas não foi retirada da sua função. Parecia confiar na M. Sacré Cœur, sua assistente, que ela conhecia desde o tempo do internato, embora fosse um ano mais velha do que ela. Todavia, a sua companheira favorita era a Irmã coadjutora, St. Melanie Condoyer. Embora esta Irmã fosse quatro anos mais velha do que ela, tinham estado juntas no orfanato, antes de a M. St. Eugène ter sido transferida para o novo internato em 1851. A Sr. St. Melanie entrou mais tarde para o Instituto, com dezesseis anos, e fez a profissão três anos depois, em 1860, ano em que a M. St. Eugène foi recebida como noviça. A Sr. Ste. Melanie foi enviada para Lisburn com a primeira comunidade, mas os

superiores maiores transferiram-na para Bootle, talvez para apoiar a M. St. Eugène, no primeiro dia daquela fundação.

A dependência da M. St Eugène em relação à Sr. St. Melanie causou muitos problemas. Tanto o pároco como o bispo de Liverpool comentaram esta tensão existente na comunidade. Em 1886, a M. St. Félix reconheceu que se verificaram alguns abusos graves, tendo a superiora permitido que a Sr. St. Melanie assumisse algumas das suas responsabilidades.⁴⁹ Isso causou tensão e descontentamento entre as Irmãs. Numa carta para a M. St. Eugène e M. Sacré Coeur, a superiora geral deixava claro que cada membro da comunidade devia ocupar o seu lugar e não tentar ocupar o lugar de outra. A falta de bom senso relativamente a este assunto, escrevia a M. St. Félix, é a causa do grande incômodo e sofrimento que a M. St. Eugène e as Irmãs da sua comunidade estão a viver; é causa também da relutância que impede outras Irmãs de virem para a comunidade de Seaforth. Numa linguagem firme, a superiora geral dizia que esperava e rezava com todo o coração para que a M. St Eugène e M. Sacré Coeur "...entendam bem a absoluta necessidade de remediar seriamente estes abusos".⁵⁰ Contudo, como se depreende da correspondência da superiora geral, mesmo depois daquele incidente, a Sr. St. Melanie teria continuado a receber especial atenção e afeto.⁵¹ Assim, a superiora geral, embora conhecendo bem o grau de dependência naquele relacionamento, não fez absolutamente nada para mudar a Sr. St. Melanie mas permitiu que tudo continuasse na mesma, agravando deste modo os problemas na comunidade.

É provável que a ligação da M. St. Félix à M. St. Eugène se baseasse, em parte, no fato de sentir que podia falar abertamente sobre assuntos pessoais e sobre o fundador, tio da M. St. Eugène. Raramente confiava esses assuntos ou falava sobre a verdadeira situação de Gailhac com outras Irmãs; com a M. St. Eugène e a M. Sacré Coeur, porém, achava que o podia fazer. Numa carta de 4 de janeiro de 1888, falava da sua falta de capacidade para escrever. A M. St. Eugène e a M. Sacré Coeur já antes lhe tinham perguntado como estava, e ela pensou que estariam mesmo interessadas na resposta. Nessa carta, a M. St. Félix dizia-lhes que ficara doente desde a sua última viagem a Inglaterra. Sentia o peso do seu fardo [como superiora geral] mais do que nunca, especialmente os assuntos materiais da comunidade de Seaforth. Afirmava ainda que não tinha partilhado com mais ninguém que uma das razões porque não escrevia mais vezes, era a falta de tempo, pois "o querido e reverendo Padre a absorve inteiramente".⁵²

No verão de 1888, a M. St. Félix escreveu à M. St. Eugène falando da falta de saúde e conseqüente fraqueza do Fundador. Nessa situação, a viagem

de trem de Béziers para Seaforth, para o retiro, estava posta em dúvida. Era perceptível o alívio da M. St. Félix pelo cancelamento antecipado, mas Gailhac acabou por tomar a decisão de ir. "Nada podia impedi-lo de fazer esta viagem", escrevia a M. St. Félix à M. St. Eugène. "Só me restou resignar-me e aceitar".⁵³

O caso lamentável de Gertrude Corrigan

Para a comunidade de Seafield House, a demissão e subsequente queixa de Marie Gertrude Corrigan foi causa de grande preocupação. O que parecia ter sido um simples caso de reenvio de uma jovem Irmã para a sua família, tornou-se uma cause célèbre que acabou por envolver o pároco de Ulster, o bispo de Down e Connor, o bispo de Liverpool, o Cardeal Protetor, Hohenlohe, o Secretário da Propaganda Fide em Roma, Cardeal Simeoni e os seus secretários, Msr. Auge e as superiores de Seaforth e Béziers. O mais grave é que afetou negativamente o relacionamento entre o Bispo O'Reilly de Liverpool, a superiora e sua assistente de Seafield House e o Fundador.

De acordo com o relato da M. St. Félix, Miss. Corrigan tinha entrado no Instituto em Béziers, em setembro de 1878, aos dezessete anos. Foi admitida como noviça em 1879 e enviada para Ferrybank como membro da comunidade fundadora, em setembro desse ano. Durante os dois primeiros anos passados em Ferrybank, as suas faltas de caráter começaram a tornar-se evidentes e a superiora da comunidade, M. St. Alphonsus Keane, e os superiores maiores, decidiram que ela regressasse à família. A Sr^a Corrigan implorou que dessem à sua filha uma segunda oportunidade e a M. Gertrude prometeu solenemente que iria mudar as suas atitudes. Os superiores maiores decidiram, então, dar-lhe uma nova oportunidade e autorizaram-na a começar tudo de novo, enviando-a para a comunidade de Bootle. Depois de completar os vinte e um anos, a M. Gertrude pediu para fazer os votos temporários. Gailhac reuniu-se com o conselho da comunidade de Bootle, tendo este testemunhado que a M. Gertrude parecia viver empenhada em cumprir a sua promessa de conversão. Até mesmo a sua anterior superiora, M. St. Alphonsus, notou uma mudança positiva. A M. Gertrude foi então autorizada a fazer votos por cinco anos. Contudo, mal acabou de fazer os votos, mudou por completo. Ignorava a Regra e criticava as superiores e outros membros da comunidade. A M. St. Félix descrevia assim a situação: "O seu comportamento era verdadeiramente diabólico; tornou-se de tal forma impossível para a comunidade que algumas Irmãs pediram aos

superiores maiores para as mudar de casa. Não era possível fazer nada por ela”. Até Gailhac lhe tinha escrito várias vezes, dando-lhe conselhos sobre a forma como podia modificar-se, mas não houve qualquer alteração no seu comportamento.⁵⁴

Quando escreveu a Mons. Auge, a M. St. Félix foi muito cuidadosa ao explicar que a Regra do Instituto conferia à superiora o direito de desvincular uma professa de votos temporários, se a mesma demonstrasse não ter vocação para a vida religiosa. Incluiu uma cópia do artigo da Regra (Parte II, Capítulo I), onde podia ler-se: “A religiosa só faz os votos perpétuos depois de terminados os cinco anos de votos temporários. Se durante esse período, uma Irmã mostrar incapacidade para a vida religiosa, os seus votos cessam a partir desse momento e será despedida delicadamente”. A M. St. Félix enviou à M. Gertrude uma cópia desse auto, para que ela tomasse conhecimento de que os seus votos tinham cessado no momento em que tinha sido formalmente despedida por Gailhac, a 4 de agosto de 1884.⁵⁵

Entretanto, a M. Gertrude descreveu, em vinte e quatro páginas, a versão da sua experiência na comunidade de Bootle. Enviou-a primeiro ao pároco e depois ao bispo da diocese de Down and Connor que, por sua vez, a enviou ao bispo da diocese de Liverpool. Nessa sua defesa, a M. Gertrude explicava detalhadamente como, “em todas as ocasiões, a preferência decisiva e aberta da superiora pela Irmã coadjutora, Ste. Melanie”, tinha criado grande mal-estar na comunidade. Segundo a M. Gertrude, a M. St. Eugène seguia todas as sugestões da Irmã coadjutora. Sentia que “...era mais digna de pena do que de censura, pois era praticamente incapaz de ter uma opinião pessoal”. De acordo com o relato da M. Gertrude, todas as Irmãs criticavam constantemente a superiora e ficavam incomodadas com a sua dependência da Sr. Ste. Melanie. Em determinada altura, a superiora pediu à M. Gertrude, em nome da obediência, para lhe dar conhecimento das críticas da comunidade. Depois, reuniu a comunidade, mas, em vez de se referir às críticas, acusou a M. Gertrude de dar informações sobre a comunidade ao revelar as queixas das Irmãs. Não surpreende que a M. Gertrude se tenha queixado; todas as Irmãs se voltaram contra ela, determinadas a expulsá-la. Após a sua demissão, decidiu apelar ao clero, pois achava que tinha sido tratada injustamente e privada da sua verdadeira vocação para a vida religiosa.⁵⁶

O bispo O'Reilly tomou conhecimento deste caso pelo bispo de Down and Connor, Patrick Dorrian, que, a 7 de janeiro de 1885 escreveu:

*No interesse de uma jovem, cujo tio é pároco neste condado, envio a correspondência do seu pároco, homem muito prudente. Ela foi convidada a deixar o convento em Scafield, perto de Liverpool, creio que injustamente. Temos uma filial [Lisburn] onde a jovem foi educada. Peço apenas a Vossa Reverência o favor de verificar se, em seu entender, este caso foi tratado corretamente.*⁵⁷

O bispo O'Reilly deslocou-se ao convento, no próprio dia em que recebeu a carta, a 9 de janeiro. Encontrou-se com a superiora, M. St. Eugène, e com a sua assistente, M. Sacré Coeur. De acordo com as notas do bispo sobre este encontro, ele "... ordenou a cada uma delas que enviasse, em separado, um documento com a sua visão do ocorrido, na condição de cada uma escrever o depoimento sem se consultarem mutuamente, nem a terceiros, nem falarem a quem quer que fosse sobre o assunto". Escreveu-lhes cinco dias depois, ordenando a cada uma que enviasse o seu documento na volta do correio.⁵⁸

As duas superiores fizeram longas descrições acerca do comportamento da M. Gertrude Corrigan, segundo o seu ponto de vista. A M. St. Eugène escreveu em francês⁵⁹ e a M. Sacré Coeur em inglês,⁶⁰ mas o conteúdo dos seus relatos era quase idêntico. Na opinião do bispo, eram tão semelhantes que ele concluiu terem copiado uma pela outra, em direta violação das instruções que lhes tinha dado. Entretanto, Gailhac pediu à M. St. Félix que escrevesse à sua sobrinha, aconselhando-a sobre a forma de lidar com o assunto. Devia explicar-lhe que a M. Gertrude tinha apenas votos temporários e que o seu propósito de conversão e a promessa de corrigir o seu comportamento tinham levado o Instituto a autorizar que fizesse votos por cinco anos. A M. St. Félix contava que Gailhac tinha aconselhado a sobrinha a chamar a atenção para os escândalos provocados pela insubordinação e contínua arrogância da M. Gertrude.⁶¹ Algum tempo depois, a M. St. Félix escreveu de novo à M. St. Eugène, dizendo-lhe que enviasse ao bispo o texto do artigo da Regra que dava ao Instituto o direito de mandar embora jovens professoras.⁶²

Gailhac também tinha escrito uma longa carta ao bispo O'Reilly, dando a sua interpretação do comportamento da M. Gertrude e explicando com clareza que a Regra, já por duas vezes aprovada em Roma (em 1873 e 1880), deixava claro que os votos temporários ficavam anulados assim que a jovem professora fosse despedida.⁶³ Não sendo esse o caso - continuava Gailhac - os superiores teriam enviado a Irmã novamente para o noviciado, onde ficaria até ao termo dos votos temporários.

Numa defesa pouco comum de si próprio, Gailhac respondeu à indireta

acusação que lhe era feita pelo bispo de que ele tinha falhado no cumprimento dos cânones da Igreja:

Permita-me que diga a V. Rev. “que, durante os meus cinquenta e nove anos de sacerdócio, nunca deixei de observar todos os cânones ou regulamentos da Igreja. Como me foi explicado em Roma, o direito de fazer em todos os nossos conventos tudo o que for necessário para o bem do Instituto, é inerente ao meu título de fundador. Aliás, sempre pedi aos bispos das dioceses, a que pertencem as minhas religiosas, as necessárias autorizações. A resposta que me têm dado sempre é: Faça aqui tal como faz na Casa Mãe.”⁶⁴

O Fundador terminava a carta com as habituais palavras de respeito, mas também com a esperança de que o bispo não tivesse ficado zangado com as suas considerações. Procedeu assim porque, naquela circunstância, lhe pareceu necessário “reabilitar-se” aos olhos do bispo.⁶⁵

Infelizmente, a M. St. Eugène já tinha apresentado a sua carta ao bispo. Este, não entendendo bem a orientação do Instituto, tinha dito que a Irmã precisava de escrever ao Santo Padre a pedir a dispensa de votos. Além disso, também já tinha escrito ao pároco da M. Gertrude:

Relativamente aos votos, apenas posso dizer que temos estado na expectativa diária de receber a carta que a Rev. Madre Geral desejava que Miss Corrigan escrevesse com urgência e no-la enviasse a nós, ou diretamente para Béziers, a fim de ser remetida para Sua Santidade o Papa. Se ela no-la fizer chegar, daremos andamento imediato ao assunto e estou certa de que receberá a Dispensa rapidamente.”⁶⁶

Porém, de acordo com o testemunho confuso da M. St. Eugène, parece que ela já tinha enviado a jovem professa para casa, antes de a dispensa ter sido pedida e concedida.⁶⁷

Acentuou-se a confusão. O bispo ficou furioso pelo fato de as duas superiores [M. St. Eugène e M. Sacré Coeur] terem desobedecido às suas ordens diretas sobre a forma como lhe deviam enviar as cartas, isto é, separada e confidencialmente. A situação piorou quando as duas se recusaram a admitir que tinham conversado entre si sobre o assunto das cartas, apesar de a semelhança entre estas ser evidente. O bispo foi, então, levado a duvidar da obediência e sinceridade das superiores e pretendia que Gailhac as substituísse. Como este não o fizesse, questionou-se se aquela seria a altura certa para a entrada de jovens no Instituto. Por consequência, quando o pároco pediu ao bispo para renovar as autorizações habituais ao Padre Gailhac, a fim de que.

quando fosse a Seafield House em agosto, pudesse presidir à profissão de seis Irmãs e tomada de hábito de outra,⁶⁸ o bispo respondeu retirando a Gailhac todas essas autorizações, exceto a de ouvir em confissão a comunidade do convento de Seafield House. "Para além disso" - escrevia o bispo - "não darei quaisquer outras autorizações".⁶⁹ Falharam as tentativas de Gailhac para apelar a Roma, pois o bispo escrevera ao mesmo tempo, e à mesma entidade em Roma, insistindo nos seus direitos como ordinário da diocese.⁷⁰

Gailhac e a M. St. Félix chegaram a Seaforth no final de agosto de 1885. No dia 25, o bispo O'Reilly veio visitá-los ao convento. Segundo o relato da M. St. Félix, após uma longa conversa com o Fundador sobre a expulsão da professa de votos temporários, o bispo ficou convencido a ponto de lhe dizer: "Fez bem". Entre outras provas de estima, disse a Gailhac: "Dou-lhe todas as autorizações de que necessita para desempenhar as suas funções". Acrescentou que "...a comunidade nunca lhe tinha causado qualquer preocupação, as religiosas eram totalmente dedicadas aos seus deveres e as escolas funcionavam muito bem". Escusado será dizer, o Fundador ficou muito consolado com esta reconciliação.⁷¹

Terminado o retiro e as cerimônias, Gailhac e a M. St. Félix regressaram a Béziers, mas o fundador levava com ele a carta da M. St. Eugène, de 14 de janeiro, que o bispo tivera a amabilidade de o deixar analisar. Quando deu conta, o bispo considerou que a atitude de Gailhac tinha sido uma mera distração e pediu-lhe para devolver a carta, uma vez que esta pertencia à diocese e devia ser conservada nos arquivos. Porém, ficou admirado com a atitude de Gailhac, recusando-se a devolver a carta e insistindo que esta era "muito inexata" porque a M. St. Eugène, sob a emoção do momento, não sabia o que estava a escrever: no entanto, iria enviar ao bispo o verdadeiro relato, na íntegra.⁷²

O bispo estava surpreendido e decepcionado com o comportamento de Gailhac. Insistiu com ele para que fizesse e guardasse uma cópia da carta e preparasse algumas notas sobre as inexatidões que ela continha, e ele tomaria isso em conta; todavia, o original tinha de ser devolvido.⁷³ Gailhac escreveu ao bispo pedindo desculpa por qualquer sofrimento que lhe tivesse causado inadvertidamente, ao guardar o relato inexato da superiora de Seafield House. Contudo, ao devolver a carta da sobrinha para os arquivos da diocese, pedia que, juntamente com o relato de 14 de janeiro, fosse guardado também um relato exato da superiora geral.⁷⁴ O bispo escreveu a Gailhac, acusando a recepção das cartas e salientando que o seu comportamento, ao levar a carta da superiora, tinha servido apenas para alimentar suspeitas acerca do caráter da M. St. Eugène e da sua assistente.⁷⁵

O Padre Gailhac voltou a orientar retiros em Seafield House em 1886, 1887 e 1888. Foi sempre muito cuidadoso em solicitar ao bispo as necessárias autorizações, embora a questão tivesse ficado resolvida em 1885. O secretário do bispo respondeu sempre afirmativamente, mas não há registro de outro encontro entre o Fundador e o bispo. De fato, nos quatro anos seguintes, o bispo recusou visitar o convento e as escolas.

O pároco que sucedeu a Thomas Kelly em 1887, P. L. Kelly, escreveu ao bispo uma carta delicada e corajosa, pedindo-lhe que perdoasse às duas superiores a sua visão deturpada dos acontecimentos e falta de obediência. Os seus erros, argumentava o pároco, tinham sido apenas por falta de bom senso; contudo, o bispo tinha-as castigado publicamente - nunca se aproximar delas, privando-as da sua presença e conselho. "Aos olhos da comunidade católica, isto corresponde a uma excomunhão episcopal, que não só as prejudica mas destrói efetivamente o seu bom nome". Terminava a carta com este pedido: "...como atual representante do Sagrado Coração de Jesus e distribuidor dos Seus dons às religiosas desta diocese, trate-as com bondade e clemência".⁷⁶ O bispo, ignorando o apelo do pároco, respondeu através do seu secretário; este dizia simplesmente que o bispo, em geral, recusava assistir a exposições e cerimônias de entrega de prêmios em conventos.⁷⁷

A 13 de agosto de 1889, a M. St. Félix escreveu uma carta ao bispo manifestando o seu respeito por ele e lamentando o passado. Pedia-lhe para orientar um retiro, no Natal, às Irmãs da comunidade de Seafield House visto que o Fundador, devido à sua idade, já não podia ir a Inglaterra. A terminar, pedia uma bênção para a comunidade, particularmente para as superiores de Seafield, e perdão por tudo o que se tinha passado.⁷⁸ O secretário respondeu mais uma vez em nome do bispo. Este iria dar orientações para a organização de um retiro na altura mais favorável para a comunidade mas, no que dizia respeito às superiores da comunidade de Seafield House, repetia o que era já do conhecimento da superiora geral:

*...depois da falta de honestidade, de verdade e de obediência, nunca conseguiria sentir total e inteira confiança nelas, enquanto permanecessem em Seafield, pelo menos como superiores; nunca poderia ter pelo convento o interesse que gostaria de ter.*⁷⁹

A M. St. Eugène e a M. Sacré Coeur também escreveram uma carta ao bispo, em agosto, pedindo o "generoso, paternal perdão que nós tão ardentemente desejamos e que é o único bálsamo capaz de devolver aos nossos

corações aflitos a doce calma tão necessária para o cumprimento dos nossos sagrados deveres".⁸⁰

A resposta do bispo a essa carta, se é que existiu, não consta dos arquivos da comunidade. Contudo, há uma indicação de que ele retomou as suas responsabilidades de visitador da comunidade de Seafield House. Ao alertar a M. St. Félix para a necessidade de um minucioso interrogatório no convento, o bispo descreveu uma cena já habitual:

*O relacionamento entre as superiores e os membros da comunidade é de tal ordem que exige grandes mudanças. Dá-me a sensação de que é tão necessária a mudança de superiores como a transferência de grande número de Irmãs da comunidade. As religiosas falaram comigo com sinceridade, à exceção da superiora cujos modos hesitantes não me transmitiram a mesma sinceridade, bem como da assistente de quem dificilmente consegui obter uma resposta franca... [Os membros da comunidade] manifestaram que havia um bom espírito religioso e a regra era bastante bem cumprida, mas a maior parte foi categórica em afirmar que não eram uma comunidade feliz e unida. Disseram que a superiora não era compreensiva com os membros da comunidade. (...) A assistente não interferia no governo do convento, a sua função era desempenhada por uma Irmã coadjutora que era muito arbitrária e tinha pouco respeito pelas outras Irmãs, mesmo as mais velhas. Enquanto a maior parte das Irmãs falava assim da superiora, muitas delas atribuíam a situação à Irmã coadjutora [Sr. Ste. Melanie], que tinha demasiada influência sobre a superiora.*⁸¹

Finalmente, ocorreram mudanças em Seafield House. Em agosto de 1891, vinte meses após a morte de Gailhac, a M. St. Eugène foi substituída pela M. St. Alphonsus Keane e convidada a regressar à Casa Mãe. Há uma nota anônima nos arquivos da comunidade, provavelmente escrita pelo pároco, P. L. Kelly. Tem a data de 30 de agosto de 1891 e revela uma atitude simpática e pouco habitual:

*A Rev. Madre Geral informou-me que nomeou outra superiora para esta casa. Tenho de testemunhar, com toda a sinceridade, a favor da anterior superiora que teve de aguentar a responsabilidade desta grande comunidade, durante quase vinte anos, no meio de muitas dificuldades.*⁸²

Depois de regressar a Béziers, a M. St. Eugène passou imediatamente a fazer parte do Conselho Geral e é muitas vezes referenciada como companheira de viagem da superiora geral. Em junho de 1892, por exemplo, acompanhou a M. St. Félix na sua primeira visita à comunidade de Sag Harbor. Mais tarde, foi

enviada como superiora para a nova fundação francesa, em Vallon (Ardèche), onde se abriu um orfanato. Morreu aos sessenta anos, em 18 de fevereiro de 1903, e ficou sepultada em Béziers.⁸³

A Sr. St. Melanie acabou por ser enviada para a Escola Industrial, aberta pelas RSCM em Blackbrook, Inglaterra, em 1899, onde morreu vinte anos depois. A M. Sacré Coeur permaneceu em Seafield até à morte, em 1918.⁸⁴

O relacionamento da comunidade com o bispo foi melhorando gradualmente. A M. St. Félix podia, agora, escrever-lhe como o fizera em várias ocasiões, recordando como durante nove anos o Instituto se encontrou dividido entre a incapacidade de vender a velha propriedade Sea View, em Bootle, e os pesadíssimos pagamentos de juros da compra da Seafield House. Pedia-lhe que exercesse a sua grande influência em ordem a conseguir-se a venda.⁸⁵ Em 29 de novembro de 1893, a propriedade foi finalmente vendida e o P. L. Kelly ficou muito satisfeito, pois também tinha estado empenhado na venda. Escrevendo à M. St. Alphonsus, explicava que a direção da escola decidira ficar com o velho convento de Bootle para abrir aí uma Escola Industrial,⁸⁶ concordando em pagar por ela £6.500. Na referida carta, o pároco dizia: “Não tenho qualquer hesitação em afirmar que as Irmãs se livraram dela no momento certo, pois dentro de um a dois anos, estaria em tão mau estado que valeria apenas o preço de tijolos velhos. Não imaginam o alívio que sinto por ela estar vendida e espero que as outras parcelas de terreno consigam, agora, encontrar um comprador.”⁸⁷

Efetivamente, pouco antes de 7 de agosto de 1895, o procurador, Joseph Rimmer, escreveu a informar a M. St. St. Félix de que acabara de realizar a venda da última parcela de terreno em Bootle, tendo recebido por ela £6.200.⁸⁸

Seafield House - um local de formação

Ao analisar a maior parte da correspondência entre o Instituto e Seafield House em Seaforth, é estranho verificar como se escreveu tão pouco sobre a criatividade das experiências educativas que aí se realizavam. Embora o recenseamento de 1891⁸⁹ indicasse apenas oito alunas internas em Seafield House, havia muitas externas a frequentar a escola. No final do ano, as alunas eram avaliadas através de um exame oral, por um professor do Departamento de Exames Locais de Oxford, em inglês, latim, francês, alemão, matemática e ciências. Eis o comentário de um examinador:

Tal como em anteriores visitas à Escola, encontrei em todos os seus departamentos sinais evidentes de um ensino sério e de qualidade em todas as disciplinas. (...) O espírito que se vive na Escola é excelente, o nível que se queria atingir é elevado, e os esforços das Irmãs para educar as alunas de forma integral parece terem sido bem-sucedidos⁹⁰

Como o edifício era grande, e com o estímulo do Decano P. L. Kelly, deu-se início em 1887 a um Centro de Formação de Professores - Sf. Joseph's Annex Training of [Students] Teachers - que oferecia um curso de formação de quatro anos. De acordo com o regulamento desses centros, os estudantes, até um máximo de vinte por ano, davam aulas meio dia e depois voltavam para o Centro de Formação de Professores, onde estudavam o resto do dia, preparando-se para os Exames Sénior de Oxford sobre matérias académicas. Se tivessem sucesso nos exames, transitavam para um curso de dois anos, num Instituto Superior de Formação de Professores. Uma RSCM recordava: "As Irmãs fizeram aqui um bom trabalho. O Decano Kelly tinha um bom grupo de professores em reserva, preparados naquele Instituto.⁹¹

O Centro de Formação de Professores, construído em ângulos retos no lado sul do edifício, foi preparado para residência universitária dos professores-estudantes que se preparavam para esses exames oficiais. As religiosas, com a ajuda de outros professores, davam aulas aos professores-estudantes, ao fim da tarde, quando estes regressavam das suas escolas. O inspetor diocesano, Cannon Carr, vinha algumas vezes ao referido Centro para preparar os professores-estudantes para o exame de religião. Os responsáveis das escolas vizinhas, que aproveitavam da reserva de professores bem preparados, tinham grande apreço pelo Centro de Formação de Professores de Seaforth.

Com os tempos, porém, o Centro de Formação já não era necessário pois os futuros professores iam diretamente para um programa intensivo de dois anos, no Instituto Superior de Formação de Professores.⁹² No entanto, os resultados do Centro de Formação eram de longe superiores:

Muitas destas estudantes tornaram-se Irmãs do Sagrado Coração de Maria, tendo adquirido maturidade espiritual e profissional. Quando abriam novas escolas, assumiam a sua responsabilidade e dedicavam-se totalmente ao serviço da Igreja em qualquer paróquia onde a obediência as colocasse.⁹³

Em 1891, havia vinte e oito religiosas registradas como residentes na Seafield House. É fácil imaginar, tal como Gailhac e Thomas Kelly tinham

previsto muitos anos antes, que algumas delas estavam a estudar e outras a trabalhar nas escolas próximas. Como a população continuava a crescer, as RSCM, além de trabalharem nas escolas Infantil e Secundária St. James, dirigiam uma Select School, aberta em 1900 pelo Decano P. L. Kelly, para receber mais quatrocentas crianças. Provavelmente as religiosas continuaram no Santíssimo Sacramento, Walton, e em 1890 orientaram a escola Star of Ihe Sea. A dada altura, as RSCM que viviam na Seafield House, começaram a fazer parte do corpo docente das escolas paroquiais de St. Winefride, St. Elizabeth e St. Mônica.⁹⁴

Desenvolveu-se um esquema peculiar que havia de continuar durante as décadas seguintes. As religiosas, diretoras das escolas ou professoras em missão nas escolas da área, viviam com a grande comunidade escolar: saíam de manhã cedo, depois da Missa e de um rápido pequeno-almoço, para se dirigirem às suas escolas, voltando à comunidade ao fim do dia para a refeição da noite e orações. Era a única forma de preservar a unidade da grande comunidade local, servindo ao mesmo tempo as necessidades educativas de todas as classes da sociedade, numa determinada área. Este modelo iria continuar por muito tempo, depois de a comunidade se mudar para Seafield, Great Crosby.

Reflexões

A compra de Seafield House, com todas as suas janelas, jardins e estábulos, parece extravagante e descaracterizada, se não nos lembrarmos que ar puro e espaço eram prioridades muito importantes para Gailhac. Um ambiente arejado e despoluído significava uma comunidade saudável: um edifício grande, espaçoso (como o de Béziers) podia alojar uma escola conventual e outras obras de zelo, uma grande comunidade religiosa e até um pré-noviciado, para postulantes que faziam ali uma paragem de alguns meses para confirmarem a sua vocação, antes de irem para França.⁹⁵ Pouco a pouco, a ideia de um local, na Inglaterra, que fosse o espelho fiel da Casa Mãe em todos os aspectos, parece ter tomado forma, e o preço de compra da Seafield House por £30.000 deve ter parecido uma pechincha.⁹⁶

Porém, em termos humanos, o custo foi enorme porque absorveu de tal modo a superiora geral que podem ter sido negligenciados outros assuntos do Instituto que exigiam atenção. Levanta-se a questão: como podia uma mesma pessoa desempenhar a função de superiora geral e, simultaneamente, Ecônoma geral do Instituto, e ser ainda companheira de viagem do Fundador e sua

assistente pessoal, ao mesmo tempo que suportava o peso da preocupação por cada pagamento da hipoteca sobre Seaforth? Não admira que a M. St. Félix pedisse orações, pois sentia-se esmagada por preocupações e ansiedades de toda a espécie.

Deve levantar-se ainda outra questão: não teria sido mais fácil para todos - especialmente para a própria M. St. Eugène - se esta tivesse sido liberta da sua responsabilidade como superiora da comunidade de Seaforth? A resposta é óbvia. A M. St. Croix, quando foi conselheira da M. St. Eugène em Bootle, tinha sugerido um “conselho comunitário” para apoiar a superiora, como último recurso, e tinha dado a entender que, se a M. St. Eugène continuasse a revelar dificuldades, seria possível fazê-la regressar a Béziers. O pároco, Thomas Kelly, tinha menos dúvidas. No início de 1875, escreveu a Gailhac dizendo que a Sr. St. Melanie exercia total influência sobre a superiora e pediu que a M. St. Thomas regressasse a Bootle para substituir a M. St. Eugène. O bispo de Liverpool insistiu, com firmeza e muita razão, para que a M. St. Eugène fosse liberta da função de superiora. A própria M. St. Félix também admitia que a comunidade de Seaforth estava a sofrer e era infeliz, e que havia outras religiosas a colocar reservas em relação a serem enviadas para Seaforth por causa da superiora. Apesar disso, a superiora geral continuou a confiar nela e nada fez para mudar a situação enquanto Gailhac ainda era vivo.

Se até os santos podem ter os seus pontos fracos, então de certeza que o “ponto fraco” de Gailhac era a sua sobrinha. Não se percebe bem porque é que a irmã mais nova de Gailhac, Anne Louise Granier, confiou a educação da filha aos cuidados dele. Nas cartas para a sobrinha, Gailhac raramente se referia à irmã e, paradoxalmente, esta morreu em março de 1891, aos setenta e sete anos, precisamente alguns meses antes do regresso da filha a Béziers. O Fundador tinha consciência das limitações da M. St. Eugène, mas nunca perdeu a esperança de que ela mudasse. Escreveu-lhe mais cartas do que a qualquer outra religiosa, exortando-a sempre a modificar-se. Na última carta que lhe escreveu, o assunto era o mesmo: “Tentemos viver de uma forma merecedora da nossa santa vocação... Devas ser um modelo, a fim de que, pelo teu exemplo e virtude, zelo, devoção e constância, outras sejam atraídas a seguir o caminho da santidade”. Talvez a tensão de estar com uma responsabilidade e numa vocação que não se coadunava com ela, levasse a M. St. Eugène a procurar seguranças, à semelhança de outros tempos em que dependia dos amigos de infância.

NOTAS:

- 1 Ver Thomas Kelly para M. Ste. Croix, s.d.. Arquivos SCM, Província A/I. Caixa H2j. A M. St. Félix afirma que tinha custado perto de £7.000. Ver M. St. Félix Maynard, Brief Histories of the Early Foundations. Sources of Life. Doc. No. 1 (Roma: RSCM. 1983) 15. (A seguir referido como Brief Histories.)
- 2 O'Reilly para T. Kelly. 2 de novembro de 1874. Proc. ap.. 6383-6384.
- 3 Gailhac para T. Kelly. 3 de março de 1875. Arc.Hist./RSCM.. Caixa 8. Pasta I.
- 4 Ibid.
- 5 Ver Kathleen Connell. RSHM. A Journey in Faith and Time. Vol. II (RSCM. 1993) 176-178.
- 6 Ver Catholic Family Annual and Almanac for the Diocese of Liverpool, 1884. 19.
- 7 Ver W. E. Marsden. "Social Environment in a Merseyside Town 1870-1900". como em Phillip McCann. ed.. Popular Education and Socialization in the Nineteenth Century (London: Methuen & Co Ltd.. 1977) 193.
- 8 Ibid.. 198.
- 9 Census para o Municipal Borough of Bootle. 5 de abril de 1881. Public Record Office: RG 11/3691, volume 94. 36-37.
- 10 Ver |Marguerite Greene. RSHM| Estudo (sem título) de Bootle. Seatfield. Blackbrook e New Seafield. 8. Arquivos SCM. Província A/I. H2h.
- 11 Ver Catholic Family Annual and Almanac for the Diocese of Liverpool, 1884. 19.
- 12 Ver Centenary Book for the Church of St. James 1845-1945. Para uma descrição detalhada da nova igreja, ver também recorte de um jornal intitulado "Opening of a Catholic Church in Bootle." Arquivos SCM. Província A/I. Bootle H2c.
- 13 Catholic Family Annual and Almanac for the Diocese of Liverpool. 1889. 73-75.
- 14 Ver reminiscências não identificadas. Arquivos SCM. Província A/I. Bootle. H2.
- 15 Brief Histories. 17.
- 16 Registre des Délibérations du Conseil de la Congrégation des Religieuses du Sacré Coeur de Marie à Béziers. 1879-1891. Arq.Hist./RSCM.. Caixa 18. Pasta 3 (a seguir referido como Délihérations du Conseil) 26 de agosto de 1883.
- 17 Délihération du Conseil, 2 de novembro de 1883.
- 18 Ver Apêndice no Prospecto da Escola para "Convent of the Sacred Heart of Mary, Seafield, Seaforth. Near Liverpool". 1894, Arquivos SCM. Província A/L Caixa Seaforth.
- 19 Mary Johns. "The Madness and Sadness of Fernies Folly," Croshy Herald. 6 de setembro de 1968. Arquivos SCM. Província A/I. H31c.
- 20 Ver Croshy Herald. 26 de fevereiro de 1971. Arquivos SCM. Província A/L H3 lc.
- 21 Mary Johns. "The Madness and Sadness of Fernie's Folly". Possivelmente a Mersey Docks and Harbor Board comprou a propriedade às RSCM em 1905. As feministas inglesas lançaram fogo ao edifício como protesto geral, destruindo os andares superiores e o telhado, mas a Lancashire Asylum Board alugou o edifício até 1939, para cuidar dos doentes mentais, usando os quatro andares inferiores. Desde 1941 até 1947 serviu como hospital naval e, em 1950, a "Inland Revenue" utilizou-o temporariamente como escritório. O edifício foi totalmente demolido em 1970. Para uma descrição completa dos uniformes usados pelas alunas na Seafield House. ver prospectos da escola. "Convent of the Sacred Heart of Mary, Seafield. Seaforth. Near Liverpool" 1894. Arquivos SCM. Província A/L Caixa Seaforth.
- 22 Ver Catholic Family Annual and Almanac for the Diocese of Liverpool. 1884. 85.
- 23 Esta coleção pode encontrar-se em Arq.HistVRSCM., Caixa 5, Pasta 7.
- 24 M. St. Félix para M. St. Eugène e M. Sacré Coeur. 18 de março de 1884. Arq.Hist./RSCM.. Caixa 5. Pasta 7.
- 25 M. St. Félix para M. St. Eugène e M. Sacré Coeur. 13 de agosto de 1884. Arq.Hist./RSCM.. Caixa 5. Pasta 7.
- 26 Ibid.
- 27 M. St. Félix para M. St. Eugène e M. Sacré Coeur. 18 de março de 1884. Arq.Hist7RSCM.. Caixa 5. Pasta 7.
- 28 M. St. Félix para M. St. Eugène e M. Sacré Coeur, 20 de março de 1885. Arq.HistJRSCM.. Caixa 5. Pasta 7.
- 29 M. St. Félix para M. St. Eugène e M. Sacré Coeur. 13 de agosto de 1884. Arq.Hist./RSCM. Caixa 5. Pasta 7
- 30 M. St. Félix para M. St. Eugène e M. Sacré Coeur. 18 de fevereiro de 1883. Arq.Hist./RSCM.. Caixa 5. Pasta 7.
- 31 M. St. Félix para M. St. Eugène e M. Sacré Coeur, 22 de fevereiro de 1883. Arq.Hist./RSCM.. Caixa 5. Pasta 7.
- 32 M. St. Félix para M. St. Eugène. 15 de março de 1884. Arq.Hist./RSCM.. Caixa 5. Pasta 7.
- 33 Brief Histories, 18.
- 34 M. St. Félix para M. Sacré Coeur. 15 de novembro de 1884. Arq.Hist./RSCM.. Caixa 5. Pasta 7.

- 35 M. St. Félix para M. St. Eugène e M. Sacré Coeur. 26 de fevereiro de 1885, Arq.Hist? RSCM.. Caixa 5. Pasta 7.
- 36 M. St. Félix pronuncia este nome como Bradeley mas a pronúncia correta usada neste texto, será Bradley. A firma de Advogados é Bradley and Son. Central Buildings. Liverpool. Ver Arquivos SCM. Província A/I. H2j.
- 37 M. St. Félix para M. St. Eugène e M. Sacré Coeur, 20 de março de 1885. Arq.Hist./RSCM.. Caixa 5. Pasta 7.
- 38 M. St. Félix para M. St. Eugène e M. Sacré Coeur, 28 de abril de 1885. Arq.Hist./RSCM., Caixa 5. Pasta 7.
- 39 M. St. Félix para M. St. Eugène. 10 de outubro de 1885. Arq.Hist./RSCM.. Caixa 5. Pasta 7 (Ver também Gailhac para M. St. Liguori. GS/2l/X/85/A.)
- 40 M. St. Félix para M. St. Eugène e M. Sacré Coeur. 24 de novembro de 1885. Arq.Hist./ RSCM.. Caixa 5. Pasta 7.
- 41 M. St. Félix para M. St. Eugène. 27 de janeiro de 1886. Arq.Hist./RSCM.. Caixa 5. Pasta 7.
- 42 Ibid.
- 43 M. St. Félix para M. St. Eugène. 6 de junho de 1889, Arq.Hist./RSCM.. Caixa 5. Pasta 7.
- 44 M. St. Félix para M. St. Eugène. 29 de janeiro de 1886. Arq.HistJRSCM.. Caixa 5, Pasta 7.
- 45 Isto talvez pareça mais trágico a seus olhos, pois os Livros de contas Lisbum estavam equilibrados. Assim, os recibos da superiora podiam não ser reais.
- 46 Marie Jeanne-Françoise Granier (Francille) era filha da irmã de Gailhac, Anne Louise. cujo marido, François Granier. morreu aos 27 anos menos de dois meses após o casamento. Francille nasceu em Béziers a 4 de abril de 1842. oito meses depois da morte de seu pai. Parece que foi confiada ao cuidado direto de Gailhac, desde tenra idade. De início foi educada no orfanato e passou depois para o internato, quando este abriu em 1851. O seu nome aparece em segundo lugar no registro do Pensionato do Sagrado Coração de Maria. Ver Arq.Hist./Cong.. Vol. IV-A. 37-40 e 47.
- 47 Thomas Kelly para Gailhac. 29 de junho de 1875. Arquivos SCM. Província A/I. não classificados.
- 48 M. Ste. Croix para Gailhac. 3 de setembro de 1875, Arq.Hist./RSCM.. Caixa 5. Pasta 1.
- 49 Parece que a superiora linha pedido à Sr. St. Melanie para fazer as conferências de domingo à comunidade, responsabilidade claramente reservada às superiores.
- 50 M. St. Félix para M. St. Eugène e M. Sacré Coeur. 28 de março de 1886. Arq.Hist./RSCM.. Caixa 5. Pasta 7.
- 51 Ver. por exemplo, M. Ste. Félix para M. St. Eugène. 27 de junho de 1886. Arq.Hist./RSCM., Caixa 5. Pasta 7.
- 52 M. St. Félix para M. St. Eugène e M. Sacré Coeur, 4 de janeiro de 1888. Arq.Hist JRSCM..Caixa 5, Pasta 7.
- 53 M. St. Félix para M. St. Eugène, 4 de julho de 1888 e 4 de agosto de 1888. Arq.HistVRSCM..Caixa 5. Pasta 7.
- 54 M. St. Félix para Mons. Auge. 5 de setembro de 1885. Proc. ap.. 1940-1944.
- 55 Ibid.
- 56 Ver carta de Gertrude Corrigan para o seu pároco. 4 de janeiro de 1885. Arquivos SCM. Província A/I. Bootle H2biC.
- 57 Dorrian para O'Reilly. 7 de janeiro de 1885. Arquivos SCM. Província A/I. H2biC.
- 58 Notas do bispo O'Reilly. 9 e 14 de janeiro de 1885. Proc. ap.. 6397.
- 59 M. St. Eugène para Monsenhor [O'Reilly]. 114 de janeiro de 1885 | Arq.Hist./RSCM., Caixa Pasta 3.
- 60 M. Sacré Coeur para Sua Reverência [bispo O'Reilly]. 14 de janeiro de 1885, Arquivos SCM. Província A/I, H2biC.
- 61 M. St. Félix para M. St. Eugène. 12 de janeiro de 1X85. Arq.Hist./RSCM.. Caixa 5. Pasta 7.
- 62 M. St. Félix para M. St. Eugène. 21 de janeiro de 1885, Arq.Hist./RSCM.. Caixa 5. Pasta 7.
- 63 Gailhac para bispo O'Reilly, 26 de janeiro de 1X85. Proc. ap.. 6391.
- 64 Ibid.
- 65 Ibid.
- 66 M. St. Eugène para padre McEntire. 14 de dezembro de 1884. Arquivos SCM. Província A/I.
- 67 M. St. Eugène para Monsenhor [O'Reilly], 114 de janeiro de 1885 |,Arq. Hist./RSCM.. Caixa
- 68 Thomas Kelly para O'Reilly. 11 de agosto de 1885. Proc. ap.. 6385.
- 69 O'Reilly para Thomas Kelly. 12 de agosto de 1885. Proc. ap.. 6386.
- 70 Ver correspondência com o Cardeal Hohenlohe e Cardeal Simeoni. Proc. ap.. 6374-6378 c Arquivos SCM. Província A/I. Helbi.
- 71 M. St. Félix para Auge. 5 de setembro de 1X85. Proc. ap.. 1940-1941.
- 72 Gailhac para O'Reilly. 8 de setembro de 1X85. Proc. ap.. 1946-1947.
- 73 CTReilly para Gailhac. 16 de setembro de 1885. Proc. ap.. 1948-1949.
- 74 Gailhac para O'Reilly. 18 de setembro de 1885. Proc. ap.. 1949-1950.
- 75 O'Reilly para Gailhac. 8 de outubro de 1885, Proc. ap.. 1950-1951.
- 76 P. L. Kelly para O'Reilly. 26 de junho de 1889. Arquivos SCM. Província A/I. H3lbi.
- 77 C. V. Grenc para P. L. Kelly. 27 de junho de 1889. Arquivos SCM. Província A/I. H31 bi.

- 78 M. St. Félix para O'Reilly. 13 de agosto de 1889. Arquivos SCM. Província A/I. H31bii.
- 79 C. V. Green para M. St. Félix. 24 de agosto de 1889. Arquivos SCM. Província A/I, H31 bii.
- 80 M. St. Eugène e M. Sacré Coeur para O'Reilly, 27 de agosto de 1889. Arquivos SCM. Província A/I. H31bii.
- 81 O'Reilly para M. St. Félix. 1 de abril de 1891. Ibid., H31bi.
- 82 |P. L. Kelly | para |a comunidade de Seafield House], 30 de agosto de 1891 .Arquivos SCM. Província A/I. H31bi.
- 83 Ver Grande Registro #43. A fundação em Vallon será abordada no Volume 4 desta série.
- 84 Ver Grande Registro #33 e #49.
- 85 M. St. Félix para O'Reilly. 15 de abril e 5 de maio de 1893. Arquivos SCM. Província A/I. Caixa Seaforth.
- 86 As Religiosas do Sagrado Coração de Maria não lecionaram nesta escola que era basicamente uma escola para crianças com necessidades especiais. Às crianças eram dispensadas refeições e banhos, bem como educação. As RSCM seriam mais tarde convidadas pelo bispo Whiteside para lecionar uma Escola Industrial feminina, em Blackbrook.
- 87 P. L. Kelly para M. St. Alphonsus. 29 de novembro de 1893. Arquivos SCM. Província A/I. H2bi.
- 88 J. Rimmer para M. St. Félix. 7 de agosto de 1895. Ibid.. Caixa Bootle.
- 89 Censo de 1891. Londres: Public Record Office. RG 12/2985. folha 95,59-60.
- 90 Relatório sobre o Convento do Sagrado Coração de Maria, julho de 1903. Arquivos SCM. Província A/I, H31gi.
- 91 Ver |M. Stephen Lanigan. RSCM |. "Seafield: A Tale of Two Centuries." uma conferência proferida na Crosby Histórica! Society. 12 de fevereiro de 1970.7.
- 92 Ver Marguerite Greene - (estudo sem título9. sobre Bootle, Seafield. New Seafield/Crosby e Blackbrook. 13-14. Arquivos SCM. Província A/I. H2hi.
- 93 Gertrude du Sacré Cceur Healy, RSCM - (estudo sem título) sobre o ministério educativo das RSCM em Inglaterra e na Irlanda 11968|. Arquivos SCM. Província A/I. H2hi.
- 94 Marguerite Greene. RSCM - (estudo sem título) sobre Bootle, Seafield. New Seafield/Crosby c Blackbrook, 6,8.
- 95 Gailhac para M. St. Eugène.GS/19/1V/88/A.
- 96 Lawrence H. Officer no seu artigo "Comparing the Purchasing Power of Money in Great Britain from 1264 a 2005." estima que £30.000 em 1883 valiam £2.012.487.21 em 2005. Ver [http:// eh .net/hm i t/ppowerbp/](http://eh.net/hm i t/ppowerbp/).

ÚLTIMOS ANOS DE GAILHAC

Em 1885, Gailhac contava oitenta e cinco anos. Henri Victor Maynard, que vivia com ele no Bon Pasteur, estabelece de forma muito nítida, o contraste entre o Gailhac que ele conhecera quando se juntou aos Padres do Bom Pastor, em 1872, e o santo vieillard, quinze anos mais tarde. Gailhac caminhava já muito devagar e tinha grande dificuldade em fazer viagens para visitar as fundações. Escrevia muito poucas cartas, pois mal conseguia segurar o lápis. Em 1886, o bispo deu-lhe uma autorização especial para celebrar a Missa da Bem-aventurada Virgem Maria em vez da Missa do dia. No mesmo ano, o breviário foi substituído pelo terço ou algumas Avé-Marias e Pai-Nossos. Pouco tempo depois, o seu confessor dispensou-o de todas as orações obrigatórias devendo fazer só o que pudesse e parar quando se sentisse cansado.¹

Todavia, seria um erro supor que, por volta de 1887, Gailhac tivesse deixado de agir como Fundador do Instituto. Em janeiro de 1887, por exemplo, escreveu decididamente ao Père Emonet, superior geral da Congregação do Espírito Santo, recusando a sua tardia oferta de ajuda.² Algum tempo depois, em março de 1887, escreveu ao Père Michel, provincial da Companhia de Jesus, em Toulouse, apresentando-se como fundador das Religiosas do Sagrado Coração de Maria e como um "velho" que morreria feliz se as suas religiosas ficassem sob a proteção dos Jesuítas.³ Acima de tudo, consciente de que o seu fim se aproximava, Gailhac estava determinado a fortalecer o compromisso das religiosas com o espírito do Instituto e a orientá-las para uma união mais íntima com Jesus Cristo.

Embora a M. St. Thomas Hennessy, superiora do Porto, certamente soubesse que as forças de Gailhac estavam a diminuir, o contato pessoal com o Fundador continuava a ser essencial para ela, sobretudo porque tinha estado muito doente no verão de 1887. A M. St. Félix escrevera-lhe a 31 de julho, manifestando preocupação pela sua saúde e a M. St. Thomas respondeu-lhe expressando a sua gratidão e assegurando-lhe que se sentia muito melhor, graças aos cuidados da comunidade e às orações fervorosas de todas as Irmãs do Instituto.⁴ Antes disso, porém, a M. St. Thomas tinha escrito uma carta muito

sincera a Gailhac, dizendo-lhe que as cartas da M. St. Félix lhe tinham feito muito bem, mas nunca poderiam substituir as dele. É comovente ler o que esta superiora dizia a Gailhac: “As suas cartas são muito necessárias para mim; dão-me força e coragem para cumprir a difícil tarefa que me confiou e que, com a ajuda da graça, quero cumprir fielmente... Portanto, meu pai, escreva-me algumas linhas e não me faça esperar muito”.⁵ A M. St. Félix tinha assumido a maior parte da responsabilidade da correspondência com as religiosas, especialmente quando se tratava de assuntos mais de ordem prática. Contudo, para aquelas que conheciam o Fundador, nada substituía a comunicação direta com ele.

As cartas da M. St. Thomas e do fundador cruzaram-se no correio. Gailhac escrevia com muito à vontade, como de um ancião para outro: “Há muito tempo que não lhe escrevo: mesmo assim, é um doente que escreve a uma convalescente!” A carta de Gailhac revela um tom de intimidade, de consolação. Lembra à M. St. Thomas que Deus enviou a ambos doença e sofrimentos, para se poderem assemelhar a Jesus Cristo. “Sofrer é uma virtude se o aceitarmos, e de grande mérito diante de Deus se soubermos sofrer com resignação e amor. É por isso que o Deus bom, que nos escolheu para continuar a obra de Jesus Cristo, nos envia dor e sofrimento, os instrumentos mais poderosos para tocar o Seu coração e ser o meio de realizarmos a Sua obra”. Terminava a carta com a esperança de ir visitá-la ao Porto, se Deus lhe desse forças.⁶

Embora não tencionassem visitar Portugal, Gailhac e a M. St. Félix foram a Inglaterra e Irlanda em agosto de 1887. Encontraram-se com a comunidade de Lisburn e daí viajaram para Ferrybank, onde permaneceram uma semana. Mais tarde, Gailhac escrevia à M. St. Charles dizendo que a superiora geral e ele estavam encantados porque as duas comunidades viviam o espírito do Instituto.⁷ Ao passar por Dublin, encontraram-se com um clérigo, Dr. Butler, que lhes propôs a abertura de um noviciado na Irlanda; essa proposta foi rejeitada mais tarde pela M. St. Félix, visto ser impossível, “pelo menos nesta altura”.⁸

O último destino de Gailhac e da M. St. Félix foi Seaford House, em Seaford, onde programaram dar o retiro anual. Parece que, tanto em Ferrybank como em Seaford, a M. St. Félix começara a assumir a responsabilidade de algumas das conferências. A M. St. Charles, ao dar as notícias da Casa Mãe, como habitualmente, garantia a Gailhac e à M. St. Félix que estavam todas a rezar por eles, para que cada uma das suas palavras penetrasse os corações das Irmãs que estavam em retiro. Fazia muito calor em Béziers, no dizer da M. St. Charles: “A temperatura é verdadeiramente tropical, mas não chove”. Afinal, a vindima parece ter sido muito boa, naquele ano.⁹

Alguns dias depois, a M. St. Charles voltava a escrever. O tempo continuava a ser atroz e havia febre tifóide na cidade; uma das órfãs causara-lhes um susto, mas, afinal, não tinha nada. Referia-se então a algo mais grave: a M. St. Cyprien Cahill,¹⁰ membro da comunidade de Seaforth, chegara havia pouco tempo a Béziers, aparentemente de boa saúde, tendo ido a Bayssan com as noviças no fim de julho. A M. St. Charles informava que ninguém sabia o que tinha acontecido ou que doença teria afetado a M. St. Cyprien. Tinha febre, mas talvez mais do que isso. Não falava e os olhos não tinham qualquer expressão. A M. St. Charles sugeriu à M. St. Félix que não falasse disto a Gailhac porque ele queria voltar a França para ficar junto dela, mas a M. St. Cyprien poderia não estar em condições de o receber.¹¹

Nas três cartas seguintes, a M. St. Charles continuava a narrar uma história muito estranha acerca da M. St. Cyprien. Dizia que tinha ido a Bayssan com a M. St. Grégoire e o médico, Mr. Martel, mas a doente permanecia totalmente silenciosa e sem expressão. O médico e a M. St. Grégoire pensaram que era mania, mas a M. St. Charles receava que fosse um tipo de meningite e não uma febre cerebral com complicações tifóides, porque a M. St. Cyprien não tinha sintomas de agitação, nem tremuras ou inchaço. Estava completamente silenciosa, olhos fixos e o corpo “imóvel como um bloco de mármore e fria como gelo”. Tanto o padre como o médico entraram e saíram sem que houvesse qualquer alteração. A M. St. Charles pediu ao padre para dar os santos óleos à M. St. Cyprien. Embora desse a impressão de estar a seguir o ritual, os seus olhos permaneciam fixos e o corpo imóvel. Às 12h50 de domingo, morreu aparentemente sem agonia nem sofrimento. A sua alma foi serenamente para Deus.¹² Tinha quarenta e três anos.

A M. Sr. Charles confessava que a morte da M. St. Cyprien afetou profundamente todas as Irmãs. Mal podiam acreditar que, na quinta-feira anterior, ela tinha chegado a Bayssan! Pelas poucas palavras que proferiu, puderam ver que estava mentalmente perturbada. Depois ficou completamente silenciosa e imóvel, “como um bloco de mármore, olhos abertos e fixos”. O padre visitou-a cinco vezes, em dois dias e meio, e de cada vez lhe deu a absolvição e a indulgência para uma boa morte. Por fim, a M. St. Cyprien suspirou três vezes e morreu. A M. St. Charles contava à M. St. Félix que, logo após a morte, ela e outras Irmãs escreveram para as três comunidades de Portugal, Lisburn e Ferrybank e, em nome da M. St. Félix, aos familiares da M. St. Cyprien. Como a M. St. Basil tinha chegado de Sag Harbor para o retiro, as Irmãs acharam que lhe podiam dar diretamente a triste notícia. A M. St. Cyprien foi sepultada a 8 de agosto, em Béziers, no jazigo em que sua Irmã, M. St. Raphael Cahill,

também tinha sido sepultada no outono anterior.¹³ Diante deste terrível acontecimento, as religiosas da Casa Mãe estavam relutantes em dar a notícia ao Fundador porque temiam que ele antecipasse o seu regresso a Béziers. Na sua carta, a M. St. Charles recomendava à M. St. Félix que não regressasse à Casa Mãe com Gailhac, visto que o tempo estava a ficar cada dia mais quente e algumas das mortes tinham sido causadas pelo calor. "O sol, o sol, o escaldante sol!" - lamentava a M. St. Charles.¹⁴

A desolação dos últimos anos

A M. St. Félix conseguiu convencer o Padre Gailhac a ficar na Inglaterra, a deliciar-se com o ar fresco do mar em Seafield House. Ao que parece, ele já sabia da morte da M. St. Cyprien. Talvez tenha ido a Bootle para cumprimentar o pároco de St. James, padre Thomas Kelly. Foi este que, em resultado de um encontro casual com a M. St. Thomas Hennessy, convidou as Religiosas do Sagrado Coração de Maria a irem para Bootle, em 1872. Estava, então, demasiado doente para continuar a servir a paróquia e ia ser substituído pelo padre P. L. Kelly. Em Inglaterra, o povo celebrava as bodas de ouro da Rainha Vitória, e é provável que o Fundador, vendo a pobreza que havia em Bootle, tenha compreendido mais tarde a opinião expressa no *Bootle Times*:

*O ano de 1887 pode ter sido agradável para a aristocracia da terra e para o bem da classe média, mas o mesmo não se verificou em relação aos miseráveis, que continuaram sem casa nem alimentação, e que se amontoavam durante a noite, no verão, nas sombras escuras da National Gallery, em Londres, ou nos pátios sujos e tristes de Liverpool e Bootle. O ano jubilar não alimentou os nossos pobres.*¹⁵

Gailhac escreveu duas cartas para a Casa Mãe, apenas para expressar a falta que sentia da comunidade.¹⁶ Escreveu também mais uma vez à M. St. Thomas Hennessy. Começava a carta, agradecendo a Deus a recuperação da saúde dela e acrescentava que todas as Irmãs se regozijaram com a notícia. Dizia-lhe ter esperança que Deus lhe daria ainda muitos mais anos e que a sua coroa seria muito bela. Sabendo que ela estava muito ligada às casas da Irlanda e Inglaterra, Gailhac contava-lhe que essas comunidades, embora distantes, estavam muito bem, eram muito cumpridoras e ele sentia-se feliz por isso. Mas nada dizia sobre a forma como a M. Seraphim se tinha adaptado à ideia de voltar a Lisburn, após alguns meses na Casa Mãe, ou como estava a M. St. Basil,

depois dos três anos de perseguição em Sag Harbor. Parece que o Fundador apenas se lembrava das boas impressões que tivera. “Espero que as suas filhas [no Porto], que me são tão queridas, lhe dêem as mesmas consolações”, dizia à M. St. Thomas. Terminava a carta manifestando a esperança de ir visitá-la a Portugal, se Deus o permitisse: “Ficaria tão feliz se, antes de morrer, pudesse dar às minhas queridas filhas a prova da minha dedicação e afeto, tal como Deus os colocou no meu coração”.¹⁷

Esta declaração de Gailhac não era de todo inocente. Quando manifestava o desejo de ver as religiosas de Portugal e da América, estava a ser muito sincero. Temos a sensação de que a superiora geral, discretamente, encontrou maneira de o dissuadir de viajar, pelo menos para aquelas fundações tão distantes. Henri Victor Maynard, irmão da M. St. Félix, descreveu de forma realista como teria sido difícil para ela acompanhar o Fundador nas suas últimas viagens a Inglaterra: “As duas ou três últimas viagens de Gailhac foram particularmente extenuantes. Por vezes, perdia-se a procurar a bagagem, caminhava com grande dificuldade e precisava de ajuda ao subir para o trem; para mudar de trem, tinha de ser transportado num carrinho de bagagens, como se fosse ‘uma encomenda’”. Para explicar o que pretendia dizer com a expressão “como uma encomenda”, Maynard descreveu-o assim: “não via nem ouvia nada, quase nunca mudava de posição e só comia quando alguém insistia com ele”.¹⁸

Deve ter sido difícil para a M. St. Félix, uma mulher de pequena estatura e que já não era nova, viajar com Gailhac e a sua bagagem, de Béziers para Paris, de Paris para o Canal de Inglaterra, atravessar o Canal para Londres, de Londres para Liverpool. Se fossem visitar as comunidades da Irlanda, tinham de viajar de barco de Liverpool para Lisburn, tomar um trem para Ferrybank, via Dublin, e depois voltar a Liverpool, ou numa viagem noturna de barco de Waterford ou via Dublin. Além disso, com os seus oitenta anos, Gailhac ficava muitas vezes confuso quando viajava; como estava a perder a memória, podia não ter perfeita consciência do local onde se encontrava. Maynard, talvez baseado nas descrições feitas em primeira mão por sua irmã, M. St. Félix, escreveu: “É fácil imaginar a mágoa e atrapalhação que estas circunstâncias causavam à pobre superiora geral que o acompanhava. Como Gailhac não tinha consciência do seu estado, sofria menos, e isto causava ainda maior sofrimento às suas filhas”.¹⁹

É importante lembrar que a superiora geral, durante os últimos anos de vida de Gailhac, além de suportar a maior parte do fardo da gestão do Instituto, também se dedicava a suprir todas as necessidades de Gailhac com a maior

sensibilidade e discrição. Entre toda a correspondência da M. St. Félix, analisada para este estudo, há apenas uma carta onde podemos encontrar um leve queixume. Essa carta foi enviada em 4 de janeiro de 1888 pela M. St. Félix para a sobrinha de Gailhac, M. St. Eugène, e para a M. Sacré Coeur, sua assistente em Seaforth:

*Como sabem, não sou senhora do meu tempo, pois o nosso querido e Reverendo Pai absorve-o quase por completo: neste momento, está no confessional e isto dá-me possibilidade de vos escrever. Este bom pai. apesar da sua aparência saudável, não está muito bem. Acho que está velho e deprimido. Penso que o inverno contribuiu para isso. Peçam a Deus por este querido Pai para que no-lo conserve entre nós. Ele é a nossa “reliquia preciosa”. Rezem também por mim. Preciso muito.*²⁰

A superiora geral escreveu-lhes novamente em julho de 1888, muito preocupada: “O nosso bom Pai está muito fraco e. apesar disso, quer fazer a viagem habitual a Inglaterra. Peçam a Deus que restabeleça a sua preciosa saúde”.²¹ Um mês depois, enviava esta simples mensagem: “Deixaremos Béziers a 15 de agosto, às 16h00 horas, e chegaremos a Liverpool na sexta-feira, 17, às 03h00 da manhã. Nada o pôde impedir de fazer esta viagem. Tive de me conformar”.²² Felizmente. Gailhac não insistiu em ir também à Irlanda. A M. St. Alphonsus, superiora de Ferrybank, e a M. St. Jean Madden, viajaram para Inglaterra a fim de o visitar.

Foi no ano de 1888 que, pela última vez, o Fundador orientou um retiro às Irmãs em Inglaterra. Durante o ano, escreveu às comunidades de Portugal manifestando o desejo de as visitar. Ficou satisfeito ao saber que a M. St. Thomas Hennessy estava a melhorar, mas extremamente preocupado com a falta de saúde da M. St. Liguori, que ele estimava muito. Quando esta começou a melhorar, Gailhac escreveu-lhe confessando que tinha dificuldade em fazê-lo; no entanto, escrevia para lhe dizer que toda a família do Sagrado Coração de Maria e o seu pai em Jesus Cristo, estavam felizes com a graça que Deus lhe linha concedido, restituindo-lhe a saúde. Num misto de ansiedade e de uma alegria antecipada, insistia que ela viesse para a Casa Mãe, “a casa em que Deus a fez religiosa”, para aí recuperar durante alguns meses. “Venha rapidamente” - escrevia. “Tratá-la-emos com todo o carinho e ficará feliz como nós”.²³

Provavelmente terá sido com tristeza, mas também com algum alívio, que a M. St. Félix escreveu ao bispo de Liverpool, nos finais de julho de 1889, pedindo-lhe que designasse um padre para orientar o retiro anual, visto que o

fundador já não podia viajar nem orientar um retiro prolongado.²⁴ Gailhac orientou o seu primeiro retiro no estrangeiro às religiosas da fundação de Lisburn, em julho de 1871 e, no decurso dos dezessete anos seguintes, tinha orientado retiros nas duas comunidades da Irlanda, nas duas comunidades de Portugal e particularmente na comunidade de Bootle/Seaforth, às religiosas de todas as comunidades de língua inglesa, incluindo muitas vezes algumas de Sag Harbor. No princípio, a M. St. Croix acompanhava-o nesses retiros. Infelizmente, foi enquanto ele estava em Bootle em 1878, pregando devotamente às religiosas, que a M. St. Croix morreu, em Béziers.

Os retiros eram oportunidades de oração comunitária, de as Irmãs ouvirem Gailhac aprofundar o carisma e espírito do Instituto que tinham recebido para fazerem a profissão e ficarem ligadas aos superiores maiores e às outras religiosas, muitas das quais fundadoras das suas comunidades. A partir de então, as comunidades locais passariam a ter o seu retiro anual no verão ou no Natal; e, como o Fundador tinha planeado, os jesuítas orientariam esses retiros sempre que possível.

A depressão que a M. St. Félix tinha notado em Gailhac, desde o início de janeiro de 1888, parecia estar a acentuar-se. Gailhac começou a pensar que as suas “grandes misérias” e infidelidades eram a causa das dolorosas provações e da morte de muitas das suas filhas.²⁵ Maynard descreveu a forma como Gailhac ficou preocupado com as leis anticlericais que ameaçavam a existência das congregações masculinas na França e com os impostos que ameaçavam as congregações femininas. Mas estas preocupações justificavam-se. A M. St. Félix também se preocupava com os mesmos problemas, especialmente com os impostos que ameaçavam destruir as congregações. Maynard escreveu, dizendo que “a preocupação da superiora geral com o bem-estar financeiro do Instituto era indescritível”. Mas na sua avançada idade, Gailhac temia terrivelmente os males iminentes que estavam para ser lançados contra ele e suas filhas, pelos inimigos da Igreja. Chegou a mandar tapar o poço do Bon Pasteur com medo de ser lançado nele. Maynard levantava esta questão óbvia: “Não poderemos nós ver nestes medos exagerados um sinal do enfraquecimento das suas faculdades mentais”?²⁶

Marie-Jean Léonard, de Notre Dame de Fontfroide

Embora a M. St. Félix tivesse a primeira responsabilidade de olhar por Gailhac nos seus últimos meses de vida, especialmente depois de este se ter

mudado para o convento do Sagrado Coração de Maria, havia alguém que compartilhava das suas preocupações - Abbé Jean Léonard, monge cisterciense do mosteiro de Notre Dame de Fontfroide, perto de Narbonne. O Abbé Jean tinha vindo da Abadia de Sénanque em 1858 para restaurar o bicentenário mosteiro de Fontfroide, onde ficou prior, vindo a ser nomeado abade em 1889. Este homem tinha encontrado Gailhac, algum tempo antes das Bodas de Ouro do Fundador, em 1876. Maynard registrou a forma como estes dois homens se encontraram:

Estava nos planos de Deus que, um dia, estes Seus fiéis amigos iriam encontrar-se. Ao entrarem na mesma carruagem de um trem, e apesar de nunca se terem visto antes, reconheceram-se mal os seus olhares se cruzaram. Sentia-se o aroma das suas virtudes e era significativa a expressão dos seus olhares, embora cada um tentasse escondê-los. “Não é o padre Gailhac?” - perguntou Abbé Jean. “Sim. E não é o Abbé Jean?” - exclamou o padre Gailhac. Então os dois homens abraçaram-se tal como os dois grandes fundadores, S. Domingos e S. Francisco, o tinham feito outrora. A partir desse dia, unia-os uma íntima amizade, baseada numa estima mútua.²⁷

Depois disso, Gailhac viajaria muitas vezes para Notre Dame de Fontfroide, via Narbonne, para fazer alguns dias de retiro e visitar Abbé Jean. Nas suas Notas, a superiora geral recordava a importância daquela amizade:

Uma das alegrias do nosso pai era ir visitar o seu venerando Abbé Jean, que ele admirava com ternura. As duas almas veneravam-se de tal modo que, ao encontrar-se, como que se fundiam uma na outra. Era uma verdadeira alegria para eles encontrarem-se de novo, para falar da santidade e da graça de servirem a Deus. Como no tempo de S. Domingos e S. Francisco de Assis, estes dois santos, cheios do amor de Deus, ficavam felizes por passarem horas juntos, falando de santidade e da felicidade de conquistar almas para Deus e viverem apenas para a Sua glória. Testemunhei isto algumas vezes, porque acompanhei o nosso pai e tive a grande sorte de participar nessas conversas.²⁸

Tanto a M. St. Félix como o seu irmão afirmavam convictamente que o relacionamento do Fundador com Abbé Jean não era de “direção espiritual”, na moderna acepção desta palavra, que supõe a existência de limites e ausência de reciprocidade. Ao escolher Abbé Jean e o mosteiro de Fontfroide para local de retiro espiritual, Gailhac estava a entrar no núcleo essencial da espiri-

tualidade cisterciense sobre a amizade, como imagem do relacionamento da alma com Deus. Um abade cisterciense do século XII, Aelred de Rievaulx, contribuiu para o desenvolvimento da espiritualidade cisterciense, dando ênfase à amizade monástica. Ao escrever sobre este tema, Aelred distinguia três espécies de amizade - amizade sensual, amizade profana e amizade espiritual. Para ele, faz parte do caminho da vida a passagem do amor-próprio para o amor altruísta. A amizade, com a reciprocidade que lhe é intrínseca, é assim uma imagem da relação da alma com Deus e um sinal da reciprocidade do Seu amor.²⁹

Gailhac era muito transparente quando escrevia de Fontfroide a algumas das superiores locais, em setembro de 1879. A sua carta para a M. St. Thomas e M. St. Liguori, em Portugal, é particularmente repassada de ternura ao descrever o seu amigo espiritual. Abbé Jean:

*Desejo que chegue até vós o bom odor que se respira neste local sagrado [Fontfroide]. Aqui, no meio de vários santos, vive um que é como a lua no meio das estrelas. O seu rosto é tão sereno como o céu azul, a boca sorridente como a aurora da manhã, o seu aspecto denuncia um amigo de Deus. De palavra calma e doce como o mel, a verdade repousa nos seus lábios como num trono. Se pudessem ler o seu coração como eu tenho a felicidade de o fazer, pensariam não se tratar de um habitante da Terra, mas de um anjo revestido de pobre humanidade. O seu coração é a morada de Deus. Oh! Como ele é bom e simples! A pureza faz dele um lilás, o fogo do amor por Deus consome-o. Ele vê apenas o seu nada, o seu vazio: as suas intenções são puras como as dos anjos; o zelo pela glória de Deus é nele um fogo sagrado; a sua vida é um contínuo sacrifício pelas almas. No meio das provações, é como Jesus Cristo no meio das ondas agitadas pela tempestade. Numa palavra, é um santo, tem a vida e as palavras de um santo.*³⁰

Para a M. St. Félix, Gailhac descrevia ainda com maior simplicidade a sua amizade espiritual com Abbé Jean: “Mostrei-lhe o meu coração. Ele abriu--me o seu. Ele me viu; eu o vi”.³¹

Nos arquivos do Instituto, encontram-se várias cartas de Abbé Jean para o Fundador. Numa delas, escrevia: “Estou mais do que enternecido por este sinal de fraterna amizade que Deus se dignou colocar entre estas duas pobres almas, que se ajudarão uma à outra pelas suas orações, sempre que não puderem fazê-lo de outra forma. O Divino Mestre sabe que esta é uma das fases mais felizes da minha vida”.³²

A correspondência entre eles dá-nos uma imagem incompleta da sua amizade, durante os últimos quinze anos da vida do Padre Gailhac. Abbé Jean viveu mais cinco anos do que o seu amigo. É evidente que havia alturas em que Gailhac desejava visitar Fontfroide mas estava demasiado doente para viajar até lá,” e outras em que Abbé Jean gostaria muito de visitar Béziers mas não conseguia ausentar-se do mosteiro vinte e quatro horas.³⁴ O Fundador preocupava-se com a lei francesa que ameaçava as congregações masculinas e estava particularmente preocupado com Fontfroide. Abbé Marie-Jean respondia: “Admiro a sua preocupação conosco quando tem tantas preocupações com a sua numerosa família, mas o seu coração é suficientemente grande para abarcar a todos na mesma comunhão. Bem, não esteja preocupado conosco. Estou convencido de que nos deixarão em paz na nossa qualidade de agricultores, até ao eclodir da crise geral”.³⁵ Algumas vezes, Abbé Jean preocupava-se com a saúde do seu amigo Gailhac e aconselhava-o a trabalhar com moderação, não à medida do seu zelo [como deseja fazer], mas à medida das suas forças.³⁶

Durante aqueles anos, a maior preocupação do Fundador era consolidar o Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria em alicerces sólidos. No entanto, o amigo insistia com ele: “escreva, escreva o mais que puder; o bem da sua congregação depende disso”. Maynard afirmava: “portanto, é graças à insistência de Abbé Jean que as religiosas possuem a maior parte dos tratados escritos pelo padre Gailhac”.³⁷

À medida que o Padre Gailhac envelhecia e ficava mais ansioso, Abbé Jean tornava-se mais pacificador, quer pela sua grande amizade, quer pelo amor de Deus por ele:

*Estou sempre consigo em espírito e coração e tranquilo em relação a si. Conheço a sua alma, estou certo de que, seguindo esse caminho de simplicidade e abandono, ela se prepara para dar contas da sua frutuosa missão. Por isso, em nome do bom Mestre, eu lhe asseguro que percorreu o caminho certo e que, no fim, será acolhido com plena compaixão e amor. Deus já colocou na sua alma o selo da Sua misericórdia, concedendo-lhe pela Sua graça a simplicidade de uma criança e a conformidade à Sua Santa vontade. Ele não lhe pede mais nada a não ser abandono, confiança e amor.*³⁸

Maynard dá a entender que, particularmente nos últimos anos de Gailhac, Abbé Jean exercia sobre ele grande influência: “O padre Gailhac procurava em tudo o conselho dos seus amigos e não se comprometia com nada sem antes consultar Abbé Jean. Seguia sempre o conselho do abade como vindo do

próprio Deus. Submetia tudo o que escrevia à sua apreciação e escutava com muita atenção os seus comentários”.³⁹

A medida que envelhecia, Gailhac ia ficando mais confuso e receoso. Segundo Maynard, ele estava convencido de que terrores iminentes iriam destruir grande número de seres humanos. Preocupava-se especialmente com o futuro das suas filhas e de todas as crianças que tinha procurado salvar dos perigos do mundo. Ele, que tinha dado ânimo a tantas pessoas em desespero, experimentava agora uma terrível sensação de obscuridade e abandono. Abbé Jean atribuiu um duplo sentido à crise de Gailhac: primeiro, lembrava-lhe que a amizade entre eles era uma imagem do relacionamento da alma com Deus; em segundo lugar, garantia-lhe, mais que uma vez, que o relacionamento deles era sólido como era o amor de Deus por ele. Em janeiro de 1888, por exemplo, Abbé Jean escrevia: “Sabe muito bem que os nossos corações e as nossas almas se tornaram inseparáveis, porque foi o divino Mestre que os uniu para que nos ajudemos mutuamente na obra da nossa santificação. Considero uma graça especial que Deus me concedeu, a união que Ele estabeleceu entre nós”.⁴⁰

O Abbé Jean não conseguiu ir a Béziers nos últimos meses da vida de Gailhac. Escreveu-lhe dizendo que era sua intenção ir visitá-lo, mas tinha sido praticamente impossível. “Quando começa o tempo frio, o reumatismo atormenta-me e dificulta-me as saídas” - dizia ele. Na mesma carta, Abbé Jean dizia a Gailhac que o simples fato de ver a sua letra o tornava feliz:

*Muitas vezes, os meus pensamentos voam ao seu encontro e o meu coração vai com eles. Na verdade, estou muito tranquilo, profundamente tranquilo, relativamente à sua alma e ao acolhimento que Deus tem reservado para si. Tenho a convicção de estar certo, pois Ele concedeu-lhe tudo durante as provas da sua vida, em que estava consigo e agia através de si. Por mais pobre que tenha sido o instrumento, Ele dar-lhe-á, na Sua misericórdia, um cantinho no Paraíso, onde poderá amá-Lo, louvá-Lo e pedir pelas suas filhas para que elas continuem a Sua obra.*⁴¹

Nas suas cartas para Gailhac, Abbé Jean nunca se referiu à sua nomeação para abade. Estava mais preocupado em falar-lhe abertamente sobre a aproximação da morte, encorajando-o a abandonar-se em Deus. Abbé Jean referia-se muitas vezes ao Fundador como “O meu querido Patriarca” porque, tal como explicava à M. St. Félix, pela sua idade e amor ao divino Mestre, Gailhac fazia-lhe lembrar o seu amigo S. João, Patriarca de Éfeso. Abbé Jean ajudou a M. St. Félix a compreender o que se estava a passar com o Fundador: “É através

do sofrimento espiritual do santo patriarca que Deus deseja, nestes últimos dias, completar a santificação da sua boa alma e preparar a grande recompensa que lhe tem reservada".⁴²

A superiora geral deve ter escrito ao Abbé Jean em setembro de 1889, dizendo-lhe que o Fundador parecia mais calmo, como se pode depreender da resposta do abade: "Como a provação passou e a tranquilidade voltou à sua alma, é um sinal do fim. Sempre lhe disse que ele morreria em paz e é nessa paz que ele irá adormecer para acordar no céu".⁴³ Mais de três meses depois, escrevia-lhe de novo: "Tenho-a sempre presente no meu pensamento e preocupo-me consigo. Que cruz! Especialmente para si. Este venerando Pai está claramente a experimentar o seu purgatório, mas irá diretamente para o céu: no estado em que se encontra, apenas podemos desejar-lhe uma rápida partida..."⁴⁴

Embora algumas das cartas não tenham data precisa, parece que Abbé Jean terá escrito várias vezes a Gailhac nos últimos meses da sua vida, insistindo sempre em temas de paz e de abandono a Deus. O que tornava essas cartas particularmente comoventes era o fato de o seu autor ter sempre presente a vida do seu amigo e recordar-lhe a sua fidelidade a anteriores resoluções, as graças recebidas, sinais evidentes da fiel presença de Deus, do Seu amor purificador a envolvê-Lo através do sofrimento. Lembrava-lhe também a sua eterna amizade: Ninguém - M. St. Félix, padre Maynard, M St. Liguori, M. St. Thomas, M. St. Charles - nem nenhuma das filhas de Gailhac o amava tanto; nem o papa, nem o seu bispo nem os padres seus companheiros o podiam acompanhar melhor na sua última caminhada do que ele próprio, Abbé Jean.

A 1 de janeiro de 1890, Abbé Jean escrevia ao seu venerando e querido Patriarca:

Nesta idade, o que desejaríamos é que os dias fossem mais longos. Desejamos apenas paz de alma e abandono à vontade de Deus. Toda a sua vida foi consagrada ao serviço de Deus. Quando se entregou a Deus, ficou acordado que se entregaria inteiramente, na condição de que Ele fizesse de si um santo e o deixasse trabalhar pela santificação das almas. Cumpriu a sua promessa. Deus cumprirá a Dele.

Esteja em paz. Conheço todas as adversidades do seu percurso; todas as suas fraquezas foram perdoadas, destruídas, não restando delas nenhuma marca. Já lho disse muitas vezes, em nome de Jesus Cristo. Portanto, paz, abandono e amor...

*Adeus, venerando e querido amigo. Abraço-o de lodo o coração... Mas acima de tudo, paz e abandono - é o que o divino Mestre lhe pede.*⁴⁵

Noutra carta. Abbé Jean servia-se de armas espirituais contra o inimigo, em defesa do seu amigo:

A nossa amizade só me tem trazido consolação. Quando vejo o inimigo a inspirar-lhe medo e a enfraquecer a sua confiança e abandono, tomo como defesa a misericórdia do divino Mestre. Evoco todas as provas de amor, de proteção, com que Ele sempre o rodeou. Protesto contra o inimigo, porque o bom Mestre é seu Amigo e está sempre consigo. Deve abandonar-se a Ele com total confiança. A Sua misericórdia e os Seus méritos apagaram do seu caminho todas as marcas de miséria: nenhuma permanece, pelo que não deve, seja por que pretexto for, preocupar-se com elas.⁴⁶

Desejando a Gailhac "Pax Christi", Abbé Jean continuava cheio de confiança a consolar Gailhac. lembrando-lhe que Deus estava a purificá-lo:

E o divino Mestre que lhe envia esta paz, através deste instrumento a quem Ele confiou a sua alma. Dou-lhe a certeza do amor do divino Mestre. Se Ele permite que o inimigo perturbe a superfície da sua alma, é para lhe dar a oportunidade de fazer atos de confiança e abandono, que muito lhe agradam. O sofrimento que está a viver é um purgatório, mas não tem outra razão a não ser a bondade e a misericórdia do divino Mestre. Aí e não na nossa miséria estabelecemos a nossa paz que desta forma não será abalada. Conheço a sua alma tão bem ou melhor que o meu amigo, e por isso tenho o direito de lhe dizer novamente: "Pax Christi!"⁴⁷

Aquela que pode ter sido a última mensagem de Abbé Jean está escrita com um sentimento de afetuosa autoridade que emanava de um alto grau de amizade:

Bem sabe que o bom Deus tornou inseparáveis as nossas almas e corações, que estou sempre unido a si, pois o divino Mestre confiou a sua alma ao meu cuidado. É, pois, com toda a Sua autoridade que lhe digo: esteja em paz. É amigo d'Ele. Ele cuida de si e das obras que lhe confiou. Não se deixe perturbar pelo inimigo: esteja confiante e abandone-se.

Abraço-o de todo o coração e com todo o afeto de um irmão e amigo.

Marie-Jean⁴⁸

A morte de Gailhac

A M. St. Félix permaneceu junto de Gailhac durante toda a sua última semana de vida e fez uma descrição muito pormenorizada daqueles dias, aos membros do Instituto. No domingo, 19 de janeiro, as pessoas que estavam junto dele notaram que ia enfraquecendo rapidamente. Comia muito pouco e dizia-lhes que o fim estava muito próximo. Passava o tempo a rezar, fazendo pequenos atos de amor, de contrição, de conformidade com a vontade de Deus. Na terça-feira à noite, recebeu o Sagrado Viático e, na manhã seguinte, recebeu a santa unção e a indulgência plenária para os moribundos. Respirava com mais dificuldade e era difícil compreender o que dizia mas, segundo a M. St. Félix. “o seu espírito parecia perfeitamente calmo e tranquilo, não mostrando qualquer sinal de ansiedade ou apreensão”.⁴⁹

Na quinta-feira, a M. St. Félix mostrou-lhe as bênçãos do Papa e do bispo de Montpellier, que tinham chegado para ele. Pouco depois, perguntou-lhe se tinha “uma palavrinha” para ela transmitir ao Instituto. “Sim” - disse imediatamente: “União...união, caridade... Todas, todas, sempre”. A seguir, as religiosas que estavam à volta do seu leito de morte já não conseguiam compreender o que ele tentava dizer; ele limitava-se a rezar. Ao fim da tarde de 24 de janeiro, Gailhac levantou a mão direita para abençoar todas as que estavam à volta da cama. A M. St. Félix descreveu assim o que se seguiu:

*Peguei imediatamente na sua mão esquerda e disse-lhe: “Pai. se consegue ouvir-me, aperte a minha mão a cada pergunta que eu lhe fizer. Está a abençoar-nos. não é verdade?” Ele apertou a minha mão. “Abençoa todas as suas filhas, mais novas e mais velhas? Abençoa o noviciado? Todas as nossas comunidades? Todos os nossos ministérios?” E no fim de cada pergunta, eu tinha a alegria de sentir um afirmativo apertado de mão.*⁵⁰

A superiora geral conta-nos que começou a ficar cada vez mais triste à medida que a morte de Gailhac se aproximava, e começou a soluçar. Ele deve ter ouvido, pois voltou-se para ela e, segundo o seu relato, “com um sorriso amável olhou para mim, como que a consolar-me e encorajou-me a conformar-me”. Pouco depois, embora tentasse responder a todas as que estavam à sua volta, já não conseguiu falar nem abrir os olhos.

A M. St. Félix descreve deste modo, os últimos momentos do fundador: “No sábado de manhã, 25 de janeiro, por volta das 02h30, a sua respiração tornou-se mais difícil e lenta, mas ele tinha uma expressão de serenidade e de paz. Poucos minutos depois das 03h00, o nosso bom Pai morreu”.⁵¹

Segundo Maynard, logo que houve conhecimento da notícia, levantou-se um clamor que podia ser ouvido por toda a parte: "O padre santo! O padre santo morreu!" O corpo foi velado na capela do convento do Sagrado Coração de Maria. Maynard teve a sensação de que a capela nunca esteve sem ninguém durante aquelas horas: "Todos queriam olhar, pela última vez, aquele rosto enrugado e frio, que a idade e a doença tinham deixado inalterado e que denunciava a paz e a serenidade do velho padre, no momento da morte. Muitas pessoas pediam relíquias. Toda a cidade veio ao funeral".⁵²

O cortejo que acompanhou o corpo até ao cemitério parecia interminável: padres, membros de diferentes congregações religiosas, habitantes de Béziers, órfãos e alunas internas do Sagrado Coração de Maria e, finalmente, as religiosas, filhas de Gailhac.⁵³ A 30 de janeiro de 1890, Abbé Guirauden, confessor e capelão das internas, fez uma longa homilia⁵⁴ na capela do convento, recordando a vida e santidade de Gailhac. Terminou lendo uma carta do bispo Cabrières, de Montpellier, dirigida à M. St. Félix.

Chegaram cartas de condolências de toda a parte – França, Irlanda, Roma, Inglaterra, Sag Harbor - de pessoas comuns que lembravam a sua santidade, de cardeais e bispos, de padres e congregações religiosas femininas e, como é óbvio, das Religiosas do Sagrado Coração de Maria das diversas fundações. Muitas das cartas refletiam um dilema: deveriam manifestar consternação pela perda deste padre ou congratular-se com as religiosas que tinham, a partir de então, um poderoso advogado no céu? As religiosas não tinham dúvidas: durante a vida do fundador, haviam experimentado a sua total dedicação; a partir desse momento, estavam certas de que ele, no céu, rezaria por elas e protegê-las-ia ainda mais.⁵⁵

Quando terminaram as cerimônias e as lágrimas secaram, o Instituto viu-se perante a realidade de que estava consciente: as religiosas tinham de continuar sem o Fundador. Na sua idade avançada, ele tinha sido para elas "um tesouro", "uma relíquia preciosa" que elas amaram e protegeram. A partir de então, teriam de continuar sem ele. Maynard termina assim o capítulo sobre os últimos anos de Gailhac:

A Congregação das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, como a maior parte das congregações femininas, deve ser governada pelas próprias religiosas. A atual superiora geral, que tinha sido assistente da fundadora e, depois, superiora sob a orientação do Fundador, é a pessoa mais preparada para governar. Pela sábia administração desta superiora, as obras herdadas do Fundador têm aumentado e crescido todos os anos.⁵⁶

A M. St. Félix deve ter concordado com o irmão. De fato, ela tinha estado em situações de responsabilidade, desde o início da sua vida religiosa: diretora do orfanato, mestra de noviças, companheira dedicada da M. St. Jean durante a sua doença, primeira assistente da M. Ste. Croix, Econômica do Instituto e superiora geral durante os últimos doze anos. Contudo, estava convicta de que esta experiência seria insuficiente. Precisava, como nunca antes, do apoio das Irmãs do Instituto.

Talvez fosse por isso que prefaciou a sua carta circular de 25 de fevereiro de 1890, sobre a morte de Gailhac, com esta longa introdução dirigida a cada uma das religiosas:

Minhas muito queridas filhas.

O meu coração sente a necessidade de vos agradecer pela verdadeira compreensão filial que me manifestaram tão prontamente, na altura do indescritivelmente doloroso acontecimento que acaba de nos lançar na tristeza, privando o nosso querido e pequeno Instituto do seu venerando Fundador. Sinto de um modo muito forte que o meu desgosto é o vosso e que partilhamos uma perda comum. Mas sei que conseguem entender a imensidade da minha solidão, o enorme peso do fardo que recai sobre os meus ombros frágeis. Vós mitigareis a primeira e aliviareis o segundo: a vossa afeição e dedicação dão-me a certeza disso. A vossa franca e generosa determinação, onde quer que estejais, para caminhar com coragem e entusiasmo sempre crescente pelos caminhos da perfeição, traçados para nós pelo nosso querido e saudoso Pai, e para os quais, com infatigável zelo e durante tanto tempo, ele procurou conduzir-nos - esta vossa determinação, digo, queridas filhas, é para mim um bálsamo precioso. Obrigada por me terem assegurado estas disposições, nas circunstâncias dolorosas em que nos encontramos. Que Deus abençoe as nossas resoluções pois, com todas vós, estou verdadeiramente determinada a pôr fielmente em prática todos os conselhos do nosso venerando Fundador e a não recuar perante qualquer sacrifício, qualquer provação, pelo bem do nosso querido Instituto e pela felicidade e perfeição de cada um dos seus membros.⁵⁷

Marie-Jean, abade de Fontfroide, foi também um grande apoio para a M. St. Félix, através das suas orações. Demasiado doente para escrever pelo seu próprio punho, ditou muitas mensagens de apoio e felicitava-a por todos os êxitos do Instituto. Tendo sempre presente o seu amigo, encorajava a M. St. Félix em 1891: “Alegra-me que, pela graça de Deus, esteja a trabalhar para preservar o espírito do abençoado Fundador, o inspirador da sua vida”.⁵⁸ Dois

anos depois, em 1893, o abade ditou a seguinte mensagem, lembrando-lhe que não governava o Instituto sozinha: “Diga à Reverenda Madre que invoco o bom e santo Père Gailhac, todos os dias, e estou cada vez mais convencido de que ele é poderoso no Céu e olha fiel e paternalmente pelas suas queridas e tão respeitáveis filhas”.⁵⁹

Fortalecida por essa certeza e pelo afeto e dedicação das suas Irmãs, a M. St. Félix continuou a servir como superiora geral das Religiosas do Sagrado Coração de Maria até 1905. Depois disso, e durante muitos anos, apoiou a sua sucessora, M. St. Constance Farret. Morreu em Béziers, em 26 de março de 1922.

Reflexões

Este capítulo constitui uma reflexão sobre a história que apresentamos neste volume. A morte de Gailhac, como a de todas as pessoas, era inevitável. Todavia, mais do que deter-nos no seu curto período de declínio, pretendemos destacar a sua vitalidade e dedicação à tarefa de inspirar em todas as suas filhas o espírito de Jesus Cristo.

Há duas vozes - ambas masculinas - que descrevem Gailhac nos seus últimos anos: Père Victor Maynard e Abbé Jean, dois grandes amigos de Gailhac. Sem dúvida que a M. St. Félix também esteve sempre presente nos últimos meses e dias do Fundador, como enfermeira, mas é tão discreta que raras vezes descreve verdadeiramente a situação em que Gailhac se encontrava. Parece falar sempre em surdina. Só depois da morte de Gailhac, na Carta Circular Enviada ao Instituto, é que falou detalhadamente sobre ele. Só então se sentiu liberta para se abrir às Irmãs e partilhar com elas os seus sentimentos de perda, sofrimento e solidão.

A voz do irmão da M. St. Félix é objetiva. Por vezes parece que Victor Maynard fala pela sua irmã, ao descrever o embaraço e dificuldades das longas viagens feitas com Gailhac, o seu passo vagaroso, a sua falta de memória. Parece esquecer o Gailhac mais jovem que tinha conhecido, tão enérgico apesar dos seus setenta e tantos anos. Maynard propôs-se a tarefa de escrever, durante os cinco anos após a morte de Gailhac, uma biografia objetiva do Fundador da congregação da sua irmã e da sua - os Padres do Bom Pastor. O seu trabalho - "*R. P. Gailhac.. Sa vie et ses oeuvres*" - foi mais tarde minuciosamente analisado e enaltecido, pelo seu rigor histórico. Durante muitas décadas, esta obra foi o relato histórico mais importante da vida de Gailhac, uma fonte indispensável para o processo de beatificação.

A outra voz a descrever os últimos anos de Gailhac é menos objetiva: Abbé Jean não estava preocupado com as viagens de Gailhac, mas com a sua caminhada de vida. O abade de Fontfroide, alma gêmea de Gailhac, estava presente na sua vida através das cartas, recordando-lhe a misericórdia do Divino Mestre e insistindo com ele para se abandonar. Esta “biografia” pretende mostrar a graça concedida ao Fundador nos seus últimos dias. Abbé Jean conhecia todas as adversidades do percurso de Gailhac, mas, finalmente, tudo era paz, abandono e amor.

Importa salientar que todas as dúvidas, receios e alucinações de Gailhac eram considerados pelos que o conheciam e estimavam, um purgatório, uma provação espiritual, o convite do Divino Mestre ao abandono e à paz. O “querido patriarca” de Abbé Jean não era um simples ancião, mas um ancião com o espírito altaneiro do seu patrono, o patriarca de Éfeso.

NOTAS:

- 1 Henri Viclor Maynard, John Gailhac: Priest and Founder of the Institute of the Sacred Heart of Mary. trad. M. Joseph Rogan, RSHM e Françoise Thérèse Rogan. RSHM (Westminster. Maryland: Christian Classics. Inc.. 1977; a seguir referido como Maynard) 224-234. Estas autorizações podem encontrar-se em Arq.HistJCong.. Vol. I-B. 22-23.26.
- 2 Ver capítulo 4.
- 3 Ver capítulo 4.
- 4 M. St. Thomas para M. St. Félix, 6 de agosto de 1887. Proc. ap..4460-4463.
- 5 M. St. Thomas para Gailhac, 8 de julho 118871. Proc. ap.. 4463-4464.
- 6 Gailhac para M. St. Thomas, 28 de junho de 1887. GS/28/VI/87/A.
- 7 Gailhac para M. St. Charles, 9 de agosto. GS/9/VIII/87/A.
- 8 M. St. Félix para Dr. Butler, 21 de dezembro de 1887. Proc. ap.. 3385-3386.
- 9 M. St. Charles para M. St. Félix, 1 de agosto de 1887. Arq.Hist./Cong., Vol. II-D. 23.
- 10 M. St. Cyprien Cahill. nasceu na Irlanda a 13 de dezembro de 1843 e entrou para as RSCM a 8 de novembro de 1868, aos 25 anos. Fez a profissão a 18 de maio de 1871 e no ano seguinte tomou-se membro da primeira comunidade em Bootle. Fez a profissão perpétua a 30 de agosto de 1876. Ver Grande Registro #76.
- 11 M. St. Charles para M. St. Félix, 5 de agosto de 1887, Arq.Hist./Cong., Vol. II-D, 23.
- 13 M. St. Charles para M. St. Félix, 6. 9. 13 de agosto de 1887. Arq.Hist./Cong.. Vol. II-D. 24-26.Houve três irmãs Cahill no Instituto: M. St. Cyprien e as duas irmãs gémeas (nascidas em 25 de outubro de 1845). M. St. Leon morreu em Béziers em 21 de setembro de 1869 e M. St. Raphael em 22 de outubro de 1886. Ver Grande Registro #65 e #59.
- 14 M. St. Charles para M. St. Félix, 9 de agosto de 1887. Arq.Hist./Cong.. Vol. II-D, 24.
- 15 Boole Times, 31 de dezembro de 1887, como indicado em Millicent Regan, Children of the Boo- lle: A Socio-Medical History, Bootle: n.p., 1968. 20.
- 16 Gailhac para a Casa Mãe, GS/19/VIII/87/B e GS/22/VI/87/A.
- 17 Gailhac para M. St. Thomas, 19 de agosto de 1887. GS/19/VIII/87/A.
- 18 Maynard. 233-234.
- 19 Ibid.. 234.
- 20 M. St. Félix para M. St. Eugène e M. Sacré Cœur, 4 de janeiro de 1888. Arq.HistVRSCM.. Caixa 5. Pasta 7.
- 21 M. St. Félix para M. St. Eugène e M. Sacré Coeur, 4 de julho de 1888. Arq.Hist./RSCM., Caixa 5, Pasta 7.
- 22 M. St. Félix para M. St. Eugène e M. Sacré Cœur, 4 de agosto de 1888. Arq.Hist./RSCM.. Caixa 5, Pasta 7. É certamente um sinal da importância que as vocações francesas tinham para a M. St. Félix que, ao escrever a uma superiora não identificada, de uma ordem religiosa rica em vocações, se ofereceu para acompanhar o Fundador ao norte de França a fim de se encontrar com ela. numa sua ida a Inglaterra. M. St. Félix. para uma superiora não identificada, abril de 1888. Proc. ap., 3389-3391.
- 23 Gailhac para a M. St. Liguori. 6 de outubro de 1887. GS/6/X/87/A. No mesmo dia. escreveu a informar a comunidade de Braga que a Casa Mãe "a reclamava" por algum tempo, até que a sua saúde estivesse restabelecida. Ver GS/6/X/87/B.
- 24 M. St. Félix para o bispo CFReilly, 20 de julho de 1889. Arq. Hist./Cong.. II-D. 95 (165-166).
- 25 Gailhac para M.St. Liguori, 14 de novembro de 1887.GS/14/XI/87/A. Tinha escrito uma carta semelhante à M. St. Patrice Darcy em 8 de fevereiro de 1875. GS/9/II/75/A.
- 26 Maynard, 234-236.
- 27 Ibid.. 228-229.
- 28 M. St. Félix. Notes, Proc. ap.. 1341-1342.
- 29 Ver Aelred of Rievaulx. Spiritual Friendship, tr. por Mary Eugenia Laker. Washington. DC: Cistercian Publications. 1974.
- 30 Gailhac para M. St. Thomas e M. St. Liguori, 1 de setembro de 1879. GS/I/IX/79/B.
- 31 Gailhac para M.St. Félix, 31 de agosto de 1879. GS/31/VI/79/A.
- 32 Abbé-Jean para Gailhac, 26 de setembro de 1876. Arq.Hist./Cong.. Vol. II-F. 41-61.
- 33 Abbé-Jean para Gailhac, 20 de abril de 1877. Arq.HistJCong.. Vol. II-F. 41 -61.
- 34 Abbé-Jean para Gailhac, 26 de setembro de 1876. Arq.Hist./Cong.. Vol. II-F. 41-61.
- 35 Abbé-Jean para Gailhac, 8 de julho de 1880. Arq.Hist./Cong.. Vol. II-F. 41-61. Os monges de Fontfroide não seriam forçados a sair até que a lei contra as congregações fosse promulgada em 1902. Os monges encontraram refúgio em Espanha onde se lhe juntaram os monges do mosteiro de Sénanque.

- 36 Abbé-Jean para Gailhac. 18 de maio de 1877, Arq.Hist./Cong., Vol. II-F. 41-61.
- 37 Maynard. 229.
- 38 Abbé-Jean para Gailhac, 27 de novembro de 1876. Arq.HistJCong.. Vol. 11-F. 41-61.
- 39 Maynard. 229. Certamente, quando Gailhac tentava convencer o padre Emonel a aceitar a proteção das RSCM, pela Congregação do Espírito Santo, Gailhac insistia para que o seu diretor, o Abbé de Fontfroide, concordasse com o seu pedido. Ver citação acima. Capítulo 4.
- 40 Abbé-Jean para Gailhac, 5 de janeiro de 1888. Arq.Hist./Cong.. Vol. II-F. 41-61.
- 41 Abbé-Jean para Gailhac. quarta-feira, n.d., Arq.HistJCong.. Vol. II-F, 41-61.
- 42 Abbé-Jean para M. St. Félix. 13 de setembro de 1889. Arq.Hist./Cong.. Vol. II-F, 41-61.
- 43 Ibid.
- 44 Abbé-Jean para M. St. Félix, janeiro de 1890. Arq.HisJCong.. Vol. II-F. 41-61.
- 45 Abbé-Jean para Gailhac. 1 de janeiro de 1890. Arq.Hist./Cong., Vol.II-F, 41 -61.
- 46 Abbé-Jean para Gailhac, domingo, n.d.. Arq.Hist./Cong., Vol. II-F. 41-61.
- 47 Abbé-Jean para Gailhac, quinta-feira, n.d.. Arq.HistJCong.. Vol. 11-F. 41-61.
- 48 Abbé-Jean para Gailhac, domingo 10. n.d.. Arq.HisJCong., Vol.11-F. 41-61.
- 49 Carta-Circular enviada ao Instituto pela Rev. Madre St. Félix Maynard. 25 de fevereiro de 1890, Proc. ap.. 1342-1345.
- 50 Ibid.
- 51 Ibid.
- 52 Maynard. 238.
- 53 Gailhac foi sepultado primeiro no cemitério da cidade; a 4 de fevereiro de 1895, o seu corpo foi trasladado para a capela do Sagrado Coração de Maria, e mais tarde colocado na cripta.
- 54 Pode encontrar-se um resumo da homilia, no Proc. ap.. 6367-6370.
- 55 Estas cartas de condolências podem ser encontradas em Arq.Hist./Cong.. Vol. I-B. 33-77.
- 56 Maynard. 238.
- 57 Carta-Circular enviada ao Instituto pela Rev. Madre St. Félix Maynard, 25 de fevereiro de 1890. Proc. ap.. 1342-1345. Este parágrafo introdutório está incluído na versão que se encontra em M. St. Maurice Privai. RSCM. Père Gailhac. Béziers. 1973.
- 58 Abbé Jean para M. St. Félix, 29 de setembro de 1891. Arq.HistJCong.. Vol. II-F.41-61.
- 59 Abbé-Jean para M. St. Félix, 13 de fevereiro de 1893. Arq.Hist./Cong.. Vol. II-F, 41-61. Abbé Jean-Marie Léonard morreu em 12 de novembro de 1895. Foi sepultado no cemitério de Frontfroide, tendo sido construída uma pequena capela sobre o seu túmulo. O processo para a sua beatificação está presentemente a ser examinado no Vaticano.

APÊNDICE

REFORMAS EDUCATIVAS NA IRLANDA

Os anos seguintes à fundação do Convento do Sagrado Coração de Maria em Ferrybank foram cruciais para o desenvolvimento da educação feminina na Irlanda, desafiando a noção tradicional de internato conventual e reivindicando para as educandas oportunidades educativas iguais às dos rapazes. Anne V. O'Connor, no seu ensaio “A Revolução na Educação Feminina do Secundário na Irlanda. 1860-1910”, escreve sobre estes anos de transição e reivindicações:

...No início do Século XX, já tinha ocorrido a revolução fundamental na educação feminina, na Irlanda. Este fato marcou o estabelecimento de um sistema de educação que, gradualmente, preparou as meninas para competir com os rapazes no sistema de exames públicos, e obter acesso a empregos similares embora não tão bem remunerados.¹

Rivalidade nos sistemas de Educação

Importa lembrar que, no final do século XIX, a Irlanda ainda fazia parte do Reino Unido. A influência inglesa não era só imposta do exterior mas surgia também no seio da população protestante, inglesa e anglo-irlandesa, naquele país: uma minoria no sul, mas a maioria no Ulster. Por isso, não surpreende que, na Irlanda, existissem lado a lado duas atitudes radicalmente diferentes relativamente à educação feminina no secundário - a inglesa e a irlandesa - sendo esta última baseada na tradição francesa de educação.

A filosofia inglesa da educação tendia a colocar o enfoque na competição prática baseada em exames que, sendo bem-sucedidos, dariam às jovens a qualificação exigida para o acesso a postos de trabalho que se lhes deparassem. O'Connor dá vários exemplos dessa influência inglesa na educação, ao nível do secundário, na Irlanda. Margaret Byers fundou a Ladies Collegiate School, mais tarde chamada Victoria College, em Belfast em 1859. Oito anos depois, Isabella Tod fundou em Belfast o *Ladies Institute* e criou a *Ulster Head School*-

mistresses' Association (1880) que, filiada mais tarde na *Central Association of Irish School Mistresses*, representava setenta escolas protestantes femininas, na Irlanda.²

Em Dublin, Anne Jellicoe, uma reformadora Quaker da educação, dedicada à educação feminina em todas as classes sociais, fundou o *Alexandra College* (1866) e a *Alexandra School* (1873), em Dublin. Transpondo para o seu College o modelo do *Queens College* de Harley Street, London, que tinha sido fundado para a educação superior feminina na Inglaterra, Anne Jellicoe contratou professoras do *Trinity College* em Dublin, para ensinar as alunas no Alexandra College, a partir dos quinze anos, apresentando-lhes um vasto leque de matérias: teologia, ciências da natureza e filosofia, assim como o tradicional estudo da história, inglês, línguas, arte e música. Mais importante ainda: incluía também matérias habitualmente não ensinadas a meninas, na Irlanda, nessa época - latim e matemática (álgebra e geometria). O'Connor salientava: "a inclusão destas matérias marcou uma verdadeira revolução na educação secundária feminina, na Irlanda, pois enquanto as professoras não estivessem preparadas em matérias acadêmicas de nível universitário, não havia possibilidade de alteração do currículo das escolas secundárias femininas".³

Margaret Bayers contratou também graduados da *Queens University Belfast* para lecionar matérias habitualmente descuradas ao nível do secundário. Por vezes, estes mestres examinavam as educandas na *Ladies Collegiate School*, levando-as a fazer exames elaborados por professores universitários. As alunas aprovadas nestes exames recebiam diplomas e prêmios baseados no seu desempenho. Essas escolas protestantes eram um reflexo do movimento High School na Inglaterra, que preconizava a articulação entre o segundo e o terceiro níveis de educação, exames no exterior para testar os conhecimentos adquiridos e ainda oportunidades educativas iguais para meninas e rapazes. Seguindo esta filosofia inglesa de educação, aquelas escolas protestantes estavam preparadas para a aprovação no Parlamento da Intermediate Education Act de 1878 e da Royal University of Ireland Act de 1879.⁴

A outra atitude em relação à educação feminina da classe média, na Irlanda, refletia a tradição francesa, com ênfase na língua e cultura francesas, competição, delicadeza, boas maneiras ("*la politesse*") e bom gosto ("*le gout*").⁵ Os internatos nos conventos eram locais ideais para este tipo de educação. Quase todos esses internatos tinham sido criados na Irlanda por congregações estrangeiras, especialmente francesas: Ursulinas, Sociedade do Sagrado Coração (1842), Fiel Companhia de Jesus (1844), São Luís (1859), São José de Cluny (1870), a Santa União dos Sagrados Corações (1862), Religiosas do Sa-

grado Coração de Maria (1870). As Dominicanas (1644) e as Irmãs do Loreto (1822) tinham chegado ainda mais cedo. “Enquanto essas Ordens dedicadas ao ensino criavam externatos para a educação elementar dos pobres [Convent National Schools], a maior parte das suas escolas secundárias eram internatos, onde forneciam alimentação especialmente para a classe média, com preços-base entre £20 e £40 por ano”.⁶

As comunidades irlandesas (Irmãs Mercedárias, Brigidinas, da Apresentação, Irlandesas da Caridade, da Santa Fé) geralmente ensinavam os pobres e por isso centravam a sua atenção no nível de educação primária, dirigindo as National Schools. Em certos casos, algumas dessas comunidades irlandesas deram início também ao que então se chamava Convent Pension Schools ou Select Schools, que cobravam uma anuidade entre £2 a £4. Essas escolas destinavam-se a famílias da classe média ou classe média baixa, que não tinham possibilidades para enviar as suas filhas para um internato mas queriam que elas se distinguissem das National Schools. “Todos os relatos acerca desse período referem que a distinção de classes sociais era o fator principal da evolução do conceito de escolas conventuais em regime de semi-internato. O próprio título ‘semi-internato’, distinto de ‘escolas para pobres’, mostra claramente como escolas diferentes eram direcionadas para diferentes classes sociais”.⁷

As autoridades eclesiásticas viam com receio as intromissões do Estado no sistema educativo do secundário feminino, na França, e temiam movimentos similares por parte de Westminster. Os bispos, conscientes do crescimento da classe média irlandesa, que em breve estaria a procurar oportunidades educativas para as suas filhas, reconheceram a urgência de as congregações religiosas francesas abrirem escolas conventuais de prestígio, na Irlanda. Acreditavam que essas escolas, na medida em que davam ênfase ao ensino de línguas, artes, cultura e formação de caráter, garantiriam às famílias das estudantes um certo “status social”: por outro lado, para os adultos licenciados funcionariam como elemento de “compensação face à dominante influência inglesa na sua cultura”. O'Connor acrescentava: “a presença das Ordens Religiosas francesas na Irlanda respondia assim aos objetivos dos bispos católicos, que as tinham aceitado... na esperança de que pudessem oferecer uma alternativa atrativa ao poder crescente do Estado e da influência inglesa”.⁸

Exames competitivos introduzidos pelo Estado

A influência inglesa na educação, com ênfase na competitividade, testada através de exames externos, era já evidente nos anos 50. Inspirado na Grande Exposição Mundial de 1851 e no novo interesse pela ciência, por ela suscitado, o governo propôs um exame sob a orientação do Departamento de Ciência e Arte, designado mais tarde como exame “South Kensington”. O objetivo desses exames era promover o incremento de escolas científicas - ou pelo menos de cursos científicos organizados - por toda a Irlanda, a nível do secundário, concedendo prêmios monetários a estudantes e compensações às escolas promotoras, pelos resultados obtidos. A primeira escola secundária católica a se beneficiar deste esquema foi St. Kieran’s College, em Kilkenny. Em 1874, quarenta e cinco estudantes de ciências desta escola apresentaram-se a exames em matemática, magnetismo e eletricidade. Dez ganharam medalhas e receberam um subsídio de £9/5s. O professor de ciências recebeu uma gratificação de £36. O Estado enviou também um subsídio para os laboratórios de ciências em St. Kierans. Depois que os jornais publicaram o sucesso dos alunos desta escola nos exames “South Kensington”, aumentaram as inscrições. Em 1887, St. Kieran’s recebeu £160 em bonificações pelos resultados e o corpo docente teve a satisfação de avaliar o seu próprio sucesso, comparando-o com um padrão oficial.⁹

"The Intermediate Education (Ireland) Act of 1878" [Lei da Educação Intermédia (Irlanda), de 1878] desenvolveu-se de acordo com linhas semelhantes ao esquema “South Kensington”. Essa Lei criou um Departamento de sete membros (três católicos, três da igreja da Irlanda, um presbiteriano) para promover a educação laica nas escolas secundárias, instituindo um sistema de exames públicos, prêmios, exposições e certificados para os estudantes com bons resultados e ainda bonificações para os dirigentes das escolas com sucesso. Os exames escritos eram realizados em junho (finais de maio) em diferentes localidades, por todo o país, frequentemente nas Câmaras Municipais ou em "Colleges". Alunas e alunos faziam exames iguais, nos mesmos dias, mas em localidades diferentes. Aceitava-se a participação de alunos dos três graus, entre os dezesseis e os dezoitos anos: grau júnior, grau médio e grau sênior.

Os alunos podiam escolher as matérias sobre as quais desejavam ser examinados. Inicialmente, tinham ao seu dispor: grego, latim, inglês, matemática (incluindo aritmética e contabilidade), francês, alemão, italiano, celta e ciências naturais (incluindo filosofia natural, química, botânica, geografia física, zoologia, geologia, astronomia e fisiologia animal). Mais tarde, alguns dos cursos de

ciências naturais foram retirados e acrescentou-se desenho, teoria da música e economia doméstica. Nenhum aluno podia passar no “Exame Intermédio” sem aprovação em grego, ou latim, ou inglês, ou matemática; posteriormente, eram necessárias duas aprovações nestas matérias e línguas modernas. Uma vez que se dava mais peso a algumas matérias do que a outras, a tentação da escola era pressionar os alunos a fazerem latim, grego ou inglês, para que as bonificações fossem maiores. Os prêmios monetários para os alunos com sucesso e as bonificações para as suas escolas, eram financiados pelos juros sobre £1 milhão, uma parcela do saldo resultante da separação da igreja irlandesa do Estado em 1869.¹⁰

O *Freeman's Journal* apresentou os resultados dos “Exames Intermédios”, durante os quatro primeiros anos: “...o número de rapazes [que se apresentaram a exame] aumentou consideravelmente de 3.218 em 1879, para 5.153 em 1882. E praticamente ficaram por aí. O número de alunas aumentou de 736 em 1879, para 1.447 em 1880 e, mais ainda, para 1.805 em 1881. Em 1882, o número de alunas desceu para 1.461 e, em 1883, para 1.125”.¹¹ O “Departamento de Educação Intermédia” atribuiu esta descida no número de alunas às reduções que tinha feito em 1882 e reconheceu que essas reduções, em número e valor dos prêmios, tinham “recaído de forma drástica” sobre as escolas femininas que, a partir de então, não tinham qualquer expectativa de bonificações suficientemente grandes que justificassem contratar pessoal extra, a fim de preparar as alunas para os exames.¹²

Discussão acalorada no Freeman 's Journal sobre “As nossas jovens”

O editor do *Freeman's Journal* chegou a uma conclusão muito diferente. No início de 1882, sob a bandeira “As nossas jovens”, questionava-se porque é que as escolas femininas não tinham obtido tão bons resultados como as masculinas, dando a entender que a educação secundária feminina nas escolas conventuais era inferior. O *Waterford Citizen* contra-atacava:

Os resultados do último "Exame Intermédio" suscitaram do Freeman's Journal uma observação depreciativa sobre as jovens católicas da Irlanda, devido às alegadas deficiências educativas, que poderiam passar sem comentário se não fosse o alarido levantado - e cremos que deliberadamente - contra o sistema de educação conventual na Irlanda e o ensino religioso, em contraste com o ensino laico. O jornal, considerado católico nesta velha terra católica, não tem a audácia da França comunista para gritar 'Abaixo

*as Freiras'...mas levantou uma falsa questão e fundamentou nela um ataque tão infame e malicioso, como nunca tinha sido feito, por um gênio distorcido, às religiosas da Irlanda e suas alunas, as futuras mulheres da Irlanda.*¹³

Seguiu-se um debate acalorado nas colunas do Freeman's Journal, que se prolongou por mais de um ano. Antigas alunas, pais de alunas que tinham frequentado escolas conventuais, bispos, padres, educadores e críticos anônimos, enviaram numerosas cartas para o jornal, que publicou mais de cinquenta.¹⁴ Algumas felicitavam o Freeman's Journal por abordar esta importante questão; muitas, porém, criticavam-no por deliberadamente ter provocado agitação e alimentado os descontentes, publicando críticas anônimas, muitas vezes não fundamentadas, maliciosas, "qual estratégia do inimigo". O jornal foi acusado de agir de má-fé quando abriu as suas colunas "à circulação de reivindicações prejudiciais, não suficientemente claras para poderem ser desmentidas, e de fatos altamente dissimulados para não poderem ser identificados com a realidade".¹⁵

O *Freeman's Journal* defendeu-se, insistindo que estava simplesmente a promover um fórum sobre uma questão de grande importância para os leigos católicos. "Podemos ter provocado alguma discordância - reconhecia - pelo fato de termos considerado útil dar a conhecer às autoridades os descontentamentos que existem, efetivamente".¹⁶

O debate realizado durante o ano pode resumir-se em sete pontos. Apresenta a opinião irlandesa sobre as escolas conventuais na década de 1880; os dois lados da questão serão dados resumidamente e as opiniões do debate serão incluídas de modo adequado, embora não formalmente citadas.

Primeiro - para afastar as escolas secundárias femininas católicas ou recusar-lhes a participação nos "Exames Intermédios", foi argumentado que eram inferiores. A competição com as escolas laicas era favorável; havia uma vantagem inegável na obtenção do certificado (por que permitir que as meninas protestantes recebessem todos os prêmios?); no estrangeiro, era uma desvantagem não haver um certificado que provasse as competências de cada um; os exames proporcionavam uma oportunidade de as nossas alunas provarem a sua preparação; as alunas e seus pais preferiam instituições que as preparassem para os "Exames Intermédios". Por outro lado, poucas alunas faziam exames; assim, como é óbvio, poucas recebiam prêmios. As escolas retiraram-se não por se sentirem inferiores (note-se que as escolas femininas que ficaram tiveram grande sucesso) mas porque, com menos prêmios, não se justificava

mais pessoal docente. Algumas perguntavam: “nestes exames, vai haver competição com os rapazes?” Outras diziam que os pais, de forma esmagadora, se opuseram aos “Exames Intermédios” e, conseqüentemente, muitas escolas conventuais retiraram-se mesmo: até alguns médicos defendiam que o stress da preparação para os exames era prejudicial às jovens daquela idade.

Segundo - os críticos insistiam que a instrução nas escolas secundárias conventuais era inferior à das escolas laicas da mesma classe social. As religiosas devem ter feito um bom trabalho na educação moral que transmitiam, mas as capacidades intelectuais das alunas não estavam nada desenvolvidas; não houve qualquer tentativa de ensinar ciência física; o currículo era irrelevante para as necessidades futuras das alunas; se as mães não estavam intelectualmente preparadas, como seria com os filhos? Por outro lado, os “Exames Intermédios” eram considerados totalmente impraticáveis, porque exigiam uma rigorosa preparação; a insistência nos clássicos poderia ser moralmente perigosa para as alunas, e Shakespeare em demasia não era “alimento intelectual desejável nas nossas escolas conventuais irlandesas”; a educação laica nas escolas conventuais era muito apropriada e o exemplo das religiosas era a melhor educação.

Terceiro - a educação cívica, a delicadeza e o bom comportamento ensinados nos conventos, não eram adequados ao desenvolvimento que se esperava das alunas. Em resposta, outros insistiam que aquilo que os pais e mães queriam para as suas filhas era, acima de tudo, que fossem boas, com princípios religiosos, boas mães ou boas religiosas; a preparação era muito adequada ao que se pretendia - serem boas esposas; “as escolas conventuais salvaram as nossas alunas dos perigos próprios da idade”; as boas maneiras eram também da responsabilidade da família. Um pai argumentava: “Os nossos rivais podem apresentar-se mais eruditos, mais excêntricos, mais entendidos em anatomia feminina, mas não queremos que as nossas filhas venham a ser como eles.”

Quarto - para as classes mais humildes, cujas filhas se encontravam em escolas conventuais, a educação cívica e as boas maneiras eram totalmente inadequadas para a sua posição na vida. Um pai, referindo-se às filhas dos comerciantes e camponeses da classe média, declarou: “A minha experiência vai para além de todo o sul da Irlanda, abrange um período de vinte anos, e não tenho qualquer hesitação em dizer que 90% das jovens educadas em internatos conventuais são completamente incapazes de ajudar ou prestar assistência, quer aos seus pais, quer nos seus empregos, quer nas atividades domésticas; e o pior de tudo é que deixam a escola sem grandes conhecimentos a não ser o de si próprias”.

Quinto - as religiosas não estavam preparadas para ensinar nas escolas normais ou instituições para formação de professores. Sobre este ponto, o editor do Freeman's Journal era claro: "A profissão de professor não é das que requer apenas uma aptidão especial, mas uma preparação específica; um professor "tem de saber como transmitir aos outros a informação, com o máximo de eficiência". Em defesa das religiosas, James Kavanagh, professor na Universidade Católica, argumentava dizendo que os dois anos de noviciado proporcionavam uma certa preparação para as futuras professoras. No noviciado, a postulante "participa nos mais diversos e exigentes cursos de formação, a diferentes níveis: religiosos, acadêmicos e domésticos. Antes de ser admitida como membro do Instituto, a comunidade exprime a sua opinião, através de voto secreto, para determinar se ela tem ou não as capacidades necessárias". Mais tarde, quando for nomeada para uma escola, irá ensinar sob a orientação "de uma religiosa com preparação e experiência", e vai adquirindo as qualificações necessárias para ser uma boa professora.

Sexto - as religiosas não tinham diplomas nem certificados; tinham de submeter-se a exames públicos para demonstrar que eram qualificadas para o ensino, obtendo o diploma do Estado. Perante esta sugestão, alguns responderam que "a humilhante e dolorosa provação" exigida para obter o certificado seria contrária à "condição de vida das religiosas". Uma vez mais, James Kavanagh, que tinha sido inspetor nacional das escolas durante muitos anos, lembrava aos leitores que os bispos irlandeses tinham considerado permitir às religiosas a obtenção dos certificados do Estado, mas, no Conselho Nacional dos religiosos, realizado em Maynooth em 1875, tinham-no proibido. Kavanagh concluía: "O pedido de proteção e interferência do Estado, para assegurar professores qualificados para as filhas das classes médias, é um dos sinais mais evidentes da fraqueza e decadência nacional, contra a qual, honestamente, eu protesto".

Sétimo - as escolas conventuais não estavam dependentes de qualquer inspeção profissional; por isso, os pais não tinham forma de saber se a educação que as suas filhas recebiam estava de acordo com os padrões exigidos. Os que apoiavam as religiosas explicavam que, quando foram atribuídos os fundos do Estado, como no caso dos subsídios per capita atribuídos às "National Schools", os exames nas escolas eram orientados por inspetores competentes. No caso das escolas conventuais, onde não se recebia qualquer apoio do Estado, este não devia intervir. As escolas secundárias protestantes e as universidades não permitiam as inspeções do Estado, pelas mesmas razões.¹⁷

Na sua maior parte, os bispos que se juntaram ao debate opunham-se

aos Exames Intermédios e a tudo o que se referia à regulamentação do Estado relativamente às escolas conventuais. Edward Cardinal McCabe, de Dublin, primaz da Irlanda, era crítico relativamente ao *Freeman's Journal* e suspeitava que "intenções desfavoráveis" e "um espírito hostil" tinham motivado o debate. Ao manifestar a sua oposição aos exames, o cardeal admitia que, se os pais que na altura apoiaram maioritariamente a abolição dos exames, quisessem mudar de opinião e manifestar o desejo de que as suas filhas fossem preparadas para eles, as religiosas estariam prontas para as preparar "mesmo que as autoridades responsáveis possam sentir que o benefício da aluna é a perda da mulher".¹⁸

Embora defendendo as suas razões e insistindo que a tendência seguida pelo *Freeman's Journal* servia um importante departamento público, o editor respondeu que a carta pastoral do cardeal era, genericamente, "honeste e liberal"; sugeria que, se os pais católicos mudassem de ideias sobre os Exames Intermédios, os conventos estariam prontos a dar a sua colaboração. O editor resumia assim a opinião do *Freeman's Journal*:

Parece-nos que a verdadeira motivação seria que algum ou mais conventos assumissem o ensino das jovens, a fim de as preparar para estes exames. Os pais que o desejassem poderiam colocar lá as suas filhas. Os que não o desejassem poderiam colocá-las em qualquer outro lado. Esta seria uma forma de satisfazer a todos e uma maneira prática de testar os verdadeiros desejos dos pais católicos. Seria bom ter na Irlanda uma instituição essencialmente católica, que não só transmitisse a educação mais requintada possível às educandas católicas, mas que lhes assegurasse as vantagens de conseguirem para os seus conhecimentos o "selo" oficial que os validasse, se quisessem utilizá-los mais tarde para sua subsistência.¹⁹

O *Freeman's Journal* tentou pôr fim à sua abordagem ao assunto "As nossas jovens", na edição de 9 de outubro de 1883, com a sugestão: "...que os conventos adotem um plano de educação laica mais sistemático e mais de acordo com o enorme progresso feito nos últimos anos, na ciência e no ensino".²⁰

Resposta dos bispos irlandeses à polémica questão sobre "As nossas jovens"

O debate ainda não tinha terminado. A resposta mais elaborada a esta questão de "As nossas jovens" veio do bispo de Meath, Dr. Thomas Nulty. Ele foi o autor de um panfleto intitulado *"A Relação entre as Escolas Conventuais"*

e o Sistema Intermédio de Educação Primária". O *Freeman's Journal* incluía excertos do panfleto nas suas colunas, em 1884. Embora o bispo declarasse que apoiava fortemente "os efeitos benéficos" da competitividade na educação, quando se referia ao sistema de Exames Intermédios manifestava uma opinião muito diferente. O editor do *Freeman's Journal* tentou resumir a posição do seguinte modo: "O Dr. Nulty considera-o [o sistema de Exame Intermédio] como uma pancada de martelo de ferreiro, recusando-se a reconhecer nele um simples, útil ou louvável elemento, e a considerá-lo como um curso de preparação para as jovens irlandesas". O bispo escrevia: "O programa é imperfeito, precipitado e desadequado a qualquer forma de educação nacional feminina. Além disso, é acima de tudo fraco e perigoso. Receio ter de acrescentar que é mesmo desmoralizador para as jovens que estudam segundo a sua orientação". Foi particularmente crítico em relação à ênfase dada ao grego, latim, Euclides e álgebra, considerando-as matérias irrelevantes para as preocupações de uma filha de camponês da Irlanda. Além disso, o bispo considerava baixa, degradante e sensual a literatura que as alunas teriam de estudar: "Imagem, então, uma jovem irlandesa, pura, de inocência imaculada, analisar com profundidade uma destas odes inconvenientes [de Horácio], exercitando a sua imaginação e razão, esforçando-se por compreender a natureza de loucas e chocantes paixões e de estranhas formas de vício e sensualismo, das quais até então elas não tinham a mínima noção". Em alternativa, o bispo recomendava economia doméstica, o mais necessário para a função de esposa e mãe. Reconhecendo que "a área social de intervenção da mulher está continuamente a crescer" e que uma aprendizagem e treino específico deviam ser desejáveis para as alunas preparadas pela escola conventual, que agora têm de ganhar a vida em lojas e fábricas, como empregadas de balcão em armazéns, professoras e preceptoras, modistas de chapéus e costureiras, telégrafas e empregadas de correios, o bispo insistia: "...estas profissões, embora possam evoluir, nunca poderão ultrapassar os grandes deveres fundamentais e ocupações das esposas, mães e filhas de uma nação".²¹

Apesar da sua oposição ao sistema de Exame Intermédio, os bispos da Irlanda tinham conhecimento de que eram concedidos subsídios para a educação, às escolas não católicas, e recusados às católicas. Num encontro realizado em Dublin, em outubro de 1884, os bispos avançaram com a decisão de lamentar "...o tratamento injusto a que as escolas conventuais têm sido sujeitas" e pediram que, de futuro, as escolas fossem tratadas com "justiça".²² Apelaram ao Partido Parlamentar Irlandês para chamar a atenção da Câmara dos Comuns para esta e e outras decisões "... e para insistir com o Governo sobre as queixas

até aqui não atendidas, dos católicos irlandeses, sobre todos os aspectos da Educação".²³

Outra preocupação dos bispos era esta: dos cerca de oito mil professores católicos na Irlanda, seis mil não tinham habilitações, dado que em 1862 os bispos irlandeses tinham proibido a ida dos professores católicos para as Escolas Normais apoiadas pelo Estado. A partir de então, os bispos queriam que o governo britânico cobrisse 100% das despesas das Escolas Normais Católicas, para os seus professores, na Irlanda.²⁴

Proposta de uma solução inteligente apresentada pelas religiosas irlandesas

A atitude de oposição dos bispos irlandeses aos Exames Intermédios para as jovens, só começou a mudar quando as religiosas irlandesas convenceram finalmente alguns dos bispos de que os pais católicos, preocupados com o futuro das suas filhas, preferiam para elas um tipo de educação colegial ou universitária. Isto levava-os a inscrever as suas filhas em escolas protestantes, que preparavam as estudantes para Exames Intermédios e Universitários. O sucessor do Cardeal McCabe, de Dublin, Dr. William Walsh, foi avisado pela Irmã Hanley do Convento Dominicano, Eccles Street, de que perderia o controle da educação católica feminina se não respondesse rapidamente a esta alteração da situação. Propôs-lhe que o Convento Dominicano fosse autorizado a proporcionar cursos universitários que preparassem as alunas para os exames da Royal University of Ireland. Nessa altura, as jovens não eram autorizadas a assistir às aulas em universidades irlandesas, mas, a partir de 1879, quando o Royal University Act foi aprovado, as jovens preparadas em qualquer outro estabelecimento de ensino podiam apresentar-se aos exames da Royal University of Ireland e receber o certificado universitário dos cursos aprovados, e ainda adquirir um grau universitário.²⁵

O arcebispo Walsh rapidamente compreendeu a situação e encorajou a Irmã Hanley a começar a proporcionar aulas de nível Intermédio e Universitário na Eccles Street School, em 1885. Em agosto de 1887, o bispo de Cork aprovou o plano das Ursuline Sisters para abrirem a St. Angela High School para as jovens, dando prioridade a latim e matemática e seguindo o modelo da English High School. Por volta de 1890, davam-se aulas de nível universitário às alunas de St. Angela, preparando-as para os exames da Royal University of Ireland. Seguiram-se as Loreto Sisters em St. Stephen's Green, Dublin, e

finalmente o arcebispo Walsh patrocinou o Dominican St. Mary's University College, que abriu em Dublin em 1893. O'Connor refere que, na década de 1890, as escolas conventuais eram encorajadas a preparar as alunas para os Exames Intermédios, desafiando assim as suas rivais protestantes. Em muitos casos, isto preparava as alunas católicas para se qualificarem para os exames da Royal University of Ireland. E concluía: "Embora obrigadas a continuar num verdadeiro estabelecimento de igreja, pela pressão de pais não qualificados, em 1900 as jovens católicas da Irlanda estavam preparadas para entrar no novo século em condições semelhantes às dos rapazes, o que não era suposto vinte anos antes".²⁶

Ferrybank e Lisburn em conformidade com a orientação estatal

As escolas conventuais das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, embora fixadas na Irlanda há pouco tempo, foram respondendo gradualmente a este desafio de preparar as alunas para os exames universitários. Em 1887, na entrega anual de prêmios no Convento do Sagrado Coração de Maria em Ferrybank, o bispo de Ossory, Abraham Brownrigg, comunicou a quem estava presente que "A Reverenda Madre está a alargar o âmbito das suas iniciativas, está a soltar as velas para mares mais largos. As alunas já começaram a estudar para os exames do South Kensington Institute e, no próximo ano, irão concorrer aos prêmios".²⁷

Estes exames do South Kensington, sob a responsabilidade do Department of Science and Art in London, tinham sido instituídos em 1859 e ofereciam competitividade tanto em Practical Art como em Science. Em 1889, o Waterford Citizen relatava: "Das alunas da escola [Ferrybank] que, no ano passado, competiram nos exames de Ciências e Arte, passaram quinze no South Kensington. Este ano, apresentou-se um número consideravelmente maior - entre quarenta e cinquenta".²⁸

No ano seguinte, o Irish Catholic publicou os resultados dos exames de South Kensington, relativos às alunas de Ferrybank. "Eles só vêm confirmar o sentimento de alegria e compensação de professoras e alunas. Os resultados são particularmente satisfatórios, visto que este estabelecimento, como se sabe, teve apenas um curto espaço de tempo de ligação com South Kensington. Muitas das alunas competiram pela primeira vez". O jornal apresentava, então, a lista de passagens e prêmios alcançados em Arte (desenho livre, desenho de modelo, de perspectiva, desenho à distância, sombreado a partir de modelos.

sombreado a partir de ornamentos) e em Ciência (prática, geometria plana e sólida). O jornal concluía:

Por esta razão, felicitamos a comunidade pela sua determinação acertada de levar as alunas a lutar pelos prêmios que estão ao seu alcance, enquanto ao mesmo tempo vão conquistando outras vantagens não menos importantes. O Convento de Ferrybank, embora relativamente jovem, já conquistou uma alta reputação no South. Esta sua última inovação também está na direção certa.²⁹

Decorridos poucos anos, os conventos do Sagrado Coração de Maria, em Ferrybank e em Lisburn, estavam também a preparar com grande sucesso as suas alunas para os competitivos Exames Intermédios, que as podiam qualificar para níveis de educação mais elevados.³⁰

NOTAS:

1. Anne V. O'Connor. "The Revolution in Girls' Secondary Education in Ireland 1860-1910" (31). encontra-se em Mary Cullen. ed.. *Girls DorTt Do Honours: Irish Women in Education in the /9"1 und 20" Centuries* (Dublin: Argus Press. 1987). A seguir referido como O'Connor, "Revolution."
2. Ibid.. 32.
3. Ibid.. 32-34.
4. Ibid., 34-35.
5. Ibid.. 38-40. É interessante notar que O'Connor cita um anúncio para a Escola do Sagrado Coração de Maria em Lisburn onde se lê, a dada altura: "Como o francês é a língua geralmente falada no convento, as alunas terão a vantagem de aprender a falá-lo fluentemente e com pronúncia genuína". O mesmo anúncio refere: "Encoraja-se a competição através de notas (avaliações) diárias, frequentes competições, notas de distinção, recompensas trimestrais (relatórios) e entrega de prêmios no final de cada ano".
6. Anne V. O'Connor. "Influencies Affecting Girls' Secondary Education in Ireland 1860-1910". *Archivium Hibernicum* 41 (1986) 86. A seguir referido como O'Connor, "Influencies".
7. Ibid.. 92.
8. O'Connor. "Revolution", 42.
9. P. Birch, Sa/Ttf Kierans College Kilkenny (Dublin: M. H. Gill and Son.Ltd., 1951) 204-213.
10. "The Intermediate Education Act: It's Working and Rcsults-Review of the Last Five Years". *Freeman's Journal*, 1884.
11. Ibid.
12. Ibid.
13. *Waterford Citizen*, outubro de 1882.
14. Estas cartas para o editor do *Freeman's Journal* são geralmente anônimas, assinadas com iniciais ou extenso, por exemplo: "A Celt". "Ratio". "One Educated in the South", "Philo, Faith and Fatherland", "A Dissatisfied Parent of Four Girls", etc. De modo geral sem data mas provavelmente publicadas no *Freeman's Journal* entre setembro de 1882 e 9 de outubro de 1883. A coleção pode ser encontrada nos arquivos SCM, Província A/I. Caixa 252.56. e referida a seguir, como *Freeman's Journal Debate*.
15. *Freeman's Journal*. 1 de outubro de 1882.
16. *Freeman's Journal*, 9 de outubro de 1883
17. *Freeman's Journal Debate*.
18. Ibid.
19. *Freeman's Journal*, 1883.
20. Ibid., 9 de outubro de 1883.
21. *Freeman's Journal*. 1884.
22. Relato do encontro dos arcebispos e bispos da Irlanda realizado em 1 de outubro de 1884, *Historical Archives of the Sacred Congregation for the Evangelization of Peoples/Scrittore Riferite Nei Congressi Irlanda 1884-1885*. Vol. 41.295.
23. Ibid.
24. *The Catholic Review*, 19 de outubro de 1884.
25. O'Connor, "Révolution", 45-46.
26. Ibid.. 47-50. Ver também Eibhlin Breathnach, "Charting New Waters: Women's Experience in Higher Education. 1879-1908" (55-78) in *Girls D'ont Do Honour: Irish Women in Education in I9th and 20th Centuries*.ed. Mary Cullen (Dublin: Argus Press. 1987).
27. *Waterford News*. 18 de julho de 1887.
28. *Waterford Citizen*, 17 de julho de 1889.
29. *Irish Catholic*. 20 de dezembro de 1889.
30. Por volta de 1898. *Ferrybank* recebeu Prêmios de Resultados de £78.3s.6d e *Lisburn* recebeu £20.8s.0d. *Reports Intermediate Education*. Vol. XXII (1899). Dublin. National Library of Ireland.

CRONOLOGIA SELECIONADA (1878 - 1890)

1878 M. St. Croix Vidal morre em Béziers.

Reúne-se em Béziers o Capítulo Geral de eleição e a M. St. Félix é eleita terceira superiora geral.

1879 A Terceira República em França começa a encarar a igreja e o clero como inimigos. As Instituições de Caridade e os Asilos são laicizados.

Jules Ferry é nomeado Ministro da Educação Pública em França e introduz uma serie de "Leis Ferry".

É pedida a Leão XIII a segunda aprovação do Instituto. Más colheitas na Irlanda.

Aparições de Maria em Knock, no Condado de Mayo.

Incêndio destrói o edifício do convento de Ferrybank, ainda em construção.

As RSCM compram a propriedade situada na Praça Coronel Pacheco, Porto, com a ajuda do padre Eigenmann.

Início da fundação em Ferrybank, com a M. St. Alphonsus Kean (superiora) e seis Irmãs.

1880 O padre Dunphy, nomeado pároco em Castletown, continua amigo das RSCM em Ferrybank.

Susan McCurtin (M. St. Patrice), primeira postulante de Ferrybank, entra no noviciado em Béziers.

Abolição das capelarias militares em França.

1881 Laicização dos cemitérios e hospitais em França.

As escolas públicas primárias em França são gratuitas: todos os professores primários, leigos ou religiosos, necessitam de certificados de ensino.

Morte de três Irmãs em Lisburn, em julho. Decisão de retirar a comunidade de Lisburn, temporariamente.

Gailhac, a M. St. Félix, a M. St. Eugène e a Sr. Ste. Melanie visitam Ferrybank e encontram-se com a M. St. Basil e o padre Heffernan, de Sag Harbor.

Epidemia de varíola em Portugal.

Sr. Vincent Dempsey morre em Ferrybank, após três meses com febre tifóide.

1882 A escolaridade primária torna-se obrigatória para todas as crianças francesas entre os seis e os treze anos.

Gailhac celebra o seu octogésimo aniversário a caminho de Roma, onde tem um importante encontro particular com Leão XIII.

O Cardeal Hohenlohe aceita ser Cardeal Protetor.

Perante a insistência do pároco, a superiora de Sag Harbor. M. St. Basil, é chamada de novo a Béziers e substituída, como superiora, pela M. de l'Incarnation Cody.

Os retiros para as alunas começam a ser uma atividade anual em Ferrybank.

As RSCM reabrem a escola em Lisburn. A M. Seraphim Doheny é nomeada superiora e diretora.

1883 A M. St. Basil regressa a Sag Harbor, como superiora

O padre Heffernan insiste em que as RSCM lhe devem o dinheiro da compra do convento e começa a privar as religiosas dos sacramentos, até que a dívida seja reconhecida.

Toma-se a decisão de comprar a casa em Braga.

A M. Ste. Constance Farret é nomeada mestra de noviças. A filoxera destrói as videiras em Béziers e Bayssan.

Gailhac e a M. St. Félix em Portugal.

Mons. Auge continua a procurar propriedades em Roma para que as RSCM iniciem aí uma fundação.

1884 Em Ferrybank, é construída uma nova ala no edifício.

Em Seaforth, a casa de Seafield é comprada por £30,000 e a comunidade de Bootle muda-se para lá em julho.

A M. St. Félix vive continuamente preocupada com o pagamento da hipoteca da casa de Seafield.

Agrava-se a situação política no Ulster. O divórcio é legalizado em França.

A epidemia de cólera em Béziers atrasa a viagem de Gailhac e da M. St. Félix para Inglaterra.

Envio de mais três Irmãs para a América.

Gailhac e a M. St. Félix visitam Ferrybank, no verão, e a comunidade já não vai a Seaforth para o retiro.

A Rue du Sacré Coeur de Marie passa a chamar-se Rue Ermengaud.

A M. St. Alphonsus recebe a santa unção e permanece doente durante dois anos.

O bispo Patrick Moran de Ossory é nomeado para a diocese de Sydney. Abraham Brownrigg é o seu substituto.

Gailhac e o padre Eigenmann fazem tentativas para que a Congregação do Espírito Santo possa ficar a dar apoio às RSCM, depois da morte do Fundador.

- 1885** Conselho Geral em Béziers, sofrendo com a falta de fundos, decide por unanimidade aceitar mais órfãos.
- A M. St. Arsenius é a primeira RSCM a ser sepultada em solo americano.
- Gertrude Corrigan contesta a sua saída do Instituto; sobem as tensões entre o bispo de Liverpool e as superiores de Seaforth.
- O bispo Patrick Dorrian morre, sendo substituído por Patrick McAlister, como bispo de Down e Connor.
- Compram-se três pequenas casas, contíguas à escola, em Castle Street, Lisburn.
- Gailhac e a M. St. Félix visitam as comunidades em Portugal.
- Gailhac promete a Madame de Pavia, uma viúva prestes a morrer, que as RSCM cuidarão da educação das suas duas filhas ainda jovens.
- O padre Heffernan prepara uma ação judicial contra a M. St. Basil e a comunidade RSCM, mas o bispo de Brooklyn convence-o a resolver o assunto fora do tribunal eclesiástico.
- Michael Augustine Corrigan é nomeado arcebispo de Nova Iorque.
- 1886** O padre Heffernan deixa de ser pároco em St. Andrew.
- O padre Michael J. Dennison é nomeado seu substituto. É inaugurada em Bootle a nova Igreja de St. James.
- A M. Seraphim abre uma Escola Infantil para rapazes e uma Escola Noturna feminina, em Lisburn.
- O bispo de Down e Connor intervém para impedir que a M. Seraphim seja demitida.
- Reunião de superiores locais, em Béziers, em outubro.
- A M. Seraphim é convidada a ficar em Béziers, sendo substituída temporariamente pela M. St. Augustine Walsh, em Lisburn.

A M. Annunciation Lynch é nomeada superiora da nova fundação em Chaves, a norte de Portugal, que viria a fechar em 1894.

A primeira Home Ride Bill é derrotada no Parlamento.

A Lei Goblet em França tenta substituir todos os professores religiosos das escolas públicas por professores leigos.

A Sr. Modeste Jeantet morre em Béziers

1887 A M. Seraphim regressa a Lisburn em maio.

O bispo Brownrigg anuncia que os estudantes de Ferrybank estão a preparar-se para competir, no ano seguinte, nos exames de South Kensington.

Gailhac visita a comunidade de Ferrybank, pela última vez.

Em Seaforth, abre o anexo St. Joseph para preparação de Professores Estudantes.

A Rainha Vitória celebra as Bodas de Ouro.

A M. St. Basil e outras duas religiosas de Sag Harbor vão a Seaforth para o retiro com Gailhac.

O padre Patrick Louis Kelly substitui o padre Thomas Kelly como pároco de St. James, em Bootle.

O Dr. Butler de Dublin convida Gailhac e a M. St. Félix a abrirem um noviciado na Irlanda, mas não é atendido.

A Casa Mãe e as fundações decidem contribuir conjuntamente para uma oferta a Leão XIII, pelo seu Jubileu.

Gailhac consegue que os Jesuítas sejam os protetores espirituais das comunidades RSCM.

1888 Gailhac orienta o retiro de verão em Seaforth, pela última vez.

A M. St. Félix pede postulantes a outras congregações.

1889 A Sr. Cecilia Ryan, de Sag Harbor, fica completamente curada de um cancro em estado avançado.

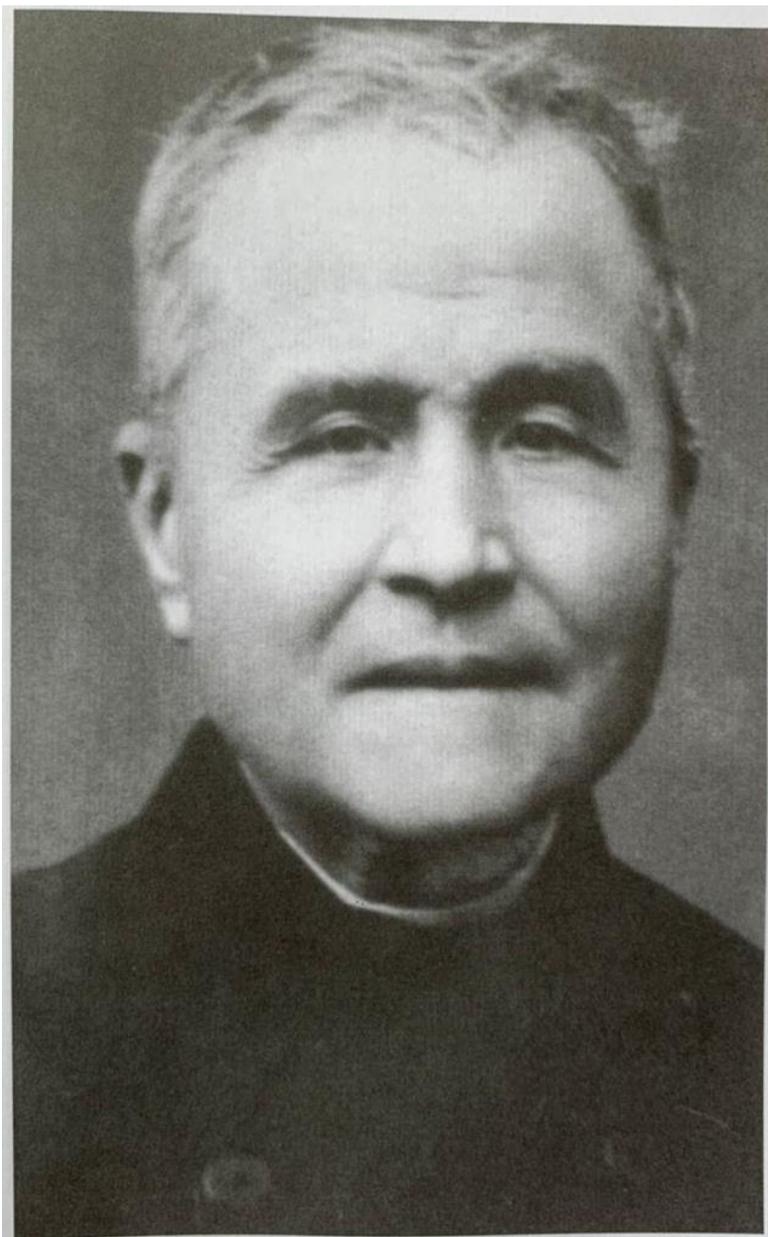
Estão a ser construídas novas escolas (escolas primárias católicas romanas para rapazes e meninas), pela paróquia de Chapel Hill, em Lisburn, para serem dirigidas por diretores leigos.

A M. St. Alphonsus descobre um impostor disfarçado de missionário.

A M. St. Félix explica ao bispo O'Reilly que Gailhac já não consegue orientar os retiros às RSCM em Liverpool.

O padre Edward Kelly, pároco em Lisburn, morre e é substituído pelo padre Mark McCashin.

1889 Morte de Gailhac.



Padre Jean Gailhac nos anos 80



M.St. Félix Maynard, 3^a Superiora Geral



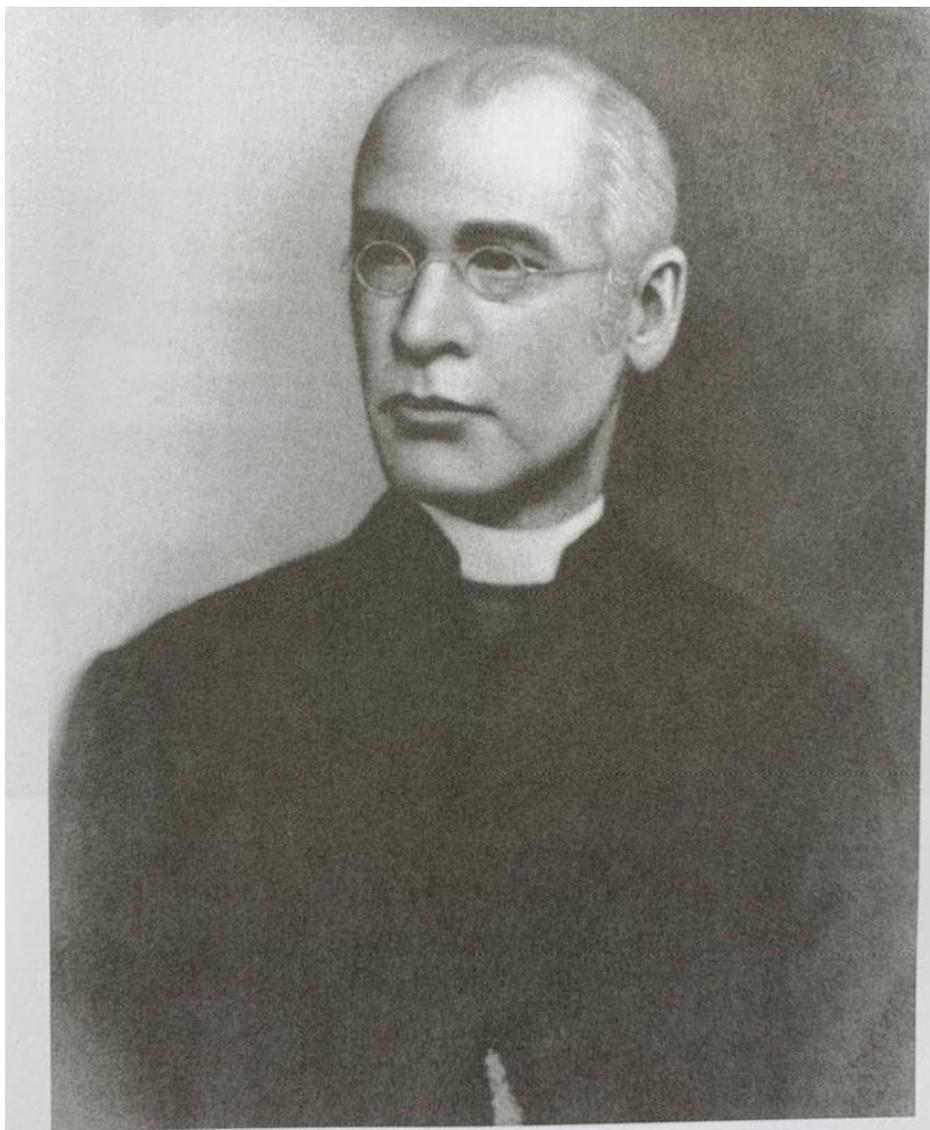
Conselho Administrativo (1881 – 1882)

1º plano, da esq. para a dir.: M. St. Paul Mestre, M. St. Félix Maynard
Gailhac, M. St. Charles Macmullen;

2º plano: M. St. Cyrille Dowling,
M. St. Grégoire Saint Gaudens, M. St. Elisabeth Bousquet



Casa Mãe, Béziers



Padre Joseph Dunphy, amigo das RSCM em Ferrybank



Cais de Waterford visto da margem do rio Suir em Ferrybank
(do Guia Turístico da Irlanda, 1866)



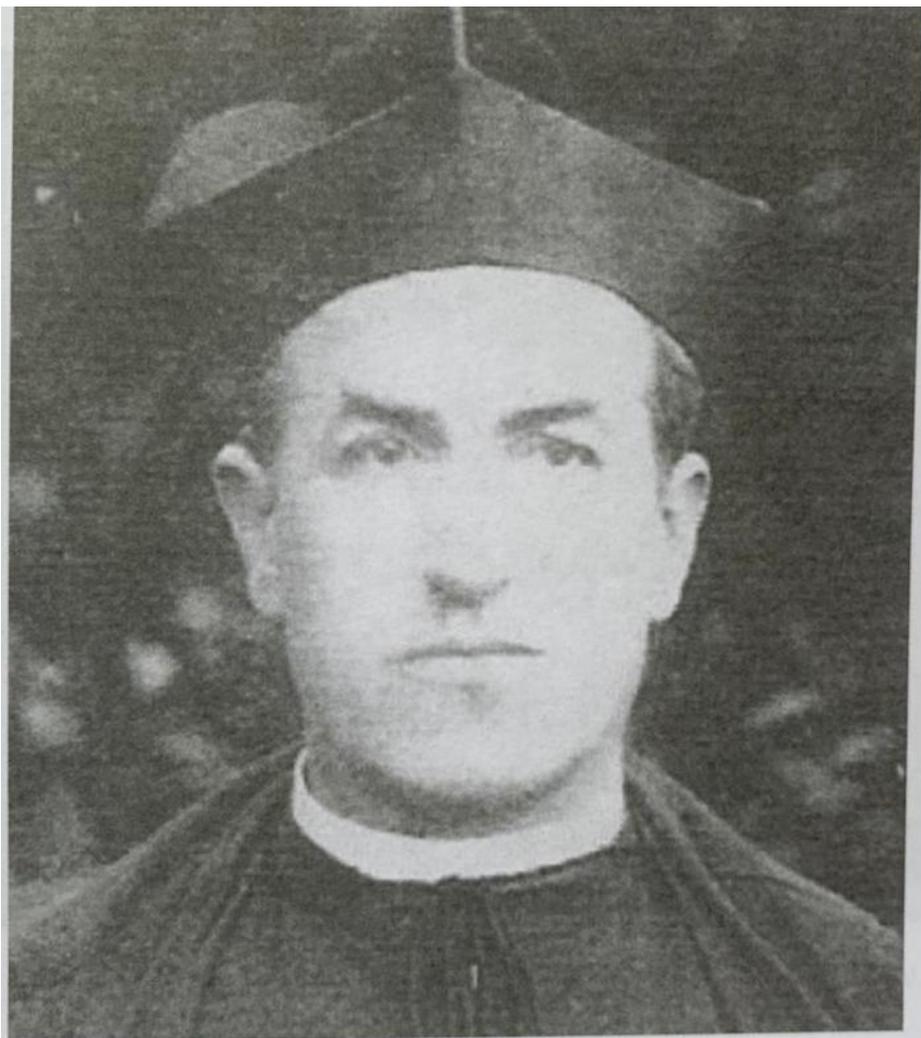
Comunidade de Ferrybank em 1892 (RSCM não identificadas)



Convento do Sagrado Coração de Maria, Castle Street, Lisburn



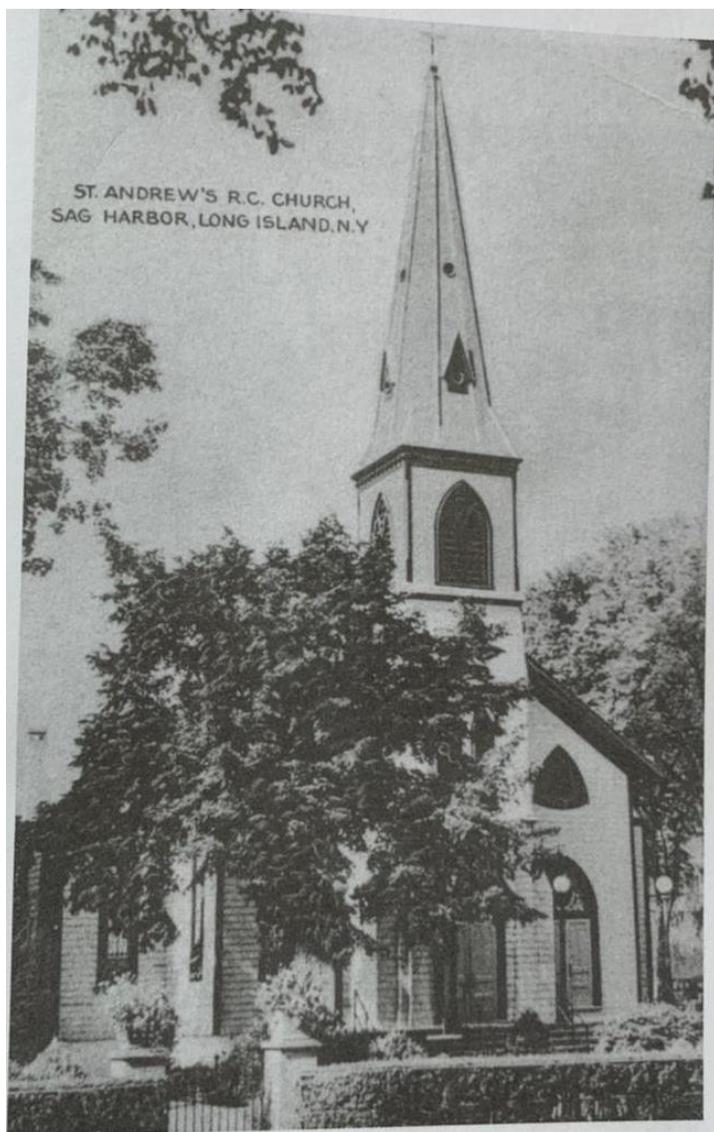
Jovens de Ferrybank, do curso de 1899,
a caminho do noviciado em Béziers.
Sentadas, da esq. para a dir.: Mary Holohan (M. Baptiste),
Honora Leahy (M. Lelia), Thérèse Breen (M. de la Passion).
De pé: Honora Mackey (M. Albert)



Padre Joseph Eigenmann, Congregação do Espírito Santo,
amigo e conselheiro das comunidades portuguesas



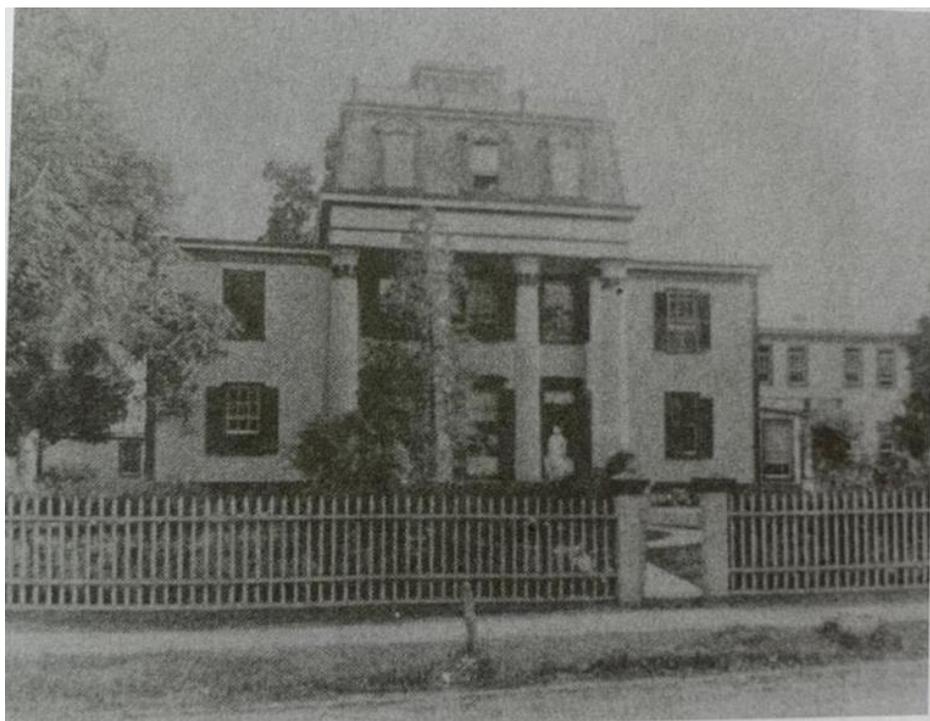
M. St. Liguori MacMullen com crianças pobres no Patronato de S. José,
Braga



Igreja St. Andrew, construída em 1872, em Sag Harbor



M. St. Basil Davis, 1ª superiora em Sag Harbor



Convento do Sagrado Coração de Maria, Sag Harbor



Comunidade RSCM em Sag Harbor entre 1911 e 1916

1º plano, da esq. para a dir.: M. Ita Curtin, M. Veronica Kilmartin,
M. de Lourdes, M. Loyola Dempsey, M. Madeleine Dallon,
M. Philomena Fenelon, Sr. James Cavanagh, Sr. Agatha Marley.

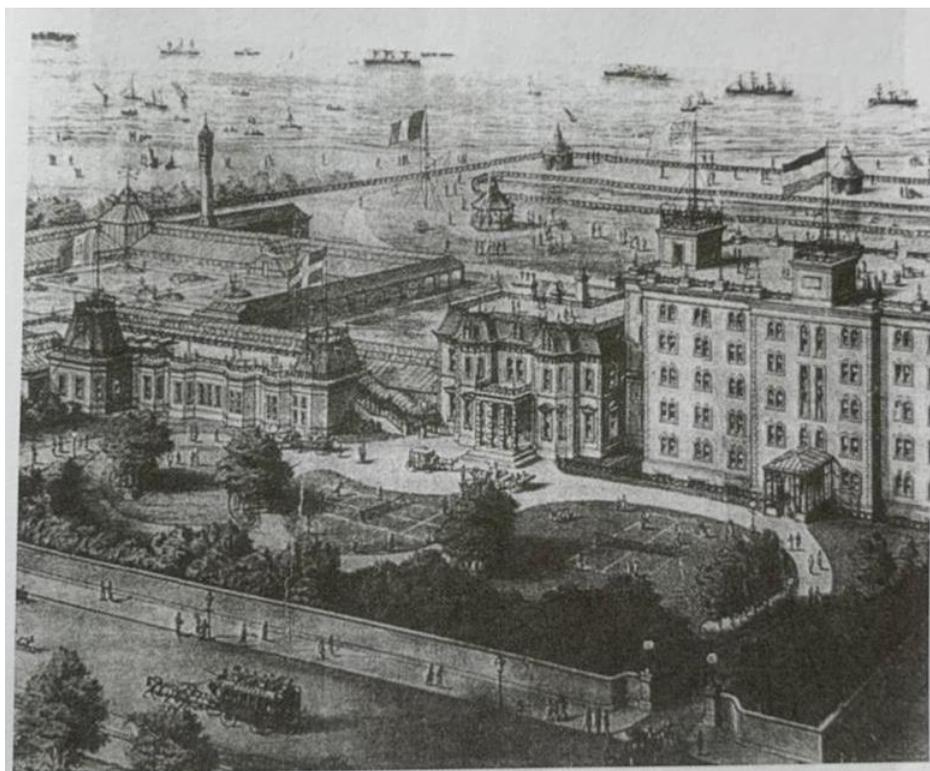
2º plano: Sr. Isidore Steenson, M. Ambrose Davis, M. Assumpta,
M. St. Sauveur, M. Augustine Walsh, Sr. Colman Davey, Sr. Cecilia Ryan,
M. Barthlomew Delaney, M. St. Basil Davis, Sr. St Emily Rony



Sr. St. Melanie Condoyer



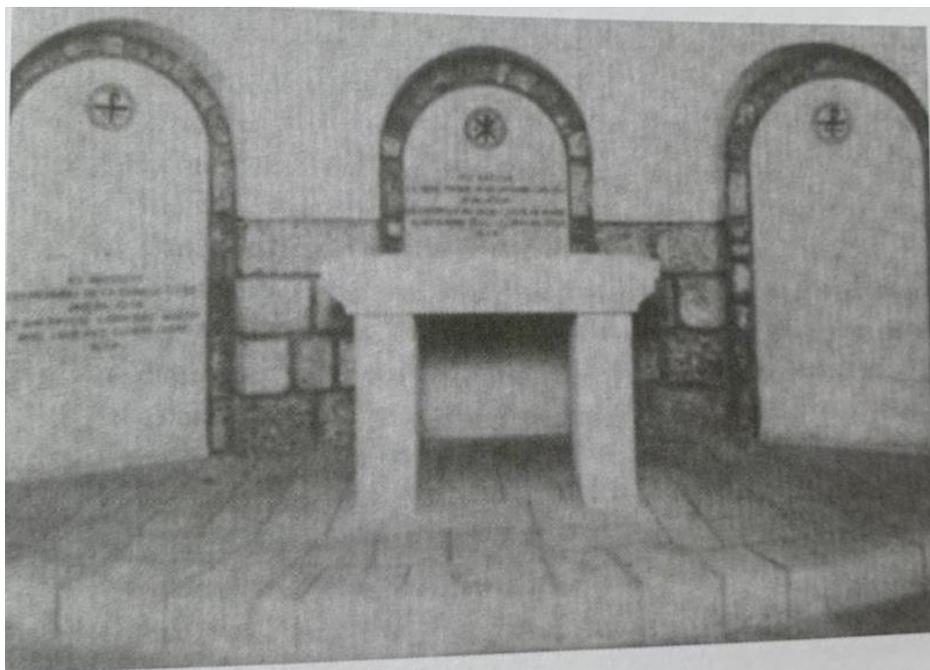
M. St. Eugène Granier



Seaford House, Seaforth, England, 1882



Marie-Jean Léonard, abade de Fontfroide



Cripta da Casa Mãe, Béziers

BIBLIOGRAFIA

1. FONTES PRINCIPAIS

1.1 FONTES RSCM

1.1.1 Roma: Arquivos do Generalato

Ecrits du Père Gailhac. prêtre du Diocèse de Montpellier. Montispessulan Beatificationis. 13 vols. Montpellier: 1949 Cartas do Padre Gailhac (Série GS: janeiro 1871-junho 1889)

Arquivos históricos do Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Virgem Imaculada: coleção de documentos originais e outra informação importante sobre Gailhac, os primeiros membros e obras do Instituto. Alguns destes documentos estão datilografados no processo apostólico (abaixo mencionado). Existem 16 volumes encadernados, numerados de I a VII. Alguns volumes estão subdivididos. As subdivisões estão indicadas por letras do alfabeto. Os volumes foram encadernados em 1964. Volumes utilizados neste estudo: vols. II-A, II-B1, II-B2, II-C, II-D, II-F; vol. IV-A; vol. VII.

Arquivos Históricos das RSCM: incluem documentos encontrados ou reunidos depois de 1964. Estes documentos estão classificados em caixas com um número de classificação. Caixas utilizadas neste estudo: 3.5, 8,9, 17, 18, 21, 116.216.

Processus apostolicus super virtutibus et miraculis in specie servi Dei Joannis Gailhac. Montispessulan Beatificationis et Canonizationis. 24 vols. Montpellier: 1955. Estes 24 volumes (7.079 pp.) incluem audições e documentação, parte do Processo Apostólico para a Beatificação de Gailhac

1.1.2 Béziers: Arquivos da Casa Mãe das RSCM

Grande Registro dos Membros Incorporados

Cartas e cadernos de notas

1.1.3 Londres: Arquivos RSCM da Província A/I

Cartas e cadernos de notas. Caixas utilizadas neste estudo: H2biC, H2, H2c, H2h, H2hi, H2j, H31bi. H31 bii. H3 lc, H3gi, H3hii, Caixa de Bootle, Caixa de Seaforth.

Freeman's Journal. caixa 252.56 (setembro 1882 - outubro 1883, 1884.1887)

Les Annales du Couvent du Sacré Coeur de Marie, Ferrybank Anuário Católico da Família e Almanaque da Diocese de Liverpool, 1884.1889

1.1.4 Tarrytown, New York: Arquivos RSCM da Província Americana de Leste.

Cartas e cadernos de notas CIDADE DO VATICANO

1.2 CIDADE DO VATICANO

1.2.1 Cidade do Vaticano: Arquivos Históricos da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos

SC América Central vols. 23. 37.42 - 47 (1885-1887)

SC Irlanda vol. 41 (1884-1885)

SC França vol. 11 (1888-1892) IRLANDA

1.3 IRLANDA

1.3.1 Belfast, Irlanda do Norte: Repartição Pública de Arquivos

Documentos LA48/9D/1J - 14; ED 1/8/45;

EDI /9/74; ED I /9/75; ED 1 /10/101 -116

Ballynahinch Newspaper Library, Irlanda do Norte,

Lisburn Standard, agosto 1884, julho 1885

The Irish News and Belfast Morning News, novembro 1895

1.3.2 Dublin, Irlanda: Joyce House

Registro de óbitos no distrito de Lisburn. 1881

Dublin: Biblioteca Nacional da Irlanda

The Morning News and Examiner (Belfast). agosto 1882, julho 1883, julho-agosto 1886

Relatórios sobre Educação Intermédia vol. XXII, 1899

1.3.3 Waterford, Irlanda: Biblioteca Pública de Waterford

The Waterford Citizen 1879, 1881-1889

Waterford Daily Mail. janeiro 1879-fevereiro 1880

Waterford News and General Advertiser 1881-1889

1.4 ESTADOS UNIDOS

1.4.1 New York

Arquivos da Arquidiocese de New York: Correspondência com o Arcebispo Corrigan, Sag Harbor

1.4.2 Arquivos da Diocese de Brooklyn

Correspondência com o Bispo John Loughlin

1.4.3 Sag Harbor, Long Island

Biblioteca Pública John Jermain:

Sag Harbor Corrector 1877-1886, 1899-1901

The Sag Harbor Express 1885-1887

Village of Sag Harbor: Registro de óbitos (1885-1982)

2. FONTES SECUNDÁRIAS

ESTUDOS RELACIONADOS COM AS RSCM

Carvalhaes, M. de Chantal, RSCM. *Vidas Vivas*. Coimbra: RSCM, 1948. Ver também a tradução inglesa de M. Benedict Murphy, RSHM, *Lives Aglow with the Spirit*, Coimbra: RSCM, 1948.

Ibid, *Por Caminhos não Andados: Sessenta Anos de História 1871-1931*. 2 vols. Lisboa: Instituto do Sagrado Coração de Maria, 1970. Ver também a tradução francesa. *Fondations du Père Jean Gailhac au Portugal 1871-1886 e Histoire de la Province Portugaise: Deuxième partie 1892-1933*.

Connell, Kathleen, RSHM. *A Journey in Faith and Time: History of the Religious of the Sacred Heart of Mary*, vol. II: *The Growth of the Institute - The Foundations during Mother St. Croix's Leadership (1869-1878)*. Fontes de Vida: RSCM. 1993.

[Greene, Marguerite, RSHM], "SHM Foundation: Sacred Heart of Mary Convent, Ferrybank. Waterford", 1979.

[Greene, Marguerite, RSHM], *Estudo sobre Bootle, sem data e sem título, Seafield. Blackbrook e New Seafield*.

Keenan, Marjorie. RSHM, *It would be Impossible to tell You...Early RSHM in Rome*. Fontes de Vida, Série especial n° 2, Roma : RSHM, 1992

[Lanigan, M. Stephen, RSHM] "Seafield: A Tale of Two Centuries". Documento entregue à Crosby Historical Society, 1970.

Lattre, Michel de. *Inquisitio circa valorem historicum vitae servi Dei a sacerdote V. Maynard concinnatae*. Cidade do Vaticano: Typis Polyglottis. 1962.

Macaulay, Ambrose, "Convent of the Sacred Heart of Mary: Survey of a Century 1870-1970".

Maynard. Henri Victor, R. P. Gailhac... *Sa vie et ses oeuvres*. Béziers: Librairie Bénézech-Roques, 1895

Ibid. Jean Gailhac: Priest and Founder of the Religious of the Sacred Heart of Mary. Traduzido por M. Joseph Rogan. RSHM. e Françoise Thérèse Rogan. RSHM, Westminster, Maryland: Christian Classics, 1977.

Maynard. M. St. Félix, Brief Histories of the Early Foundations. Fontes de Vida. doc. N°1. Roma: RSCM. 1983.

McKenny, Raphael. RSHM, "A Priest Called Gailhac". 1a e 2a parte, estudos sobre a vida de Gailhac, não publicados, 1984.

Ibid. "Jottings". Uma memória não publicada sobre o processo para a beatificação de Gailhac.

Milligan. Mary. RSHM. That They May Have Life. Roma: Universidade Gregoriana, 1975.

Privat. M. St. Maurice. RSCM. Père Gailhac. Béziers, 1973. Sampaio. Rosa do Carmo. RSCM. Uma Caminhada na Fé e no Tempo: História das Religiosas do Sagrado Coração de Maria. 1992. vol. I: Gênese do Instituto - seu desenvolvimento durante o mandato da M. St. Jean (1802-1869). Traduzida por Mary Milligan. RSHM. Fontes de Vida: RSHM, 1990.

Secondy, Louis. "The Pensionnat of the Religious of the Sacred Heart of Mary, Béziers, from 1851 to 1973", document não publicado, apresentado no simpósio The Dynamic of Spirituality realizado na Casa Mãe das RSCM. Béziers, em 7 de janeiro de 2000.

2.2 OUTRAS OBRAS

Acled of Rielvaux, Spiritual Friendship. Traduzido por Mary Eugenia Laker. Washington, DC: Publicações Cistercienses, 1974. Birmingham, David, A Concise History of Portugal. Universidade de Cambridge, New York, 1993.

Curtis, Sarah A. Educating the Faithful: Religion, Schooling and Society in Nineteenth Century France, DeKalb, IL: Universidade Illinois do Norte, 2000.

- Fournier. Michel. "Uéxplosion démographique". Histoire de Béziers, ed. Jean Sagnes. Toulouse: Editions Privat, 1986.
- Ibid, "Béziers in the Nineteenth Century". documento não publicado, apresentado no simpósio The dynamic of Spirituality realizado na Casa Mãe das RSCM. Béziers, 7 de janeiro 2000.
- n.a. "A Favour of our Queen". Ave Maria, 30, n° 18 (3 de maio de 1890) South Bend, IN: Notre Dame Press.
- Greene, W. J. A Concise History of Lisburn and Neighbourhood, Belfast: T. H. Jordan, 1906.
- Johns, Mary, "The Madness and Sadness of Fernie's Folly". Croshy Herald, 6 de setembro 1968.
- La Peyre and Alain Rogues, Béziers Pas à Pas. LeCoteau: Edições Horvath, 1984.
- Launay, Marcei, L'Eglise et l'Ecole en France XIXe - XXe siècles. Paris: Desclée, 1988.
- Larkin, Emmet. The Roman Catholic Church and the Creation of the Modern Irish State 1878 - 1886. Dublin: Gill and Macmillan, 1995.
- Marsden, W. E., "Social Environment in Merseyside Town 1870 - 1900". In Philip McCann, Popular Education and Socialization in the Nineteenth Century. London: Methuen & Co. Ltd., 1977.
- Moody, T. W. and F. X. Martin, 77re Course of Irish History, Cork: The Mercier Press, 1987.
- Neiva, Adélio Torres, História dos Espiritanos em Portugal, Lisboa. Portugal: Congregação do Espírito Santo. 2005.
- Oliver. W. H. and B. R. Williams, eds. The Oxford History of New Zealand, Oxford: Clarendon Press, 1981.
- Oliveira Marques. A. H. de. History of Portugal, 2a edição. 2 vols. New York: Columbia University Press, 1976.
- Poulet. Dom Charles, A History of the Catholic Church. vol. II. St. Louis. Missouri: Herder Book Co., 1935.

Regan, Millicent, *Children of Bootle: A Social - Medical History*, Bootle: n.p., 1968.

Sharp, John K., *Priests and Parishes of the Diocese of Brooklyn 1820 - 1972*, Brooklyn: Roman Catholic Diocese of Brooklyn, 1973.

Sowerwine, Charles, *France Since 1870: Culture, Politics and Society*, New York: Palgrave, 2001.

Wheeler, Douglas L., *Historical Dictionary of Portugal*, Metuchen, New Jersey: Scarecrow Press, Inc., 1993.

ÍNDICE

Prefácio.....	05
1. Béziers – Berço do Instituto e Fonte de Vida.....	07
Finais sombrios e novos começos.....	07
Eleição da M ^e Saint Félix Maynard como 3 ^a Sup. Geral.....	09
Viagem a Roma para visitar o Papa e o Cardeal.....	11
Crise em Béziers: a filoxera nas vinhas.....	15
As relações entre a Igreja e o Estado, na França.....	18
Consequências do anticlericalismo francês para as RSCM, em Béziers....	22
O Orfanato.....	22
O Internato.....	25
Reação de Gailhac aos desacatos, na França.....	28
Reflexões.....	30
Notas.....	32
2. Fundação e primeiros anos em Ferrybank.....	37
A educação dos pobres: uma prioridade.....	39
Incêndio suspeito destrói o edifício em Ferrybank.....	42
Os preparativos continuam.....	44
Chegada da comunidade fundadora a Ferrybank.....	48
Transferência do Padre Dunphy.....	53
Os anos seguintes.....	54
A “Entrega de Prêmios”.....	55
O retiro anual.....	57
Visitas.....	59
Doenças.....	60
O caráter da superiora de Ferrybank.....	62
Vida nova na comunidade.....	65
Reflexões.....	67
Notas.....	68
3. Lisburn: um terrível preço a pagar.....	71
Encerramento temporário da comunidade de Lisburn.....	71
Rejuvenescimento da comunidade de Lisburn.....	75

Crescimento da comunidade de Lisburn no contexto das tensões políticas no norte da Irlanda.....	79
A crise pessoal da superiora de Lisburn.....	84
O fim da história.....	90
Reflexões.....	94
Notas.....	96
4. Crescimento das comunidades portuguesas.....	99
Compra da propriedade, no Porto, e o serviço aos pobres.....	100
Braga: novo arrendamento e eventual compra.....	103
Madre Saint Liguori MacMullen.....	108
Relacionamento entre a M ^e Saint Thomas e a M ^e Saint Liguori.....	111
Relacionamento de Gailhac com a M ^e Saint Liguori.....	112
À procura de conselheiros espirituais.....	116
Fundação em Chaves.....	121
De novo a questão dos conselheiros espirituais.....	128
Reflexões.....	133
Notas.....	134
5. Sag Harbor: primeira fundação na América.....	139
M ^e Saint Basil Davis chamada de novo à Casa Mãe.....	143
Regresso da M ^e St Basil a Sag Harbor e partida da M ^e de l'Incarnation..	148
A carta interceptada.....	155
Início de uma cruel perseguição.....	157
A questão da dívida: vingança de uma perda pessoal.....	160
Privação de Sacramentos.....	163
O caráter público da perseguição.....	168
Os superiores apelam a Roma em defesa da comunid. de Sag Harbor..	177
A intensidade dos últimos meses.....	179
Sag Harbor de novo em relativa paz.....	183
Última tentativa do Padre Heffernan.....	187
A consolação, depois do sofrimento.....	190
Reflexões.....	193
Notas.....	196
6. Mudança da comunidade de Bootle para Seaforth.....	203
Mudança para Seafield House, em Seaforth.....	206

Preocupações da M ^e Saint Félix em relação ao Instituto.....	208
M ^e Saint Eugène Granier: expectativas goradas.....	212
O caso lamentável de Gertrude Corrigan.....	214
Seafield House: um local de formação.....	221
Reflexões.....	223
Notas.....	225
7. Últimos anos de Gailhac.....	229
A desolação dos últimos anos.....	232
Marie-Jean Léonard, de Notre Dame de Fontfroide.....	235
A morte de Gailhac.....	242
Reflexões.....	245
Notas.....	246
Apêndice: Reformas Educativas na Irlanda.....	249
Rivalidade nos sistemas de educação.....	249
Exames competitivos introduzidos pelo Estado.....	252
Discussão acalorada sobre “as nossas jovens”	253
Resposta dos bispos irlandeses à polêmica.....	257
Proposta das religiosas irlandesas de uma solução inteligente.....	259
Ferrybank e Lisburn em conformidade com a orientação estatal.....	260
Notas.....	261
Cronologia selecionada (1878-1890).....	263
Fotografias.....	269
Bibliografia.....	309

vida
e vie
di vita
de vie
di vita
of life
ti di vita
es of life
es de vida
es de vie
enti di vita
ces of life

sorgenti
sources of life
fuentes de vida
sources of life
fuentes de vida
fontes de vida
fontes de vida
sources de vie
sorgenti di vita
sources of life
fuentes de vida
fontes de vida

fuentes de
fontes de
sorgenti
sources
fuentes
source
fuentes
fontes
source
sorg
sour
fon